

CONTINUAÇÃO DO BEST-SELLER MARCAS DA GUERRA

STAR WARS™



CHUCK WENDIG

DÍVIDA DE HONRA

TRILOGIA AFTERMATH - LIVRO 2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**STAR
WARS**

CHUCK WENDIG

STAR WARS™

DÍVIDA DE HONRA

TRILOGIA AFTERMATH
LIVRO 2

TRADUÇÃO
GUILHERME KROLL


ALEPH



S u M Á R I O

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Dediactória](#)

[Prelúdio: Jakku, três décadas atrás](#)

[Parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Interlúdio: Velusia](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Interlúdio: Cidade de Coronet, Corellia](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Interlúdio: Aniquilador](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Parte dois](#)

[Interlúdio: A flotilha de Alderaan](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Interlúdio: Takodana](#)

[Capítulo 15](#)

[Parte três](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Interlúdio: Tatooine](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Parte quatro](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Interlúdio: A cidade de Binjai-tin, Nag Ubdur](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Parte cinco](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Interlúdio: Darrópolis, Hosnian Prime](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Interlúdio: Ryloth](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

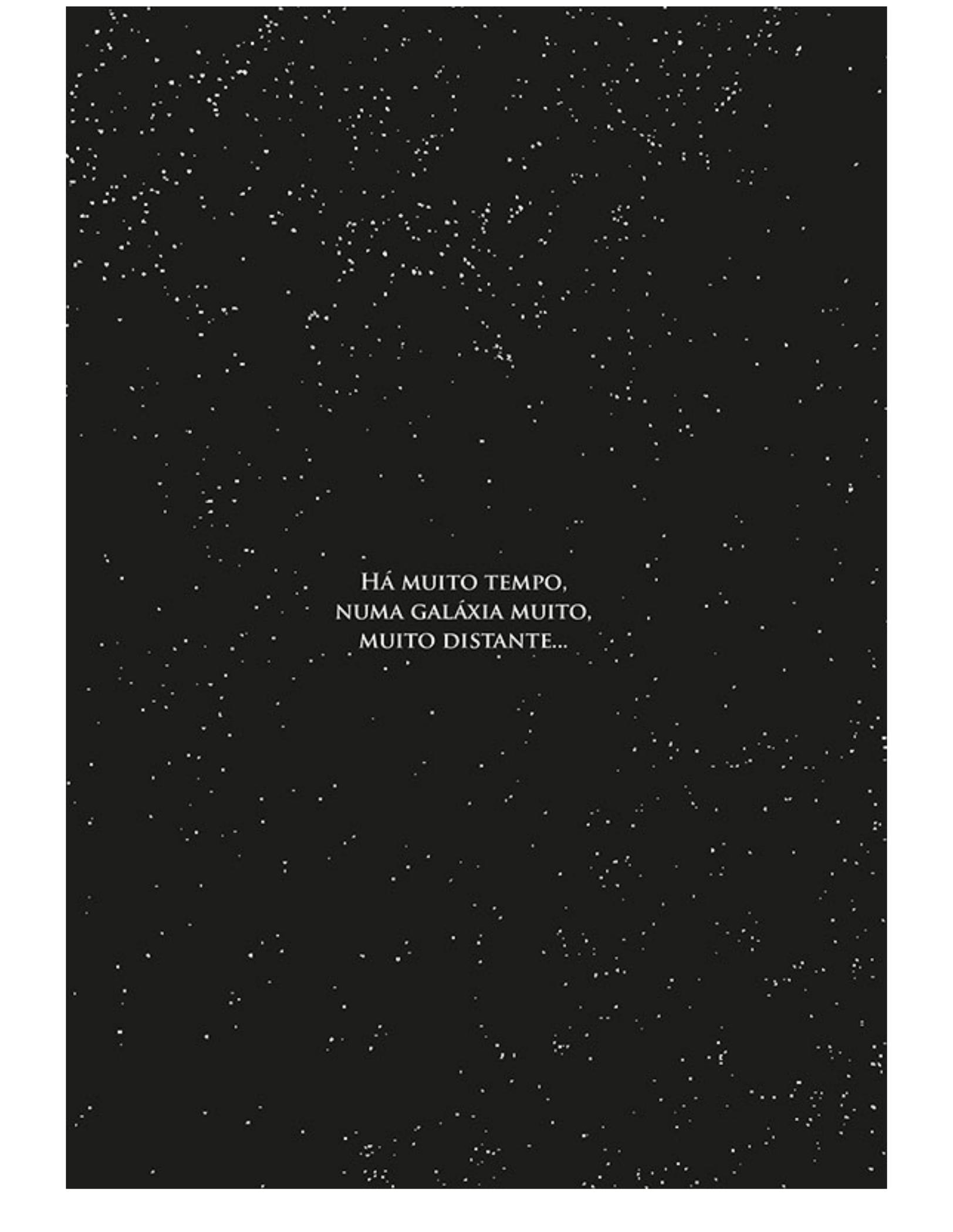
[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo: Três Décadas Atrás](#)

[Créditos](#)

Para todos aqueles que sentem palpitações cada vez que Han Solo aparece nas telas ou nas páginas...



HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...

O Império está um caos. Enquanto a velha ordem desmorona, a recém-criada Nova República procura um final rápido para o conflito galáctico. Muitos líderes imperiais abandonaram os postos na esperança de escapar da justiça nos cantos mais distantes do espaço conhecido.

Na perseguição desses desertores imperiais, estão Norra Wexley e seu time de aliados improváveis. Enquanto cada vez mais oficiais são presos, planetas antes esmagados pelo Império agora têm esperança para o futuro. E nenhuma esperança é maior do que a dos Wookiees de Kashyyyk. Os heróis da Rebelião Han Solo e Chewbacca reuniram uma equipe de contrabandistas e patifes para liberar Kashyyyk dos senhores de escravos do Império de uma vez por todas.

Enquanto isso, os núcleos remanescentes do Império – agora sob o controle da grã-almirante Rae Sloane e seu conselheiro secreto poderoso – preparam-se para desencadear um terrível contra-ataque. Se bem-sucedido, a Nova República pode nunca se recuperar, e a anarquia reinará sobre a galáxia em seu momento de maior necessidade...

Prelúdio:
Jakku, três décadas atrás

O garoto corre. Seus passos ecoam do solo duro e implacável. Os pés não têm sapatos, estão envolvidos em ataduras puídas, as mesmas ataduras que Mersa Topol usa para reparar as feridas dos mineiros e catadores que vêm à enfermeira anacoreta para socorro. Sendo assim, o solo áspero o morde através do tecido fino. É abrasivo. Mas ele não sangra porque seus pés são duros, mesmo que muitos pensem que ele é fraco.

Nuvens de poeira são chutadas com cada passo. Seixos sibilam através da rocha.

O garoto está perseguindo algo: um par de rastros estriados atravessando o céu morto. Eles vêm de uma nave que voa acima, um veículo estranho como ele nunca vira. O objeto brilhava, preto. Limpo como vidro polido e reluzente. Ele estava esfregando painéis solares quando o viu passar lá em cima. Um dos outros órfãos, Brev, disse:

– Veja que nave bonita, Galli.

Narawal, a garota com um olho morto, afastou os lábios rachados, sangrando, e respondeu:

– Não vai ficar bonita por muito tempo. Nada fica bonito por aqui. – Ela diz isso com alguma autoridade.

O garoto tinha que ver. Precisava ver a nave bonita antes que Jakku a arruinasse. Antes que os ventos de pedra esfregassem seu casco, antes que o sol lavasse a cor. Anacoreta Kolob mandou ele ficar para trás e terminar suas tarefas, mas o garoto não tinha nenhuma. Ele foi compelido, como se aquele fosse seu destino.

Ele correu. Por um quilômetro, depois outro, até que suas pernas doessem tanto que pareciam aglomerados de carne curada e seca pendendo dos quadris. Mas agora ele estava ali, no topo do planalto da Mão Lamentosa – um afloramento de rocha plana e lisa que os anacoretas consideram sagrado, um lugar que o Eremita Consagrado considerou seu lar há milhares de anos, quando Jakku supostamente era habitável e verdejante.

Lá fora, descendo pelo vale, ele espia a nave. O sol preso no aço perfeito, os halos brilhantes e cegantes, firmes mesmo sob a luz do dia.

Ele pensa: *eu poderia parar aqui*. Na verdade, ele *deveria* parar ali. O menino sabe que deve dar meia-volta e ir para casa, de volta à rotina, de volta ao seu trabalho e às suas contemplações e aos outros órfãos.

No entanto, ele continua a ser compelido. Como se algo invisível o puxasse para perto – um fio secreto ligado à sua garganta, levando-o como uma coleira. *Vou chegar mais perto. Não serei notado.*

O rapaz desliza pela estreita passagem que conduz ao vale. Ao final, tudo que o separa da nave são dezenas de afloramentos rochosos: torres curvadas de pedra vermelha que avançam para fora da areia como dentes quebrados e ensanguentados. Ele se move de pedra em pedra, escondendo-se atrás de cada uma. Tentando se manter em silêncio, como os skitteratos que cruzam o deserto quando a noite cai e o terreno esfria.

A nave surge adiante. É uma nave que não pertence àquele lugar. Um espelho sombrio, longo e esguio, com asas viradas para trás e janelas avermelhadas. Está parada, tão silenciosa e paciente quanto um lagarto de butuca – como um perverso vworkka, ave que investe nos skitteratinhos e os devora.

O rapaz corre de pedra em pedra até chegar perto. Perto o suficiente para cheirar o ozônio saindo. Perto o suficiente para sentir o calor do sol irradiando do casco. Uma neblina de calor sobe acima dele, deformando o ar.

Nada se move. Nenhum som vem de dentro.

Já vi o bastante. Preciso ir.

O menino permanece imóvel apesar desse pensamento.

Finalmente, um arrepio e um silvo. Uma rampa desce do ventre liso da nave. Vapores são expelidos em direção ao ar quente.

Uma figura desce pela rampa. O garoto quase ri... O homem deve estar perdido, dada a maneira como está vestido. Uma longa capa roxa arrasta-se atrás dele. Um chapéu alto apoia-se na sua cabeça. Então o rapaz pensa: alguns dos anacoretas usam mantos pesados como aquele, não é? Eles dizem que isso os testa. Aprender a resistir ao calor é uma tarefa sagrada. É *necessário*, eles dizem, para evitar a dor e aprender a viver além de suas margens.

Talvez esse homem seja um anacoreta. Mas os anacoretas evitam coisas bonitas e preciosas, não é? *Nenhum envolvimento material*, eles dizem. Essa nave, o garoto acredita, certamente se qualifica como envolvimento material.

Assim como os droides que o seguem rapidamente. Seis deles. Cada um ereto sobre as pernas, como vidros pretos refletindo o sol. Antenas se elevam das cabeças insetoides, e o homem de veste roxa acena para eles sem uma palavra. As aberturas bocais vocalizam uma série de tons e cliques logo antes de os droides pisarem nas pedras duras e escavadas de areia. O garoto observa enquanto eles descarregam caixas pretas, caixas que se conectam por raios de luz verde, brilhantes o bastante para serem vistos durante o dia e que se conectam para formar um tipo de moldura.

O homem desce lentamente pela rampa, a capa sussurrando contra o metal como um sopro de areia contra chapas metálicas.

– É aqui o lugar. Marquem e comecem a escavar. Eu voltarei.

– Sim, conselheiro Tashu – responde um dos droides.

Há um momento em que o menino percebe que uma oportunidade se apresentou. Ele odeia aquele

mundo, não pertence àquele lugar. Conforme o homem de manto roxo volta para a rampa, ele pensa: *Esta é a minha chance. Minha chance de sair daqui e nunca voltar.* Por um momento, ele fica congelado. Paralisado pela indecisão, imobilizado pelo medo da incerteza – ele não tem ideia do rumo dessa nave ou de quem é esse homem ou o que eles farão se o encontrarem.

Mas ele sabe que aquele lugar está morto.

A rampa começa a subir.

O garoto, Galli, pensa: *Devo me apressar.* E ele se apressa. Rápido e silencioso como um skitterrato. Ele atravessa a areia com os pés descalços e agarra a borda da rampa enquanto ela se fecha. Galli lança o corpo para cima e para dentro, engatinhando para o escuro segundos antes de a nave começar a decolar.



PARTE UM





CAPÍTULO

1

Leia caminha.

O sol de Chandrila queima brilhante em torno de suas cortinas fechadas. No meio da sala está uma grande holoplateforma azul – que permanece em silêncio. Leia vai até ali todos os dias na mesma hora, à espera de uma transmissão. Ela já deveria ter tido notícias de Han a essa altura. Ele está dias atrasado para a conversa programada deles e...

A plataforma cintila, ganhando vida.

– Leia – diz um holograma oscilante enquanto se estabiliza a partir de voxels erráticos até assumir a forma do marido dela.

– Han – ela responde, aproximando-se da área de transmissão. – Estou com saudades.

– Também estou com saudades.

O jeito que ele diz isso, contudo... algo está errado. Há uma sombra em sua voz. Ela sente desespero em seu tom. Não, não é só isso. Há também raiva escondida lá. A raiva não é direcionada a ela. Mesmo dali, os sentimentos dela se estendem e o encontram, e ela sente uma raiva virada para dentro de si, como uma faca torcida contra a própria barriga. *Ele está com raiva de si mesmo.*

Ela sabe o que ele está prestes a dizer.

– Eu ainda não o encontrei – Han fala.

Chewbacca está desaparecido. Dois meses antes, Han contou a ela que tinha a chance de fazer o que a Nova República não fazia: libertar o planeta natal de Chewie, Kashyyyk, dos grilhões do Império. Ela pediu a ele que esperasse, que pensasse melhor, mas ele disse que a hora era aquela e que um antigo contrabandista tinha passado a informação – uma mulher chamada Imra, a qual Leia avisou que não era confiável.

Acabou que ela estava certa.

– Você ainda está na Orla Exterior? – pergunta.

– Nas fronteiras do Espaço Selvagem. Tenho algumas pistas, mas nada parece bom.

Ela implora:

– Venha pra casa, Han. Estou trabalhando no Senado. Se os convencermos a votar, podemos avançar até Kashyyyk e talvez encontrar Chewbacca e os outros no processo. O testemunho de um general como

você vai ajudar a influenciá-los...

– Não ajudou antes.

– Então tentamos de novo.

O holograma balança a cabeça em uma negativa.

– Não é isso que eu sou. Eu não sou um general. Sou só um pirata.

– Não diga isso. Todos aqui sabem que você liderou a equipe da Aliança em Endor. Eles o conhecem como general, não como um...

– Leia, eu renunciei à minha posição.

– *O quê?*

– Tenho que fazer isso do meu jeito. Isso é responsabilidade *minha*. Eu tenho meu trabalho, e você tem o seu. Você cuida da República. Eu vou encontrar o Chewie.

– Não, não, não faça isso! Eu vou até você. Diga onde está e do que precisa.

Um sorriso lento e triste se abre no rosto da transmissão cintilante.

– Leia, eles precisam de você aí. *Eu* preciso de você aí, também. Eu vou ficar bem. Vou encontrar Chewie. E então vou voltar pra casa.

– Promete?

– Eu pro...

Mas o holograma balança de repente. Han vira bruscamente a cabeça, como se estivesse surpreso.

– Han! – ela chama.

– Filho de uma... – ele começa a xingar, mas a imagem pisca novamente. – Sob ata... – Então as palavras quebram, a imagem se dissolve e ele se vai.

Ela sente o estômago se apertar. *Não*. Mais uma vez, Leia caminha, esperando que ele volte, esperando que a transmissão interrompida retorne e ele diga que foi um alarme falso. Ela espera por minutos, depois por horas, e depois até que a noite caia. A holoplataforma permanece morta.

O marido dela está lá fora e ela não sabe onde.

E ele está encrascado.

Ela precisa encontrá-lo. A boa notícia é que ela sabe a quem pedir ajuda.



CAPÍTULO

2

A balsa gravitacional desliza pela névoa. Ao lado ficam enormes torres de pedra, pretas como a noite e retas como lanças. Sentinelas vigilantes, suas pontas são esculpidas como rostos uivantes. Abaixo, bem abaixo, rios brilham com uma luz verde aquosa – o fungo reluzente do interior cavernoso de Vörlag.

Jom Barell agarra uma corrente e puxa a balsa para perto, uma mão sobre a outra. Essas correntes estão presas em cavilhas com saliências octogonais saindo de cada torre, conectando cada um desses sentinelas sombrios ao próximo. A balsa não tem motores próprios, de modo que seu movimento através da névoa é quase silencioso, exceto pela pulsação fraca dos hoverpainéis.

– Eu não gosto disso – Jom diz em voz baixa.

– O que tem pra gostar? – Sinjir Rath Velus pergunta, deitado de costas no chão liso da balsa, os braços cruzados. – A névoa é fria. O dia está terrível. Estou tão sóbrio quando um droide protocolar. – Ele se senta, subitamente. – Você sabia que a Estrela da Morte tinha um bar? Lugarzinho feio e austero, exatamente como toda a arquitetura imperial, argh, e a seleção de bebidas não era exatamente louvável. Mas, se você conhecesse Pilkey, o barman, ele te dava uma do “lote especial”...

Norra Wexley o interrompeu.

– Está tudo bem, tudo de acordo com o plano. – A essência do plano era a mesma de sempre: esgueirar-se, capturar a presa imperial e levá-la à justiça em Chandrila. Claro que normalmente eles não precisavam se esgueirar para dentro da fortaleza de um senhor de escravos galáctico no topo de uma montanha para fazer isso...

– Ah, sim – Jom respondeu com um grunhido sarcástico. – Isso aqui é uma jornada de sorte, né? É melhor nossa garota lá estar fazendo a sua parte.

– Ela não é a *nossa garota* – Sinjir retruca. – Ela não é sequer uma *garota*, Barell. Jas é uma mulher feita e do tipo que com prazer chutaria seu rabo pra fora desta balsa por você espalhar sua... caspa de *bigode* por toda parte.

– Ela é uma caçadora de recompensas, isso, sim – Jom grunhe enquanto puxa a balsa em direção ao próximo pilar de pedra. – E eu não confio em caçadores de recompensa. – Inconscientemente, sua mão vai até o bigode volumoso, que ele alisa por cima da boca franzida.

– Sim, a gente sabe. Sabemos também que você não confia em ex-imperiais. Sabemos porque você nos

conta. Constantemente.

Jom vira para trás e bufa.

– Eu deveria? Confiar em você?

– Depois de todo esse tempo? Você podia começar.

– Talvez você não entenda o que o Império significa para pessoas como eu, e por que a Rebelião...

Norra os corta mais uma vez.

– Entendemos, Jom. Estamos todos juntos nesse barco. Neste caso, literalmente. Veja – ela diz, apontando.

A estibordo, uma forma gigante emerge da névoa – uma sombra escura e montanhosa. Os contornos de um palácio: torres em espiral e parapeitos bulbosos. Se eles continuarem seguindo a corrente presa às rochas, começarão a levantar enquanto puxam – sempre para cima, até os portões principais do enorme composto esculpido no topo de um vulcão adormecido. É o lar de Slussen Canker, também conhecido como Canker, o Vermelho, ou sua santidade venenosa, guardião dos homens e assassino de inimigos, o príncipe e primogênito de Vórlag, mestre Scion Slussen Urla-fir Kal Kethin-wa Canker.

Assassino. Senhor de escravos. Escória.

Ele não é o alvo.

O alvo é um ex-vice-almirante imperial. Um homem chamado Perwin Gedde. Ele abandonou o Império, fugindo com um considerável balde de créditos – o bastante para mantê-lo gordo, feliz e firmemente abrigado com um chefe do crime como Slussen Canker. Louco de especiaria. Servido por escravos. Vivendo uma vida boa. Vivendo uma vida *protegida* em uma fortaleza bem defendida no topo de um vulcão. Tão bem defendida que marchar direto para o portão principal seria altamente não recomendado. O portão é protegido por duas feras hroth que babam. E dois turrets em fase. E um par de guardiões hroth. *E* uma ponte levadiça feita de lasers cruzados...

Não importa, porque eles não vão por esse caminho, não é?

Eles não vão pelo caminho de cima. Vão pelo de baixo.

Conforme Jom conduz a balsa por mais dois pilares de pedra, ele estende a mão para trás com a palma aberta – um pedido silencioso que Norra se recusa a atender. Em vez disso, ela diz:

– Eu consigo lidar com isso. Sabe, você não precisa fazer tudo.

Ela puxa o espigão de agarrar e o enrosca na ponta da pistola concussiva. Jom a observa com olhos estreitos enquanto ela aponta para a rocha maciça.

– Dê o sinal – ela ordena.

Sinjir segura um sinal de emergência – o que veio com a nave deles, a *Halo*, para o caso de ela quebrar – e dá três pulsos rápidos. A luz vermelha pisca rapidamente.

Passam-se instantes. Então, através da névoa...

Três flashes vermelhos em resposta. Esses vêm da base da montanha sob a fortaleza.

– Jas, sua louca gloriosa de cabeça espetada – Sinjir gargalha e bate palmas.

Norra pede que fique quieto e dispara o espigão de agarrar em direção ao espaço onde os três flashes

iluminaram a névoa. A arma é silenciosa, mas solta um *pauff* enquanto dispara. O cabo enrolado sob a balsa zumba e gira enquanto a ponta dispara através do ar.

Ao longe: *clink*. Na mosca.

Jom pega o cabo e puxa a balsa na nova direção – não para os portões da fortaleza, mas para a barriga da montanha. Ali deve haver uma abertura, que as informações deles marcavam como a sala de alimentação das feras hroth de Slussen Canker. As coisas horríveis têm asas e gostam de caçar ao ar livre algumas vezes por dia – e ali é o seu ponto de paragem. Há uma borda abaixo da abertura na montanha, e as feras hroth são mantidas do lado de dentro por outra ponte levadiça feita de lasers. Exceto que, agora, essa ponte levadiça está baixada graças a Jas, que tinha chegado ali dias antes. O sinal pulsando através das trevas é claro: *A passagem está aberta*.

– Falei pra você que ela ia fazer tudo certo – Sinjir sussurra no ouvido de Jom.

A única resposta de Jom é um grunhido dúbio.

A balsa avança através da névoa. Logo à frente, o caminho para a montanha fica mais claramente à vista. É como uma boca bocejando com presas de estalactite e estalagmite esperando para engoli-los. Mas nenhum brilho vermelho. O portão está baixado. O caminho está mesmo limpo. Jom puxa a balsa, trava o cabo e o joga ao redor de uma das pedras. Um por um, eles saem da balsa e pisam no espaço cavernoso.

O fedor os atinge com força. Ao longo da parede há latas de metal cheias de coisas mortas: aves depenadas e sem cabeça, pedaços de carne podre de sabe-se lá qual animal, pernas com cascos, miúdos. Nuvens de mosquitos famintos enxameiam o ar acima das latas. *Isto deve ser a comida das feras hroth*, Norra pensa. Tendo em conta os respingos vermelhos ao longo do terreno rochoso seco, ela supõe que alguém para ali e joga a carne no ar, e as feras voam para pegá-la.

– Estou considerando seriamente a possibilidade de vomitar – Sinjir diz.

– Este cheiro... – Jom faz uma careta. – Derrubaria um macaco-lagarto. – Ele franze o cenho. – Onde está Jas?

– Ela deve estar mais para dentro – Norra responde. – Vamos.

O plano é bem simples: Jas Emari se infiltrou ali dias antes, sob os auspícios de ser uma caçadora de recompensas procurando por trabalho. O que não deixa de ser verdade, e sua reputação certamente a precede a essa altura. Chefes do crime atraem caçadores de recompensas da mesma forma que pilhas de carne podre atraem moscas: caçadores são famintos por trabalho e chefes do crime são rápidos em fornecê-lo.

Ela abriu o portão para eles. E agora começa o trabalho. Eles já têm um esquema da fortaleza, graças ao holocron fornecido por (bem, roubado de) Surat Nuat, o chefe Akivano que mantinha registro das conexões entre imperiais e o submundo do crime, caso um dia precisasse dessa vantagem. Eles exploraram esse cubo de dados para obter informações – ele serviu, na verdade, como um trampolim para lançar a pequena equipe.

Uma vez que eles saíram da sala de alimentação (uma saída que não foi rápida o bastante para as

narinas de Norra), deveria ser um pulo rápido por um longo túnel até um tubo de lava que percorre a extensão da fortaleza. Claro que o tubo também leva até o centro do vulcão esquentando a fogo brando, o que significa que eles devem tomar cuidado para não cair. Subir até a torre sul, esperar Gedde emergir de seus aposentos ou ir em direção a eles, então capturá-lo e arrastá-lo. O objetivo é levá-lo até a balsa e para fora do palácio antes que alguém perceba. Então eles o servirão ao Tribunal da República. A justiça chega ao Império, um criminoso de guerra por vez.

Então Temmin vai trazer a nave e com sorte eles sairão da atmosfera antes que alguém note que Gedde sumiu.

Temmin. Os pensamentos dela se voltam para o filho. Pobre garoto sem pai. Ele é parte daquela equipe e não se passa um dia sem que ela sinta receio de que não deveria ser. *Ele é jovem demais*, ela diz para si mesma, ainda que ele prove sua capacidade todos os dias. *Ele é precioso demais*, ela pensa, o que é mais verdadeiro que o outro pensamento – agora que está junto com o filho, ela é lembrada do quanto ele é vulnerável. Do quanto *todos* eles são vulneráveis. Arrastá-lo para aquilo parece totalmente irresponsável da parte dela como genitora, e ainda uma parte gananciosa e egoísta dela oferece o lembrete frio de que a única outra opção seria mais uma vez descartá-lo. Deixar Temmin para trás de novo iria matá-la. Mas que outra escolha ela teria? Aposentar-se? Abandonar aquela vida?

Por que isso não é uma opção para você?, ela se pergunta.

Agora não é hora de ponderar sobre isso. Eles têm trabalho a fazer.

Ela se dirige para o túnel, e Jom e Sinjir a seguem...

Um relâmpago crepitante soa atrás deles. Seguido por um brilho vermelho.

A ponte levadiça está de volta. Uma malha de lasers, crepitando uns contra os outros. As luzes vermelhas ardentes cortam através do cabo de amarração entre a balsa e a rocha e, de repente, o veículo deriva em meio à névoa.

– Não! – Jom grita.

Diante deles, arrastar de pés.

Figuras e formas bloqueiam o caminho. Guardas da fortaleza – bandidos de tamanhos e raças variáveis, cabeças escondidas atrás de elmos enferrujados. Quatro deles estão lá, armas de raios apontadas para eles. Jom saca. Bem como Sinjir. Norra está prestes a alcançar a pistola na cintura...

Um pigarro alto vem de trás dos guardas.

Um Vorlaggn aparece. A pele é como carvão rachado em um pedaço de carne cozida. Um líquido transparente supura entre as fissuras, um fluido que ele enxuga com um pano marrom sujo. Ele pisca com três olhos.

Slussen Canker.

Sua língua clica e reclica e, quando fala, a voz é molhada e aquosa, como se as palavras se empurrassem por um caminho borbulhento.

– Vejo que vocês pensaram em se intrometer na paz estabelecida por sua santidade venenosa, Slussen Canker. Slussen não gosta da presença de vocês aqui. Slussen acha que sua invasão é bem rude, na

verdade.

Norra pensa por um momento que este *não é* Slussen, mas algo que Jas disse respinga no radar da sua memória: os Vorlaggn falam na terceira pessoa, não é? Hábito estranho.

Jom mantém a pistola apontada.

– Não estamos aqui atrás de você.

– Estamos aqui por Gedde – Sinjir explica. – Apenas jogue ele para nós e deixaremos esta *adorável* pilha de excremento que você chama de palácio. Que tal?

O Vorlaggn gorgoleja.

– Slussen não vai dar nada a vocês. Gedde?

De uma esquina, emerge o alvo deles. O vice-almirante em pessoa. Um homem que dizem ter sido encarregado de um dos programas de armas biológicas mais brutais do Império. Testou várias *doenças ancestrais* em mundos prisioneiros, fazendo chover doença a partir de naves de guerra.

Ele é magricela em toda parte, exceto pela barriga pálida que se projeta para fora da camisa aberta e suja. Sua pele é pálida e esburacada como a de um viciado em especiaria. Um homem perdido em seu vício.

Gedde não está sozinho.

Ele puxa com força alguém para junto de si...

É Jas. Ele a segura pela nuca, uma pistola contra a têmpora. Ela afasta a cabeça, mas ele a puxa de volta imediatamente.

– Slussen capturou sua caçadora de recompensas. Se não largarem as armas, Slussen vai perfurar a cabeça da caçadora de recompensas, e os miolos dela serão usados para alimentar as feras hroth.

Sinjir suspira.

– Que se exploda. – A pistola dele faz um barulho ao bater no chão.

Norra suavemente desmonta seu coldre e o deixa cair.

Jom mantém a pistola erguida.

– Eu não me rendo. Nas Forças Especiais, aprendemos que somos as nossas armas. Não posso render minha arma tanto quanto não posso render meu braço ou meu...

A mão se move veloz: Sinjir pega a arma pelo cano e retira-a da mão de Jom, arremessando-a contra a parede.

– Eles pegaram Jas, seu idiota.

Os guardas entram na sala e confiscam as armas.

Gedde lambe os lábios e sorri.

– Seus rebeldes idiotas. Vamos vendê-los para o Império, e eu vou comprar um indulto completo para mim...

Irritada, Jas consegue se afastar e empurra a arma para longe de sua cabeça.

– Acho que você pode parar de apontar isso para o meu crânio agora.

A princípio, Norra pensa: *Aqui está nossa chance*. Jas está livre. Mas a liberdade dela veio fácil.

Fácil *demais*. Nenhuma luta a não ser a irritação no rosto da Zabrak. O entendimento a acerta como uma parede de esteira de turbulência: Jas os traiu.

Jas se afasta de Perwin Gedde, as mãos metidas casualmente nos bolsos.

– Sinto muito, time – ela diz, aquela última palavra falada com um tipo especial de sarcasmo. – Não posso mudar meus chifres, não posso mudar minha tinta, não posso mudar quem eu sou. – Ela dá de ombros. – Eles ofereceram uma recompensa melhor. Na verdade, o acordo é bem bom... – Ela puxa um datapad e o joga até Norra.

Norra pega.

Com dedos trêmulos, ela acende a tela.

Ali, ela espia uma recompensa.

É a recompensa por *elas*. Ela vê o rosto de todos. O rosto do *filho*.

– Sua conspiradorazinha insetoide – Barell cospe. – Eu confiei em você.

– Não, não confiou – Jas responde. – E não deveria mesmo. Eu vou me dar muito bem nessa. Não só Gedde está me pagando por alertá-lo do atentado para capturá-lo, como também o Vórlaggn aqui vai me dar 20% do pagamento por encontrá-los...

– Slussen disse quinze.

– Bem, uma garota pode tentar. *Quinze* por cento da recompensa sobre vocês.

– Jas, não faça isso – Norra implora.

Tristeza cruza a face de Jas Emari.

– Sinto muito, mas tenho contas para pagar. Contas que estão vencendo, e a República não está mantendo o fluxo. – Então ela faz um pequeno aceno e diz: – Foi divertido enquanto durou.

Jas sai da sala.

Gedde ri.

– Vamos colocá-los em umas jaulas, que tal?

Sinjir não é fã de jaulas. Especialmente aquelas que ficam dependuradas sobre um precipício, seja em Vórlag ou em Akiva, na masmorra de Surat Nuat. Estas jaulas são coisas quadradas como caixões de pé, penduradas em afloramentos de rocha preta não muito longe da entrada da sala de alimentação das feras hroth. Névoa se reúne. Luz fúngica se cruza sob eles em linhas nítidas e brilhantes.

– Ainda se sente bem a respeito da sua amiga? – Jom pergunta. A jaula dele está pendurada a cerca de 10 metros de distância. – Ainda acha que eu devo confiar nela?

– Acho – Sinjir responde, levantando o queixo em desafio.

E isso o surpreende mais do que um pouco.

Ele não confia em *ninguém*. E mesmo assim, lá está ele, certo como as estrelas de que tudo isso é parte de algum *plano secreto*, um plano que os outros apenas não enxergam.

Uma vozinha lhe diz isso porque ele é tão bom em ler linguagem corporal. É o seu trabalho dissecar as pessoas com um olhar, cortando-as em todos os seus traiçoeiros e minúsculos átomos. Mas outra voz

competete com a primeira, alertando que talvez, apenas talvez, ele tenha perdido algo a respeito de Jas Emari.

Só que essa dúvida está afogada numa banheira cheia de autoconfiança, e ele se sente estranhamente *certo* a respeito de Jas. Então diz para eles:

– Ela vai nos tirar daqui, esperem e verão.

– Vai sonhando, imperial – Jom grunhe.

– Quem quer que ela esteja enganando, nós ou eles, não podemos contar com ela para nos salvar – Norra diz. Sua jaula está dependurada do outro lado de Sinjir, e ela fecha os dedos ao redor do ferro. – Temos que sair daqui sozinhos. Eles vão nos vender para o Império. Não podemos deixar isso acontecer.

– Acho que já deixamos – Jom lamenta. Então se inclina para a frente contra a jaula, olhando para fora.

– Afinal, o que é o Império atualmente? Quem o controla? Quem vai pagar por nós?

Essa é uma questão que Sinjir tem se perguntado. A princípio, surpreendeu-o a rapidez com que as forças imperiais sucumbiram. Mas ao longo do tempo isso o intrigou cada vez menos. A unidade do Império existia porque todas as suas correntes e fios eram apertados firmemente em uma única mão: a do imperador. Com o imperador morto, quem estava mantendo tudo junto? Rumores diziam que Vader também tinha sido derrubado. Então quem? Os almirantes? Os moffs? Eles eram ratos mantidos na linha pelos gatos, e agora não há gatos.

Nenhuma cadeia clara de sucessão era evidente. Palpatine não tinha família, pelo menos até onde qualquer um sabia. Vader também não tinha família (e, até onde Sinjir sabia, nem sequer era humano). E com duas Estrelas da Morte destruídas, uma parte significativa dos melhores e mais brilhantes oficiais do Império fora apagada também. A Nova República aproveitou essa oportunidade. A Rebelião tinha acabado, e um novo governo cresceu rapidamente – talvez de forma desajeitada – no lugar dela.

Isso deixou o Império em modo de sobrevivência. Nenhuma liderança clara, porque, muito provavelmente, eles estavam brigando por ela. E, dia após dia, as forças imperiais se dissolviam – derrotadas, destruídas, abandonadas ou roubadas.

Sinjir imagina que o Império como um todo não estava tão diferente de como ele mesmo se encontrou na lua da floresta de Endor naquele dia fatídico: tonto, ensanguentado e cercado por corpos. Sem saber para onde ir ou o que fazer ou em que, por todas as estrelas, sequer *acreditar*.

Uma crise de fé e propósito. É isso que é.

Sinjir ainda sofre sua crise. A Nova República não foi uma resposta. Esta equipe tem sido a resposta, de certa forma, mas, agora, com a traição da amiga, ele se sente de volta à beira das coisas. A questão da fé e do propósito é deixada em suspensão. E nenhuma resposta é facilmente vista.

O Império também vai precisar de uma resposta – e, se não encontrar uma a tempo, será destruído. E vai ser merecido, ele decide.

Preciso de uma bebida, ele também decide.

Não muito longe, o zumbido familiar do portão de laser repentinamente fica em silêncio, fazendo cair um silêncio assustador. Mas apenas por alguns instantes.

Logo um novo som se ergue: bufos estalantes e barulhos úmidos e inarticulados. Da imensa abertura da montanha, pedaços da carne lançam-se para fora na névoa.

As bestas hroth seguem rápido. Criaturas com couro vermelho, longas asas e uma dúzia de pernas pulam no espaço vazio, perseguindo as miudezas. Esquivando-se e mergulhando. Seus rostos mal são rostos, na verdade: apenas pilhas sem olhos de pólipos e túbulos que se contorcem. Uma massa carnuda que se parece mais com fungos e menos com qualquer coisa que você encontraria anexada a um animal. Lá fora, um trio dessas coisas arremete e rola, pegando a carne lançada. E então, a carne para.

Mas ninguém traz os animais de volta para dentro.

As feras hroth planam mais alto. Ainda famintas, talvez.

Ou pior, Sinjir pensa: *Estão entediadas.*

E nós daremos ótimos brinquedos.

Como se fosse uma deixa, uma delas arremete direto para a jaula de Sinjir – e *bam*, bate nela com o peso de um vaporizador arremessado. A besta se agarra na gaiola, enfiando sua bagunça tentacular por entre as grades. Sinjir tem apenas espaço suficiente para chutar – e os tentáculos agarram sua bota e a puxam para fora do pé. A fera faz ruídos de sucção enquanto tenta... comer a bota? Descontente, a criatura geme e gorgoleja, inclinando a cabeça para o lado. A bota voa para o vapor.

Jom grita com as mãos em concha:

– Não deixe ela te tocar! Essas coisas no rosto dela estão cheias de ferrões. Você vai ficar entorpecido.

Ótimo. Sinjir pressiona-se contra a parte de trás da jaula conforme a coisa sonda e bate a cabeça e as garras contra o metal.

Enquanto as multidões de tentáculos se enfiam por meio das grades como vermes, Sinjir espia algo brilhante sob o pescoço da criatura. Algo pendurado por uma corrente. Parece uma...

Chave. Uma chave octogonal de metal escuro. Assim como a usada para trancá-los ali.

Bem, isso é curioso.

Subitamente a criatura voa, navegando mais uma vez na névoa.

Não, não, não!

Aquela chave...

Certamente os homens de Slussen não a puseram lá, não é? Eles não parecem inteligentes o bastante para jogos cruéis. O que significa que a chave é secreta, mas intencional. O que significa que a chave é de alguém que os quer livres.

– Jas – Sinjir sussurra, de repente animado. É exatamente como na masmorra de Surat Nuat: ele preso e ela atuando para libertá-lo novamente. Um padrão estranhamente reconfortante, aquele. Um movimento clássico! Sinjir se move para a frente da jaula e enfia as mãos através dos espaços apertados. Seus braços passam até os cotovelos, e ele balança seus apêndices como um animal em perigo. – *Ei! Ei!* Seus sacos de musgo flutuantes! Aqui, aqui! Eu não pareço delicioso? *Mmm.* Eu não pareço ser algo gostoso...

Vum. O mesmo animal arremete de baixo, sem que ele veja. Os túbulos se fecham ao redor do braço

esquerdo dele, e é como ser eletrocutado – o membro formiga no início e, em seguida, é como se mil alfinetes pequenos o picassem de uma vez. Sinjir grita, mas não se afasta. Com a mão livre e os dedos em pinça, arrebatada a chave do pescoço da coisa, então puxa a mão daquela massa retorcida de tentáculos.

Choramangando com os dentes cerrados, ele rapidamente descasca a manga agora esfarrapada: o braço está vermelho, tomado de bolhas e inchado.

E, como Jom previu, totalmente entorpecido. Ele o balança, tentando estimular as sensações de volta para o membro.

Sinjir resiste ao desejo de abrir a jaula de imediato e...

Bem, então o quê, exatamente?

Saltar para o vazio?

Pular em uma daquelas coisas e tentar cavalgá-la?

Parecem boas formas de morrer. E Sinjir não está muito a fim de morrer. Ele não está completamente certo de por que está vivendo, ainda não, mas *não morrer* é um bom começo. Ele sussurra para si mesmo:

– Paciência, meu velho. *Paciência*.

Ele espera. As feras também incomodam Norra e Jom, jogando-se contra as jaulas, o metal batendo contra a montanha atrás deles. Sinjir quer gritar para os outros tentarem procurar pelas chaves, mas os guardas de Slussen, os cuidadores das feras, poderiam ouvir. Finalmente, as feras hroth se cansam de tentar comer a carne se contorcendo dentro dos exoesqueletos de metal inflexíveis, e logo seus cuidadores dão um assobio estridente. Os animais se erguem no ar e voltam para a caverna de onde vieram.

E então o zumbido familiar do portão a laser retorna.

Agora é a hora.

Sinjir empurra o braço bom para fora da gaiola, a chave firme no punho. Um pouco sem jeito, ele consegue girar a chave e colocá-la na fechadura – uma volta rápida e as molas da porta se abrem.

As dobradiças rangem enquanto a jaula se abre no ar. E agora?

– Alô – ele chama, limpando a garganta. – Uma ajudinha?

Jom e Norra se viram, de queixo caído.

– Sua jaula está aberta? – Jom pergunta.

– *Obviamente* – Sinjir ironiza. – Não é exatamente uma alucinação. – Baixinho, ele acrescenta: – Eu espero.

– Como? – Norra pergunta.

– Uma chave. Jas me deixou uma chave. Enrolada em torno do pescoço de uma dessas... coisas voadoras horríveis. Foi, hã, foi de grande ajuda, mas... – Ele se inclina para fora da jaula, segurando com o braço bom. O outro permanece sem qualquer sensação, um membro pendurado ao seu lado como um ramo quebrado ainda preso em sua árvore. – Bem, digamos apenas que os meus próximos passos estão um pouco no ar.

– Não sabemos se foi ela – Jom resmunga. – Pode ter sido um dos escravos. Eles têm todo o interesse

em obter liberdade.

Sim, Sinjir pensa, mas essa não é precisamente a nossa tarefa aqui, né? Talvez devesse ser, mas não é.

Ele arranca a chave da fechadura e a coloca entre os dentes, mordendo-a com força. Depois se estica e agarra o topo da jaula. Ele usa as grades da gaiola de metal como degraus e sobe até o topo. A jaula balança sob ele, e Sinjir quase perde o chão – mas ergue a mão e se equilibra contra a pedra na qual a jaula está pendurada. Acima dessa rocha há uma borda estreita o suficiente para um. Aquela borda foi como eles chegaram ali: dois dos guardas de Slussen arrastaram a jaula até ali, a prenderam na corrente e então a jogaram – uma queda imensa que, para Sinjir, pelo menos, resultou na sensação de seus dentes rachando e suas entranhas subindo para a garganta.

Inspire, expire.

Os mandatos imperiais de malhação o mantiveram em uma forma consideravelmente boa. Mas, depois de desertar, ele... se descuidou um pouco, é verdade. Emagreceu, deixou os músculos ficarem flácidos. E não era como se a Nova República demandasse muito... eles não tinham nenhum regime em vigor. Eles não tinham quase nada em vigor ainda.

– Você consegue – Norra encoraja. Sempre a torcedora. Sempre a mãe coletiva do grupo. A coisa engraçada é que... funciona. Ele acredita nela.

Eu consigo.

Ele se estica para cima e apalpa a rocha até encontrar algum lugar viável para segurar. Ali. Ele balança o braço morto para cima apenas no caso de isso agitar a maldita coisa de volta à vida, mas não adianta. Lado bom: as sensações estão voltando ao braço. Lado ruim: essas sensações são como dores de picadas.

Ele vai ter que fazer isso com só um braço, então. Sinjir se puxa para cima, os pés buscando inutilmente um apoio na corrente. O braço já dói – queima na base, dando a sensação de que todo o membro vai ser arrancado. Como se ele fosse uma boneca de uma criança animada demais.

E, então, metade do seu torso sobe. Ofegante, ele continua lentamente até o topo.

A borda não está longe, só é preciso dar um passo para cima. Seria fácil o bastante para alguém com um braço tão longo quanto o dele.

– Vamos lá, vamos lá – Jom grunhe.

Se Sinjir não estivesse ofegante e com uma chave presa entre os dentes, ele diria: *Seja insolente comigo de novo, seu bandido grosseiro, e eu te deixo aqui para o Império.* Em vez disso, ele consegue fazer um gesto com três dedos que lhe *garantiram* ser ofensivo em muitos mundos da Orla Exterior. Algo sobre a mãe da pessoa e um poço gravitacional.

Para irritar Jom – e porque é sensível – ele vai primeiro libertar Norra. Sinjir rasteja e se estica para baixo, estendendo a chave na mão.

Norra a alcança e a agarra.

Em poucos minutos, ela abre a sua jaula e está na borda com Sinjir. Então é a vez de Jom – e logo a

pessoa menos favorita de Sinjir em toda a galáxia *também* está livre e se junta a ele na borda.

– E agora? – Sinjir pergunta, preguiçosamente cutucando o braço menos atordoado e mais dolorido. – Se bem me lembro, há uma ponte levadiça de lasers cruzados que deve nos transformar em cubos de sangue.

Jom pensa.

– Venha aqui, veja. – Ele chega ao extremo da borda, que os leva até a beirada do portão crepitante. – Normalmente, essas coisas são um sistema de malha fechada. Os feixes emergem desses emissores. – Ele aponta os emissores enferrujados aparafusados à encosta da montanha escura. Eles parecem as pontas de armas de raios. – Preciso de uma pedra.

Norra procura e encontra uma perto do pé.

– Aqui.

Jom a pega, levanta o braço e a bate contra o emissor. Nada acontece. Ele bate de novo, mais uma vez, e parece colocar de fato toda a força no golpe, rugindo enquanto golpeia com a pedra – e então ela rebate para fora de sua mão e mergulha no vazio.

Parece que ele falhou. Sinjir suspira e tanto ele como Norra começam a procurar por outra pedra, sem encontrar nenhuma... Mas então o emissor de repente faísca, se solta e balança, preso por um cabo.

O portão laser chia e morre.

E assim, o caminho está livre.

Um por um, eles percorrem o caminho de volta para o único aposento da fortaleza que conseguiram ver: a sala de alimentação das feras hroth. Mais uma vez o fedor os toma de assalto. Sinjir se esforça para não vomitar.

– E agora? – Sua voz sai nasalada enquanto ele pressiona o nariz com as costas da mão boa. – Temos um plano? Jas está aqui, em algum lugar, e isso significa...

– Não significa nada – Jom interrompe. – Não sabemos se foi ela. Então, seguimos com o plano: subimos pelo tubo de lava, pegamos Gedde e...

– Não consigo subir por esse tubo. Meu braço está morto. Estou cansado.

– Você precisa estar em melhor forma, Rath Velus.

– Desculpe, mas vivemos ou não vivemos em um universo no qual eu acabei de salvar o seu traseiro gordo? Porque... oh, sinto muito, mas supus que você estaria beijando os meus pés nus agora e, no entanto, cá está você, me importunando.

Norra entra no meio deles.

– Sinjir, você caça um comunicador. Eles pegaram os nossos, então não temos como ligar para Temmin ou Jas ou... bem, qualquer pessoa. Vamos voltar por aqui e...

Do lado de fora do aposento, vozes e passos. Jom diz:

– Tem gente vindo. E não temos armas...

Com as vozes, chegam outros sons familiares.

Grunhidos, latidos, sons inarticulados.

Feras hroth. *Droga.*

Os animais são seguidos por guardas de Slussen – atraídos para ali presumivelmente pelo ruído. Ou talvez, de alguma forma, descobriram que o portão tinha sido baixado. De qualquer jeito, eles vinham de forma agressiva, armas de raios em punho e feras hroth em longas coleiras de couro, os tentáculos sondando o ar.

Porém, Norra pensa rápido – e se *move* rápido, também. Ela já está em cima das caixas de carne podre, e Sinjir observa com admiração (e nojo) quando ela começa a arremessar a carne. Um por um, ela ataca os guardas com a carne podre, e os tiros de raios erram o alvo conforme carne rançosa atinge-os no rosto, no peito e nos braços.

O fedor da carne é tentador demais para resistir.

Brilhante, Sinjir pensa enquanto as feras se viram contra seus donos. Os monstros atacam, lançando seus tentáculos molhados sobre seus cuidadores em uma busca desesperada pelos pedaços de carne podre.

– Mexam-se! – Jom grita, e eles se afastam correndo da cena da carnificina.

O tubo de lava é apertado, mas não tão apertado a ponto de eles não terem espaço para se mover. O tubo em si é ondulado e recortado, dando-lhes apoios para as mãos e os pés conforme sobem. Norra e Jom facilmente se encaixam e sobem pelo canal. Lentamente, mas com segurança.

Abaixo deles, bem longe, brilha um pontinho de luz alaranjada.

Não caia, não caia, não caia, ela repete como um mantra. Essa queda não seria agradável. Um deslizamento pela pedra vulcânica porosa rasparia metade de sua pele fora, bem a tempo de ela mergulhar em um banho de magma fervente. Cozinhando-a. Queimando-a até a morte.

Ao que parece, esses tubos são como Slussen aquece a fortaleza – o ar subindo como o bafo quente de um monstro infernal. Às vezes, eles encontram tubos adjacentes se ramificando em ângulos perpendiculares. E quando passam, escutam sinais de problemas acontecendo no palácio de Slussen Canker – vozes elevadas, um alarme. *Não temos muito tempo.*

Sempre para cima. Braços e pernas doendo. Jom dizendo a ela para continuar a se mover. Ela quer retrucar: *Não estou preparada para isso*, mas tem que estar. É tarde demais para não estar, então ela insiste; e, quando suas mãos finalmente alcançam a saída do último tubo de ramificação, parece que se passou uma eternidade. Ela se impulsiona para cima e se arrasta para fora, pedras esquentando sua barriga enquanto ela se vê ofegante em uma sala suntuosa (e horrorosa).

Norra olha para cima. As paredes pretas estão decoradas com ouro espalhafatoso e espelhos de bronze. Uma estátua de Slussen fica no canto, esculpida em cristal kwarz vermelho-fogo. A cama é octogonal, como a chave que abriu as jaulas, e está empilhada com peles de animais e travesseiros de couro vermelho. Tanta riqueza é estranha a Norra. E, em um lugar como aquele, claramente foi desperdiçada.

– Muito bom, você está aqui.

O coração de Norra quase salta pela garganta quando ela ouve a voz de Jas do canto da sala, fora da vista. Ela se vira e vê a caçadora de recompensas sentada em uma cadeira de encosto alto, pernas cruzadas, braços cruzados e um vice-almirante imperial deitado aos seus pés. As mãos de Gedde estão presas atrás das costas com um fio. Sua boca está amordaçada com o que parece ser uma fronha amassada, enrolada e amarrada atrás da cabeça.

Jom emerge do tubo de lava. Ele vê imediatamente a Zabrak e, quando fica de pé, marcha em direção a ela, rugindo de raiva.

– Você quase nos matou...

– Eu salvei todos nós e garanti nosso pagamento e estou fazendo o serviço. Podemos falar disso depois. – Ela pega o comunicador no cinto e fala nele. – Temmin, precisamos de uma extração. Ainda estamos na torre. Você saberá o sinal. – Quando ela coloca o comunicador de volta na cintura, pergunta: – Onde está Sinjir?

– Lá embaixo, procurando por um comunicador – Norra responde.

Jas faz uma careta como se isso a machucasse pessoalmente.

– Isso é... uma complicação. Eu vou achá-lo e encontro vocês na sala de alimentação.

Do lado de fora da sala, o estrondo de passos. A porta para o aposento é um portal redondo e dourado selado com um painel elétrico – um painel que foi arrancado. Seus fios balançam e ainda soltam faíscas. Alguém bate na porta. Do outro lado, uma voz abafada:

– Slussen quer saber: Gedde está aí?

Gedde não parece escutar. Seus olhos estão injetados de sangue. As pupilas estão grandes e gordas e ele nem pisca. Por trás da mordaca, o imperial faz um barulho fraco e ruídos gorgolejantes. Norra percebe: ele está drogado. Ao seu lado está uma latinha – uma vez mais, octogonal – cheia de especiaria escura.

Do outro lado da porta:

– Slussen ordena que esta porta se abra. – De repente, o gemido de uma broca. *Eles vão tirar a porta.*

– Como vamos sair daqui? – Norra pergunta. – O tubo?

– É por ali que eu vou – Jas responde. – Mas vocês dois vão por ali. – Quando ela diz *ali*, aponta para a janela frontal enorme no lado mais distante da sala.

Norra está prestes a protestar, mas, para a sua surpresa, Barell diz:

– Gostei disso. Vamos abri-la.

– A *Halo* deve estar vindo – Jas diz. – Vejo vocês em breve. – E, sem mais nenhuma palavra, ela escorrega pelo tubo de lava.

Barell e Norra vão para a janela. Jom olha ao redor, procurando dobradiças, um trinco, algo, qualquer coisa. Norra diz que não conseguiu achar nada e ele concorda – então pega a cadeira na qual Jas esteve sentada apenas alguns instantes antes. Sem mais comentários, ele a arremessa contra a parede.

Kssh!

A cadeira faz um buraco através do vidro, então some.

Ele chuta o resto do vidro para fora, enquadrando-o com a bota.

Lá fora, sob a névoa e perto dos picos de outras montanhas escuras, Norra espia uma nave, uma SS-54 armada. A *Halo*.

Temmin.

– Fale para o vice-almirante Gedde que a carona dele chegou – Norra diz. Então ela comete o erro de olhar para baixo. A vertigem a assalta. – E fale para ele que eu espero que não tenha medo de altura.

A *Halo* balança e chacoalha enquanto salta através da névoa de Vörlag. Os motores iônicos em cada lado giram na horizontal, gritando enquanto a nave de combate – classificada pelo fabricante, Estaleiros Botajef, como um cargueiro leve para evitar regulamentações – dá um pulo para a frente. Adiante, a fortaleza vulcânica de Slussen Canker se projeta para fora da neblina, suas torres torcidas e tortuosas como dedos chamuscados alcançando os céus como se quisessem puxá-lo para baixo.

Temmin está nos controles, o manche empurrado todo para a frente. Esta nave não é tão rápida quanto um X-wing, mas tem *força* – especialmente dadas as modificações que Temmin fez nos motores. A coisa se move com peso e propósito e faz o sangue dele bombear em suas têmporas como batuques akivanos. Ele abre os dedos e os estala: um hábito nervoso copiado do pai.

– Você está pronto? – ele pergunta ao copiloto.

– AFIRMATIVO – emite o droide de combate tipo B1, Senhor Ossudo: um guarda-costas e amigo que passou por várias “modificações especiais”. O droide, pintado em vermelho e preto, tem o formato de um esqueleto humano com o crânio de um abutre – e Temmin trabalhou para deixá-lo mais intimidador. Metal recortado na frente para se parecer com dentes. Mãos afiadas como garras. A figura agora possui meia dúzia de juntas extras para permitir ao droide um grau de contorção inédito na linha já flexível do B1. Os ossinhos que o decoravam tiveram que ir – as missões deles hoje em dia precisam de furtividade, e Jas tinha dito que o barulho que aqueles pedacinhos fariam seria um problema. Temmin ficou relutante, mas escutou. Gostava de Jas, confiava nela. Se ela tinha dito que era preciso ser furtivo...

Então era preciso ser furtivo.

Claro que, agora, a furtividade estava cerca de 10 quilômetros atrás, não é?

– ESTOU ANSIOSO PARA ERRADICAR NOSSOS ADVERSÁRIOS – Ossudo diz, a voz entortada e estridente. – ESPERO TRANSFORMÁ-LOS EM UMA BELA NÉVOA VERMELHA. É SÓ DAR A ORDEM, MESTRE TEMMIN. – O droide tem as garras enroladas ao redor dos controles de armas. A *Halo* traz reforços: canhões laser gêmeos ZX7 pendurados abaixo da cabine dianteira blindada e, no topo, um canhão caçador quádruplo montado em uma torre improvisada. Agora, contudo, a missão é de extração, não destruir a paisagem com armas, então Temmin diz ao amigo para se acalmar.

Ossudo assente com a cabeça e cantarola para si mesmo, o crânio se movendo no tempo com a melodia.

– Aqui vamos nós – Temmin afirma. Ele aciona os motores, então os vira para a vertical, deixando a *Halo* flutuar. Lá ele espia a segunda torre mais alta da fortaleza com a janela estourada.

Sua mãe – com uma aparência nervosa e agitada – acena para que ele se aproxime.

Ele dá um ok, então desliza a nave de combate de lado de forma que a rampa de acesso fique apontada para a torre.

– Ossudo, vá ajudar. Eu vou nos manter firmes. – O droide se espreguiça, abre os braços sobre o assento, então gira para fora da cabine do piloto, em direção à saída da *Halo*.

Temmin muda a tela para a câmera de acesso e estica a rampa – o lado da nave se abre e se torna uma escotilha de entrada. Ossudo ajuda Norra a carregar o prisioneiro a bordo. Jom dá um impulso com uma corrida e atravessa o espaço com facilidade.

Mas então algo bate no lado da nave, fazendo-a balançar.

O que é...?

Ele olha para a câmera de novo e vê o caos: uma forma lutando contra a rampa de acesso. Algum tipo de criatura. Seu rosto é apenas uma pilha desleixada de algo que se parece com dedos macios procurando alguma coisa. Ossudo dá uma pirueta, sua garra estalando para trás conforme o vibropunhal escondido no osso de metal longo de seu antebraço salta para a frente. Ele fatia para cima, cortando o emaranhado de tentáculos antes de lançar a coisa para fora da nave.

Duas mais aparecem de onde caiu a primeira.

Então o escâner da *Halo* bipa quando algo pinga nele.

Quatro bipes vermelhos. Vindos de trás.

Ele verifica as assinaturas – um transporte imperial e três caças TIE.

– Quem convidou o Império para a festa? – ele grita.

A mãe responde enquanto se aproxima da cabine:

– Slussen Canker. E Gedde, na esperança de comprar um indulto para qualquer punição que pudesse estar esperando um vice-almirante desertor. – Então ela explica para ele onde Jas e Sinjir estão.

– Temos que pegá-los.

– E se não estiverem lá?

– Então esperamos.

De repente, a cabeça de Jom atravessa a porta e ele está franzindo o cenho e bufando, e Temmin sabe o que ele vai dizer. Vai dizer: *Vamos deixá-los para trás, eles não são a missão*, porque é assim que ele é. Tudo que importa é a missão. E com certeza ele não gosta de Jas e Sinjir, não é?

Por isso é uma surpresa quando ele afirma:

– Ninguém fica para trás.

– Nem mesmo um imperial e uma caçadora de recompensas? – Temmin sorri.

– Não quando é *nosso* imperial e *nossa* caçadora de recompensas. Vamos.

Temmin leva a nave para longe da fortaleza. O escâner mostra o transporte imperial e os TIEs vindo rápidos na cola dele.

Ele tem uma ideia. Impulsiona a nave para a frente, dando um golpe duro nos motores, antes de colocá-la para pairar novamente. A mãe protesta:

– Temmin, não pare. Mantenha a nave em movimento!

– Eu sei o que estou fazendo – ele responde, girando a *Halo* em 180 graus.

– Temmin. *Temmin!*

Adiante, os caças TIE guincham para a frente, cortando o ar como lâminas e começando a girar em direção à fortaleza de Slussen. O ar já está salpicado de disparos laser, e as explosões pululam na frente da *Halo*.

Agora, Temmin pensa.

Ele assume o controle das armas com o virar de um interruptor, então gira as torretes de tiro para a frente e para cima. Seus dedos apertam os gatilhos. Finos tubos de nanofibras deslizam para fora, os canhões disparando-os em centenas de rodadas por segundo. Eles mastigam a torre de rocha preta. Pedra é tossida em pedaços e lascas.

A torre, como uma árvore partida, começa a cair.

E cai bem em cima de dois dos caças TIE. Acaba com um, acertando-o no meio do voo, sem deixar nada além de um rastro ardente diante de Temmin. O outro recebe detritos contra o painel da asa, e de repente a coisa espirala para baixo como um pássaro com a asa cortada.

Jom dá um tapinha no ombro do garoto.

– Pensamento rápido, garoto. Vamos buscar o nosso pessoal e sair logo daqui.

O que meu filho se tornou?

A pergunta entra na barriga de Norra como uma faca. Seus pensamentos e sua consciência parecem separados de suas ações – quase como se ela fosse duas pessoas diferentes. Como se uma delas fosse a versão interna, este pacote repentino de medo e preocupação. A outra é Norra, a soldado, Norra, a piloto, Norra que retoma o controle do sistema de armas e salpica a fortaleza com tiros de laser.

Do lado de dentro, ela é um tumulto de sentimentos, todos eles lutando pela supremacia como sistemas planetários desesperados para dominar um ao outro. O filho dela está fazendo exatamente o que deveria fazer. Está lutando pela Nova República. O Império é o inimigo. O que ele fez foi inteligente, afiado e demonstrativo de sua capacidade – o que significa que agora *ele* também é tanto um soldado como um piloto.

Era isso que ela queria para ele?

Ele é jovem, só tem 15 anos. (Embora ela se recorde de que o aniversário dele está chegando. O tempo se move rápido, e só fica mais rápido quando se tem filhos.) Ele tinha acabado de derrubar dois caças TIE. Não... tinha acabado de *matar* dois pilotos. Duas vidas apagadas. O problema não é se mereceram seus destinos; aqueles pilotos se alistaram para a guerra e sabiam o que vinha com ela. O problema é o que isso faz de Temmin. Isso a assombra, de repente. Será que vai assombrá-lo também? Ele é jovem demais para entender o que está acontecendo? Um dia acordará com fantasmas na cabeça, ou vai se acostumar com aquilo rápido? Vai matar a bondade dentro de si e se tornar ruim como Jom Barell?

Esses pensamentos a despedaçam, mesmo que ela continue a cumprir seu dever: Norra opera as armas

e dispara. Mesmo quando Temmin encosta a nave ao lado da entrada da sala de alimentação, mesmo quando ela estabelece fogo de supressão e corta os guardas mascarados que correm para defender o império de Canker.

– *Ali* – Jom indica, colocando uma mão no antebraço dela. A voz dele parece distante. Tudo parece distante. O coração palpita dentro do peito, pulsa no pescoço, nos pulsos. A adrenalina a devora enquanto as torretes derrubam a torre do palácio. Ela pisca e supera tudo isso...

Na sala de alimentação, dois guardas correm para a beirada, mas, antes que possam fazer qualquer coisa, ambos estremecem e caem para a frente na neblina. Os corpos mergulham. De trás deles, vêm Jas e Sinjir. A primeira tem uma arma de raios na mão e usa a outra mão para apoiar Sinjir, que manca com o braço pendurado mole ao seu lado.

Um dos TIEs gira para cima, e Norra rapidamente vira as torretes para ele enquanto Temmin desliza a *Halo* para a entrada. Uma explosão rápida manda o TIE rodando pelo céu, momentaneamente dissuadido.

Com Jas e Sinjir de volta a bordo, Jom diz ao garoto:

– Pé na tábua.

E o sangue de Norra flui do cérebro para os pés quando a *Halo* acelera rápido pela atmosfera sobre Vorlag, e o caça TIE pula em seu rastro e segue atrás.



CAPÍTULO

3

Sloane está no centro de um círculo azul brilhante e fala para a galáxia.

– Aqui é a grã-almirante Rae Sloane, comandante da Marinha Imperial e a líder em exercício do Império Galáctico. O Império continua vigilante no combate ao governo criminoso anarquista que se autodenomina Nova República. O sonho de uma galáxia segura, sã e unificada não morreu com o glorioso imperador Palpatine. O Império Galáctico continua marchando em frente, incansável e diligente em sua busca para levar ordem e estabilidade a lugares onde nenhuma antes existiu. Enquanto isso, a Nova República continua sua missão de destruir o que nós construímos juntos. O crime voltou para a galáxia dez vezes mais forte à medida que as dinastias do submundo recuperaram o domínio sobre mundos que antes estavam, graças ao Império, livres de sua influência tóxica. As linhas de suprimento foram cortadas, e muitos mundos agora estão passando fome, sem alimentos adequados. A influência corrosiva da Nova República causou uma perda aparentemente intransponível de empregos, renda e até vidas.

A hora é agora, ela pensa. Sloane põe aço na sua coluna e... o que o seu novo “conselheiro” disse? *Bronze na voz.*

Ela continua:

– Mas nada temam. O Império permanece, tão certo quanto uma montanha, tão certo quanto as estrelas que estão em todos os sistemas. Vamos derrotar o levante. Faremos esse governo falso pagar por seus crimes contra vocês. Agora mesmo estamos construindo novas naves e novas bases e criamos novas tecnologias para mantê-las seguras. O Império está chegando. Nós os livraremos do mal. E vamos contra-atacar os nossos inimigos. Fiquem calmos, permaneçam leais. Com corações valentes, a nossa vitória, a vitória para toda a galáxia, logo estará à mão.

Ela dá um leve aceno de cabeça, e o brilho azul ao seu redor se dissipa. O círculo fica escuro e, por um momento, ela fica sozinha na sala sem luz, ouvindo murmúrios e o arrastar de pés. É um momento de paz, raro e precioso, e ela se apega a ele como uma criança segurando uma boneca.

Então as luzes voltam, e, uma vez mais, a vida dela recomeça.

Esta sala é o Escritório de Promoção Imperial, Verdade Galáctica e Correção de Fatos. A maioria chama apenas de EPRO. Ele cresceu em cima das cinzas da COMPNOR (Comissão para a Preservação da Nova Ordem) para enfrentar a influência da Nova República nos sistemas e setores.

Sloane fica muito aqui, muito para seu desgosto.

Agora, Ferric Obdur se aproxima com a sua assistente – uma coisinha bonita com pele tão pálida que Sloane pode ver as veias escuras sob ela – e eles ajudam Sloane a descer da plataforma de projeção. Obdur é mais velho que ela, um mulherengo irascível com tufos afiados de cabelo prateado saindo das bochechas, papadas e queixo. Ele é uma espécie de relíquia dos velhos tempos: foi um jovem no exército durante a mudança tumultuosa da República para o Império e ajudou a projetar o assalto informacional que suavizou a transição na galáxia. E é por isso que Ferric Obdur é agora o principal oficial de informação – um papel que Sloane designou a ele, mas não por escolha própria. Na verdade, foi designado *por meio* dela.

Obdur sorri; está sempre sorrindo. Tem um brilho nos olhos como se achasse que sabe mais do que todos os outros na sala.

– Grã-almirante Sloane, um bom trabalho. Apenas um pouco... rígido.

– Falaram para eu colocar aço na minha coluna, então eu fiz isso.

– Claro, claro. Você fez bem, muito bem. Aqui, venha por aqui, tenho algumas imagens que preciso que veja. – Ele a direciona até uma longa mesa de metal contra a parede mais distante, uma mesa incrustada com luzes que ele liga. Ele abre uma pasta e permite que uma série de páginas translúcidas deslize para fora; as luzes abaixo delas destacam suas cores e tintas. – São cartazes, como pode ver. Nós vamos pendurá-los em mundos tanto seguros como contestados.

Um pôster mostra dois stormtroopers que entregam uma cesta de frutas a uma família humana em necessidade. Outro revela um pequeno batalhão da Nova República, soldados retratados como sujos e vadios, com barbas por fazer e usando capacetes mal ajustados, que disparam lança-chamas contra a porta da Academia Imperial. Nessa imagem, crianças podem ser vistas nas janelas, gritando contra os vidros. Uma terceira imagem mostra outra série de soldados da República, esses com a sombra de um Hutt atrás deles.

Obdur puxa essa para si.

– Eu não gosto muito deste. Sutil demais. O objetivo é, claro, sugerir a conexão entre os rebeldes e as organizações criminosas. Mas precisamos fazer *mais* que sugerir. Precisamos que essa conexão seja clara, concisa: um tapa forte na cara. Uma dose de realidade.

Realidade, Sloane pensa. Que ironia grave. Nada disso é real. Ela diz:

– Por que estão recorrendo a esses... exageros quando a verdade bastaria? Temos os fatos ao nosso lado. O Império é estabilidade. A galáxia é grande demais para cuidar de si mesma, e a Nova República vai deixá-los se governar, o que parece bom em teoria...

– Suas armas nessa guerra são naves, pistolas de raios e armaduras. As *minhas* armas na guerra são palavras. E ainda mais importante do que palavras são *imagens*. Retratos que apresentam uma *representação artística* da realidade. Fatos são flexíveis, e esses retratos apontam para a verdade de que você fala mesmo que não a apresentem de forma *precisa*. – Obdur coloca uma mão firme no braço dela. Ele pode fazer isso para confortá-la, mas não funciona. Ela afasta o braço, e então pega o pulso dele e

dá-lhe uma torção dura.

– Sou a grã-almirante Sloane. Não sou uma assistentezinha que você pode apalpar ou consolar ou adular. Toque-me de novo e vou mandar remover o membro ofensivo, assim como todos os nervos do cotoco obliterado, de forma que nenhuma mão robótica jamais vá responder aos seus comandos.

O rosto de Obdur fica pálido, embora, para o crédito dele, o sorriso nunca se apague. Em vez disso, ele oferece algumas risadas rudes.

– Um erro de minha parte, almirante. Você está certa, mil desculpas. – Ele lambe os lábios. – Temos sua aprovação para essas imagens? Ou precisamos revisar?

Sloane hesita. Acidez sobe pela sua garganta como veneno. Fazer isso a destrói, mas ela finalmente concede:

– Deixe-as ir como estão. Estão aprovadas.

Então a verdade a atinge, clara como um disparo de raio no meio da testa.

Não sou mais uma almirante.

Sou uma política.

O calafrio que percorre sua espinha não pode ser suprimido. O único resgate que ela tem dessa situação vem de sua assistente, Adea Rite. Uma jovem brilhante. Forte e determinada. Sem mencionar que é provavelmente leal.

Sloane pensou que a garota tinha se perdido, mas o alcance da frota do almirante Gallius Rax é bem longo, de fato.

Ele tem gente infiltrada na Nova República, e tirá-la de Chandrila – antes que ela sequer fosse colocada em uma cela – foi um favor que fez a Sloane. Um pelo qual ela está verdadeiramente agradecida, porque o Império precisa de mais Adeas Rites e menos Ferrics Obdurs.

– Almirante – Adea chama.

– Você deveria estar fazendo isso – Sloane diz em voz baixa. – Deveria ser você a encarregada dos nossos esforços de propaganda.

– Estou certa de que eles estão fazendo o seu melhor, e eu faço o meu melhor ao seu lado.

Diante disso, Sloane encontrou um raro sorriso.

– Qual é o próximo compromisso?

– Um novo tópico na sua escala.

– Ah é?

– Ele requer a sua presença.

– Ah. – Ele. Gallius Rax. O “conselheiro” dela. – Quando?

– Agora, almirante.

Com aço na coluna e bronze na voz, ela diz:

– Vamos lá.

O que Rae Sloane sabe a respeito do almirante de frota Gallius Rax é muito pouco. O que ela *sabe* é

que ele apareceu como alistado na marinha duas décadas atrás. A estreia de Rax, aos 20 anos, aconteceu em uma classificação anormalmente alta para alguém com pouca ou nenhuma experiência: ele se alistou e imediatamente foi designado para a AIN – Agência de Inteligência Naval –, recebendo o posto de comandante. Seus relatórios ignoravam seus superiores, e até mesmo os escritórios dos vice-almirantes Rancit e Screed. Em vez disso, os relatórios iam *apenas* para Wulf Yularen, que pereceu na primeira Estrela da Morte durante o ataque dos terroristas rebeldes.

Quando Yularen morreu, os relatórios de Rax foram direto para o topo: para o próprio imperador Palpatine.

Pior de tudo, a maioria deles permanece com 90% de seu conteúdo em sigilo. E *isso* significa que são quase inteiramente incompreensíveis. Ela tem os dados do serviço de Rax na AIN sob o comando de Yularen e depois sob o comando de Palpatine, e essa é toda a informação utilizável que Adea foi capaz de puxar dos registros.

Examinar as porções não censuradas dos relatórios ajudou pouco para completar a imagem. Com base nisso, ela concluiu que a maioria das operações dele foram na Orla Exterior – mas ela também estava lá e não tinha nem *ouvido* falar dele até os últimos anos.

Depois disso, as informações sobre Rax são angustiantemente ralas. Ele é considerado um herói do Império Galáctico e coletou uma série de medalhas: a Estrela Nova, a Medalha de Serviço, a medalha de Guerra Galáctica contra Insurgência, o Sol Dourado e a garbosa (embora ambígua) medalha Vontade do Imperador. E ainda assim, a informação de como ele ganhou tudo isso ou mesmo quando foi sequer *condecorado* não está listada.

Rax é um espectro – antes apenas um nome, mas de repente convocado e manifestado. É assim que ela se sente quando o encontra, como se estivesse encontrando o holograma de um homem morto, feito para passar como real.

O sentimento não é diferente agora.

Ela entra no quarto dele. Ele a fazia encontrá-lo ali, em seus aposentos, em vez de na ponte de comando. (“Lá é o seu território”, ele lhe dissera. “Eu não controlo esta frota. Você controla.” Ela completou o resto da declaração para si mesma: *Mas eu controlo você, “grã-almirante” Sloane.*)

O quarto dele é muito menos austero do que se esperaria da estética imperial. Ele pontuou os cinzas e pretos com salpicos de cor: uma estranha tapeçaria vermelha na parede cuja complexidade labiríntica é enlouquecedora se você olhar para ela por muito tempo; um tanque cilíndrico cheio de criaturas de água diáfanas com órgãos brilhando em diferentes cores; uma corrente dourada que conecta duas vibrofoices, a arma pendurada em sua própria caixa de vidro à prova de raios com uma luz para revelar as escrituras ornamentadas gravadas nela.

No momento, uma nova cor enche o quarto: o brilho azul de um mapa galáctico. Sloane pode ver as divisões territoriais, e fica mais fácil identificar o estado atual de agitação política. A galáxia foi massacrada e costurada em um edredom feio. Alguns sistemas foram para a Nova República, e muitos se separaram em seus próprios feudos. As porções da galáxia que o Império controla foram reduzidas. A

Nova República teve um efeito deletério; seu assalto tem sido incessante e eficaz. De repente, mesmo olhar para o mapa a sobrecarrega. Ansiedade rasteja dentro dela.

Rax, porém, parece imperturbável por essa ansiedade, o que deveria ser reconfortante, mas, ao contrário, só serve para fazê-la se sentir ainda mais sozinha.

Lá está ele, não mais vestindo um uniforme de almirante, mas sim um roupão. É vermelho como sangue. Quando se encontra com outros, ele tende a vestir o uniforme de almirante da frota – seu papel formal enquanto serve como suposto conselheiro –, mas aqui, nos seus aposentos, ele muitas vezes se veste mais confortavelmente. Rax se vira em direção a ela com aquela expressão confiante e feroz fixada no rosto. Uma sobrancelha arqueia, e ele abre os braços.

– Almirante Sloane. Obrigado por vir.

Como se eu tivesse alguma escolha. Quando o titereiro puxa as cordinhas...

– Claro – é tudo que ela diz em resposta.

– Como nosso Império está indo? – Isso é dito com uma leve ironia. O sarcasmo é aplicado com uma camada tão fina que seria indetectável para muitos. Mas Rae escuta. Ela se lembra das palavras dele em uma noite, meses atrás: *Esta não é mais a nossa galáxia.* Ele explicou a ela que eles tinham perdido. Que o Império que ela servia era... quais eram as palavras que ele usou? Deselegante. *Bruto.*

Aço na coluna. Bronze na voz.

– Estamos nos concentrando demais nas batalhas de propaganda... Corações e mentes serão influenciados por vitórias militares sobre a Nova República, não por pôsteres colados em paredes de cantinas.

Ele solta um *hmm*, então caminha através do mapa galáctico fantasma com um passo dramático e um gesto vistoso da mão.

– Você levanta um bom ponto. A ação militar ainda não está em nossas estrelas, mas mande Obdur encontrar imagens de nós acabando com alguns traidores da República. Cenas de batalha. Violentas, mas não *muito* violentas. Nós devemos parecer heróis-conquistadores, não bandidos. Isso aliviaria suas preocupações, almirante Sloane?

Não, ela pensa. Mas em vez disso ela assente, rígida.

– É um começo. Mas estou desconfortável, *cada vez mais* desconfortável com esse artifício...

Ele a interrompe nesse ponto.

– Rae, você sabe alguma coisa de ópera?

– O quê?

– Ópera. O Ciclo Nonagon? *Esdrít e Tholothian*? *A obra-prima de Illure Beelthrak*? Até mesmo os Hutts têm uma ópera: uma narrativa bem... *desagradável* de traição e reprodução. *Lah'chispa Kah Soh-na*. – Ele faz uma careta. – A galáxia deveria ser poupada de ouvir a cantoria de tais vermes.

– Eu conheço ópera, embora não seja uma entusiasta.

Ele bate as mãos.

– Então torne-se uma. Vai tornar nossa parceria mais gratificante para você. A ópera me comove.

Apesar disso, nada dela é real. Aí reside o cerne do que você precisa entender: algo não precisa ser real para ter um efeito. Os instrumentos e a canção, o drama e o melodrama, a empatia e a tragédia. Tudo mentira. Uma *ficção*. Ainda assim, o que acontece no palco transmite um tipo de verdade. Fatos e verdade são coisas separadas. Estou mais interessado na verdade do que no fato. Estou confortável com o artifício quando se adequa às nossas necessidades. E aqui, ele faz isso.

– Mas...

Ele parece subitamente impaciente. As narinas se dilatam e as mãos se fecham em punhos.

– Concordamos que a Nova República é perigosa, não é?

– Concordamos. Claro.

– Conseguimos ver isso porque somos mentes *elevadas*. Mas a maioria das pessoas é idiota. Sei que você concorda comigo nisso. Então, enquanto você e eu conhecemos a realidade, não vejo nada de errado em levar as mentes fracas a uma conclusão que já alcançamos. Eles precisam desse tipo de drama e melodrama para levá-los a um entendimento que foi fácil para você e para mim. Chegamos a isso naturalmente. Outros devem ser conduzidos, até empurrados. Está mais claro?

Sloane engole em seco. Embora a voz dele esteja calma e contida, a raiva é clara em seu rosto. Ele crepita com uma espécie de intensidade silenciosa. Uma vez, uma vida atrás, ela estava reabastecendo sua nave – a *Estrela do Medo* – em um depósito flutuante no Mar de Carawak na nona lua de Tilth. Uma tempestade estava chegando, e o mar ficou com uma aparência diferente. As ondas tornaram-se cinza-chumbo e, embora permanecessem baixas, agitavam e espumavam. Quando a tempestade finalmente atingiu... o mar se tornou um monstro.

Rax faz ela se lembrar disso.

Quando será que o mar vai se tornar uma tempestade? Será que ele vai virar um monstro?

Talvez ela seja paranoica demais.

– Está claro – ela responde, por fim. – O que está menos claro é o nosso objetivo.

– Nosso objetivo é o ressurgimento do Império. Um Império mais forte e mais magro. – Ele sorri.

– Sim, mas como? Não fizemos nenhuma abertura até Mas Amedda, que permanece entrincheirado em Coruscant. Vamos eleger outro Imperador? Embora o nosso encontro em Akiva tenha sido... – *Um engano perigoso e inexperiente*, ela pensa, mas não fala. – ... um ardil necessário, não elimina a necessidade de unidade. Temos moffs se rebelando e alegando que Palpatine está vivo, temos o grão-general Loring enfiado em Malastare, temos...

– Tenha fé em mim, Rae. A fé vai iluminar o nosso caminho. Deixe que eu me preocupe com todos esses problemas. Essas são questões futuras. No presente, tenho tarefas para você. Uma por enquanto, mas outras se seguirão.

Tarefas. Como se ela fosse uma menina de recados com uma lista de coisas a fazer. Esse sentimento é estranho para ela. Seria porque ela controla o Império nominalmente, mas não na realidade? Seria porque ela não tem ideia de quem Rax é de fato ou se ele é merecedor da honra exigida para comandá-la?

Seria porque ela simplesmente não confia nele?

Ele começa a caminhar ao redor da sala, as mãos unidas firmemente atrás das costas.

– Eu preciso que você pegue alguém para mim.

Pegar. Outro termo humilhante. Como se ela fosse apenas um animal de estimação perseguindo uma vara ou uma bola.

– Quem?

– Brendol Hux.

Esse nome – ela o conhece, não é? Hux, Hux, Hux...

– Comandante Hux? – ela pergunta, de repente. – Da Academia Arkanis. – Mais uma vez, um estranho e inominável medo ondula através dela. Hux treina crianças. As melhores e mais brilhantes que o Império tem para oferecer.

– O próprio.

– Arkanis está sob o cerco das forças da Nova República enquanto falamos. – *Estamos, de fato, perdendo esse sistema.*

– Sim, e eu quero que você o resgate pessoalmente.

– Resgatar? Resgatar de verdade? Ou você está usando uma metáfora?

Não seria a primeira vez que Sloane seria encarregada de erradicar membros do Império que Gallius Rax considerava ineptos ou um concorrente. Os eventos em Akiva foram apenas o começo nesse sentido, e a lista dos desaparecidos e mortos em suas mãos tem crescido consideravelmente desde então. Rax se refere a esse espanar do Império como o afiar de uma lâmina, mas mesmo assim ela acha a ideia problemática.

Até mesmo doentia.

Ele mostra os dentes em um sorriso.

– Por enquanto, resgate. Espero que ele aprecie nossos esforços e, em *boa-fé*, junte-se a nós. Ele tem um filho, um bastardo, pelo que sei. Não da esposa dele, Maratelle, mas de alguma... *cozinheira*. Não se preocupe com a mãe ou a esposa, mas uma criança é uma criança e sangue é sangue, por isso certifique-se de que o menino seja resgatado também.

– É sábio alocar recursos para resgatar esse garoto?

– O Império deve ser fértil e jovem. As crianças são cruciais para o nosso sucesso. Muitos de nossos oficiais são velhos. Precisamos de vitalidade. O tipo de *energia* que recebemos dos jovens. O Império precisa de crianças.

O Império precisa de crianças.

Essa frase se repete em sua mente muitas vezes.

A cada vez, fica mais assustadora.

E ainda assim, ele não está errado, não é? A Nova República é controlada por jovens. Embora isso possa ser ingênuo, os rebeldes são crentes. Eles são vibrantes e, embora nem sempre capazes, direcionados. Ela acrescenta:

– Podemos restabelecer alguns dos programas de reprodução dos primeiros dias do Império. Para

encorajar os nossos povos a começarem ou aumentarem suas famílias. Podemos recompensá-los por isso.

As mãos dele se juntam. Ele sorri.

– Eu sabia que formaríamos um bom time, Rae. Quando terminarmos com a galáxia, não haverá mais mundos para conquistar. Eles serão todos nossos. Obrigado.

– Disponha. – Ela oferece um aceno de cabeça reticente.

– Uma vez que toda esta bagunça esteja resolvida e Hux estiver conosco, eu acredito que teremos nosso Conselho das Sombras e o futuro do Império será claro.

Conselho das Sombras? Ela nem precisa perguntar. O olhar em seu rosto é suficiente para induzir a resposta do almirante Rax:

– Sinto muito, eu não lhe contei? Estou formando um Conselho das Sombras para governar o Império dos bastidores. Apenas os melhores entre nós: a primeira e mais alta ordem das mentes imperiais. Uma vez que Hux estiver a bordo, teremos nosso encontro inaugural, e você é, naturalmente, um membro. Mas falaremos mais sobre isso quando você voltar. Viaje com segurança, almirante Sloane. Que as estrelas acelerem o seu sucesso.

Agora, vai pegar, ela espera que ele diga. Mas tudo que ele faz é se virar e entrar de novo no brilho azul do mapa estelar.

* * *

As palavras de Gallius Rax se agarram a ela como um mau cheiro. *A fé vai iluminar o nosso caminho. O Império precisa de crianças. Estou formando um Conselho das Sombras...*

Não é assim que se governa um Império. O homem quer uma religião, não um governo. Os rumores a respeito de Palpatine sempre variaram do estranho ao sinistro: contos de fadas sombrios em que ele sacrificava criaturas ou caçava crianças; histórias de que desaparecia por meses a fio; temores que o velho fosse eterno e não tivesse vivido uma só vida, mas muitas. Não importava quão verdadeiras ou falsas fossem essas histórias, um fato permanecia verdade: Palpatine nunca deixou o Império cair na instabilidade. Ele governou como mais do que um político e mais do que um teocrata com capuz. Os mundos imperiais nunca ficaram famintos. Nunca foram deixados sem lei. Embora a galáxia tenha sido pega com rapidez e firmeza na manopla revestida com carbono do Império, foi para o seu bem – a galáxia era grande demais para ser deixada por conta própria, louca e dispersa demais para sobreviver sem uma governança forte e uma visão clara para unificá-la. Se Palpatine sabia alguma coisa, era como colocar as pessoas para conduzir a máquina. Ele confiava nelas. Ele as deixava fazer o seu trabalho. O imperador sabia como delegar.

Rax segura muita coisa, de muito perto. Mantém as mãos em todos os controles.

Sloane não sabe qual é o propósito final. E isso a incomoda. Gallius Rax está apaixonado por esse artifício. O que ele está escondendo?

Adiante, na direção do turboelevador, Adea espera. As costas da garota estão retas, e os olhos são

cintilantes e claros: *isso é o orgulho do Império. Adea Rite é o tipo de pessoa que eles devem se esforçar para elevar; uma administradora, leal e verdadeira, apaixonada por dados, logística, causa e efeito, verdade e desafio. Ela é uma imperial muito melhor do que alguém como Brendol Hux – uma coisa rastejante que vê as pessoas como ferramentas e adereços. (Não é de surpreender, ela pensa, que Rax o queira vivo.)*

Por um momento, a mente de Sloane vaga para uma fantasia na qual Adea Rite é mais do que apenas sua assistente – Adea seria uma ótima filha. Sloane nunca escolheu este caminho, claro; nunca pensou em criar uma família que se tornasse mais uma desculpa para os homens no poder tentarem evitar que ela subisse nas fileiras. Só que agora ela se pergunta como sua vida teria sido se ela tivesse ido por esse caminho. Uma família. Um marido. Uma filha como Adea...

Sloane entra no turboelevador, e Adea a segue e lhe entrega um datapad com um cronograma ajustado. A porta se fecha atrás delas, assim como se fecha a fantasia de Sloane de ter uma família. Esse sonho chegou tarde demais, ela decide.

Sloane pega o datapad, mas não olha para ele. Em vez disso, seus olhos se fixam em um ponto qualquer a mil quilômetros de distância.

– Tem algo errado? – Adea pergunta.

O turboelevador começa a se mover, levando-as para os níveis mais baixos da *Dilacerador*, o último superdestróier estelar do Império. Mas uma pergunta repentinamente persiste: será mesmo? Ela aceita isso como um fato, mas Rax tinha dito que *fatos e verdade são coisas separadas*. Sloane lembra que chegou a hora de fazer um novo inventário de todas as naves da marinha. De fato...

Ela para o turboelevador.

– Adea – ela fala. – Preciso da sua ajuda.

A jovem olha em volta, confusa.

– Por que nós...?

– Porque essa é uma conversa sensível e não quero ninguém em quem eu não confie ouvindo. – *E a lista das pessoas em quem eu confio é menor do que eu gostaria.* – Eu... admiro o almirante Rax, mas ele é um enigma. Não tenho certeza se confio que sua mão será firme para governar o Império.

Adea é uma das pessoas bem cientes de que o poder de Sloane no Império é secundário ao de Rax. Muitos dos oficiais desta nave sabem disso, o que significa que, em última análise, muitos no Império saberão em breve.

Sloane, porém, não pode se preocupar com isso agora.

– Vou fazer outra busca no passado dele – Adea diz.

– Não. Eu cuidarei disso desta vez. Não porque não confio em você, mas porque preciso de você em outras coisas. Primeiro, quero um inventário adequado de todas as naves que estavam no serviço imperial quando Palpatine ainda vivia. Segundo, preciso que você me ponha em contato com o caçador de recompensas novamente. Encontre Mercurial Swift e providencie um encontro. Ah, e também vou precisar do rascunho de uma nova iniciativa de programa de reprodução. Para cada criança que um

imperial tiver, a família recebe uma recompensa: créditos, talvez, ou um aumento de férias remuneradas.

Você consegue fazer essas coisas para mim?

– Consigo.

Essa resposta: preciosa e perfeita.

Consigo.

Sem discutir. Sem perguntar. Apenas uma afirmativa.

– Muito bem.

– O que você vai fazer, almirante?

– Tudo está preso num nó agora, Adea, e eu não consigo desatá-lo. Você sabe a melhor maneira de desfazer esse tipo de nó? – Ela sorri. – Você o corta.

Interlúdio:
Velusia

O atol de Kolo-ha: a boca de um vulcão submerso extinto empurrada para fora da água e com nova vida como uma ilha. Essa ilha é uma coisa em forma de garra, o solo é rico e preto como fuligem em pó. As plantas que crescem da florestinha são retorcidas, com flores brilhantes cujas pétalas agarram o ar enquanto insetos passam zumbindo. Além da ilha existe um anel de sedimentos cintilantes sob o mar – um agregado de matéria cristalina que, na verdade, é composta de cadáveres fossilizados de gelatinosos chomongs, criaturas do mar à deriva que se parecem com gotas diáfanas de carne brilhante.

Os Velusianos locais os comem, Mon Mothma tinha dito antes de acrescentar: crus.

Leia estremece ante a lembrança. Seu tempo como princesa, embaixadora e general a fez passar por uma sequência profana de experimentações culinárias e tribulações – coodler-roe em conserva em Goliath Mal (só a textura já bastou para assombrá-la), fruta durang meio rançosa (que provou não ser diferente do cheiro da morte), mandlertok espetado em uma fogueira (ela admite que aqueles lagartinhos eram até que bons, na verdade, uma vez que você superasse o modo como eles *estouravam* quando eram mordidos). Curiosamente, o pior de tudo continua sendo a pasta de proteína que às vezes eles tinham de comer nos primeiros dias da Aliança. Parecia e tinha gosto de calafetagem de casco. De fato, poderia ser calafetagem de casco, até onde ela sabia.

Comer coisas estranhas é o que você faz com cidadãos galácticos que não são você, ela lembra a si mesma. É uma honra bem-vinda, ainda que ocasionalmente desconfortável. Felizmente, essa não será a tarefa dela hoje. Os Velusianos nativos não ocupam a ilha de Kolo-ha. Ninguém ocupa.

Ela está no convés de um cruzador flutuante – que já foi um cruzeiro de lazer luxuoso, embora tivesse visto dias melhores. Grande parte do equipamento que a Nova República possui é amassada, rachada, marcada por explosões ou apenas *velha*. Isso está mudando de forma muito lenta, conforme eles fortalecem sua própria máquina política e expulsam o Império, sistema por sistema. Mas, por enquanto, esta coisa velha – que faz uma transição boa o bastante do mar para as estrelas – terá de ser suficiente.

Enquanto Leia está lá de pé, uma mulher de branco se junta a ela – com ela, aquele flash de cabelo vermelho-fogo que desmente um sorriso calmo e apaziguante. Mon Mothma tem esse efeito. Ela é serena, mesmo quando está preocupada ou com raiva.

– Você parece tão incerta – Mon diz.

– Tudo isso está bastante bagunçado – Leia responde. – O que estamos fazendo aqui? Isto com certeza

não pode ser um pleito real.

– Talvez não seja. Parece sério o suficiente. E não é como se estivéssemos desprotegidos. – Os olhos da chanceler flutuam para o céu. Lá, além da atmosfera, está uma frota da Nova República. E diante deles, no atol, os seus próprios soldados, a elite, os mais *capazes*, na espera do que está por vir. – Eles já vasculharam a ilha. Relaxe, Leia. Estamos em segurança.

– Pode ser uma armadilha.

– Você parece paranoica.

– Como eu deveria ser – Leia afirma. – Cada coisa boa nesta galáxia parece se retorcer em nossas mãos como uma serpente. Logo que eu penso que a pegamos pela cauda, ela gira a cabeça e morde.

– Onde está aquela idealista que conheci em Alderaan? – Um sorriso raro repuxa a boca de Mon. – Não nos vemos o suficiente, Leia. Sinto saudades. Como está o seu marido?

– Bem – Leia mente. Então acrescenta outra mentira ao monte. Uma vez que você estabeleceu uma fundação, por que não construir uma casa e viver lá? – A missão dele está indo bem. Ele é um homem mudado.

Mon a observa. É suspeita brilhando em seus olhos ou apenas mais paranoia da parte de Leia?

– Imagino que deva ser difícil estar casada no meio de tudo isso. Mas prometo que a transição acabará em breve. E paz, prosperidade e, que as estrelas nos ajudem, um pouco de *normalidade* voltarão rápido o bastante. – Mais uma vez seus olhos se erguem para o céu. Leia também a vê: uma nave que entra na atmosfera. Um transporte de mineração indeterminado: um Kinro 9747. Mesmo dali, Leia pode ver as cicatrizes de plasma e as marcas de escombros.

De trás delas, vem a voz do sargento de pessoal Hern Kaveen – um Pantorano barbado que trabalha na proteção da chanceler. (Disseram a Leia que ela também precisava de uma escolta, mas a princesa disse a eles que ela seria sua própria escolta, muito obrigada.)

– Ele está aqui, chanceler – Kaveen avisa. Atrás da nave de mineração, voam dois Y-wings a flanqueando, com as armas prontas, só para garantir.

– Ele está sozinho? – Leia pergunta.

– É apenas uma nave e apenas uma bio-assinatura a bordo.

No atol, um espaço foi reservado sobre a praia para a aterrissagem – e o Kinro 9747 paira sobre a plataforma improvisada, sua exaustão soprando uma onda sibilante da areia no mar antes de finalmente pousar.

Um bando de soldados da Nova República, com as armas levantadas, cerca a nave. Logo que a rampa desce, eles correm para dentro.

Apesar do caloroso ar doce do mar, Leia subitamente sente frio. Ela sabe o que poderia acontecer: a nave detonar de repente e matar aqueles homens. Ou talvez ela esteja cheia de algo pior: um agente biológico, uma arma química, *uma criatura faminta*, como um monstro rancor ciberneticamente alterado... A essa altura, nada a surpreenderia exceto o rosto escuro e reluzente do próprio Vader saindo da nave para a areia.

Então, porém, Kaveen fala com os soldados pelo comunicador.

Ele dá a resposta deles:

– Chanceler, eles disseram que está tudo seguro.

Mon assente com a cabeça.

E isso é tudo que é preciso.

Os soldados escoltam o piloto da nave de mineração para a praia.

Mas Amedda é uma figura imponente. Sua pele de Chagriano é do tom azul-acinzentado de águas revoltas (não combinando com a água brilhante do oceano ali em Velusia), e seus tentáculos longos com pontas de chifre lhe dão a aparência de algo afiado e venenoso. O que, Leia supõe, não é inteiramente impreciso: ali está o homem que já foi o chefe de gabinete do imperador Sheev Palpatine e agora se tornou o imperador por procuração, pelo menos no nome e na política.

Ele as observa da praia. O olhar permanece fixo nelas, na verdade, mesmo quando os soldados amarram suas mãos atrás das costas e o ajudam a subir no seaspeeder. O transporte gira na água e voa na direção do velho cruzeiro, trilhas duplas de borrifos de mar em seu rastro.

– Lá vamos nós – Leia diz.

Conforme ele se aproxima, ela vê que não é mais uma figura tão imponente assim. Ele parece *velho*. Desgastado e puído. Os tentáculos que cobrem sua cabeça parecem murchos. O olhar é vazio e, Leia arrisca dizer, sem esperança.

O seaspeeder diminui a velocidade até parar abaixo do convés do cruzeiro.

Leia e Mon chegam até a beirada e olham para baixo.

– Posso subir? – Ele oferece um sorriso sem vida.

– Não – Mon responde. – Você vai falar de onde está.

Ele não desperdiça tempo.

– Eu me ofereço como prisioneiro. Eu, grão-vizir Mas Amedda, líder do Conselho de Governo Imperial, estou me entregando à chanceler Mon Mothma e à princesa Leia Organa da *Nova República*. Podem me levar.

É a vez de Leia falar:

– Não.

Um choque tectônico percorre o rosto dele.

– O... quê?

– Não aceitamos sua “rendição”.

Ele se volta de repente para os soldados, em pânico.

– Você vão me matar? Aqui e agora? Não são capazes. Vocês não *fazem* isso. Isso... isso não...

Mon interrompe:

– Acalme-se, Mas. Nós não executamos nossos prisioneiros ou aqueles que tentam ser nossos prisioneiros.

– Simplesmente não aceitamos você como um prisioneiro – Leia acrescenta.

– E-eu... – ele gagueja – eu sou o *líder* do Império Galáctico! Sou seu *pináculo*. Nenhum alvo é maior do que eu. Sou um prêmio!

– Você é o testa de ferro – Mon concorda.

– Eu sei coisas! Nomes, detalhes. Posso ajudá-las. Eu... eu vim até aqui, saí do mundo do trono. – Sua voz treveja, porém o desespero é notável. – Não vou ter minha rendição negada. É contra o Acordo Galáctico dos Sistemas, estabelecido no quinquagésimo ano...

– O Império tem ignorado o acordo há muito tempo. É considerado obliterado, graças aos seus esforços. E os nomes e detalhes que você conhece são, eu suspeito, muito menos impressionantes hoje em dia do que você gostaria que acreditássemos, Mas.

Leia sorri.

– Porém, há um acordo a ser feito aqui se você estiver disposto, grão-vizir.

– Qualquer coisa. Qualquer coisa que vocês quiserem.

– Assine um tratado de rendição.

Ele ri a princípio, então o riso morre em sua boca.

– Vocês... vocês estão falando sério? Vocês querem que eu renda... todo o Império Galáctico?

– Isso mesmo.

– Eu não... – Novamente, ele engole em seco.

Leia suspeita o que ele ia dizer e o ajuda a terminar sua declaração:

– Você não tem o poder para isso, não é?

– Eu...

– Então, recupere. E traga um tratado para nós.

– Isso – a chanceler diz – é o único acordo que faremos e o único que lhe dará uma vida além desta existência. Qualquer coisa menos que isso será respondida com uma acusação de crimes de guerra e um julgamento brutal... se o seu próprio pessoal não o lançar de uma comporta de ar antes.

– E como eu faço isso?

Mon dá de ombros.

– Você é um administrador. *Administre*. – Então, com um leve aceno de cabeça, os soldados o viram de costas, encarando a ilha. Os motores do seaspeeder ribombam e o transporte volta para o atol. Por todo o caminho, Mas Amedda protesta e implora até que sua voz seja engolida pelo som do mar. De longe, elas observam enquanto ele é tirado do speeder e jogado na areia. Os soldados cortam as cordas. Ele é deixado lá de pé, boquiaberto e em choque.

– Era nossa única jogada – Mon afirma.

– Eu sei. Para um peixão, ele é surpreendentemente pequeno. Ainda assim, eu me preocupo se não cometemos um erro terrível. Poderia ter sido um golpe. Poderíamos ter mentido que ele é uma vitória para a Nova República.

– É. Verdade. Só que você não me parece o tipo que quer mentir. A menos que a guerra a tenha mudado...

– Não mudou. Eu prefiro jogar a partida maior e garantir uma vitória real, não uma cerimonial. – Leia suspira.

– Bom. Agora vamos voltar para Chandrila. A guerra continua.



CAPÍTULO

4

Eles esperam uma luta, mas o TIE que segue a *Halo* dá meia-volta antes de ultrapassar a atmosfera e retorna à superfície de Vorlag. Lembrando que essas coisas são geralmente como rebarbas presas às suas costas, Norra meio que se pergunta se há algo que eles não sabem – talvez estejam voando para uma armadilha, ou para dentro de algum campo de asteroides no qual o TIE nunca sobreviveria. (E, mesmo assim, ele não continuaria a seguir?)

Mas o caça imperial vira e se afasta, lançando alguns tiros preguiçosos antes de acelerar e desaparecer.

Temmin se senta aos controles e diz:

– Isso foi estranho.

– Foi mesmo. – Embora ela esteja começando a bolar uma teoria. – Talvez o Império esteja bastante danificado. Talvez eles não possam perder nem mesmo um único TIE. Ou talvez simplesmente não se importem mais.

– Você quer dizer que... talvez a gente esteja ganhando? – Temmin pergunta.

– Talvez, Tem. Talvez.

A explosão de confiança e conforto em seu coração não dura muito tempo – do lado de fora da cabine, na parte de baixo da *Halo*, vozes altas sobem em clamor.

Oh-oh.

– Fique aqui e comece a configurar as coordenadas do hiperespaço – ela diz para o filho, então se levanta e se dirige para a barriga da nave. A *Halo* não é grande: a cabine é apertada, o compartimento principal mal é capaz de conter todos eles de uma vez. Atrás dele fica a cabeça da nave e a ponte para duas pessoas e, depois, dois quatinhos. Na popa fica a sala de máquinas (que não é uma sala, mas, sim, um espaço minúsculo em que você tem que rastejar para conseguir fazer qualquer coisa). É uma nave para viagens rápidas, não voos de longo curso. Não há muita privacidade. As brigas ali crescem, se recusam a ser *contidas*.

No compartimento principal, Jas está agachada ao lado de Sinjir, cujo braço está inchado como um sanguessuga – sua testa está úmida e ele estremece enquanto ela passa nele algum tipo de unguento pegajoso encontrado em um kit de primeiros socorros meio vazio que acharam. Ossudo fica por perto, a

cabeça bicuda de droide virando de um para outro para assistir à troca. Sobre ela, está Jom Barell, repreendendo-a com raiva e pontuando cada palavra com um golpe no ar de seu dedo grosso e calejado.

– Você não pode simplesmente... *mudar o plano* sem nos dar nenhum tipo de sinal. Poderíamos ter morrido, Emari. Poderíamos...

A caçadora de recompensas se levanta rápido, como se estivesse pronta para atacar. Mas, em vez disso, tudo que faz é sorrir e dar um tapinha na bochecha de Jom como se ele fosse uma criança e ela, sua mãe.

– Eu não mudei o plano, Barell. Esse era o plano o tempo todo.

Ele fica abalado. Olha para Norra e, sem palavras, faz a pergunta óbvia: *Do que ela está falando?*

Mas Norra não sabe. Então ela pergunta:

– Jas, o que você quer dizer?

– Eu *quero dizer* – Jas começa, abrindo caixas e puxando gavetas como se estivesse procurando algo – que eu sempre planejei fazer desse jeito.

– E não contou isso para *nós*, contou? – Jom agarra-a e a vira para eles, mas Emari se solta rapidamente e o empurra para longe, com força. – Ei!

– Não – ela avisa.

– Você planejava nos enganar o tempo todo, então? – Jom pergunta.

Ela nega com a cabeça.

– Planejava enganar a *todos*. Eu juro, Barell, você é tão ridículo quanto esse tapete puído de pele de yark que usa no rosto.

– Por quê? – Norra pergunta. – Por que você faria isso?

Jas range os dentes.

– Vocês viram o cartaz de procurados? *Todos* nós estamos nele. Meu rosto inclusive. Eu sou uma caçadora de recompensas com uma recompensa pela minha cabeça. Estou comprometida. De jeito nenhum Slussen e Gedde iam apenas me deixar entrar ali e correr por sua pilha de esterco de palácio como uma aranha se esgueirando. Eu tinha uma jogada e fui com ela. Vendi vocês. Então, quando eles estavam distraídos com vocês, eu me enfiei no quarto de Gedde e esperei por ele. Eu paguei um dos escravos para colocar chaves ao redor dos pescoços dos animais. Então esperei. – Uma cintila brilha nos olhos dela. – Além do mais... – Ela bate nos bolsos, que tilintam. – Isso significa que serei paga duas vezes, o que nunca é ruim, certo? Eu realmente tenho contas pra pagar.

– Você deveria ter *contado* para nós – Norra diz, fervendo de raiva.

– Vocês não entendem, não é? É isso que eu faço, mas não é isso que *vocês* fazem. – Os dedos de Jas Emari desenham um perímetro invisível no ar, contendo tanto Norra como Jom. – Vocês são um par de rebeldes de olhos brilhantes envolvidos pelo bem da galáxia. Não são caçadores de recompensas. Não são *ruins*. Eu sou, eu consigo fingir. Consigo mentir, enganar, ludibriar e continuar sorrindo o tempo todo. Vocês não são assim, não posso confiar que não vão entregar o jogo.

Sinjir, atordoado, levanta o braço cheio de bolhas vermelhas.

– Ah. Oi? Disseram que eu ganharia uma injeção de bacta? Alguém? Não?

– *Ele* sabia? – Jom grunhe, apontando para o ex-imperial. Depois, acusa Sinjir diretamente: – Você sabia?

– Eu não sabia – Sinjir responde, um pouco irritado.

– Eu sabia.

Todos se viram. Lá está Temmin, radiante.

– Que foi? – ele pergunta, levantando as palmas, na defensiva. Norra vê um vislumbre do pai nos olhos do menino, logo ali: um brilho brincalhão e travesso. – Jas confiou em mim e disse que era a coisa certa a fazer. Ela disse que eu tinha que estar pronto.

O queixo de Norra cai. O filho mentiu para ela. (*De novo*, ela recorda a si mesma.) Ela faz seu melhor para apaziguar o súbito fluxo de raiva crescendo dentro de si, mas se sente, por um instante, lamentavelmente fora de controle. Como se as coisas estivessem escorregando de suas mãos e se afastando velozes. O filho, o time, a missão.

Então, quando Jom aponta para ela e diz:

– Controle seu garoto –, ele se torna o receptor involuntário de sua fúria, que ataca como o estalo de um vibrochicote.

– Eu sou a líder desta equipe – ela sibila as palavras entre os dentes cerrados. – Não você. Eu vou lidar com ele como escolher.

– Talvez você não devesse ser líder – ele diz, com um dar de ombros que consegue ser agressivo.

– Bem, ela é nossa líder – Jas afirma, passando por ele. – Se não gosta disso, vá procurar outra espaçonave para colocar sua balsa gravitacional. Tenho certeza de que as Forças Especiais ficariam felizes em tê-lo de volta, empestando o ar com seu ego. Agora saia do meu caminho, Barell. Preciso pegar aquela injeção de bacta e um pouco de gaze para o senhor braço-de-calamari ali.

Sinjir faz uma careta.

– Isso machuca. Bastante.

Norra vai até o filho e cutuca-o no peito.

– Você – ela fala baixinho. – Você e eu teremos uma conversa sobre isso.

– Oh-oh – ele diz.

– Oh-oh mesmo.

Ela espera que a briga tenha acabado, mas está longe de acabar. Mesmo quando Jas sai para procurar por outro kit de primeiros socorros (“De preferência, um com uma injeção de bacta”), Barell a segue, ainda rosnando de raiva.

– Espere aí – Norra diz ao filho, então vai acabar com a briga de uma vez por todas.

– Eu sabia que nunca deveria ter confiado em você – ele afirma, de pé na entrada enquanto Jas vasculha um dos compartimentos inferiores. – Trazer uma caçadora de recompensas a bordo? Antilles deve ter batido a cabeça bem forte quando foi pego pelo Império...

Jas ri, finalmente encontrando uma injeção de bacta.

– Você entendeu errado, Barell. Este time precisa de alguém como eu. Eles não precisam de um bruto cabeça-dura, obcecado com a lei e que tem a imaginação de um carrinho de mineração. Precisamos de *flexibilidade moral*.

– Eu sou flexível. Eu tenho imaginação. – Ele entra na sala com tudo, os punhos fechados ao lado do corpo. – Eu não sou um de seus alvos. Sei cuidar de mim.

Pá. Jas lhe dá um tapa com uma palma aberta.

– Pode mesmo? Sério?

Ele recua por um momento, esfregando o rosto. Sua mandíbula crepita e estala quando ele a move para a esquerda e para a direita. Esse momento passa rápido.

– Sua... – ele grunhe e assume uma posição de luta. Os dois punhos em frente ao rosto, as pernas separadas. Jas começa a fazer um meio círculo na frente dele, seus membros soltos. Ele ataca, mas Jas o bloqueia. Ela chuta com uma perna e ele se vira para dentro, recebendo o golpe no lado de fora do joelho.

Os dois se movem um ao redor do outro como um par de criaturas selvagens que foram colocadas na mesma jaula.

Norra grita:

– Parem com isso. Os dois. Vocês não são um par de murras na época do acasalamento, batendo chifres...

O oficial das Forças Especiais estapeia Jas com uma mão larga, mas ela se inclina para baixo, deixando-a passar pelo ar livre. A caçadora de recompensas se move rápido, enganchando a perna ao redor dele e girando-se sobre as costas do homem. Os braços dela se dobram sob os dele e os dedos se fecham atrás do pescoço.

Jom ruge. Ele se inclina para trás, chutando com a bota o conector com os controles de porta – que se fecha com um baque.

Quando Norra tenta abri-la, descobre que está trancada.

Do lado de dentro, o clamor aumenta. Algo cai, *bang*. Um chocalho. Grunhidos.

De repente o espaço atrás da porta está lotado. Temmin à esquerda dela, Sinjir à direita. O droide, Ossudo, zumbindo alguma canção louca atrás deles.

– Algum de vocês consegue abrir esta porta? – ela pergunta. Norra tenta o botão de novo e a porta não se mexe.

– Cara, eles estão lutando mesmo – Temmin diz.

Sinjir coloca o ouvido contra a porta. Os olhos se estreitam.

– Bem. Eles *estavam* lutando.

– Ainda parece que eles... – Mas os olhos do garoto ficam do tamanho de luas. – *Ah*.

Até Ossudo assovia – um gorjeio, uma nota dissonante.

O que significa que Norra é oficialmente a última a entender o que está acontecendo. Eles não estão lutando, não é? Atrás da porta, algo faz um estrondo, então chacoalha, em seguida cai. Jom grunhe. Jas ri.

Sons de beijos.

São sons de beijos.

– Opto por ignorar tudo por enquanto – Norra diz, com um longo suspiro. – Tem, vá traçar a rota pelo hiperespaço e nos leve de volta para Chandrila. E leve... isso com você. – Por “isso” ela se refere a Ossudo. O menino e o droide saem, deixando Norra e Sinjir diante da porta.

– Eu nunca recebi minha injeção de bacta – Sinjir diz.

– Acho que vai ter que esperar.

– Se eu esperar muito mais tempo, temo que o meu braço possa estourar como um carrapato. Tá doendo bastante. – Ele faz uma pausa. – E é bem nojento.

Norra suspira.

– Certo, vamos lá ver se há outro kit de primeiro socorros no segundo quarto.

Com uma voz melodiosa, ele responde:

– Obrigado, mamãe.

– Não me chame assim.

– Você é sem graça.

– Isso está ficando muito claro, Sinjir.

A *Halo* sai do hiperespaço.

Lá, aparecendo à vista, está Chandrila – um planetinha azul e verde, agora o lar da nascente Nova República. *Quase idílico*, Norra pensa, com seus mares calmos e colinas. O clima é ameno. As estações estão presentes, mas nunca são dramáticas. As pessoas são pacíficas – talvez um pouco arrogantes, pedantes e interessadas demais em cada manobra política e medida que passa pelo Senado Galáctico. *Este seria um bom lugar para chamar de lar*, ela pensa, então olha para o filho.

– Você está bem? – ela pergunta.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Estou ótimo.

Ela não acha que ele está mentindo, mas sua habilidade em ler as pessoas não se compara à de Sinjir, que pode cortar uma pessoa em suas partes constituintes com um olhar de meio segundo.

– Preciso que você confie em mim – ela diz ao filho.

– Eu confio. – Ele estreita os olhos. – Isso é por causa do lance com a Jas, né? Mãe, é como ela disse pra você...

– A vida é uma série de momentos... – De repente, Norra para de falar, então aperta a base do nariz e suspira alto. – Deuses, estou prestes a ter uma *daquelas* conversas, não é? Eu odiava quando minha mãe tinha essas conversas comigo e normalmente eu saía e fazia o oposto do que ela me mandava fazer, e é isso que *você* vai fazer porque é o *meu* filho. Tão estúpido.

– Tá bom. – Ele revira os olhos. – Não é estúpido. Continue. Eu prometo que não vou, tipo, vomitar nas minhas mãos, nem nada.

Norra hesita.

– É só que... eu quero que você seja bom. Seja bom consigo mesmo e saiba qual é o seu lugar. Não o lugar onde você pensa que as outras pessoas te querem, mas onde você realmente está. Aqui. – Ela põe a mão em seu peito e ele faz uma careta engraçada, porque isso é realmente muito brega e sentimental e ambos sabem. – Você se unindo a Jas... você não é um caçador de recompensas. Você não precisa ser como ela. Pode ser um soldado, mas... – Novamente, ela morde a língua e rosna. – Quer saber? Você também não precisa ser um soldado. Eu só quero que *você seja você*, sem se preocupar com o que o resto da galáxia acha que deveria ser.

– Acho que a galáxia quer que eu seja um construtor de droides rico que vive em um palácio na Orla Exterior.

Novamente, o brilho cintilante do pai cintila nos olhos dele.

– Então vá ser isso – ela ri.

Ele coloca a mão em concha na orelha.

– Ou talvez a galáxia esteja dizendo para eu me tornar um cantor de bar na cantina de uma estação espacial isolada. Eu canto bem pra caramba.

– Olha, não tenho certeza *disso*.

– Oh! Oh, espere! Acho que vou ser um Jedi.

– Agora eu sei que seu cérebro estragou. – Ela gesticula para a tela. – Leve-nos para Hanna City. Gentilmente, dessa vez. Ou Wedge vai querer sua cabeça, e talvez a minha.

O braço parece, bem, *melhor*. Mas não muito. A vermelhidão irritada diminuiu para um rosa um pouco agravado. As bolhas sumiram, mas foram substituídas por crateras de pele seca e enrugada. O braço de Sinjir parece carne velha que ficou pendurada tempo demais no gancho de um açougueiro.

Pelo menos tem todas as sensações de volta. Ele balança os dedos. A pele parece desconfortavelmente apertada. Ainda bem que Norra encontrou alguns analgésicos.

– Olá, mão – ele diz para a mão. – *Olá, Sinjir* – ele faz a mão responder.

Da esquina do compartimento principal da nave vem o som de uma porta se abrindo. E quem não sai valsando dele se não Jom Barell?

– Seu cabelo está um pouco bagunçado – Sinjir observa.

– Quê? – O olhar de Jom se ergue para onde o cabelo está espetado. – Ah.

– Aqui, deixe-me ajudá-lo – Sinjir se levanta e, rápido como uma faísca, está na frente de Jom. Gentilmente, começa a mover os cabelos do homem para trás e colocar no lugar.

– Bem, veja se não é romântico.

– Ah, sim. Falando em romance... estou mesmo feliz que você falou disso, Jomzinho. Você teve uma boa luta com nossa caçadora de recompensas residente?

– Ela sabe como... hã, brigar.

– Oh, estou certo de que sabe. – Enquanto Sinjir continua a ajustar o cabelo do homem, uma mecha por

vez (e agora Jom está começando a parecer mais do que um pouco desconfortável), ele deixa um sorriso de raposa passar pelo rosto. – Uma pequena curiosidade: como você sabe, quando eu atendia aos mandos do Império, servi como agente de lealdade imperial e, às vezes, extrair lealdade dos meus colegas demandava um pouco de *esforço*. Eu aprendi que o corpo humano tem 434 pontos de dor. Sei que é falta de humildade dizer, mas eu descobri outros três por conta própria, embora alterar um manual de treinamento imperial seja como tentar mover uma pedra com uma colher, sabe? Tudo isso é um caminho muito longo para um destino muito simples: sou *excelente* em causar dor.

Jom puxa a cabeça para longe dos esforços de arrumação de Sinjir.

– Você está me ameaçando, Rath Velus? Parece que sim.

– Estou, e por um bom motivo. Quero que você saiba que se machucar Jas Emari em qualquer sentido... emocional, físico, quer dizer, mesmo se você pisar sem querer no pé dela, então vou pessoalmente me certificar de que descubra todos os 434, oh, desculpe, quis dizer 437 pontos de dor no seu corpo. Estamos entendidos?

Uma calma estranha cai sobre Jom – o que Sinjir acha bem inesperado. Ele suspeitava que seu pequeno discurso iria incitar o homem a lutar. Barell parece ser esquentado, afinal de contas. Mas não é o que está acontecendo, é? Em vez disso, Jom cruza os braços e assente.

– Sua lealdade para com ela é louvável – o soldado de elite diz. – Eu vou levar suas, hã, *palavras de sabedoria* em consideração. Embora, para ser honesto, suspeito que, se alguém vai se machucar nesse lance, serei eu.

– É provável.

– E o nosso lance não te incomoda nem um pouco?

Sinjir dá de ombros.

– Certo. Tudo bem. Mas deixe-me perguntar: o que você tem com ela? Fui levado a acreditar que você e ela não seriam... romanticamente compatíveis?

– Não tem nada a ver com isso. Eu a valorizo tremendamente. Eu me sinto conectado a ela. Penso nela como uma “amiga” ou o mais próximo disso possível. – Ele diz a palavra *amiga* como se estivesse em outra língua ou em um idioma alienígena cujo significado contextual completo ele ainda não compreendeu.

– Por um tempo eu pensei que talvez você estivesse de olho em mim. – Jom apenas quer incitá-lo, mas ele decide jogar junto.

– Eu estava. São os pelos faciais. Mas já estou comprometido.

– Sério? – Jom dá um sorrisinho.

– Sério.

– Que bom pra você, cara.

Sinjir coloca mais uma mecha de cabelo do soldado de elite no lugar.

– Divirta-se com Jas. E lembre-se do número: 437. – A *Halo* começa a tremer. As paredes são reforçadas, mas ainda assim o súbito calor que os cerca é revelador, e a nave rebate ao longo das nuvens

como uma pedra quicando através de uma lagoa. – Parece que descemos. Melhor checar o prisioneiro, Jomzinho.

Plataforma de aterrissagem OB-99. Em uma direção estão as colinas e o prado verdejante de Chandrila: a grama balm macia e os orcanthus espinhudos já estão indo do vermelho ao verde com a vinda da primavera, e o sol e as nuvens se deslocam, lançando sombras cintilantes sobre a terra. Na outra direção está o Mar de Prata, águas plácidas tão calmas e cinza quanto ardósia. Sobre a água, bandas de nuvens escuras rolam, cuspidando chuva e raios pulsantes. Outro sintoma da mudança das estações, do inverno para a primavera.

Apartado e encostado em uma pilha de caixas está Wedge Antilles. Temmin é o primeiro na rampa, então ele corre até Antilles – os dois se cumprimentam com uma batida de mãos e se abraçam.

– Ei, Snap – Wedge chama, um apelido que ele deu a Temmin por causa do hábito do garoto de estalar os dedos. Ossudo trota atrás, abrindo os braços esqueléticos.

– EU TAMBÉM VOU DAR UM ABRAÇO NO MESTRE ANTILLES PARA SIMULAR ALEGRIA. – Wedge se esquiva do “abraço” enquanto o droide envolve seus braços articulados ao redor do capitão, parecendo menos um humano distribuindo camaradagem e mais um inseto que tenta devorar o parceiro de acasalamento. – OK – o droide diz, aparentemente satisfeito. Ele solta Wedge e começa a dançar em torno da plataforma de pouso, dando piruetas, *pliés* e giros dramáticos.

– Desculpe – Temmin dá de ombros. – Ele está tentando aprender a ser mais... humano? E menos...

– Um robô assassino que canta e dança? – Wedge pergunta.

– Sim. – Ossudo tem sido guarda-costas e amigo de Temmin já há um tempo, e, uma vez que ele reconstruiu seu parceiro com partes soltas (graças ao resgate do cérebro de dados pelos soldados da Nova República que dominaram o palácio de Akiva), foi surpreendido quando o droide declarou um desejo de se enturmar mais com a tripulação. (Aparentemente foi algo que Sinjir dissera ao droide a respeito de como ele os assustava.) Temmin receava que as tentativas do droide só fizessem dele ainda *mais* assustador, mas... parabéns pelo esforço? – Wedge, cara, você devia ter me visto lá fora. Eu estava pilotando a *Halo*, certo? E a gente estava mergulhando ao longo da borda da fortaleza de montanha de Slussen Canker e...

– Certo, Snap – Wedge interrompe, rindo. – Diminua o ritmo um minuto. Preciso falar com sua mãe. Você pode me contar mais no assento do meu X-wing amanhã de manhã. Certo?

– Opa, sim, claro. *Certo*. – Wedge estava deixando Temmin passar um tempo no X-wing. Ele disse que Temmin tinha um talento natural para pilotar um caça, como a mãe (embora Norra não estivesse exatamente *feliz* em deixar o filho seguir os passos dela e se tornar piloto). Wedge deixa o menino executar exercícios de treinamento sobre o Mar de Prata. Da última vez, ele disse a Temmin: “Estou preparando algo chamado Esquadrão Fantasma. Talvez, quando estiver pronto para ir ao espaço, você se interesse em se juntar a nós”. Temmin ainda não tinha contado *isso* para a mãe.

Ele nem sequer tem certeza de que é isso que quer, também. Às vezes, a mente de Temmin viaja e

começa a fantasiar... ok, ele não quer ser um cantor de bar em alguma cantina esquecida, mas a vida de caçador de recompensas parece ser bem legal. Ir aonde quiser, rastrear os bandidos, ser pago para isso. Mas ser um piloto lhe dá uma emoção como nenhuma outra: cortar nuvens no velho X-wing de Wedge, com as asas em formato de tesouras, é a coisa mais assustadora e incrível de todas. E, novamente, ele ainda sente falta de seus negócios no mercado negro em Akiva – o perigo dos acordos, a alegria das vendas, a emoção de traficar armas ilícitas, partes e droides para bandidos e criminosos que poderiam matar a pessoa que olhasse para eles do jeito errado. Temmin não sabe o que quer ser.

Ele mencionou isso para Sinjir algumas semanas atrás e o ex-imperial deu de ombros (ele estava um pouco alto de vinho corelliano, na hora), dizendo:

– Ninguém sabe quem é ou o que quer, e a maioria das pessoas apenas espera que alguém diga a elas o que fazer. Então entram na fila para fazer o que mandaram. Meu único conselho para você, garoto... – Então ele arrotou e nunca conseguiu dar o conselho porque desmaiou. Talvez um dia. Por enquanto, Temmin só sabe que está tão animado para voltar à cabine que está quase pulando de alegria.

– Capitão Antilles.

– Tenente Wexley.

Uma brisa fresca se projeta sobre a plataforma enquanto as nuvens de chuva se aproximam. Temmin circula seu droide, chutando o esqueleto de metal no traseiro com a bota e esperando que Ossudo o persiga. O que o droide faz, como um amigo animado.

Wedge sorri, então pega sua bengala e se move em direção a Norra, abraçando-a quando se encontram.

– Muito melhor do que com o droide – ele diz, e dá a ela mais um aperto antes de soltá-la.

– Ossudo? – ela ri. – Oh, ele é inofensivo. Bem, não *inofensivo*...

– Entendi, entendi. Como foi a missão?

– Pegamos Gedde – ela responde, olhando por sobre o ombro. Ninguém saiu com o prisioneiro ainda, embora aí venha Sinjir pela prancha. Queixo para cima e os lábios franzidos, como se estivesse orgulhoso de si mesmo por algum motivo.

– Estou indo tomar... alguma coisa – ele avisa, e então se dirige diretamente para a escada. – Falou!

Ela pensa em gritar alguma advertência materna, mas segura a língua e dá uma olhada rápida e envergonhada para Wedge.

– É uma tripulação dura, mas eles funcionam. Como vai seu tratamento?

– A fisioterapia é boa, e eles estão me dando injeções de serolina agora. Dizem que eu posso estar em uma nave de novo até o final do ano. Mas tudo bem. Eu gosto disso. Eu gosto de... comandar, também. – Ela não precisa ter o dom de Sinjir de ler linguagem corporal para verificar a mentira de Wedge. Ele faria qualquer coisa para voltar a pilotar. Todo o seu corpo parece ter fome disso. – Não se preocupe com isso, Norra, há alguém que quer...

– Temos um problema!

De pé na rampa, está Jom Barell. Norra dá de ombros e lança um olhar meio irritado, como se

dissesse: *Bem, vá em frente, vá direto ao ponto.*

– É Gedde – ele fala. – Está morto.

O corpo do vice-almirante imperial está sobre a mesa no compartimento principal da *Halo*. Seus lábios estão úmidos com espuma. A pele já ficou pálida e cinza. Estrias escuras marcam a testa e desenham linhas sombrias ao redor da boca e dos olhos abertos. Norra é lembrada de como algo parece realmente sumir quando alguém morre: não é só questão dos pequenos micromovimentos do corpo ou do peito que não sobe e desce. É algo mais profundo. Algo menos tangível, menos substancial. Ela tem poucos motivos nesses dias para pensar sobre a natureza da alma, mas...

Talvez a Força realmente exista.

E se existir... ela se foi deste corpo, com certeza absoluta. É como se nada o ligasse mais ao mundo. É apenas carne na tábua.

– Simples – Barell diz, resolvendo o mistério. – Ele era um viciado em especiaria. Tinha acabado de tomar uma dose antes de o pegarmos. Não seria o primeiro viciado a tomar demais e ir para o espaço, né?

– Jas – Norra fala –, com que força você o acertou?

– Por favor, eu sou uma profissional. Não cometo esse tipo de erro.

Wedge coça a cabeça.

– Teremos que fazer um inquérito. Vou ligar e pedir um par de droides para levar o corpo ao dr. Slikartha. Ele vai inspecionar o corpo e descartar qualquer prevaricação...

– Você pode levar o corpo para quem quiser, mas garanto a você que este homem foi assassinado. – Jas se inclina para baixo e aproxima o rosto do cadáver. Com as mãos em formato de concha, ela colhe o ar perto de sua boca e inspira longa e profundamente. – Este cheiro. Citrino amargo. Como uma fruta kakadu madura. E estão vendo o fluido na boca?

Ela puxa para trás o lábio, que já ficou rígido. A saliva lá empoçou, mas não é branca nem clara: é marrom-escura.

– Ele foi envenenado. Kytrogorgia. Também conhecido como mofo de limo ceruleano. Seca, então se transforma em pó, depois, bem, se eu puder chutar, acho que alguém borrifou numa dose de especiaria, garantindo que ele saísse de forma abençoada de si mesmo sem deixar uma pista para o mundo.

Wedge e Norra se entreolham. Ele diz:

– Vou falar com o médico, obrigado.

– Pelo menos não precisamos perder tempo ou dinheiro com um julgamento – Jom afirma. – Esse cara matou muita gente. Às vezes envenenando mundos inteiros. Quem fez isso tem um bom senso de ironia, se querem saber.

Do lado de fora da nave, Norra se dirige a Wedge:

– Desculpe, Wedge. É nosso trabalho trazer esses caras vivos, não mortos. Garanto a você que não foi

um dos nossos. Sei que eu disse que éramos uma tripulação dura, mas não somos tão duros assim...

– Tudo bem, eu sei. Seja lá o que tenha sido isso, não foram vocês.

– Ok. Certo. – Mas ele ainda está querendo dizer algo. – O quê?

– Alguém quer uma reunião.

– Com a gente? Com o time?

– Só com você.

– Quem? E... quando?

– A princesa Leia. E ela quer que seja agora mesmo.



CAPÍTULO

5

– Meu marido, Han Solo, está desaparecido.

Norra pisca. *Marido?* Seus lábios se mexem para formar palavras, mas nenhum som de fato se manifesta. Tudo que ela pode fazer é ficar lá, de queixo caído, *pasma* diante da mulher que singularmente representa a voz da Nova República através da galáxia. Leia Organa é uma princesa, uma general e, mais importante, uma inspiração que poucos podem negar. Ela está usando vestes brancas soltas – um pouco tradicional no estilo –, com as mãos unidas diante de si. A mulher não ofereceu nenhuma apresentação. Norra apenas entrou no expansivo escritório de Leia – que tem vista para o Mar de Prata – e tentou controlar o estremecimento na voz enquanto se anunciava:

– Tenente Norra Wexley. Vossa alteza pediu para me ver?

Tudo o que Leia disse em resposta foi:

Meu marido, Han Solo, está desaparecido.

– Eu... sinto muito? – Norra pergunta. – Eu não entendo. Se o general Solo...

– Ele não é mais um general. Renunciou ao seu cargo militar.

– Ah. Eu...

Leia levanta o queixo, fecha os olhos e dá um longo suspiro. O ar de Chandrila deve ser bom para ela... sua pele brilha. Ela é como uma pedra preciosa, impecável e reluzente. Depois de um lento exalar, Leia diz:

– Meu irmão me ensinou a me centrar. A ser consciente do que estou sentindo, como um copo a ser preenchido, ele diz. – Ela pisca. – E estou percebendo apenas agora que é provável que isso seja bastante súbito para você e estou sendo muito rude. Olá, tenente Wexley, eu sou Leia Organa.

Ela hesita ao responder:

– Sou Norra. É um imenso prazer conhecê-la, vossa alteza. Tudo o que fez por nós...

É uma coisa estranha de ver, mas Leia tem uma fachada, um *verniz* – não é altiva, não exatamente. Um pouco fria. Certamente confiante – uma confiança, na verdade, que faz fronteira com a arrogância. Não é como se ela estivesse desprezando você, mas é como se ela *comandasse* você. É um comando tão natural quanto a órbita elíptica de um mundo ao redor de sua estrela, tão óbvio e tão eterno quanto o fluxo do tempo ou a presença da gravidade.

Mas Norra observa aquela frieza se quebrar. O verniz racha. A tensão some dos ombros de Leia enquanto ela se inclina contra sua mesa.

– Por favor, Norra. Não me chame de “alteza”. Já tenho pessoas demais que não conseguem quebrar esse hábito.

– É só que... parece estranho chamá-la só de Leia.

– Posso ordenar que você me chame de Leia, se ajudar.

– ... *de fato*, ajudaria.

Leia novamente fica mais rígida, como se para invocar uma formalidade especial.

– Tenente Norra Wexley, eu lhe ordeno, pelo poder investido em mim como última princesa de Alderaan e a suprema alta alguma coisa das forças da Nova República... – Leia move as mãos em gesticulações impacientes. – E assim por diante, e assim por diante, eu exijo que você me chame de Leia.

Norra faz uma pequena reverência.

– Obrigada, hã, Leia.

– Eu a chamei aqui porque tenho ouvido coisas boas sobre o seu time. Vocês conseguem resultados. Em apenas alguns meses, já encontraram meia dúzia de criminosos notáveis do Império.

– Trouxemos o número sete hoje. Vice-almirante Gedde. Mas algo... aconteceu. Infelizmente, ele não sobreviveu à viagem.

– Eu ouvi a respeito. Tenho certeza de que o mistério vai fornecer respostas em breve. – Leia estende o braço e pega a mão de Norra. – Seu trabalho é importante. Ele diz para a galáxia fraturada que a Nova República é capaz de ter seu próprio tipo de lei e ordem. E isso nos ajuda a entender como tudo isso aconteceu. Uma vez que entendermos isso, poderemos trabalhar juntos para garantir que a história não se repita.

– Obrigada, mas eu não entendo o que isso tem a ver com o general, ah, *capitão* Solo...

Leia hesita. Seu rosto é como uma onda prestes a quebrar. Em seus olhos há uma guerra pelo controle, como se soubesse que seu trabalho é ser calma e comedida, mas o que ela realmente quer é jogar tudo para o ar. Todos os sentimentos reprimidos, todas as frustrações de dirigir um governo, todos os seus medos e desejos.

Ela diz as palavras lenta e cuidadosamente:

– Han está desaparecido. Eu preciso que ele seja encontrado. E seu time encontra pessoas.

– Você quer... que *nós* o encontremos?

– Você não precisa sair do seu caminho. – Leia parece subitamente agitada. – Para falar francamente, nada disto é precisamente às claras. E você pode falar “não” como resposta. Eu não estou ordenando. Estou pedindo ajuda. – Ela passa a explicar o que sabe. – Han e Chewbacca, o copiloto dele, foram em uma missão improvisada para libertar o planeta natal Wookiee, Kashyyyk. Só que era um golpe do Império. Eles capturaram Chewie, e Han mal conseguiu escapar. Agora ele está lá sozinho, sua última transmissão terminou abruptamente e eu não tenho notícias dele desde então. Temo que ele esteja em perigo...

Leia faz uma pausa. O rosto dela se contrai com tristeza. Mas de novo ela para, suspira e parece engolir o seu pesar.

– Eu não sabia que vocês eram casados – Norra confessa.

– Foi bem ali na lua de Endor, depois de tudo. Tivemos uma pequena cerimônia, apenas com as pessoas em quem confiávamos. Não mantemos em segredo, mas também não tornamos público.

– Deve ser difícil, então, com ele desaparecido.

– E é. Você sabe como é isso, não sabe?

Ela se refere ao Brentin. Apenas pensar nele traz a memória à mente como a flor de calor de uma nave explodida. Stormtroopers chutando a porta deles. O oficial imperial com um mandado de prisão. Então arrastaram o marido pela noite. Ela confortou Temmin até amanhecer, assegurando ao garoto que trariam Brentin de volta em breve, que tinha sido um engano, que tudo ficaria bem. Isso foi anos atrás. Eles não viram Brentin desde então. Norra se deixou ficar tristemente confortável com a ideia de que seu marido e o pai de Temmin provavelmente estava morto.

– Entendo, sim – Norra responde, forçando um pequeno sorriso. – Você tem alguma informação sobre onde o capitão Solo está?

– Ele estava procurando na Orla Exterior e disse que estava próximo do Espaço Selvagem. Posso te mandar um mapa dos movimentos da *Falcon*... ele está tão longe que nossos sensores não podem mais rastrear confiavelmente aquele lixo maravilhoso que ele chama de cargueiro. Vou encaminhar o mapa para seus aposentos.

– Você pode mandá-lo diretamente para a nave. Plataforma OB-99. – Norra hesita, depois acrescenta:

– Vamos encontrá-lo. – É uma promessa que ela se sente mal equipada para fazer e, logo que a faz, o fardo da tarefa em questão põe um tremendo peso sobre ela. Um peso esmagador, na realidade. Mas o que ela pode dizer? O que pode fazer? Agora está no mundo. A promessa dela é algo vivo.

Leia sorri – de forma calorosa, *verdadeiramente* calorosa, como se todo o gelo tivesse derretido – e assente com a cabeça.

– Eu acredito em você. Obrigada, Norra Wexley. Que a Força seja sua guia.



CAPÍTULO

6

Não é fácil escapar do seu próprio comando.

Foi preciso um pouco de esforço, de fato. Ela considerou fingir uma doença, mas hoje em dia, com todos os olhos nela como a líder identificada do Império Galáctico, a mais leve fungada a faria ser cercada de droides enfermeiros e técnicos de saúde. Em vez disso, o estratagema de Rae Sloane foi usar seu horário já sobrecarregado como uma vantagem. Contou a Ferric Obdur que precisava tirar um tempo para conversar sobre movimentos da frota com o vice-almirante Gaelan – o que era bem verdade. Gaelan estava pedindo uma reunião para discutir isso havia dias – não, semanas.

Ela mandou um aviso para o escritório de Gaelan de que não poderia encontrá-lo hoje porque tinha um encontro com o general deVores para discutir movimentos das *tropas*. (Isso incitaria a ira de Gaelan, mas o homem aceitaria a resposta. Ele engoliria sua impaciência e manteria a linha como sempre.)

A deVores ela avisou que queria uma reunião, mas tinha que tirar tempo para se encontrar com Ferric Obdur, para discutir propaganda...

E assim, o triângulo do embuste foi organizado. Três pontos, um levando ao outro. A menos que alguém fosse realmente diligente em verificar seu paradeiro, pareceria de um para o outro que ela tinha que adiar uma reunião em favor de outra. Poucos procurariam perturbá-la, a menos que quisessem incitar a ira *dela* – e Sloane era conhecida por *não* aceitar isso muito bem. Ela não mantinha nenhuma linha. Nesses dias, ela *era* a linha, e ninguém ousava cruzá-la.

(Ninguém, exceto seu misterioso almirante de frota, é claro.)

O próximo passo de sua artimanha precisava da ajuda de Adea. Sloane não podia apenas pular em um transporte e decolar para regiões desconhecidas; ela administrava uma nave severa. A responsabilização reinava. Uma única nave que desaparecesse era uma brecha na estrutura burocrática. E a burocracia, por mais que muitos a considerassem vil, era a base sobre a qual toda a galáxia fora construída. A burocracia salvaria a todos. Violar a burocracia iria estragar o sistema de pesos e contrapesos...

...a menos, é claro, que Sloane fizesse Adea alterar a designação e o destino de uma pequena nave de suprimentos. E assim, o transporte imperial classe lambda designado para Questal foi reencaminhado para levar uma carga de baterias naamitas e matrizes de transponders para o mundo central de Coruscant. A piloto: uma jovem recruta chamada Dasha Bowen. Pelo menos era o que o registro dizia – na verdade,

apenas uma identidade falsa também providenciada por Adea.

– Transporte imperial CS-831 – Sloane fala no comunicador. – Aqui é a piloto de transporte Dasha Bowen. Transmitindo código de aprovação e credenciais agora.

Adiante, Coruscant brilha resplandecente. Um mundo enorme esculpido com linhas de luz, os padrões geométricos da ecumenópole que envolve todo o planeta dando a aparência de que o lugar está à beira de se partir. Como se tivesse sido congelado em um instante logo antes de acender, inchar e detonar.

Isso pode ser mais verdadeiro do que eu gostaria de admitir, ela pensa. O mundo do trono do Império está sendo destroçado – nada tão dramático como ter seu manto quebrado, não, mas sua população *está* sofrendo um tipo de mudança tectônica. Os cidadãos em alguns setores se levantaram contra o Império. Outros, em vez disso, lutaram contra seus vizinhos insurgentes – uma verdadeira guerra. Uma cujas chamas são alimentadas agradavelmente pelos combatentes da resistência da Nova República entrincheirados na superfície. Eles semeiam desconfiança. O caos é o resultado.

Ao redor de sua pequena nave de carga, uma armada defensiva forma um escudo protetor em volta do planeta. Essas são naves do DSI – Departamento de Segurança Imperial. Não da marinha. O almirante Rax foi muito claro nesse ponto. Ele disse que eles não deveriam comprometer recursos para proteger o mundo do trono. O DSI controla o mundo – e a marinha não quer se envolver. Isso mostra as fraturas no Império: todas as peças quebradas se afastam.

– É um símbolo – ele disse a ela – da nossa indolência e torpeza. É o núcleo podre da nossa fruta amadurecida, e eu desejo cortar tal podridão de modo a preservar os restos doces. E, naturalmente, as sementes dentro.

Ela argumentou que salvar Coruscant seria um símbolo melhor.

Ele respondeu:

– É muito mais importante mostrar o quanto estamos dispostos a perder para preservar a força do nosso Império. – Foi então que ele ecoou as palavras do conde Vidian: – *Esqueça o antigo modelo.* – Será que esse eco era deliberado? Como ele poderia saber o que Vidian dissera a ela? – Devemos descartar as escolhas óbvias, almirante Sloane. Devemos forjar nosso próprio caminho através das estrelas se quisermos sobreviver.

E, com isso, a discussão tinha acabado.

Agora ela paira sobre o mundo, um mundo que eles voluntariamente esqueceram. Um mundo deixado para o DSI sob o comando do velho administrador de Palpatine, o grão-vizir Mas Amedda. Ela se pergunta ociosamente o que seria necessário para retomar o planeta. A Nova República poderia facilmente acabar com o bloqueio defensivo do DSI. Levaria tempo, mas relatórios chegam diariamente informando que a República aumenta seu poderio militar. Ainda assim, a presença do Império aqui na superfície está profundamente enraizada. Uma campanha aérea não seria suficiente...

Finalmente, o comunicador crepita e uma resposta retorna:

– Códigos batem. Liberado para pouso, CS-831.

Claro que batem, ela pensa. Adea sabe o que está fazendo. “Dasha Bowen” prepara a nave para uma

trajetória de pouso.

Sloane deixa a nave de carga para trás na plataforma de pouso – droides se movem para descarregar as peças técnicas muito reais de dentro do transporte. Enquanto estão ocupados, ela baixa o visor. A viseira esconde seu rosto e, com o virar de um botão no lado do capacete, puxa para cima uma tela de status brilhando na tela de plastovidro. Nesse caso, é um mapa de Coruscant.

O destino dela é uma pulsante estrela vermelha no mapa.

O velho prédio da Sala de Registro Imperial.

Menos afetuosamente conhecida como “O Poço”.

É um armazém de atos, registros e despejos de dados.

Para a maioria, é uma agregação inútil da burocracia do Império – como registros se acumulam em naves, transportes e computadores de navegação, em escritórios, academias e depósitos, eles devem ocasionalmente ser carregados em um backup. E são despejados ali, em qualquer lugar (via droide). Poucos se importam de ir até lá, já que vasculhar toda aquela informação é um ato não muito diferente de tentar encontrar um grão de areia específico em uma praia varrida pelo vento. Pior, a informação é muitas vezes sem valor. Cálculos de trajetória, listas de inventário e registros de pessoal enchem o enorme armazém de dados.

Mas é a última coisa que ela está procurando: registros de pessoal.

Se há alguma coisa a respeito de Gallius Rax, estará ali. Isto é, se ela conseguir encontrar.

Felizmente, Sloane é bastante apta a navegar neste lugar. Para outras pessoas, é um Poço. Para ela, é um *templo*.

O Poço está localizado às margens do Distrito da Verdade – uma parte imperial bem fortificada de Coruscant. Lar da Sala da Corte, do Instituto de Preservação da História Imperial e da Academia e Escritórios do DSI. As ruas aqui costumavam ser limpas, bem cuidadas e movimentadas. Mas, agora, não tanto. Ela passa por uma dupla de stormtroopers sentados contra uma barricada de aço, com os capacetes presos entre as pernas – os dois homens estão suados, cansados e olhando para o vazio. Adiante, a rua é marcada com listras de carvão que partem de uma fonte central – o plastocreto se rachou e quebrou, como se fosse um detonador termal.

Está quieto, também. Normalmente, ela ouviria o tráfego alto e vibrante da cidade acima dela – speeders e gravbikes passando em linhas cruzadas como pequenos mirmidões que servem à sua colônia. Agora, entretanto, o céu está morto. Nem um único speeder. Sem droides, sem pássaros, nada. O espaço aéreo está fechado, não é? Ela tinha ouvido relatos de cidadãos carregando seus speeders com explosivos e conduzindo-os para edifícios imperiais.

Então, como se fosse uma deixa, o chão estremece. Em algum lugar ao longe, uma explosão como essa: ela sente a vibração passar pelos calcanhares e percorrer todo o caminho até os *dentes*. Sloane não consegue ver nada, mas não demora muito para que aviste o rastro de fumaça vermelha subindo para o céu como uma serpente rastejante.

Buzinas disparam. Um par de speeders do DSI passa lá em cima.

Que show de horrores, ela pensa. Mas Rae não tem tempo para pensar nisso. Seu tempo aqui é limitado, e ela tem que se mover.

O Poço está adiante. Da superfície, parece nada mais que um bunker fortificado de um único andar. Tem uma única porta e uma janela fechada.

Conforme Sloane se aproxima, a janela desliza para cima com um chocalho. Lá aparece a metade superior de um droide administrativo. A cabeça em formato de cápsula se inclina para a frente. Da sua boca, vem uma vozinha mecânica:

– FIQUE PARADA PARA ESCANEAMENTO OCULAR.

Sloane não pode se esconder disso. Não importa quão bem trabalhada seja a persona de Dasha Bowen, os esforços da Adea não chegam a ponto de criar um novo par de globos oculares. O escâner não será enganado, e assim ela levanta sua viseira.

Do próprio olho do droide sai um feixe vermelho brilhante.

Ela pisca e geme quando passa sobre seu rosto.

– GRÃ-ALMIRANTE RAE SLOANE – o droide diz. – É BOM VÊ-LA. BEM-VINDA À SALA DE REGISTRO IMPERIAL. POR FAVOR, CUIDADO ONDE PISA. A QUEDA É BASTANTE ÍNGREME.

O droide está certo. O Poço tem cinquenta andares. Não para cima, mas, ao contrário, direto para *baixo*. Mergulhado no exomanto de Coruscant como um parafuso pneumático. O seu formato é circular e espirala inelutavelmente para baixo, dando a Sloane a sensação de que ela está rodando em um dreno. No último nível, ela imagina que a Sala de Registro Imperial engula a pessoa como uma boca: um sarlacc aninhando-se no nadir, digerindo indóceis mineradores de dados.

Ela não será digerida, não hoje.

No entanto, enlouquecerá se não se mover. A inércia é uma maldição e toda a vida e a carreira de Sloane se focaram em combatê-la. Então ela se instala numa pequena alcova. Horas se passam. Os atendentes droides – mais droides administrativos, estes fixados em trilhos de modo que possam passar rápido pelas prateleiras de registros tanto impressos como digitais – trazem a ela cartuchos de dados antigos. Ela disse-lhes que precisava de registros de todas as naves da marinha imperial em curso, bem como das que estavam na destruição da segunda Estrela da Morte.

Ela está no seu oitavo e último cartucho.

Começa com os couraçados – superdestróieres estelares.

Treze estavam em serviço antes que a Estrela da Morte revivificada fosse destruída acima de Endor. Um deles era a *Dilacerador*, o superdestróier no qual Sloane governa o Império (e que, falando estritamente, está sob o comando de Gaelan). Um deles é a *Executor*, nave de comando de Vader. A *Executor* se perdeu naquele dia, mergulhando na superfície da Estrela da Morte e levando centenas de milhares dos melhores imperiais com ela.

Sloane estremece quando pensa nisso.

Isso deixa outros onze.

Três agora estão nas mãos da Nova República. Dois deles eram de almirantes que entregaram a nave e sua tripulação voluntariamente. Um deles foi levado à força pela Nova República enquanto se submetia a reparos sobre Kuat.

Cinco foram destruídos completamente em batalhas pela galáxia com a Nova República – as naves estavam sem pessoal, mal protegidas e em fuga. (Os couraçados são o lar de enormes baterias de armas de destruição de frotas, sim, mas também são animais lentos e difíceis de manejar – eles pendem no céu como tijolos, e sem proteção adequada é uma inevitabilidade que as forças inimigas possam erodir as naves até a obliteração.)

Um foi pego por piratas: a *Aniquilador*. A velha nave de Tagge. Mas quem controla a *Aniquilador* agora?

Os relatórios não dizem.

Outro, a *Árbitro*, fez um cálculo errado no hiperespaço para escapar da perseguição de naves da Nova República. Evaporou-se quando foi sugado para um poço de gravidade.

Isso deixa a própria nave de comando de Palpatine: *Eclipse*.

Registros mostram que ela também foi destruída por uma frota da Nova República – a fragata de Ackbar, *Lar Um*, disparou o tiro final.

Ah, mas há uma pegadinha, e é por isso que Sloane está *aqui*: as naves despejam dados pelas estrelas, transmitindo pulsos de informação para este local. Isso fornece uma caixa-preta registrando informações de forma que alguém possa discernir o que exatamente aconteceu antes que uma nave fosse destruída, capturada ou rendida. Todos os outros dados de rastreamento coincidem com os destinos conhecidos de cada destróier. Suas histórias correspondem aos dados de todos eles – exceto por um.

Para a *Eclipse*, os dados terminam um dia inteiro depois que a nave foi reportada como destruída. Não mostra nenhum cerco pelas forças da Nova República. A nave simplesmente... sumiu do mapa estelar. Foi-se. Evanesceu.

Sloane admite que é possível que a nave tenha parado de informar devido a um mau funcionamento em seu registrador de dados. Mas os sistemas redundantes deveriam alertar o comando se isso tivesse acontecido – de novo, burocracia e mecanismos reiterativos deveriam ter salvado o dia aqui.

E, ainda assim, não salvaram.

Seria possível que a *Eclipse* ainda estivesse por aí? Será que a *Dilacerador* não era o último superdestróier do arsenal naval?

O inventário dos destróieres estelares é similar, mas em uma escala muito maior. Dos destróieres estelares em serviço antes de Endor, 75% podem ser rastreados para destinos similares: destruídos, capturados, perdidos de maneiras confirmáveis e curiosas. Mas um quarto dessas naves não pode ser rastreado. Os registros mostram fins fatídicos que contradizem suas gravações na caixa-preta.

O Império tem mais naves do que ela sabe? Há frotas fantasmas por aí em algum lugar? Será que estão operando de forma independente? Será que foram capturadas ou abandonadas? Algo mais pode estar acontecendo.

Será que Rax sabe? Ou será que também não sabe?

Por falar em Gallius Rax...

Esquadrinhar os dados para encontrar alguma coisa sobre o outrora almirante da frota será como encontrar uma joia preciosa em uma caixa cheia de vidro quebrado – uma busca lenta e terrível. Mas é por isso que ela está ali, então Rae chama um droide e começa a trabalhar.

– VOU VER QUAIS DADOS CONSIGO ESCAVAR. – O droide dá um leve aceno de cabeça antes de seus servomotores chiarem e o levarem para longe.

Escavar, ela pensa. A palavra perfeita. E vinda de um droide, nada menos.

Vira, vira, vira. Página após página no leitor de cartuchos – ela coloca a palma da mão na esfera de controle e a desliza para a esquerda repetidamente, percorrendo páginas administrativas sem fim. Aqui, assim como nos arquivos navais, a presença de Rax é nada mais que um rastro de vapor. Ela está perseguindo sombras.

Assim, ela começa a pesquisar os registros daqueles que se associaram com Rax: Yularen, Rancit, Screed e o próprio Palpatine. Ela faz referências cruzadas aos relatórios de pessoal, registros genealógicos, listas de inventário, tudo, qualquer coisa. Horas se passam. Seus olhos estão turvos. Ela se sente sozinha e sobrecarregada, e o único som que acompanha sua frustração e sua ansiedade é o de droides clicando ao andar.

Ela se levanta. A busca acabou.

Rax mal existe.

Tentar descobrir quem ele é ou quem ele *era* é como tentar agarrar a neblina – ela se dissipa em sua mão ao mesmo tempo que obscurece tudo além de si.

É hora de ir, então ela embala as suas anotações e as enfia em uma bolsa lateral antes de jogá-la sobre seu ombro.

De repente, movimento atrás dela...

Rae gira, pegando a arma de raios.

É o droide. *Claro*. Não seria mais ninguém, e ainda assim... bem, ela tinha que perdoar o próprio choque. *Estou cansada e com raiva*.

O droide zumba:

– UM CRISTAL DE IMAGEM. – Ele estica um braço telescópico. Nele, um pequeno cristal cinza-fumaça. O Império não os usa mais porque são um tanto antiquados, mas, décadas antes, os cristais de imagem de uso único ainda eram comuns. Agora, o Império tem a capacidade de arquivar informações visuais e textuais em cartuchos ou placas de dados.

Ela está prestes a devolvê-lo. O que poderia importar uma imagem?

Ainda assim. O leitor está bem ali. Ela solta a bolsa e, sem sentar, coloca o cristal no portal liso na escrivaninha de alcova, então aperta o botão sob ela de forma que tudo se ilumine.

Uma imagem tridimensional emerge no espaço diante dela.

Parece algum lugar em uma estação de ancoragem imperial. No fundo, encontra-se um transporte classe lambda. E, nas margens do holo, stormtroopers de armadura branca e um par de soldados da Guarda Imperial Real de armaduras vermelhas.

Ali, no meio da foto: Wullf Yularen, Dodd Rancit, Terrinald Screed e mais três outros: o grão-vizir Mas Amedda, o imperador Palpatine e...

Um garoto.

Ou melhor, um garoto à beira de se tornar um jovem.

O menino parece um aldeão de bochechas sujas envergando um uniforme mal ajustado da Academia. Seu cabelo é escuro e a pele é pálida. Os olhos, contudo, brilham com uma arrogância familiar. Cada um dos buracos negros sugando a luz.

Uma coisa se destaca: uma das mãos do garoto está virada para fora, e Sloane vê algo em sua palma. Algum tipo de marcação. Uma tatuagem? Ou uma marca?

Essa imagem holográfica por si só não ajuda a iluminar a identidade de Rax. E, no entanto, desperta nela uma estranha espécie de esperança: neste ato de “escavação” ela encontrou um fóssil bastante curioso, não é? Se este é ele, se for Gallius Rax, então o mistério de sua presença se torna algo que ela pode resolver. Ele se torna uma besta que ela pode matar.

(Não literalmente, é claro. Ou assim ela espera.)

O que vem depois, então, nesse mistério? Ela tem um pedaço de fio nas mãos – como deve puxá-lo? Quatro dos homens na imagem que brilha diante dela estão mortos. Palpatine se foi. Yularen morreu na Estrela da Morte, Rancit pereceu em um ataque rebelde (embora ela tenha ouvido rumores de que Vader o executou por traição) e Screed foi morto por piratas do Círculo Iktari.

O que deixa só um vivo.

Chegou a hora, ela pensa, de fazer uma visita a Mas Amedda.

Interlúdio:
Cidade de Coronet, Corellia

Erno observa o garoto na sua atividade. O idiotinha nem sequer *sabe* que está sendo observado. Ele rasteja acima pela parede como uma aranha furtiva sob a proteção da noite, leva o estêncil até o tijolo pálido e puxa para fora o pintor de luz – que ele balança algumas vezes e dá uma batida, então o objeto pulsa uma imagem no lado da estação da P&S (Paz & Segurança).

Uma imagem icônica de um homem muito mau.

Talvez nem um homem. Talvez uma *máquina*.

VADER VIVE, está escrito. Isso, pichado sob a representação muito familiar do bandido de capacete.

O garoto se vira, sorrindo como se fosse escapar ileso. Não é o que acontece.

Erno dá um passo para dentro do halo de luz projetado pelo globo de rua acima e limpa a garganta para que o garoto de capuz escuro e capa olhe para cima. Outro desses idiotas dos Acólitos. Erno assovia.

– Bela arte. Bem original.

O garoto não diz nada. Ele fica lá, tremendo em seus pés descalços. Ele é jovem, burro, assustado. Erno suspira e levanta a arma de raios.

– Qual é, seu ratinho, vire-se, vire-se. Vamos colocar essas algemas.

Amuado, o garoto se vira e Erno fecha um par de algemas nos seus pulsos, então o arrasta para a frente e através das portas da estação.

A nova contratada na recepção, uma bela Pantorana chamada Kiza, diz:

– Ei, detetive – e ele dá a ela uma piscadela e um aceno de cabeça, embora ela provavelmente nunca fosse ter nada a ver com um pescoço desalinhado como ele.

Erno arrasta o garoto pela estação e passa pelas mesas, pelas holotelas, pelos oficiais de paz, até chegar a uma das salas do fundo. Ele dá uma leve chacoalhada no garoto e ele cai pesadamente em uma cadeira.

O garoto sibila algo para ele. Não é em uma língua que ele entenda, e ele não se dá ao trabalho de perguntar sobre isso.

– Sim, certo, certo. Que seja, moleque. – Erno se senta diante do garoto e lança um quadrado cortado de borracha-raiz à boca, dando uma boa mastigada. Tem gosto da parte inferior de uma bota, mas dá à sua boca alguma coisa para fazer, é melhor isso do que os bastões estimulantes que ele costumava fumar.

Ele percebe rapidamente a índole do garoto. Pivete humano, cerca de 14 anos, talvez 15. Pálido como os outros (eles fingem que são noturnos). Capuz preto, capa preta. Contudo, este aqui não tem uma máscara. Um monte desses loucos dos Acólitos coloca essas máscaras – martelando plastoide, metal, madeira, óculos de proteção, ventiladores, o que for – e as usa enquanto arengam os locais. É patético, coisa insignificante. Vandalismo, na maioria das vezes.

– Vader vive – Erno diz enquanto mastiga borracha-raiz. – Vader vive, você afirma. Até onde eu sei, ele se foi junto com a Estrela da Morte. *Bum*. Ele está morto. Se sequer esteve vivo alguma vez. O Império está sucumbindo e isso não estaria acontecendo se ele ainda estivesse por aí, não acha?

– A morte não é o fim.

– Da última vez que eu chequei, é basicamente o ponto final, garoto.

O garoto sorri. Os dentes são brancos, brancos demais. Sua língua serpenteia ao longo deles e, por um momento, Erno sente o estômago se revirar. Seus instintos dizem que há algo errado ali, mas ele não sabe o quê.

Não, esse garoto está apenas te afetando. É tarde. Você já está a serviço por muito tempo. Fiche esse idiota, então vá para casa.

– Qual é seu nome?

– Oblívio.

Ele bufa com um riso zombeteiro.

– Ah. Esse é um bom nome. É o sobrenome da sua família? – O fracassado não responde nada, apenas fica lá sentado, o peito subindo e caindo como um animal selvagem encurralado. – Olha, garoto. Peguei você por vandalismo. Você pode passar umas noites no xadrez. Mas estou me sentindo amigável. Estou me sentindo *generoso*. Você me entrega alguns parceiros dos Acólitos... você é um Acólito do Além, né? E eu te deixo ir embora com um estalar de dedos severo e não muito mais. Ok?

O garoto não diz nada.

Erno suspira.

– Qual é a de vocês, bandidinhos safados, afinal? Vocês são o quê, um bando de puxa-sacos do Império?

– Não do Império. Algo *maior* que o Império.

– Vader.

O garoto sorri.

– Palpatine, não?

Mais uma vez o garoto não diz nada. O sorriso apenas se alarga.

Faz sentido, Erno pensa. Quem pensaria que aquele velho galho murcho valia um grama de adoração? Vader pelo menos aparentava ser um cara durão. Imponente, perigoso, um compilado muito ameaçador de truques.

– Você não tem uma máscara? – Erno pergunta.

– Não tenho.

– Por que não? A máscara é um lance mais Vader, né? É pra tentar parecer com ele? Você sabe que ele era um vilão, certo?

– Você é um homem decente? – o garoto pergunta. – Um “mocinho”?

Difícilmente, Erno pensa. Sua esposa o deixou por uns artistas no distrito de Teeno Village. Seus vizinhos acham que ele é desleixado. Até mesmo o peixe no seu aquário lhe dá um olhar duvidoso todas as manhãs, quando Erno sai para o trabalho.

– Perguntei da sua máscara.

O rapaz se remexe em seu assento.

– Você tem que merecer sua máscara.

– *Ah*. Ha, ha, ha. E você ainda não fez por merecer?

O garoto olha para o teto, então ao redor do quarto, para as paredes nuas.

– Este edifício é muito antigo.

– Sim. E daí?

– Eu sei o que tem lá embaixo.

O que tem lá embaixo...? O museu ao lado usa o porão compartilhado com o prédio do P&S. Os detetives mantêm evidências trancadas lá embaixo, e o museu usa o mesmo armazém para manter um grupo de artefatos antigos, mofados e empoeirados, e coisas do tipo.

Erno está prestes a analisar isso pois, realmente, por que esse moleque ranhento se importa? Talvez seja uma pista. Talvez os pais do garoto trabalhem para o museu. Pode ser um...

Mas então alguém entra na sala.

É um oficial de segurança, Spob Rydel, com o chapéu na mão.

– Erno, você precisa ver isso.

Annnhhh, estou ocupado, Rydel, ele pensa, mas, tudo bem, se um oficial de segurança quer que ele veja algo, então que seja. Ele pega os pulsos do garoto e o leva para a mesa antes de apertar um botão embaixo da superfície – a mesa fica magnetizada e as algemas do garoto *voam* com força para o tampo da mesa conforme o campo magnético as puxa para baixo.

Então ele se levanta e atravessa a estação, enquanto as holotelas estão se voltando para o canal CCI – Cidade de Coronet Informa –, uma por uma.

Erno precisa de um segundo para entender o que está vendo. Imagens em holo de várias áreas ao redor da cidade mostram cenas similares: no centro, na praça Diadema, uma horda de figuras encapuzadas e camufladas estão atacando vitrines e pulando para puxar speeders para o solo; na linha 1 do metrô magnético, eles enxameiam a bordo assim que o trem para na estação da rua Juni; próximo dos cassinos, apressam aqueles que saem e que entram, mantos escuros tremulando na noite.

Eles carregam pedaços de pau.

Paus pintados de vermelho.

Eles têm *máscaras*.

Algum tipo de ataque organizado. Um protesto. Ou pior.

Os oficiais já estão se mobilizando – correndo pela porta ou se direcionando para as escadas, para o estacionamento de speeders no terraço.

– São os malditos *Acólitos* – Rydel afirma. – Você não tem um na sala lá de trás? Traga a lataria dele aqui. Vamos chutá-lo um pouco.

Sim. *Sim*, Erno pensa. Ele irrompe na sala em que estava, abre a porta com tudo e...

O garoto se foi.

Logo depois as luzes cintilam uma vez, duas vezes, e então se apagam.

Erno está no escuro. Felizmente, alguns segundos depois, as luzes de emergência se acendem – elas se alinham no chão e no teto, lançando um brilho vermelho sobre tudo. Ele xinga baixinho e se dirige de volta para a sala principal, e a maioria do edifício já foi esvaziada. Restam ele, Rydel, alguns outros detetives, como Shreen e Mursey, e...

Espera, Kiza não estava aqui? Aonde diabos ela foi?

Ele está prestes a dizer algo para Rydel, mas então uma arma dispara raios pelo ar, acertando o oficial diretamente na testa. Rydel cai para trás. Mais dois disparos e Shreen e Mursey caem – Shreen gira para trás por cima da sua mesa e Mursey apenas cai para a frente contra um bebedouro.

Erno leva a mão atrás das costas em busca da sua própria arma...

Mas é lento demais.

Ali está Kiza. *Kiza*, de todas as pessoas. Ela tem uma arma de raios padrão de segunda apontada contra ele. O garoto de preto não está onde se possa ver.

– Kiza, eu não... eu não entendo o que está acontecendo aqui, boneca.

– Não sou sua boneca. – A voz dela treme enquanto ela fala.

– O que... é isso?

Ela cruza lentamente o espaço entre eles. Abre caminho através do mar de mesas, através da luz vermelha meio escura.

– Isso é a revolução. Isso é a vingança das trevas. Isso é o oblévio.

– Diabos – Erno amaldiçoa. – Você é... você é uma *deles*.

Ele percebe, ela não é treinada. A garota está assustada – ele consegue perceber isso na voz dela. Então ele tenta pegar a arma mesmo assim. Erno é velho, mas ela não é uma policial. A mão dele encontra a arma e o braço se estica...

O ar se acende ao lado dele. O mundo pulsa conforme um feixe de luz vermelha sobe através de espaço aberto...

Uma linha lancinante de dor cruza seu pulso.

E então, a mão que segurava a arma se vai. Ela bate contra uma das mesas, ainda segurando-a. Ele a observa cair e se afastar. É uma coisa absurda de se ver, sua própria mão saindo assim.

Ao lado dele está o garoto de manto.

Ele tem um sabre de luz vermelho na mão.

– Eu disse que sabia o que havia no porão – ele rosna.

– Essa é a lâmina que estamos procurando? – Kiza pergunta a ele.

O Acólito acena com a cabeça, ávido.

Então... *bum*.

Kiza bate na têmpora de Erno. O mundo gira para longe enquanto ele cai no chão. Ela se agacha e sussurra na orelha dele:

– Vader vive. Assim como você. Conte a todo mundo que os Acólitos estão vindo, *boneca*.



CAPÍTULO

7

O bar é um boteco à beira-mar em Junari Point – a poucos quilômetros da cidade de Hanna de fato. Não é grande coisa: um bar redondo de madeira escura sob uma tenda usada para cortar o vento. Pássaros bula pavoneiam-se sobre seixos e areia, seus bicos com ponta de estrela virando rochas à procura da próxima refeição, que pode se arrastar para fora. O oceano desliza para dentro e para fora com menos do ruído de batida e clamor das ondas e mais do silvo-e-sussurro de um lago calmo lambendo a costa. A noite é fria. A chuva fraca se foi, deixando para trás uma brisa.

Sinjir está sentado olhando para uma caneca branca de líquido preto. Fumaça se levanta ao redor dele, esquentando suas bochechas.

Hoje à noite o bar tem alguns outros clientes. Outros Chandrilanos – logo ali, uma pescadora com um queixo firme encara sua caneca de algo borbulhante. Do outro lado, um jovem em uma camisa elegante e jovial assiste à sua holotela com um desinteresse severo. A atendente – uma mulher alta com o cabelo loiro-claro puxado para trás em uma trança complexa enrolada no pescoço como uma coleira – passa lentamente e pergunta:

– Tudo certo?

Ele dá um leve aceno de cabeça. Enquanto ela passa, ele percebe que o olhar dela se volta para cima. Ela espia alguém vindo. Alguém atrás de Sinjir. Ele está prestes a se tensionar...

E então, meio segundo depois, um braço desliza pelo seu pescoço, à direita – e à esquerda, uma cabeça desalinhada e familiar aparece em seu ombro. A barba de areia roça a clavícula dele.

– Bem, olá – Sinjir cumprimenta, arqueando uma sobrancelha.

A mão livre do homem serpenteia sobre o ombro direito de Sinjir e agarra a caneca, depois a puxa para perto da cabeça, a fim de cheirá-la.

– Isto é *caf*. – O homem franze o cenho.

– *O quê?* – Sinjir diz, fingindo choque. – *Caf?* Bem, eu não pedi isso. Devo queimar este lugar em protesto. É o único jeito.

O homem – Conder Kyl – revira os olhos.

– Você é muito dramático. Só estou surpreso por estar bebendo *isto* e não, digamos, rum kowakiano ou, sei lá, *stripper de casco*.

– Eu estou tentando ficar acordado para te ver. Portanto, o caf. – Ele ergue a caneca e lança um olhar malicioso sobre ela. – Oh, e preciso te dizer que Stripper de Casco era meu apelido na academia de oficiais do Império.

– Não duvido. – Conder se inclina para beijar a bochecha de Sinjir.

Os alarmes soam em sua cabeça. De forma reflexiva, ele desvia o rosto para o lado e empurra seu banquinho alguns centímetros para longe do homem.

– Isso não pode ser coisa boa – Conder diz. – Você quer terminar comigo tão cedo?

– Agora quem está sendo dramático?

– Então o que é?

– Eu já *falei*. Eu não gosto... disto.

– Disto?

– Disto! *Disto*. O lance... *público*.

Com o quadril, Conder empurra o banquinho para mais perto de Sinjir, então se acomoda nele. O cotovelo se planta no bar, e ele se inclina contra sua mão, seu rosto se torcendo em uma máscara dúbia e perplexa.

– Você sabe onde está, né? Você está a salvo, Rath Velus. Nós estamos a salvo aqui. Chandrila é... bem aberta.

Conder existe naquele limite perfeito entre *bonito* e *másculo*. Ele tem um peito largo e braços grandes, um couro cabeludo aparado a laser e uma barba desigual e pontiaguda. Mas também tem longos cílios teatrais e lábios carnudos. E pele tão lisa e bronzeada como uma estátua esculpida em korabaster nimariano. Até mesmo a voz: grave, mas com uma cadência também. É uma música rústica, mas bonita.

Ele também é um dos melhores slicers que a Nova República tem à disposição. Não há muitos sistemas que Kyl não possa desmontar, se ele se esforça para isso. Foi assim que ele e Sinjir se conheceram – dois serviços antes, na caça ao moff Gorgon, a tripulação precisava de alguém para invadir a cabeça de um droide interrogador, e Temmin não estava apto para a tarefa. Trouxeram Conder Kyl.

Conder, a quem Sinjir acabou de repreender publicamente.

– Não é isso – Sinjir fala. – Não exatamente. O Império...

Bem, ele já explicou isso antes, não foi? Conder sabe como funciona. O Império pouco se preocupava com qualquer envolvimento sexual ou romântico, *contanto* que não tivessem que presenciar nada. Quaisquer que fossem seus pecadilhos, o manual de decoro deixava claro que você devia manter tudo de portas fechadas. (Especialmente se violasse alguma das iniciativas familiares do Império – eles queriam procriadores acima de tudo.) Pior, Sinjir sabia muito bem que *afeição* era uma fraqueza. Os relacionamentos eram uma corda para amarrar em torno da garganta – uma corda muito fácil de puxar e se sufocar. A primeira coisa que ele fazia quando investigava um dos seus por deslealdade era descobrir com quem eles estavam indo para a cama. Era sempre um ponto fraco vital – tão vital e tão fraco quanto enfiar um polegar na traqueia de uma pessoa ou meter um punho em seus rins. Saber quem amava quem era um caminho para a exploração e o controle.

– Afeição nos expõe. Não quero que sejamos expostos. E, veja, as pessoas estão encarando.

A pescadora continua a olhar para a sua bebida. O jovem da camisa elegante continua a encarar seu datapad. A atendente está de pé, de lado, polindo copos.

– Oh, sim – Conder diz. – Eu me sinto completamente *dissecado*.

– Bem, o que *você* sabe? – Sinjir dá um gole barulhento em seu café.

Por detrás deles, passos contra os seixos. Os pássaros bula papeiam e saltitam enquanto dois outros clientes caminham até o bar. Sinjir já os viu antes: ambos são pilotos da Nova República. O primeiro é um Chandrilano narigudo com uma leve cicatriz na testa. A outra é uma mulher de ombros curvos com as bochechas esburacadas e uma carranca permanente afixada em sua cara feia.

O senhor Cicatriz na Testa chega do outro lado de Sinjir, bate o punho no bar e chama a atendente:

– Um balmgruyt. Agora.

– Dois – a senhora Carranca completa, dando um tapa no bar.

Enquanto a atendente prepara as bebidas, Cicatriz na Testa olha para cima e encara Sinjir duramente.

– Não gosto do seu tipo – ele afirma.

Sinjir aplaude.

– Obrigado, senhor. Muito obrigado por ajudar no meu argumento. Viu, Conder? Esses pilotos não aprovam nosso estilo de vida.

Carranca espicha a cabeça por cima do ombro de Cicatriz na Testa e estreita os olhos. Ela estica o queixo para fora.

– Não gostamos de *imperiais* por aqui.

Tão decepcionante.

– É esse o seu problema? – Sinjir vocifera.

– Ele não é um imperial – Conder afirma e se levanta. – Ele está do nosso lado.

– Bem – Sinjir corrige –, não vamos *tão* longe...

– Ele é um maldito imp, isso sim. – Cicatriz se inclina para a frente, cerrando os dentes. Sinjir consegue sentir o álcool no hálito dele; o homem já está aceso como uma bateria de laser. – Um armadura preta, um vira-casaca que vai cortar nossas gargantas se permitirmos. Não gostamos do seu tipo. Não gostamos de amantes deimps, também.

– Entendo – Sinjir responde, fingindo tomar um gole da sua caneca de café, uma caneca que ele pretende quebrar na cabeça do homem idiota. – Entendo mesmo. Por muito tempo, o Império Galáctico cruelmente subjogou todos os sistemas e estações; do centro quente e pegajoso do Núcleo aos limites mais frios da Orla Exterior. Porém o Império está se quebrando e agora todos nós, *vilões*, estamos aparecendo na porta de vocês, dando de ombros, sorrindo e pedindo perdão. E provavelmente não merecemos, mas, ainda assim, aqui estamos. Isso representa um problema para vocês, porque agora a questão é: conseguirão se provar os verdadeiros defensores da galáxia? São os bonzinhos que podem perdoar ou são tão ruins quanto...

Bam. A cabeça de Sinjir recua com a batida. O golpe tem força, mas é tão deselegante e impreciso

quanto um estampido – seu cérebro chacoalha, mas ele não sente gosto de sangue. Sinjir lambe os lábios para ter certeza. Não.

A mão dele se curva em torno da caneca. O café ainda está quente.

Vai deixar uma linda queimadura no couro cabeludo do homem.

Mas então a mão de Conder encontra a dele e a acalma.

– Podemos apenas ir embora – o slicer fala no ouvido dele. Um sussurro ofegante. Não está assustado.

Apenas confiante.

O piloto se levanta. As mãos de Cicatriz estão fechadas em punhos, e ele está pronto para lutar. O homem está *se coçando* por isso. Sinjir ecoa esse comichão – ele rasteja no seu interior como fios no sangue, quentes e elétricos.

Contudo, tudo que Sinjir faz é assentir.

– Boa noite, senhores.

Cicatriz na Testa e Carranca parecem surpresos quando Sinjir e Conder entrelaçam os braços e partem.

A caneca de café permanece no bar, fumegando.

Manhã. Mesma praia, mesmo mar, mesmo bar.

Sinjir saiu, mas agora está de volta. Ele deixou Conder e uma cama quente para trás. *Um bom final para a noite*, ele pensou na hora – isso antes de beber mais e desmaiar ali mesmo.

A luz manchada do nascer do sol derrete através dos olhos fechados de Sinjir. Ele umedece os lábios e se descasca da cobertura do bar. Faz um som notável, como desembrulhar um curativo de uma ferida pegajosa.

Sua boca tem gosto de...

O que é isso? Ah. Sim. Tsiraki. Licor feito de salak fermentado e especiarias picantes. Azedo, doce, totalmente terrível e também incrível.

Ele pisca para tirar o sono dos olhos. Sua cabeça ainda está bamboleante. O que é bom, porque significa que a ressaca ainda não cravou suas garras nele. Um *fiapo de garral*, então, para mantê-lo em pé e...

Argh, mas aonde, *aonde* aquela maldita atendente foi?

Isso é pra irritar qualquer um.

É então, contudo, que ele percebe alguém sentado perto dele.

– Olá para você – ele cumprimenta.

– Você se temperou muito bem – Jas Emari afirma. Ela está no banco ao lado dele, palitando os dentes com uma faca de lâmina estreita.

– Hã? Sim. Tsiraki.

Ela faz uma careta.

– Não julgue até experimentar – ele murmura.

– Eu experimentei. Tem gosto de bile de lesma.

– Você não bebe. Não é uma *connoisseur*. – Mas ele boceja e se estica. – Embora seja por isso que somos bons amigos. Você é a caçadora de recompensas que não gosta de enrolação e resolve logo as coisas, e eu sou a má influência tórpida, mas adorável. Deveriam fazer uma série na HoloNet a nosso respeito, agora que o domínio do Império sobre os meios de comunicação acabou.

– Você está bravo comigo – ela diz.

– O quê? Não – ele mente.

– É o Jom? Você está mesmo bravo por conta dele?

– Estamos *mesmo* fazendo isso? Agora? – Mas ele pode ver pelo aço no olhar dela que a Zabrak está bastante séria, de fato. – Argh. *Tá bom*. Não, não é o Jom. Faça o que quiser quando estiver sem calças. Foi... – Ele não quer falar, então por um momento apenas deixa as palavras se dissolverem em uma espécie de grunhido gutural até finalmente conseguir articular: – Foi o plano. *Seu* plano na fortaleza de Slussen Canker. Você foi em frente e fez o seu esqueminha e contou ao menino, mas não contou para mim.

– Eu devia ter contado. Concordo.

– Não gosto de ficar no escuro. Não com você. Me deixa *inquieto*. E não é só isso. É... *sei lá*. Eu não tinha ideia de que você estava dando um chapéu na gente. Esse tipo de coisa eu geralmente consigo notar muito antes de sair do hiperespaço. Mas de algum jeito você conseguiu ocultar de mim. O garoto também. Ou eu estou perdendo o tato ou...

– Ou você confia em nós.

– Eu confio.

– Isso te incomoda.

– Incomoda. – Agora é a vez dele de fazer uma careta. – Deixe-me perguntar uma coisa.

– Pergunte.

– Por que você faz isto?

– O quê?

– Isto. O time. A Nova República.

Ela limpa a ponta da lâmina com o polegar e encolhe os ombros.

– Sei lá. Créditos. Débitos.

– Eu não acredito muito em você.

– Então não acredite. Por que *você* faz isso?

– Estou entediado.

É a vez de ela dizer:

– Agora *eu* não acredito muito em *você*.

– Talvez ambos tenhamos dívidas que os créditos não possam pagar.

Ela dá de ombros.

– Talvez tenhamos.

Ele funga e estremece. Essa conversa ficou séria demais, deprimente demais.

– Como você me encontrou, afinal?

– Conder me contou.

– E como você o encontrou? Eu não sabia que você sabia.

Ela deu um sorrisinho.

– Eu sei tudo. Sou boa no meu trabalho. – Ela gira a sua lâmina e a empurra de volta para a bainha ao seu lado. – O que me lembra: nós *temos* um trabalho. Norra chamou.

– Pensei que tínhamos alguns dias de folga.

– Essa é sua ideia de folga? – ela pergunta, gesticulando para as duas figuras na outra extremidade do bar. Uma delas é Cicatriz na Testa, que está virado de barriga para baixo sobre a parte superior do bar, pendurado como um peixe morto. Em torno de sua cabeça estão os restos quebrados de uma caneca e a poça de líquido frio que estava nela. A outra figura é Carranca, que está deitada na areia, uma toalha do bar apertada firme contra seu nariz sangrento. A mulher geme. – Pelo menos os dois ainda estão respirando – Jas diz.

– Eu não sou um assassino.

– O que eles fizeram, mesmo?

– Foram rudes – ele suspira.

– Vamos, Sin. Vamos trabalhar.



CAPÍTULO

8

Sloane sai do Poço e dá um passo para fora, esticando o pescoço e rolando os ombros para tirar a tensão. Por quanto tempo ela esteve lá? (A resposta exata importa muito pouco, já que a verdadeira resposta é: *tempo demais*. Tempo o bastante para a ausência dela na *Dilacerador* ser notada por alguém.) O que a atinge imediatamente é:

Está escuro.

Isso seria razoável em qualquer outro mundo, porque é tarde – ou, pelo menos, muito, muito cedo –, porém acontece que Coruscant é um mundo que nunca dorme. As luzes nunca se apagam. O escuro vem, e o planeta inteiro acende. Mas ali, no Distrito da Verdade, está *escuro* mesmo.

E também está *em silêncio*.

A pele em seu pescoço formiga. Algo está errado.

Ela tem que se mover. Mas para onde? O plano era encontrar para si um dos trens subgravitacionais que estivessem partindo – a Linha Preta a levaria direto para o Distrito Federal, afinal. Mas, se não tem energia ali em cima, será que tem lá embaixo? E encontrar um táxi não é uma opção...

Bem no fim do quarteirão, três figuras correm entre os prédios, esgueirando-se e esquivando-se até estar fora de vista. Não são stormtroopers – ela não ouve o ruído familiar de suas botas e armaduras.

Estamos sob ataque. Os insurgentes estão aqui. Neste instante.

O único recurso é chegar à sua nave.

Ela não esteve em ação pelo que parece ser muito tempo, mas a lâmina de seu instinto não ficou cega. De repente, fica hiperconsciente e sua mente passa por cálculos frios e desapaixonados que são muito familiares: *fique longe de ruas abertas, mova-se entre prédios, mantenha a cabeça baixa e a arma sacada*. Uma percepção sombria rasteja dentro dela: é assim que a vida no mundo do trono é agora, não é?

Sloane se move com velocidade. Vai para o outro lado da rua. Desliza pelo beco entre um comissário e um prédio da RBE (Realinhamento de Base e Encerramento). Esquiva-se por trás de uma máquina de compressão de lixo enquanto verifica a arma de raios, então volta a se mover. Sloane contorna uma estação médica, passa ao lado de um compartimento de reparos, sob a sombra preta de uma matriz de comunicações.

Vrumm. Adiante, bem à frente, o ar se ilumina com uma explosão pulsante – relâmpagos crepitam em seu centro, e então acaba. Alarmes soam em seu rastro. Por uma rua próxima, um transporte do DSI passa rugindo em direção à fonte da explosão. Sloane pensa: *Espero que não tenha sido minha plataforma de pouso.* Ela dá um passo para a frente, os olhos ainda se ajustando às listras brancas pulsando através de sua visão. Um som atrás dela. Ela vira...

Algo a prende ao lado da cabeça e ela cai. Uma bota pressiona sua mão, e a arma de raios cromada escorrega dos seus dedos. Outra bota chuta sua arma para longe.

Uma parte absurda e derrotista dela pensa: *Tudo bem.* Os soldados da Nova República podem pegá-la. Deixe que tudo acabe. Ela vai ser uma ótima captura para algum piloto ou soldado grosseiro – uma medalha garantida.

Mas um fogo se acende em seu estômago. O coração entra em supernova. *Este é o meu Império,* ela pensa. Sloane não vai deixá-lo para esses brutos. E ela certamente não vai deixar alguém como Rax lançar tudo pelo que ela trabalhou tanto direto para o coração de alguma estrela. Não. Não esta noite. Não se ela puder evitar.

Sloane rola em direção a seu braço preso – causando uma dor que não é pequena – e ergue a mão livre para agarrar quem a está segurando lá. Seus dedos encontram o cinto do atacante e ela agarra com força, puxando-o para o chão. Não é nem um soldado da Nova República – ela vê uma roupa escura e um pano azul e dourado enrolado ao redor do braço. *Resistência local.*

O homem, praticamente um menino, grita, pedindo ajuda. Outras formas se movem em direção a ela, porém Sloane está agachada agora. Seu corpo está codificado com a memória de *como lutar.* Na Academia, ela praticou e competiu na CNB: Companhia Naval de Boxe. Ela era boa. Jamais ganhou o cinturão, mas sempre esteve bem ranqueada.

E continuou treinando essa habilidade.

O primeiro insurgente que a ataca o faz com a deselegância de um bêbado tentando dar um beijo – ela dá um passo para o lado e o acerta com um punho, pegando direto no olho. Ele vacila e cambaleia para trás, enquanto outro, usando uma armadura tosca e um protetor facial, avança para preencher o espaço. Sloane chuta a perna do segundo, e o inimigo cai, então ela cai também, pegando o braço dele enquanto os dois caem. Ela gira e puxa para trás o pulso do insurgente com força suficiente para deslocar o braço com um estalo. O terrorista grita – e é a voz de uma mulher berrando de dor. Sloane chuta o protetor facial, então o joga na próxima pessoa correndo até ela...

A coisa pega o próximo terrorista no rosto, e ele gira e cai. Mas Sloane é lenta demais e está em menor número. Alguém a acerta de lado e seu ombro bate com força contra o plastocreto. A respiração foge de seus pulmões quando ela cai contra o chão.

Algo pressiona forte contra o lado de sua cabeça.

Uma arma de raios.

– Não se mexa – vem uma voz trêmula e incerta. A mesma voz grita para outro interlocutor: – Pegamos um. Imperial. Piloto, pela aparência dela.

Sloane faz um novo conjunto de cálculos. Ela pode lutar. Mas, se eles a levarem, ela vai interpretar o papel de grã-almirante Rae Sloane, ou então, em vez disso, ir como Dasha Bowen, uma piloto inofensiva? A primeira tinha valor, a última quase nenhum. O que serviria melhor a ela?

Outra pessoa se aproxima: um homem grande, metade do rosto escondido atrás de um lenço azul e dourado. Ele se abaixa e, com uma pata larga, vira Sloane para que ela olhe para cima. Ela mostra as mãos. A mulher com a arma se levanta e encara, o rosto coberto de fuligem, os olhos profundamente encovados.

– Levantem-na. Vamos levá-la. Garris vai saber o que fazer com ela.

– Podemos lidar com ela aqui mesmo – o grandão diz. Outros começam a se reunir atrás deles. Homens, mulheres, jovens e velhos. Meia dúzia.

– Lidar com ela?

– Sim. *Lidar* com ela.

– Não é isso o que somos.

– Talvez isso seja o que precisamos ser.

Alguém por trás deles, uma voz grosseira:

– Não somos soldados. Só estamos recuperando nosso lar.

A arma apontada para o nariz de Sloane hesita.

Uma nova figura junta-se ao grupo. Alguém alto e magro. Braços estendidos – um par de bastões seguros nas mãos. É difícil ver alguma coisa, exceto sua silhueta. Os bastões giram em seu aperto.

– O que temos aqui? – ele pergunta.

– Pegamos um peixe – o grandão responde.

Mas então alguém pergunta:

– Espere, quem é...?

O recém-chegado se move como um ciclone. Ele abaixa e gira, apontando cada bastão em um insurgente diferente. Os bastões fazem *bang* como alavancas se acionando, e fica claro – esses são bastões concussivos.

E eles são a marca registrada de alguém com quem Sloane trabalhou recentemente: o caçador de recompensas Mercurial Swift.

A mulher afasta a arma de raios do rosto de Sloane para se concentrar no novo adversário – e isso é um erro. Sloane se coloca atrás dela e prende o braço ao redor da garganta da mulher. Aperta, cada vez mais, até a mulher deslizar pelo solo.

Swift, enquanto isso, sobe e desce como uma marionete, batendo os bastões sob queixos e contra costelas. Cada vez que isso acontece, o bastão crepita como um trovão localizado e mais um inimigo despenca.

Até que os dois únicos de pé são Sloane e Swift.

– Você – Sloane diz, furiosa. – Você me seguiu.

– Temos tempo para discutir isso agora? – O caçador de recompensas gira os bastões e os grampeia de

volta em seu cinto de utilidades. – Não acho que tenhamos tempo. Precisamos ir, almirante. A menos que você queira encontrar mais amigos...

Ela não quer.

– Você pode me tirar daqui? – ela pergunta.

Swift sorri e lambe os dentes.

– Será um prazer.

O speeder roça o topo dos edifícios ao longo do Distrito da Verdade, passando tão perto que Sloane teme que Mercurial vá raspar o transporte e despedaçá-lo em uma coluna de fogo. Porém, ele garante a ela que isso faz com que eles sejam difíceis de ver e, mais importante, difíceis de *acertar*.

Ela sente o cheiro de ozônio queimado. E fumaça. E escuta um disparo de raios de algum lugar atrás deles. Coruscant é uma zona de guerra. Será que o Distrito da Verdade caiu nas mãos da resistência local? Ou é apenas mais um ato aleatório de violência?

Ao longe, o Palácio Imperial. Uma coisa enorme e dentada. Como uma montanha engolida pela luz arroxeadada. Pináculos de holofotes sobem brilhando para o céu, pintando as nuvens escuras penduradas muito acima com faixas de branco. Subitamente, dois caças TIE gritam sobre eles.

– Você pode dizer ao seu pessoal que os guerreiros da resistência estão usando os velhos túneis de carga, aqueles que correm em paralelo aos túneis dos trens subgravitacionais. – Ele olha de relance para ela, esperando pela resposta.

Contudo, o que poderia ser a resposta dela? A mais imediata, a que está espetada na mente dela como um prego, é que eles não são o “pessoal” dela. Esse é um pensamento que ferve e gela seu sangue, porque significa que não existe mais um Império. Há vários – fragmentos de um espelho quebrado. Todos refletindo algo similar, mas quebrado...

E, ela teme, impossível de consertar.

Tudo o que Sloane pode dizer em resposta é:

– Obrigada. – Uma palavra que soa vazia. O caçador de recompensas deve detectar quão pouco ela quer dizer aquilo.

– Você parece não se importar muito com o fato de que eu acabei de salvar sua pele.

– Eu me importo. Eu também me importo com o fato de você estar me seguindo.

– Você me chamou, não foi? – Ele dá um sorriso de dentes brancos.

Ela se vira e, com uma pontada súbita de raiva, diz:

– Quando eu chamo você, espero que venha *rápido*. Não se escondendo atrás de mim como um tooka querendo um gole de leite.

Eles saem do Distrito da Verdade e entram no Federal – onde as luzes ainda estão acesas. Ninguém se atreverá a violar esta região, ela suspeita, a menos que queiram enfrentar toda a força do Departamento de Segurança Imperial. Mas, de novo: no fim dos tempos, todas as montanhas desmoronam e sucumbem. Tornam-se colinas, depois pó, e então os ventos as sopram para longe. A maioria das montanhas erode

lentamente, mas às vezes uma mudança tectônica pode acelerar sua inevitável destruição. A galáxia está passando por uma mudança dessas.

– Você tem um trabalho para mim? – ele pergunta. – O último correu muito bem. Nosso amigo, o vice-almirante, descobriu que o vício era simplesmente *demais* para suportar. Péssimo hábito, essa especiaria.

– Preciso que encontre alguém.

– Imaginei. – Ele parece que está prestes a falar mais alguma coisa, alguma observação sarcástica ou narcisista. Mas até mesmo ele é esperto o bastante para saber que não é bom atormentar demais a suposta cabeça do Império. Ele limpa a garganta. – Quem e quando?

– Brendol Hux. Ele está em Arkanis, na Academia.

– Arkanis. A Nova República não pegou esse aí?

– Ainda não, mas em breve. Está sob cerco.

– Você precisa que ele suma antes de eles chegarem. Entendido.

– Não, não está entendido. Eu não preciso que ele “suma”. Esse aí eu preciso que seja trazido de volta vivo. E em bom estado.

Ele dá uma risada gutural.

– Você quer que eu garanta passagem segura para alguém em um planeta devastado pela guerra? Sou um caçador de recompensas, não uma babá.

– Então ficará desapontado ao saber que ele tem um filho, e você tem que trazer a criança também. – *O Império precisa de crianças...* E, com isso, a mente dela volta à imagem vista nos arquivos: um jovem à beira da idade adulta, em um terno mal ajustado, ao lado do próprio Palpatine.

– Vou precisar de mais créditos.

– Posso dobrar o pagamento costumeiro – Sloane responde.

– Triplique.

– Ou eu posso voltar todos os recursos do Império contra você. Você fugiria e nós o perseguiríamos. Você não encontraria nenhum abrigo seguro, e ninguém ousaria empregá-lo pelo medo de que o miasma preto ao seu redor também os capturasse e os sufocasse.

– Uma ameaça um pouco vazia, não?

– É? Você não teme um Império ressurgente comigo na liderança?

Momentos se passam.

– O dobro, então – ele diz.

– Bom. Leve-me ao Palácio Imperial. Contate-me quando o trabalho estiver finalizado, e o pagamento será feito.

Interlúdio:
Aniquilador

Eleodie está na ponte de comando, preocupada com o alvo.

Deve ser uma surpresa, eleu pensa, observando a CR90 corelliana adiante deles resistir e estremecer conforme o raio trator a laça. *Pobres tolos não sabem o que está por vir*. Pensam que é o Império. E por que não pensariam? Um superdestróier estelar corta através do espaço como a ponta de uma espada, a sombra dele caindo sobre sua nave – bem, tradicionalmente, isso significava uma coisa. Vocês vão ser abordados. Vocês agora são convidados do Império. Vocês não são mais pessoas livres. Eleodie conhece a sensação. Eleu foi do Império antes. De certa forma.

Mas esses dias se foram.

E nós não somos o Império. Formar *um* império é bem diferente *do* Império, afinal.

Eleodie olha para o seu imediato: um Omwati, Shi Shu, os dedos finos correndo pela coroa de penas em cima da cabeça. Eleu pergunta:

– Lembre-me de novo o que nós estamos procurando, pode ser?

– A *Starfall* – ele diz. – Embaixador senatorial a bordo, Tia’dor Emshwa.

Eleodie zumba.

– E também me lembre por que estamos entrando em uma briga com a Nova República tão cedo. – A cabeça de pirata está cheia de detalhes e dados, repleta de dívidas e bens, preenchida com os nomes daqueles que traíram eleu. Eleodie está tentando aproveitar uma oportunidade aqui: a lenta morte do Império e a ascensão da República revivificada deixam piratas e criminosos como si lutando por uma posição. Porém, eleu não quer só uma posição. Quer tudo. – Isso parece... imprudente, e espera-se que aqui valha a pena espremer o suco?

– Vale – Shi Shu responde com um aceno de cabeça. – Eles estão em uma missão para Ithor, na esperança de, ah, *seduzi-los* para se juntarem à Nova República. Como parte da sedução, eles trazem consigo uma nave cheia de maravilhas: artefatos ithorianos recuperados, mas também comida, suprimentos médicos e um monte de tecnologia. Daria à nossa frota uma boa vantagem. Mesmo aqui. Nós roubamos esta nave, mas ainda precisamos mantê-la abastecida...

– Muito bom. E a nave está devidamente subjugada?

– Está.

– Comunicadores?

– Fritos como pão *ksharra*.

– Sem erros. Diferente da última vez. Os Rangos quase nos pegaram porque *alguém* se esqueceu de fechar a passagem de ar...

– Está tudo preparado.

– Então, *vamos saquear*.

O destróier atrai a corveta para sua barriga. Eleodie assume posição junto aos outros – eles se movem para dar passagem, e ela fica de pé logo atrás de um par de outros piratas Weequay com archotes. Enquanto eles queimam uma linha ao redor da porta, Eleodie faz alguns exercícios vocais e pratica o discurso na sua cabeça. Ela estala os dedos e alonga o pescoço.

E então acabou. A porta está aberta. A passagem está livre.

Eleodie assente com a cabeça.

Os dois piratas invadem a corveta, arremessando granadas de luz. Elas explodem, enchendo o canal à frente com luz branca pulsante. Ela fica de lado à medida que mais membros de sua equipe correm para dentro. Da entrada, vêm os sons de grito, choro, outro detonador de luz sendo disparado. Eleodie zumba uma música em consonância com o universo, as mãos atrás das costas, os olhos bem fechados. Esperando. Meditando.

Le comandante dos piratas não sabe quanto tempo isso dura.

Eventualmente, Vinthar dá tapinhas gentis no seu braço.

– Chegou a hora – o reptiliano diz. – Os cativos estão seguros. A nave está em paz. Sua presença é necessária. – Ele entrega a Eleodie um longo bastão barroco. Ela também pega dele um codificador de voz, o qual coloca ao redor do pescoço como uma gargantilha.

De fato, chegou a hora, ela pensa.

Vinthar pisa para dentro da nave.

Dali de trás, Eleodie ouve o discurso dele, um discurso que ela escreveu:

– Saudações! – ele exclama. A voz é profunda e ressonante, como se a criatura reptiliana estivesse pisando num palco para se dirigir a uma audiência ansiosa. O lagarto anuncia: – Sou Vinthar, o Sarkano da Ninhada de Xazin'nizar, e os saúdo neste embarque não programado, amigos da nave espacial designada *Starfall*. Eu os invejo hoje pela bênção que estão prestes a receber, já que estão indo encontrar sua alteza, sua glória, sua maravilha, sua *luminosa magnificência*... le corsárie! Saqueadore! Líder pirata do Espaço Selvagem! Valeta com glória, Eleodie Maracavanya!

Hora do show.

Conforme Vinthar se pressiona contra a parede do corredor com um movimento deferente, Eleodie caminha para a nave com passos largos. Queixo para cima. Olhos para baixo. *Projete confiança. Um dia você vai governar esta galáxia.*

Eleodie solta o ombro para a frente e uma capa de escamas cromáticas cai à frente do seu corpo – cintilando à medida que uma onda de cores reluz como uma maré virada. Eleodie pega o bastão que está segurando e bate duas vezes contra o chão, *tum, tum...*

Uma lâmina de foice se abre. A lâmina vibra e crepita com fios de energia azul. Uma eletrofoice.

Elu considera aqueles diante de si com olhos dourados. Essas pessoas têm medo do que está acontecendo. Bom. Deveriam estar mesmo com medo.

Agora é hora de acalmar o medo delas. Um bálsamo para suavizar a picada.

O codificador muda sua voz enquanto as palavras são pronunciadas: a fala é alta e vívida, vibrando em uma intensidade profunda. A voz que emerge é aveludada e rica, e Eleodie consegue senti-la até a ponta dos dedos. Espera que eles consigam, também.

– Sou Eleodie Maracavanya, descendente de Nar Shaddaa e comandante do superdestróier estelar *Aniquilador*. – Mas, aqui, elu faz uma pausa e olha em direção ao teto, como se reconsiderasse. – Eu não pretendo manter esse nome. *A Aniquilador*. Definitivo demais. Assassino demais. Não é exatamente o meu *estilo*. – A mão de pirata zumbe no ar como uma mariposa voando. – Sendo assim, vocês podem relaxar: se nenhum de vocês tentar me matar hoje, eu não vou matar nenhum de vocês. Essa é a barganha. Vou pegar a nave de vocês para se juntar à minha frota. Nossa soberania requer naves como esta e a carga que ela carrega. Mas não somos assassinos e certamente não fazemos escravos, então vocês estão livres para entrar na cápsula de fuga mais próxima e ir embora.

Vinhtar dá um passo à frente e ergue um dedo com ponta de garra no ar.

– Porém! – ele anuncia.

– *Porém* – Eleodie continua –, embora eu não vá pressionar nenhum de vocês para servir, farei a oferta: juntem-se a mim. Venham a bordo do nosso destróier roubado. Vivam a vida de pirata. Curtam a vida de espólios e riquezas. *Sejam gananciosos*. *Sejam egoístas*. A vida é muito curta para toda essa... – elu faz uma cara azeda – bobagem da *Nova República*. Vocês realmente acreditam que seu precioso governo vai salvar a galáxia? Por favor. Eu acho que não. Eu sou muito realista, e o que você obtém nesta vida é puramente o resultado *daquilo que você pega*. Venham comigo. Venham para a minha nação. Tornem-se parte da minha frota. Juntem-se ao meu espaço soberano. Apreciem a liberdade que vem com a tomada do que quer que vocês quiserem, o que quer que vocês consigam tomar, sempre que for possível. Alguém? Qualquer um?

Alguém vai aceitar a oferta.

Alguém *sempre* aceita a oferta.

Desta vez, quem aceita surpreende Eleodie.

Ali, contra a parede, está uma jovem. Uma garota. Comum como sujeira, comum como um espaço vazio, nada excepcional exceto pelo fogo em seus olhos. Ela se levanta, afastando-se da mulher que Eleodie suspeita ser sua mãe, ou pelo menos sua guardiã...

A mulher grita:

– Kartessa! Sente-se...

– Eu odeio Chandrila – a garota dispara. Sua voz treme, mas há dureza nela. Isso acalenta Eleodie. A confiança. O egoísmo. Bom. – É chato. Eu quero aventura. Eu quero uma *vida*. Eu não quero mais ser enclausurada.

Sim, garota. É isso aí. Seja quem você quer ser. O reino pirata que Eleodie está cultivando lá fora no Espaço Selvagem baseia-se na soberania do eu.

A mulher implora, é claro:

– Não, Kartessa...

Mas Eleodie a silencia.

– Silêncio! Deixe-a, mulher. Você é a mãe dela?

Relutante, com pesar brilhando nos olhos, a mulher assente com a cabeça.

– Sim.

– A menina tomou sua decisão. Respeite-a.

A mulher engole em seco.

– Então... eu vou também.

– Mãe! – Kartessa exclama. Eleodie puxa a garota para perto.

– Deixe-a vir. Mas ela não vai mais governar você, Kartessa. A mãe vai encontrar o seu caminho, e a filha vai encontrar o dela. Alguém mais?

Ninguém.

– Alguém?

Certo.

Elu sorri e diz:

– Então aproveitem suas intrépidas jornadas nas cápsulas de fuga. Agradeço a nave e os suprimentos.

Eu sou Eleodie Maracavanya. E o prazer foi todo *seu*. – Com um floreio da capa, vira-se e se dirige a uma saída de ar.

A garota, Kartessa, segue de perto. Um pequeno sorriso repuxa suas bochechas, mesmo enquanto a mãe chora.

O império de Eleodie cresce uma vez mais.



CAPÍTULO

9

Conforme o nascer do sol queima o horizonte do Mar de Prata, o time entra, um por um, na barriga da *Halo*, reunindo-se na sala principal. Jas sobe por último. Todos estão falando – Temmin murmurando sobre como não quer perder a prática de X-wing, Jom enchendo o menino porque se chama treinamento e não prática, Sinjir falando alguma coisa a respeito de como se esqueceu de pegar aquela garrafa de tsiraki e, ei, será que alguém tem uma garrafa extra de tsiraki, porque tsiraki é tsiraki.

Tudo isso é barulho de fundo para a caçadora de recompensas.

O ruído em primeiro plano é a estática de seus próprios pensamentos, crepitando e estalando em sua mente. Sua pele formiga com um tipo incomum de ansiedade, uma a que ela não está acostumada, uma que nasceu de uma divisão dentro dela – uma fissura que ela não consegue fechar, um machucado que não se cura. No seu coração, Jas se sente como duas pessoas diferentes.

Ela sempre disse a si mesma que tudo o que ela faz é para si. *Não estou aqui para fazer amigos* é uma frase frequentemente repetida – sempre que algum traficante de armas, barman ou cliente quer fazer mais do que falar de negócios, essa é a frase que ela lança. Sem amigos. Não precisa deles. Sinto muito, obrigada, tchau.

E ela nunca teve muito uma causa a defender, também – o único propósito que possui é pagar suas dívidas. Dívidas que, na verdade, não são de fato dela, não é? São da sua tia. Sugi.

Vai se ferrar, Sugi.

Jas amava a tia. Amava mais do que era possível colocar em palavras. E por um longo tempo ela assistiu à mulher desperdiçar seus contratos. Ela abria mão de trabalhos que violavam sua “honra”. Ou os fazia à sua própria maneira e queimava o cliente no processo. Ou ela ficava do lado do seu time ou pegava um trabalho amador mal pago (ou sem pagamento) para proteger algum grupo novo de vira-latas, escravos ou patéticos insurgentes etc. etc. etc.

No final, tudo convergia para uma coisa só: Sugi devia mais do que recebia.

Essas dívidas se amontoaram.

E agora essas dívidas pertenciam a Jas.

Ela sempre dizia a si mesma: *Nunca serei como a tia Sugi*. Este trabalho é implacável, e ele requer uma flexibilidade moral bem exercitada. Você vai para onde fluem os créditos. Você pega o alvo, sem se

importar com o que tiver que fazer. Ela não tem que ser amigável, mas com certeza tem que ser *rápida* e tem que ser *boa*. É assim que você ganha uma reputação. É assim que você ganha o próximo trabalho.

Mesmo assim, ela diz a si mesma que está ali porque, agora, a Nova República é o lado que está vencendo. Não, eles ainda não têm a galáxia inteira arrumada e engomada, com tudo agradável e em ordem. Mas as estrelas estão flutuando nessa direção. Um por um, os sistemas se libertam do jugo opressivo do Império e passam à independência – e o caos dessa independência os leva inevitavelmente à Nova República. Uma única bandeira. Um governo. Uma nova ordem galáctica.

Que seja.

E se isso se partir e desaparecer, como bem poderia? Então Jas diz a si mesma: *eu troco de lado*. Ela pode balançar de um galho quebrado para um inteiro como um macaco-lagarto. Da República de volta para o Império – ou, em vez disso, para um sistema separatista. Ela poderia se meter no bolso de algum senhor do crime que manteria o dinheiro fluindo (contanto que não fosse um dos Hutts, já que Sugi nunca teve sorte com essas pilhas traidoras e úmidas de guano). Certamente haverá um número de ex-banqueiros imperiais agindo por conta própria. Eles vão precisar de reforços. Vão precisar de alguém para garantir que recebam seus empréstimos – que vá quebrar umas pernas, torcer alguns tentáculos, arroxear uns olhos ou outros órgãos sensoriais.

Ela sempre disse a si mesma: pragmatismo acima dos ideais. Ela mesma acima dos outros. A mente acima do coração.

O trabalho acima de tudo.

E é isso, certo?

E ainda assim... e *ainda assim*.

Ali está ela. Com um *time*, argh. Sinjir olha para ela e dá uma piscadela, enquanto ela tenta lembrar a si mesma: *Você não está aqui para fazer amigos*. E do outro lado da mesa está Jom, que está com um *olhar*, um tipo de olhar faminto como se quisesse pular sobre a mesa e agarrá-la, e, que as estrelas tenham piedade, ela sente um calor subir, e, por todos os deuses, o que aconteceu com ela?

É isso o que ela realmente é? Molenga como Sugi? Talvez sua tia se esconda dentro dela como um fantasma, invocada para seu corpo quando ficou molenga. Ou talvez Sugi soubesse de algo especial o tempo todo. Algo que Jas está começando a aprender.

Ela não gosta disso. *Queime com fogo*, ela pensa.

Norra está lá de pé – Norra! Por quem Jas se sente *calorosa*, o que a faz se perguntar de repente se seu cérebro foi tomado por algum tipo de parasita, como aquela larva neimoidiana que faz você desejar sangue – e espalha um baralho especial de cartas de pazaak.

(Jas fica agradecida pela distração súbita.)

Estas não são as cartas padrão. São os principais PROCURADOS da Nova República. Em cada uma, um rosto e um nome, listando os imperiais que a Nova República quer capturar. Alguns deles são grandes jogadores atualmente operando dentro do Império conhecido. Outros se tornaram desertores, como Gedde.

Por falar em Gedde, Norra pega essa carta e entrega ao filho.

– Tem, por favor?

Ele assente e a leva até um quadro pendurado na parede, próximo do reciclador de oxigênio. Temmin pega um pouco de uma bolha de gosma pegajosa de uma lata, passa na parte de trás da carta e a cola ao lado de quase uma dúzia de outras. Entre elas estão os alvos de Akiva (Pandion, Tashu, Shale, Crassus) e aqueles que eles pegaram desde então (comandante Stradd, prefeito Kosh, os moffs Keong e Nyall, o vice-general Adambo e o ex-ministro do DSI Venn Eowelt).

Norra fala o que Jas já sabia:

– Gedde foi envenenado. É provável que o veneno estivesse escondido em sua especiaria. – Jas pergunta se foi o fungo, e Norra confirma. *Como se houvesse qualquer dúvida*, Jas pensa.

– Eu sei quem foi – Jas afirma.

Olhos se viram em direção a ela, em expectativa.

– Um caçador de recompensas, como eu. Mercurial Swift. Ele ama venenos. E essa micotoxina é uma das suas favoritas, uma marca registrada.

Jom grunhe – embora ele reserve meio momento para fixar seu olhar sobre ela. Ele sorri. Ela tenta não sorrir de volta e falha. *Droga*.

– Isso significa o quê? – ele pergunta. – O Império está enviando assassinos atrás dos seus próprios oficiais?

– Não sabemos se o Império planejou a morte dele – Norra afirma.

– Mas faz sentido, certo? – Temmin indaga. – Quer dizer, qual é? Gedde abandonou o Império e nós o pegamos, talvez ele fosse entregar os outros.

– Bom – Jom diz. – Então é fácil. Checamos quais deles são desertores e nos concentramos nos outros. Deixamos que o Império elimine seu próprio lixo. Nos poupa o esforço.

– Nos rouba os créditos, também – Jas diz, com a sobrelha arqueada.

– Não estamos fazendo isso pelos créditos.

– Você não está fazendo isso por créditos. Pra mim? É a única razão.

– Você não se importa nem um pouco com a galáxia? Não se preocupa em fazer justiça para as pessoas e mandar o Império para o espaço?

Ela dá de ombros, mesmo que a luta entre suas duas metades passe de uma guerra fria a uma muito quente.

– Não. Não me importo. Eu me importo comigo, que estou nessa aventura. E, além do mais, se todos vocês se importam tanto com as pessoas da galáxia, por que o último trabalho se concentrou em pegar Gedde em vez de Canker? Gedde estava só *sentado* lá. Louco de especiaria, sem machucar quase ninguém. Canker, entretanto, controla uma rede escravagista. Nós não o derrubamos. Não libertamos nenhum escravo. Que bem nós fizemos?

– Tínhamos ordens! – Barell protesta.

– Está falando como um verdadeiro imperial – Jas retruca. Ela o está provocando agora, e sabe disso.

Mas além dos dentes afiados de seu sarcasmo encontra-se uma pergunta real: que bem eles estão fazendo?

E a melhor questão é: por que ela se importa?

Jom se ergue, bufando. Ela está feliz por deixá-lo bravo. Inexplicavelmente, isso a anima. Ela está tentada a arrastá-lo para outro, aham, treinamento, mas Norra subitamente levanta a voz:

– Nada disso é relevante agora. Podemos falar sobre os *comos* e *porquês* do que fazemos mais tarde.

No momento, pediram para nós, de forma discreta, bem discreta, procurarmos por alguém que está perdido.

– Quem é? – Jas pergunta.

Temmin assovia.

– Aposto que é ou Skywalker ou Solo.

Isso lhe rende alguns olhares – inclusive um de queixo caído de Norra –, mas Jas concorda. Ela diz:

– Faz sentido. Dois heróis da Batalha de Endor, e não vejo Solo por aí há meses. Skywalker há ainda mais tempo.

O olhar no rosto de Norra conta a história verdadeira – é um desses dois. Ela aperta a ponte do nariz e assente.

– Sim. Han Solo está desaparecido.

– General Solo – Barell corrige.

E Norra o corrige de volta.

– Ele deu baixa em seu posto.

– Então é só um contrabandista e não é da nossa conta.

– Eu afirmo que ele é da nossa conta – Norra diz. – Além do mais, isso vem de cima, de uma fonte bem no topo da Nova República...

– Leia – Jas diz.

– É *princesa* Leia pra você – Norra corrige. – E como você sabe disso? Colocou uma escuta nos meus aposentos?

– Não. Eu sei porque sou uma profissional. E porque há um boato que diz que os dois têm um lance desde Endor ou antes. Faz sentido que ele desapareça, e ela é a pessoa que quer que ele seja encontrado. É compreensível que ela venha até nós. Algo me diz que ela está usando Wedge como um intermediário.

– Eu ouvi que eles se casaram – Temmin conta.

– Wedge e a princesa Leia? – Jom pergunta, incrédulo.

– *Solo* e a princesa Leia.

– Ah.

Sinjir bate as mãos.

– Bônus: ela está grávida.

Um coro de réplicas e refutações se erguem em resposta. Sinjir cruza os braços e escarnece deles.

– Quê? Não olhem para mim como se eu fosse um droide protocolar com defeito cuspiendo baboseiras.

Qualquer que seja o trabalho de vocês, o meu é ler as pessoas como se elas fossem o menu de um autômato local. O jeito como ela se veste? O jeito como se move? O rubor rosado em suas bochechas? Suas mãos indo inconscientemente para o estômago? *Grávida.*

A última palavra ele diz cantarolando.

– GRÁAAAAVIDAAA! – Senhor Ossudo ecoa, também cantando, só que a música dele é uma balada falha e desarmonizada. Todos se encolhem.

– Pare – Sinjir diz ao droide.

– ENTENDIDO.

Tudo isso é melodramático e insignificante, Jas pensa.

– Temos algo sobre Solo? Qualquer pista?

– Temos uma – Norra responde. – Leia mandou os movimentos da *Falcon*. Solo estava tentando libertar Kashyyyk sozinho, mas algo deu errado e seu copiloto, Chewbacca, o Wookiee, sumiu. Temos um padrão que representa a busca dele. – Norra puxa um holomapa. O objeto preenche o ar ao redor dele com orbes representando sistemas brilhantes, cada um ligado por uma rota brilhante e cintilante do hiperespaço. Norra se concentra em uma região perto do Espaço Selvagem. – Ele poderia estar em qualquer um de uma dúzia de sistemas.

– É um começo – Jom afirma.

Sinjir coloca um dedo longo e pontudo na mesa. Ele o passa de uma carta para outra.

– Talvez alguns de nossos antigos convidados imperiais tenham alguma informação. Vou examinar os nossos prisioneiros.

– Posso verificar com alguns de meus contatos no submundo – Jas diz. – Se Solo estava desesperado de verdade, pode ter sido descuidado e chamado atenção para si mesmo.

– Bom – Norra diz. – Eu vou tirar o pó da *Mariposa* e voar para onde Chewbacca foi capturado pelo Império. Talvez, se conseguirmos encontrar uma pista de onde o copiloto de Solo foi parar, podemos diminuir as nossas opções.

– Então, mãos à obra – Jom concorda.

Cada um deles sabe o seu trabalho. Jas sai – intencionalmente à frente de Jom para se certificar de que o resto da tripulação saiba que ela não é gado-estelar de coração mole, nenhuma louca apaixonada, nenhuma tola de luxúria. Mas, de novo, a guerra de pensamentos vai com ela: *Por que eu me importaria com o que eles pensam? Você não está protestando demais? Admita, você subiria nele como numa escada.*

Isso a deixa ranzinza.

Do lado de fora, Sinjir espera para deixá-la ainda mais ranzinza.

Ele está com um sorriso grande e largo, com a malandragem de um menino que escondeu a bolsa de créditos da mãe.

– Que foi? – ela pergunta, na defensiva.

– Você – ele fala.

– Eu o quê?

– Você não perguntou nenhuma vez.

– Não perguntei nenhuma vez o quê? Fale de uma vez, Sin, ou vou chutar você pra fora desta plataforma. Eu não estou no clima para o seu tipo de diabrura.

– Quanto pagariam.

– Eu disse para você *falar de uma vez...*

Ele revira os olhos, obviamente impaciente com a falta de *noção* dela.

– Você nunca perguntou quanto pagariam para encontrar Solo, Jas. Você não perguntou pela recompensa. Ou pelo dinheiro. Nada disso.

– Eu... – Sua respiração fica presa no peito. Um pânico muito real e muito frio sobe dentro dela como um ciclone de granizo. Ele está certo. Ela não perguntou. Pior, ela nem sequer *pensou* nisso. – Eu sabia que haveria uma recompensa – ela mente para ele (e na verdade para si mesma também). – A conta bancária de Leia é profunda. Claro que resgatar Solo teria um pagamento particularmente grande. E... *e* mesmo que não seja, ter a princesa alderaaniana te devendo um favor não é insignificante. – Ela diz a si mesma que todas essas coisas são tão verdadeiras que ela deve ter simplesmente assumido todas elas... *claro* que valeria a pena pegar o trabalho.

– Olhe para você. Que retrocesso precioso.

– Coma *sleem*, Rath Velus.

Ele gargalha e pisca. Ela vai embora pisando duro.

Não estou aqui para fazer amigos. Ela repete a frase na cabeça várias vezes, de novo e de novo, até que seja apenas ruído de fundo.



CAPÍTULO

10

Mas Amedda está preocupado. Ele não dorme há dias. Ele mal tem comido. Ele é uma criatura que está presa pela arquitetura de um governo que ajudou a criar, um governo que não o quer mais nem precisa dele. Por um tempo, Amedda esperava ter achado a solução – ele se entregaria. Ele se entregaria para a Nova República, e poderiam fazer com ele o que bem entendessem. Era, ele acreditava, um plano à prova de idiotas. E foi um plano que o deixou sombriamente consolado – pelo menos *parecia* que ele tinha controle. Pelo menos parecia que a escolha de se render era *dele*. Porque todo o resto estava fora do seu alcance. Tudo, exceto por menores detalhes administrativos.

É solitário ser a cabeça de um Império moribundo.

Ele é um testa de ferro. Ou pior que um. Eles nem sequer o levam para fazer aparições. Seu escritório e seus aposentos compõem sua prisão. É aqui que ele fica a maior parte do tempo. Fazendo suas refeições. Assistindo à HoloNet. Pensando a respeito do seu futuro, ou melhor, a respeito da sua falta de futuro.

Não deveria ser assim.

Palpatine deveria ter permanecido. O imperador era um ponto tão fixo na galáxia quanto o próprio Núcleo. Tão fundamental quanto o Palácio Imperial. Eterno e imortal.

Mas não era.

Ele está morto. E Mas Amedda está vivo.

Embora desejasse estar morto também.

E esse é o seu plano quando retorna ao seu escritório na torre mais alta do palácio. O escritório tem uma varanda da qual se pode considerar a largura e o comprimento da sala do trono do Império. Tem um escudo defletor, claro; todo o palácio tem. Mas esse escudo só bloqueia explosões de energia – não vai impedir um ser físico como ele de atravessá-lo.

Ele irá até seu escritório. Ele irá até a sacada.

E ele vai pular.

Ninguém vai ligar. Por que fariam isso? A ilusão de um Império Galáctico unido e coeso não durará muito mais tempo. Os cismas já começaram. Ele está se quebrando como uma delicada sobremesa em seus dedos.

Você é um administrador, Mon Mothma havia dito. Então administre.

A única coisa que ele pretende administrar esta noite é a sua própria morte.

Ele entra no escritório, distraído. Leva um momento para perceber o brilho azul vindo do lado distante da sala, piscando diante da enorme janela abaulada que dá de frente para o Distrito Federal como um grande olho. É uma imagem holográfica. Uma estática: uma imagem imóvel capturada. Amedda se aproxima da escrivaninha com cuidado.

Ali no centro, um leitor de imagem. Nele, um cristal.

Amedda olha para si mesmo. Porque ele está ali, naquela imagem. Como um fantasma de si mesmo, parado ali com Palpatine e outros quatro. Screed e Rancit ele reconhece, e Yularen também.

O último, contudo... só um garoto. Ele leva um momento para reconhecê-lo...

– Você se lembra disso? – vem uma voz do canto mais distante da sala. Ele se assusta, embora tente não demonstrar. Amedda se vira, tentando forjar uma atitude implacável. Enquanto seus olhos se ajustam, ele vê alguém sentado na espreguiçadeira distante, inclinando-se para a frente. As mãos sobre os joelhos do homem...

Não, da *mulher*.

– Grã-almirante Sloane – ele diz.

Ela se levanta.

Ali, diante dele, está a líder de um desses fragmentos imperiais – um bem considerável. Talvez o fragmento digno de nota. Ela controla o que resta da Marinha Imperial, e sua marinha é dominante; por isso, é claro que quem controla a marinha controla o Império. Mais ou menos. Ainda assim, isso a deixa sem a maior parte das forças terrestres, mas boatos já dizem que ela começou a preencher essa lacuna e está completando o déficit em sua presença militar.

Outro rumor é que ela está limpando a casa. Aqueles que não são fiéis à marinha acabam se encontrando do lado errado de uma arma de raios.

É isso o que está acontecendo, ele percebe.

Ela está ali para matá-lo.

E ali há uma reviravolta irônica, porque Amedda pensa: *Eu poderia matá-la primeiro*. Ele tem uma arma de raios guardada sob a escrivaninha. Se pudesse se aproximar, conseguiria pegá-la. Ele poderia derrotá-la antes de ela derrotá-lo. Que golpe seria – em vez do golpe que ela pretendia dar.

Ele começa a voltar para sua mesa, mesmo enquanto ela avança.

– Aquela imagem – ela diz. – Aquele é você.

– Obviamente. – Agora ele está na beirada da escrivaninha. Suas unhas batem conta a dura superfície de metal, fazendo tique-taque, enquanto desliza ao redor da beirada. Nesse momento, a imagem holográfica o separa dela – Sloane fica deformada pelo holograma. Esticada e mutilada, pelo menos até que ele atinge sua cadeira e faz menção de sentar. – Deixe-me sentar e nós conversamos.

– Sim. Vamos conversar.

A mão dele desce para o joelho, então para a arma...

– Por que você me traz esta imagem? – ele pergunta.

– Quero saber a respeito dela.

– Não consigo imaginar por que isso lhe interessa. É de arquivo. Sem significado.

Seu dedo brinca ao longo da borda do coldre, e ele percebe que está se inclinando em direção à arma rápido demais. Seu movimento certamente é telegrafado. Ela não é tola. Ela vai ver o que ele está fazendo. *Você precisa ser rápido.* E ele é.

Ele estende a mão...

E não encontra a arma de raios.

– Estou com sua arma – ela informa. Sloane a puxa de trás de si, deixando-a balançar como uma fruta tentadora pendurada em um ramo alto demais para alcançar. – Não estou aqui para ter uma conversa com armas. Estou aqui para ter uma conversa entre iguais.

Essa última parte ela fala como se não acreditasse, embora Amedda suponha que aprecia o pensamento da mesma forma.

Resignado, ele suspira e se deixa cair de volta na cadeira, escorregando nela.

– Certo. Eu não sei que ajuda eu poderia dar a você.

– O garoto na imagem. Quem é ele?

– Eu não sei. – Ela consegue notar que ele está mentindo, não é?

– Você sabe de algo.

– Você não ouviu? Eu não sei *nada*.

Ela se inclina, as mãos plantadas na mesa.

– Eu tive uma noite difícil, então poupe-me de seu apetite para a autocomiseração.

Ele nota, subitamente, que ela *parece* ter tido uma noite difícil. Ela não está sequer usando o uniforme. Sloane está vestida como um piloto comum. Que novo mistério é este?

– Conte-me alguma coisa.

Amedda considera. Por que ajudá-la? Ela tem o destino dele nas mãos. As palavras de Mon Mothma o revisitam: *então administre*. Se ele quer puxar o Império de volta para suas mãos, então talvez este seja o caminho. Uma aliança com ela. Ou pelo menos um favor feito, o que significa um favor devido.

Ele pigarreja e gagueja enquanto pensa.

– Eu me lembro de algo. Ele mandava sua nave por aí. Sempre com representantes. Droides, conselheiros ou, no passado, seus inquisidores. Uma vez a nave retornou com um passageiro clandestino. Era um garoto, acredito. O que está na imagem.

– E quem era esse garoto?

– Você já sabe quem é.

– Gallius Rax.

Um estranho tremor apresenta-se em seus muitos estômagos. Um formigamento ácido, ansioso e animado, apesar da insanidade da situação. Desde a destruição da segunda Estrela da Morte, rumores têm perseguido cada passo do Império e chegam a ele de todos os ângulos. Quase todos esses rumores podem

ser descartados – Vader certamente estava morto, apesar do que alguns insistiam. Nem Palpatine poderia estar dando ordens depois da sua morte por meio de droides mensageiros codificados – que história absurda era essa! Mas um dos boatos era de que Rax tinha sobrevivido e estava equipando a *Dilacerador*, o último superdestróier estelar do Império. Então a verdade veio à tona: ele estava morto e Sloane tinha o controle.

– Ele não está morto – Amedda sussurra.

Sloane não fala nada. Depois:

– De onde Rax vem?

Mas ele não responde. Em vez disso, diz:

– Se ele não está morto, você está mesmo no controle, almirante Sloane?

Ela aponta a própria arma de raios na direção dele.

– Estou no controle desta conversa. Disso você pode ter certeza.

– Sim. Sim. Claro. – Ele engole em seco. Isso é uma oportunidade. Durante muito tempo, ele se sentiu deslizar pela encosta de uma montanha, um deslizamento lento e interminável para baixo. Mas ali está um lugar para se segurar. Ele não entende. Ele não sabe dizer aonde isso vai levá-lo se ele se aproveitar da oportunidade. Isso não é esperança, ainda não, mas está perto. – Eu não sei de onde Rax veio. Mas sei como você poderia descobrir.

– Conte-me.

– Esses droides de que eu falei. Eles podem ter conhecido o garoto que Rax já foi. Seus bancos de memória podem ter dados. Se não os droides, então os bancos de dados da própria nave: a *Imperialis*.

– Um slicer poderia acessar os dados nesses droides – ela diz. – Se eu soubesse onde eles estão.

– Eu sei onde eles estão.

Um silêncio frio se estende entre eles. Finalmente ela diz:

– Conte-me onde estão.

– E o que eu ganho com isso?

– Você não vai ganhar um tiro.

– Dificilmente bom o bastante – ele diz. – Minha luxúria pela vida é uma coisa morta e murcha, almirante Sloane. Eu sou um acessório quebrado na parede de um palácio vazio. Se você quer minha ajuda, eu quero um lugar no seu Império. Se *for* o seu Império. Bem? É?

Ela semicerra os olhos, suspeitando dele. Como deveria fazer.

– É. Ou será. Eu posso lhe dar um lugar. Você sabe como administrar um Império, afinal.

Sim, ele pensa. *Eu sei como administrar. Mesmo que não saiba como liderar.*

– Rax ainda está vivo, não é? Você não precisa responder. Eu vejo o medo em seus olhos. Você é uma prisioneira de seu próprio comando, assim como eu. Talvez possamos planejar nossa escapada juntos. Talvez possamos tomar a prisão. – Distraidamente, ele arrasta uma unha contra os dentes. *Clique, clique, clique.* – Os droides estão no depósito. Junto com os destroços da própria *Imperialis*.

– Onde?

– Onde mais? Quantxi, a Lua de Lixo de Ord Mantell.



PARTE DOIS

Interlúdio:
A flotilha de Alderaan

Asteroides caem pelo espaço. Eles giram em espiral e, quando atingem o escudo do perímetro, quebram. Pedacos derivam, pulverizados, conforme o resto da rocha dá uma pirueta para se juntar ao resto de seus irmãos desmoronando.

Toda vez que isso acontece, machuca o coração de Teven Gale. Porque esses asteroides são pedaços do seu mundo. *Foram* pedaços de seu mundo, de todo jeito. Lá fora há um infinito horizonte negro de Alderaan, agora reduzido a pedras.

A flotilha está a salvo, pelo menos. Sete naves pertencem a ela, agora, incluindo a fragata alderaaniana *Pico Solar*. Outro presente da República nascente. Ou, melhor, outro presente de sua princesa.

As naves flutuam perto umas das outras, recolhendo-se em um círculo e protegidas pelo escudo defletor para manter afastados os asteroides e, com sorte, saqueadores também. *A galáxia está indo em direção à anarquia*, ele pensa. Melhor isso, contudo, do que sufocar sob a manopla de aço preta de Darth Vader.

Lá no fundo preto, demo-droides perfuram e cavam os asteroides, um por um – eles parecem vagalumes lá fora, com sua luz laranja-brilhante cintilando de seus lasers de corte. Esses droides procuram por qualquer coisa digna de nota do mundo que os alderaanianos perderam: artefatos, fragmentos de pedras preciosas, minerais ou metais. Até mesmo um simples tijolo seria um achado. Acessar qualquer uma dessas coisas não era nem sequer uma opção sob o governo imperial; o Império bloqueou todos os acessos ao cemitério alderaaniano.

Atrás dele, a discussão – na qual ele tenta não prestar atenção – continua.

Eglyn Valmor está de pé e andando, como é seu costume.

– Este é o nosso lar. *Este* pedaço do céu é nosso. Nosso mundo era aqui. E a diáspora nos devolveu a este lugar. Estamos em casa e não vou deixá-la. – Valmor puxa a trança solta de seu cabelo loiro-claro.

Ela é jovem, Gale pensa, diferente dele mesmo. *Mas tem um coração vital*. Ele gosta dela. Ela e os outros não são da realeza – só existe uma desse grupo, agora –, mas são o que restou do mundo. Alderaan tem que ser governado por alguém, e os cidadãos comuns são o que sobrou. Valmor não é uma rainha, mas uma regente administradora.

– Bah – retruca Icar Orliss, que já foi um professor de universidade. O homem reclinou-se na cadeira, coçando de forma indolente a barba pontuda que se levanta de sua papada como montanhas de merengue

de um chef. – Isto não é um mundo, regente administradora, perdoe-me por dizer. São só pedras. Pedras partidas e demolidas. O Império transformou o nosso mundo em sal e poeira e, embora eu seja velho, não quero ser como alguns geriátricos que agarram ao peito os restos do *que uma vez foi*. É hora de exigir o reassentamento. Eu preparei uma lista de mundos que poderíamos colonizar...

– Não é assim que funciona – cantarola Argus Tanzer. Argus é um jovem burocrata, com uma beleza que parece menos cultivada e mais como se alguém simplesmente o tivesse esculpido em quartzito. Argus levanta um dedo, gesticulando enquanto fala. – A Nova República não vai nos deixar apenas pegar algum planeta e nos reassentar lá. Há um processo. – Ele abaixa a voz quando acrescenta: – Não que alguém saiba como esse processo é.

Orliss rosna:

– Mais um motivo para aproveitarmos a chance *agora*. Podemos afirmar que a República simplesmente não tinha seus laços amarrados e seus nós apertados e nos aproveitamos de sua ignorância.

– Além disso – acrescenta Janis Pol, uma velha diplomata. A mulher é pequena, tão afiada e pálida quanto um dente quebrado. Ela estala os dedos e os encara –, nós ainda não somos membros da República.

– *Somos, sim* – afirma Riyana Torr. Ela é jovem. Jovem *demais* para estar ali, Gale pensa. Mas, quando o Império destruiu o mundo deles, o que restou exceto aqueles que viviam fora do planeta? Riyana estava com seus pais missionários, membros de uma escola itinerante dedicada a ajudar aqueles na galáxia que não podiam tão facilmente ajudar a si mesmos. Agora ela está de volta e cumpre uma missão semelhante, não é? *Não podemos ajudar a nós mesmos*, Teven pensa. Ele lembra: *Somos todos apenas asteroides, batendo uns contra os outros*. Riyana continua, visivelmente nervosa: – Nós somos membros da Nova República! Leia é um de seus membros mais importantes.

– E ainda assim, não temos nenhum senador – Orliss afirma. – Não temos representação. Não temos voto. O que Leia deu para nós? Ela é sequer nossa princesa de verdade? Nenhum de nós é da realeza. Por que achamos que ela nos ouviria?

É hora de falar. Gale se vira e oferece palavras em um tom severo:

– Leia já nos escutou! Ela nos deu esta flotilha. Quatro dessas naves vieram dela. Os suprimentos que usamos para sobreviver vêm *dela*. Nós existimos, reunidos, por causa dos esforços dela, de Evaan Verlaine e dos outros alderaanianos trabalhando em Chandrila. Eu não vou ouvir o nome dela ser difamado nesta sala.

Isso gera murmúrios e balbucios de concordância e discordância.

Ele espera que os dissidentes mudem de tom em breve.

Como se fosse uma deixa, o meio da mesa de korabite – uma peça esculpida de um dos asteroides e formada por rocha e xisto alderaanianos – acende-se com uma mensagem recebida. Acima da mesa flutua Rickert Beagle, um dos oficiais da *Pico Solar*.

– Há naves vindo na nossa direção – ele revela, visivelmente preocupado.

– Quem são? – a regente administradora pergunta, inclinando-se para a frente.

– Eu... nós não sabemos. Mas as naves são *grandes*.

Se bem que elas devem ser enormes, Teven pensa. Transportando uma carga grande daquelas, bem, você não pode simplesmente retirá-la com um par de cabo-rebocadores.

A preocupação cresce na sala. Sussurros de piratas ou bandidos. Medo de um Império que ressurge – ou, talvez pior, algum fragmento brutal do que resta do Império. Certamente persistiram rumores de vários restos preocupantes das forças imperiais que enlouqueceram lá fora no espaço.

Rickert subitamente diz:

– Espere. Temos uma assinatura... a liberação do código diz que é da Nova República.

Além do campo de asteroides, naves começam a pular do hiperespaço. Naves *grandes* – cargueiros cuja carga não cabe nos seus ventres. Carga tão grande que deve ser, na verdade, contida em seu próprio escudo, amarrada às naves por feixes de energia. A sucata que eles transportam é de tamanho épico: enormes fatias curvas como a casca de alguma fruta projetada apenas para a mão gigante de um velho deus. Aqueles que estão com Teven se reúnem próximos da janela, observando.

– O que... o que estamos olhando? – Valmor pergunta.

– É um presente da nossa princesa. Eu tive que cobrar alguns favores apenas para conseguir propor a ideia, mas, no fim, ninguém ia de fato *fazer* nada com isso... ia acabar como sucata em algum lugar. Eu dei o pontapé inicial, mas foi Leia quem de fato fez acontecer. Ela e Evaan.

Orliss grunhe:

– Eu ainda não sei o que *é* isso ou por que iríamos querer.

Mas Tanzer entende. Ele sorri.

– São pedaços daquela maldita Estrela da Morte, não são?

– Sim, isso mesmo. – Teven ri e assente. – Eles nos reduziram a escombros. Agora nós pegamos os escombros *deles* como compensação pela guerra. Este é apenas o primeiro lote, também. Tem mais, se pedirmos.

– Poderíamos construir nossa própria estação espacial – a regente administradora diz, radiante. Ela pressiona as mãos contra o vidro, e no gesto reside o espanto de uma criança, mesmo que ela já não seja uma.

– É o que espero – Teven diz. – O que o resto de vocês acha?

Orliss resmunga algum tipo de aquiescência relutante, então vai embora. Pol, outra dissidente, dá de ombros.

– Podemos tentar. Mas o reassentamento ainda está em discussão. E *temos* de ter uma voz no Senado se quisermos ajudar a Nova República em qualquer dos seus esforços para assegurar a galáxia.

A conversa deles morre conforme Teven olha para a regente administradora – uma jovem mulher não testada, destreinada, politicamente ingênua, com olhos grandes como luas e o coração brilhante como dez sóis. O espanto em seus olhos é tão tangível que Teven pensa que poderia se banhar nele. Até mesmo bebê-lo.

– Este é o nosso futuro – ela diz, não para ele, não para nenhum deles, mas para o vidro e para o

espaço além.

Sim, ele pensa. Espero que seja.



CAPÍTULO

11

A *Mariposa* sai do hiperespaço para a escuridão aberta de lugar nenhum – por um momento, Norra acha esse vazio arrebatador. Como se a fosse engolir inteira. No passado, ela achava a expansão do espaço reconfortante: tanto potencial, tanta liberdade. Atualmente, oferece apenas terror, do qual ela deve arrancar seu próprio refúgio.

Ela tenta o truque de Leia: fechar os olhos, inspirar profundamente e expirar lentamente. Norra tenta recuperar esse sentimento de liberdade e, ao descobrir que até mesmo *isso* é difícil, apenas se deixa ficar lá sentada.

Inspire, expire. Limpe a cabeça. Torne-se uma com as estrelas.

E então...

Isso ajuda. Ela se sente menos... perdida. Menos arrebatada.

Mais centrada.

Obrigada, Leia.

Ela desliga os motores, e a nave flutua no espaço.

A *Mariposa* já pertenceu ao contrabandista Owerto Naiucho, mas ele perdeu a vida durante a rebelião em Akiva depois de ajudar Norra a chegar ao planeta. Isso deixou a fragata MK-4 disponível. Norra considerou vendê-la...

Porém, de verdade, por quanto tempo ela pode viver essa vida? Ela era uma piloto da Aliança Rebelde e agora lidera um time de caçadores de imperiais para a Nova República. Este trabalho tem que ter um prazo de validade, ela diz a si mesma.

(E, no entanto, ela continua voltando, trabalho após trabalho...)

De todo jeito, pareceu ser uma boa ideia ter uma nave própria, pra variar. Algo que pertencesse ao nome Wexley. Se ela morrer – ou *quando*, já que a imortalidade é improvável –, então Temmin terá algo para chamar de seu. Está se tornando um bom piloto. Ele merece isso. Especialmente desde que o pai se foi. Ele deveria ter algo *seu*.

Agora, contudo, Temmin não está ali.

Embora ela não esteja sozinha.

– Vê alguma coisa? – Wedge pergunta, entrando na cabine do piloto.

Norra aponta para a tela. Lá fora, no primeiro plano das estrelas brilhantes, flutuam pedaços de metal cintilantes. Destroços.

– Vamos dar um pequeno impulso – Norra diz, então faz isso. A *Mariposa* vai um pouco para a frente. Wedge se inclina, acidentalmente trombando com ela. Eles compartilham uma risada constrangida enquanto ele pigarreja e liga o scanner.

Depois de alguns toques de teclas, um raio verde – brilhando como pedras preciosas lançadas sobre um pano de veludo preto – varre o vácuo diante deles. Primeiro um escaneamento vertical, depois horizontal. Pulsando enquanto pesquisa e cataloga.

Esse espaço representa as coordenadas da *Millennium Falcon* quando Solo e Chewie estavam presos pelo Império.

– A *Falcon* não foi destruída aqui, foi? – Norra pergunta. – Há um monte de detritos.

– Eu duvido – Wedge responde. – Leia não falou isso. Além do mais, a *Falcon* escapou de mais arranhões do que a galáxia tem estrelas, eu acho.

Norra pode pessoalmente atestar isso – ela se lembra de assistir à queimadura azul dos motores do cargueiro enquanto chicoteava através dos canais estreitos e conduítes da barriga da segunda Estrela da Morte. A nave bateu num cano e perdeu o seu conjunto de rethenas, a fiação rodando enquanto o Y-wing de Norra passava. Wedge prossegue:

– Com certeza algo aconteceu aqui. Veja isso. – Dados passam pelas telas de navegação. – Destroços de pelo menos... quatro naves diferentes. Nenhuma delas é a *Falcon*. Vamos ver o que temos aqui... três cargueiros, um caça. Espere. Destroços imperiais, também. Um pedaço de um painel de asa de um TIE. Que bagunça. Não sei se vamos encontrar pistas sobre o paradeiro de Chewie aqui, Norra.

– Vamos pegar este pedaço, ver se achamos algo.

– Vou preparar o raio trator – ele diz. Wedge vai até o assento de copiloto. Enquanto gira os controles do feixe, ele olha para Norra. – Obrigado por me trazer junto. É legal estar no espaço de novo. Ficar em um planeta é ok, mas aqui fora? Eu me sinto em casa.

– Não vai demorar muito para você voltar à ação.

– Espero que sim. – Ele hesita. Parece que quer dizer alguma coisa.

– O que foi?

– Depois disso, depois que... encontrarmos Han, porque sei que vamos, você gostaria de... – Ele tosse na mão e molha os lábios. – Quer tomar uma bebida? Eu conheço uma pequena cantina em um penhasco...

Movimento na tela. Ambos veem.

– Você viu isso? – Norra pergunta.

Algo dispara entre os escombros. A coisa se move como uma lula através da água: tentáculos empurrando, pernas como uma flor fluorescente cujas pétalas estão fechando. Há um brilho vermelho antes que a forma sombria apareça novamente atrás de outro pedaço de sucata. Escondendo-se ali. Onde o raio sensor nunca a encontraria. Wedge fala:

– Vamos ver o que pegamos.

O raio trator faz um zunido quando é disparado.

– Não sou sua babá – Sinjir diz.

– Que bom, porque eu não sou um bebê.

Temmin e Sinjir percorrem um corredor em direção a uma porta guardada por dois soldados da Nova República com vibrobastões cruzados.

– Nunca disse que você era um bebê.

– Que bom, porque não sou.

Antes que cheguem à porta, Sinjir para e planta uma mão no peito de Temmin.

– Escute. Sabe essa coisa adolescente de estar sempre com raiva e fazendo beicinho? É cansativo.

– Eu sei. Significa que você vai parar com isso? – Temmin cruza os braços e ergue as sobrancelhas.

O sorriso que atravessa o rosto de Sinjir não será negado.

– Oh, ho, ho. Você se acha o espertinho, não é?

Ele suspira. *Pelo menos o garoto disse ao seu droide louco para ficar em casa quando eu pedi.*

– Acredite em mim. Eu falo de experiência quando digo que bancar o espertinho vai render tanto inimigos como amigos.

– E daí?

– Daí que, então, corta essa. Temos trabalho a fazer.

– É só que... – Mas então o garoto cala a boca.

Sinjir sabe que vai se arrepender disto, assim como alguém se arrependeria de meter a mão em uma colmeia de vespas vermelhas na esperança de que elas façam mel (dica: não fazem), mas ele pergunta mesmo assim:

– Oh, tudo bem, o que foi?

– Eu não sei o que estou fazendo aqui.

– Estamos aqui para visitar um dos nossos estimados prisioneiros.

– Não, quero dizer, *aqui-aqui*. Tipo, argh. – O menino faz uma gesticulação frenética e selvagem. Esse som, esse movimento, articula perfeitamente um sentimento específico. É quando Sinjir entende o problema.

– Ah. O “*aqui*” *existencial*.

– Eu não sei o que isso quer dizer.

– Quer dizer que você está tendo uma crise de identidade.

Temmin se remexe no lugar.

– Sim, acho que sim.

– Parabéns, meu garoto. Significa que você se tornou um adulto de verdade.

– Então você ainda não entendeu também?

– Dificilmente. Estou totalmente desnortado nove em cada dez vezes. Só consigo parecer que estou

bem. Eu também não sei o que estou fazendo. Suspeito que, no momento em que entender, eu provavelmente morrerrei meio segundo depois. Porque, se há alguma energia mística que dá impulso à galáxia, não é a Força. É pura *ironia* e nada mais. Agora vamos lá falar com a general Shale e ver se ela não pode nos ajudar em nossa busca temerária para localizar o contrabandista errante.

– Odeio este lugar – Jom afirma ao seguir Jas através de um beco estreito e torto em Nar Shaddaa. Atrás deles está um dos infindáveis mercados negros da lua. Este é comandado pela especialista Nyarla, a Hutt, uma mulher lesma que pinga muco e de cuja língua vermelha escorre cuspe gotejante e borbulhante ao lhes dizer que não sabia porcaria nenhuma sobre Solo, o Wookiee dele ou prisões imperiais no Espaço Selvagem.

– Se quer andar comigo – Jas diz –, você precisa se acostumar com lugares como este, Barell.

Com isso, Jom sente um conflito. Ele *quer* andar com Jas. Sua atração por ela é algo em outro nível. É praticamente *feral*. O maior desejo dele neste momento é puxá-la para algum recanto escuro e ter outra rodada. E ainda assim, por quê? Ela não se parece em nada com ele. Ele é um homem de ordem e princípio. Ela é uma maldita *caçadora de recompensas*, entre todas as coisas que poderia ser. Um paraíso criminal como este é uma segunda natureza para ela. Enquanto isso, ele se sente como um Mon Calamari fora da água – como se estivesse se afogando ao ar livre, totalmente exposto.

– Este é um lugar estranho para um encontro – ele afirma.

– Você é engraçado. Não é um encontro. Não pense que o que tivemos vai acontecer de novo. Foi só um pouco de diversão, e acabou.

Eles passam por uma barraca cheia de alienígenas de bocas largas com muitos dentes latindo ao redor de uma mesa cheia de óleos estranhos e unguentos. Jom dá um tapa nas mãos deles quando tentam agarrá-lo e diz a Jas:

– Não há razão para a diversão acabar.

– A diversão sempre acaba, Barell.

Eles se empurram em direção ao espaçoporto – que é, na verdade, apenas um receptáculo de naves esculpido fora da expansão urbana. Jas pagou muitos créditos a um Weequay de cabeça amassada para manter a nave deles escondida dos registros da associação. Ela contou a Jom que o Sol Negro opera ali e a última coisa que ela quer é estar em suas telas. Deles *ou* da Crymorah. *Eu tenho dívidas*, ela dissera a ele. Jom perguntou-lhe de que tipo, mas ela não elucidou.

Enquanto eles se esgueiram sob uma tapeçaria maltrapilha pendurada em uma corda desgastada e entram no espaçoporto, Jom fala:

– Esta é a terceira vez que voltamos de mãos vazias, Emari. Talvez seja a hora de perceber que suas conexões com o submundo daqui estão morrendo. É hora de voltarmos a Chandrila e...

Há um trinado no ar e algo atinge Jom nas costas, tirando o ar dos seus pulmões. Ele cai para a frente, o queixo bate no chão e os dentes mordem a língua. O sangue enche sua boca enquanto ele tenta convencer seus membros a se mover, mas eles não respondem aos seus comandos. *Fui atordoado*. Ele

mal tem forças para levantar o queixo do chão sujo...

E vê Jas presa por uma série de luzes vermelhas: feixes de mira, ele compreende. Dúzias. Todas saindo de armas ameaçando disparar. Ela está com as mãos erguidas, em rendição, enquanto os inimigos se aproximam a partir das sombras.

Droga.

As saídas de ar estremecem conforme os circuladores de oxigênio da *Mariposa* bombeiam ar para elas. Wedge dá um passo à frente, apoiando-se com força em sua bengala. Ele e Norra se entreolham, então ela aperta o grande botão vermelho com a parte de baixo da mão. A porta se abre com um chocalho.

Do lado de dentro, estão montes de sucata atraídos para a nave com o raio trator. Ela já pode ver rastros de plasma e marcas de chumbo.

O que ela não vê é alguém se movendo.

– Eu sei que vi algo lá fora – ela afirma.

– Nós dois vimos – Wedge assente.

Então um pedaço de casco se mexe, grunhindo contra o chão. Aí tudo fica em silêncio mais uma vez. Os dois sacam as armas de raios...

Sons fracos de movimento e raspagem.

E, mais uma vez, nada.

Momentos se passam. Wedge começa a dizer:

– Talvez juntos possamos levantar...

A peça de sucata pula de repente, batendo contra a parede com um estrondo ensurdecedor. Uma forma escura, tão grande quanto um astromec, levanta voo e bate contra Wedge. Ele grita enquanto cai.

– O chá vai aqui, vê? – Sinjir diz, segurando a xícara quente como que para demonstrar. Ele toma um gole barulhento enquanto Temmin encara, desapontado, a própria xícara. – É muito melhor do que o que conseguimos do comissariado imperial, isso é certeza.

Jylia Shale já foi uma general da armada do Império – e, dizia a lenda, uma excelente estrategista. Infelizmente, a lenda era habitualmente ignorada por aqueles acima dela. Ela está sentada com ambas as mãos pequenas ao redor da sua própria xícara.

– É alguma coisa. Mas eu tinha meu próprio suprimento na época do Império.

O apartamento é simples, mas funcional. É mais do que ela teria em uma cela de prisão – ela tem uma estação de cozinha em vez de um reciclador de proteína, um banheiro de verdade em vez de um buraco de sucção e não há droides interrogadores circulando por perto. Tudo porque ela entrou no jogo e deu à Nova República respostas verdadeiras às perguntas que foram feitas.

Prisão domiciliar é uma boa, Sinjir pensa. *Eu deveria ter sido preso*. Ele poderia viver uma vida confortável em uma daquelas caixas. Contanto que eles entregassem bebida. Será que entregam? Ele faz

uma nota mental para perguntar mais tarde.

Depois ele baixa o chá, porque chá é nojento.

– Então, nada? – ele pergunta, batendo suavemente os nós dos dedos na mesa baixa entre eles. Ele gesticula em direção ao mapa estelar pairando holograficamente. – Você não sabe nada sobre este lugar? Estamos procurando imperiais, qualquer um, que você acha que podem estar nessa área.

Se nenhuma resposta se apresentar, significa que Solo está... o quê? Investigando aquela região por seus próprios motivos absurdos? Talvez ele realmente tenha voltado para a vida de contrabandista. Sucumbido à pressão da vida adulta e abandonado esposa e a criança que vem por aí. Talvez Solo tenha dado um sonoro tchau e ido ter suas próprias aventuras ilícitas.

É isso o que Sinjir faria.

É o que Sinjir *fez*, pelo menos.

Hm.

Ainda assim, Shale está mentindo. Ele pode ver que ela está escondendo informações.

É estranho estar ali sentado, interrogando alguém da estatura de Shale. Embora ele suponha que essa estatura tenha caído consideravelmente. Não na mente dele, contudo. Interrogá-la – e é isso que ele está fazendo, apenas numa versão mais polida – o deixa bem desconfortável.

Ele tenta não demonstrar isso.

– Você sente falta? – Shale pergunta de repente.

– Do quê?

– Do abraço quente do Império?

– Ah, um abraço tão quente quanto o de uma lápide. – Ele bate a unha do dedão contra o lado da xícara. *Tink, tink, tink.* – Não. Eu não sinto falta. Não sinto falta de quem eu era ou do que eu fiz a serviço deles. Sinto falta de quem eu era antes de o Império me transformar em *mim*. Não que me lembre muito dessa versão de mim mesmo, mas estou bastante confiante de que ela existia. Ela pode até ter sido legal.

– Eu também não sinto falta. O que fizemos formou uma cicatriz ao longo da galáxia, e não tenho certeza se algum dia vai de fato sumir. – Ela suspira. – Você deveria ir perguntar a Tashu. Eu não sei nada, mas ele e seus outros conselheiros aduladores pareciam terrivelmente enamorados daquela região. Boa sorte em encontrar o que quer que esteja procurando, agente de lealdade imperial Rath Velus.

E com isso eles são dispensados.

Wedge se enrosca e chuta os membros clicantes de um droide-sonda imperial – não um viper, mas um dos modelos Prowler menores. O corpo liso e em forma de disco do droide subitamente emite um brilho vermelho nas beiradas e solta um trinado agudo. Norra recua do som, os ouvidos apitando – é um barulho tão terrível que parece que está tentando penetrar em seu crânio.

Tudo o que ela pode fazer é manter firme a mão, mirar e...

A arma dela dispara e manda o droide-sonda para trás, abrindo o topo dele. As suas pernas de aranha,

livres do corpo, saem nas mãos de Wedge, e ele as joga no chão antes de chutá-las com sua única perna boa.

O cabelo dele está uma bagunça e suas bochechas estão sangrando. Norra se apressa, pega um lenço do bolso e passa levemente nele.

– Agente firme – ela pede. Felizmente não é sério: apenas um arranhão vindo de um dos membros da coisa.

O droide está no canto, soltando faíscas e fumaça. A luz vermelha pulsa uma última vez e depois escurece. Pelo menos o som se foi. O que era aquele som? Um mecanismo de autodefesa?

Os dois ficam lá encarando a coisa.

– Por que há um droide-sonda aqui? – ele pergunta, ofegante.

Ela o ajuda a se levantar.

– Procurando nos destroços como nós?

– Talvez. Mas por que ficar aqui? Isso é uma sonda de um Prowler. Eles não viajam longas distâncias. São locais.

– Eles o esqueceram – ela postula. – É fácil de deixar para trás. Especialmente se as coisas ficaram violentas.

– Não parece algo que o Império faria.

– Talvez não o velho Império. Mas no atual estado? Eles estão diferentes agora. Menos eficientes. – Ela franze as sobrancelhas. – Ei, essas sondas não viajam muito, mas como é sua faixa de transmissão? Será que ela poderia estar...?

Wedge agarra sua bengala e a usa para se mover em direção ao droide. Com a ponta da bota, ele o levanta. E ali, do lado de baixo, está uma antena de comunicação: um pequeno prato transmissor que devia estar escondido pelos membros do droide.

O prato pisca verde.

– Ainda está transmitindo – Norra afirma.

– O que eles poderiam estar...

Da cabine, soa o alarme de aproximação. Sua presença pode significar apenas uma coisa: nave chegando. Norra corre do compartimento da nave e se apressa para a cabine, girando a cadeira e se sentando a tempo de ver um destróier estelar cortar através do espaço como uma ponta de lança.

Baba pinga do queixo de Jom enquanto ele grunhe, empurrando-se para cima com braços trêmulos. Ele cai de novo para trás; a dor irradia de sua antiga lesão no ombro. Com uma mão, ele se atrapalha procurando o fuzil de raios pendurado em suas costas – mas a ponta de uma bota abre sua mão e gentilmente pisa nela.

É a bota de Jas. As mãos dela ainda estão levantadas. Ela olha para baixo na direção dele e balança a cabeça em uma negativa, estalando a língua.

– Agora não. Fique parado.

– Jas... – ele geme.

– Quietos.

E com isso, eles são cercados.

Niktos de cristas na testa emergem com canhões de mão erguidos, todos os feixes de mira apontados para Jas. As aberturas nasais estão dilatadas, como se farejando à procura do odor dela. Bocas com dentes cegos rangem e mordem o ar livre.

Eles se afastam quando um novo jogador entra em campo.

Uma mulher, pela aparência; o rosto escondido atrás de uma máscara de ferro enferrujada. A máscara é curvada, e a parte superior do metal é enrolada no fac-símile de chifres curvos. Um par de lentes de trillium zumbe enquanto foca em Jas. A mulher inclina a cabeça e diz:

– Olá, Emari.

– Subchefe Rynscar – Jas cumprimenta. – Já faz um tempo.

– Isso é porque você tem me evitado. Bancando a boa menina com a Nova República, ouvi dizer.

– Trabalho é trabalho. E, da última vez que chequei, precisava de créditos.

A mulher mascarada fica tensa.

– Precisa. Para me pagar. Você tem dívidas.

– Minha *tia* tinha dívidas.

– E agora elas são suas! – Rynscar rosna, subitamente furiosa. – Mas, já que você não parece ser capaz de pagar, tenho pouca escolha a não ser levar a sua cabeça para o chefe Gyuti. O Sol Negro demanda dinheiro ou sangue, caçadora de recompensas. Vai ser sangue? Há uma recompensa pela sua cabeça.

Jom pensa: *Eu não vou deixar isso acontecer.* Novamente começa a levantar-se, mas Jas bate o pé contra as costas dele. Ela sussurra para ele:

– Pare. Eles vão te matar e então me matar, e depois fazer o quê? *Eu cuido disso.* – Então, pergunta a

Rynscar: – Quem me vendeu? Foi a Hutt, não foi?

– Os Hutts estão em desacordo. Nyarla voltou ao Sol Negro.

– Eu vou pagar o que devo.

– Todos nós já ouvimos essa antes.

– Vou lhe fazer uma oferta.

Rynscar fareja por trás da máscara. Os Niktos reunidos se entreolham e riem.

– Que oferta você poderia me fazer?

– Vou pagar duas vezes o que eu devo. E, se falhar, vou me entregar. E o grupo com quem trabalho.

Ela nos trairia mesmo? Ele novamente começa a se levantar, protestando...

E ela mói o calcanhar contra a parte de trás do seu pescoço.

– Interessante – Rynscar sussurra. A cabeça dela se inclina em um ângulo curioso. – E tudo o que tenho que fazer é deixá-la escapar?

– Na verdade – Jas começa, com uma risada nervosa –, tem mais uma coisa. Preciso de informação.

- Não precisamos todos? – A subchefe hesita. – O que é?
- Preciso localizar alguém. O contrabandista Han Solo.

O conselheiro imperial Yupe Tashu era, é e sempre será um zelote religioso de olhos loucos. Sua captura em Akiva fez pouco para diminuir seu fervor – na verdade, parece ter permitido que infectasse ainda mais sua mente.

Isso apresenta dois problemas para Sinjir.

Primeiro, a devoção de Tashu para com o Império – ou, mais especificamente, para com o próprio Palpatine – é tão intensa que esmaga completamente seu frágil senso de egoísmo.

Segundo, ele é tão louco quanto um mynock bêbado.

É muito difícil interrogar alguém que sofre de um desses problemas, pior ainda quem sofre de ambos. Os perturbados só oferecem respostas enigmáticas ou sem sentido, enquanto os que se autossacrificam se imolarão de bom grado no serviço de manter a boca fechada.

Sinjir não chegou a lugar nenhum com Tashu desde que entrou. E, pela aparência de sua cela, as coisas só pioraram.

O homem está de pé atrás do escudo laser que zumba. Ele anda pela cela como um peregrino que se perdeu no caminho, perambulando pelo mundo com um vago senso de propósito e fé, mas nenhum destino real. As paredes foram marcadas com seus resíduos de alimentos. Símbolos, mapas estranhos e outras bobagens indecifráveis estão desenhados lá. Temmin observa. Sinjir percebe que isso está incomodando o garoto.

Isso é interessante. Algo sobre Tashu o abalou. Ele está quebrando o verniz de falsa confiança do menino.

- Eu acho que não consigo fazer isso – Temmin afirma.
- Você não precisa – Sinjir diz. – Pode ir.
- Mas...
- Temmin. Tá tudo bem, pode ir.

O garoto não consegue desviar o olhar, então Sinjir ajuda virando-o para trás e impulsionando-o com um empurrão suave. É suficiente. Temmin parte.

Agora só resta o guarda: um Chandrilano com uma franja de cabelo loiro e uma leve cicatriz ao longo do queixo.

- Tashu costuma ser assim? – Sinjir pergunta.

O guarda encara Sinjir com olhos cinza frios, então relutantemente oferece um aceno brusco de cabeça. Há desconforto lá, com o guarda – e Sinjir fica se perguntando por quê. Talvez o homem não confie nele.

Tudo bem. Ele não deveria.

- Abra a cela.
- Eu...
- Você recebeu suas ordens ou não?

Mas ainda assim o guarda hesita.

E ali, Sinjir percebe, está a falha gloriosa, ainda que ingênua, da Nova República. Não é um governo de pleno direito. Não é uma ordem militar propriamente dita. No Império, você não recusava um comando. Você não hesitava. Hesitação significava repreensão. Falhar significava Vader dando três passos longos em seu escritório e apertando sua garganta com o poder da mente.

No Império, a cadeia de comando era tudo. Se alguém acima de você o mandava abaixar as calças e girar três vezes, você fazia isso. Você não fazia perguntas. Aqui, contudo, a individualidade governa o poleiro. Pelo menos no papel, isso era um benefício, certo? Você podia pensar seus próprios pensamentos. Fazer seu próprio bem.

Se algo não parecesse certo ou não cheirasse certo, você podia falar.

Porém, quando isso acontece, a ordem se quebra.

O ditado pode ser *Muitos almirantes, sem alferes o bastante*, mas aqui isso não é exatamente verdadeiro, porque na Nova República também não há almirantes o bastante. E dado que Mon Mothma já está tentando descobrir como desmilitarizar a galáxia...

Quanto tempo antes que tudo desmorone? Antes que gire para fora do eixo e escape? Não precisaria de muito. O Império mal conseguia manter tudo unido e, nessa brecha, a doença conhecida como Aliança Rebelde se formou – uma doença que atualmente está matando o seu hospedeiro. Quanto tempo antes de a Nova República sofrer o mesmo problema? Quanto tempo antes de o Império voltar e atacar com sua própria infecção?

O Império foi duro demais.

Mas talvez a Nova República não esteja sendo dura o bastante.

Argh, ele precisa de uma bebida.

Sinjir dá um grunhido no estilo Jom Barell e diz:

– Você vai abrir esta cela, guarda, ou eu vou abrir sua cabeça.

– Tá bom – o guarda diz, olhando-o com raiva. Ele abre a cela.

– Obrigado – Sinjir agradece, então dá um passo para dentro. Ele diz ao guarda para voltar a ligar o escudo, o que o homem faz, ainda que relutante. De forma gentil, Sinjir cruza as mãos atrás das costas. Melhor dar o verniz da autoridade. Porte-se como um oficial e talvez, apenas talvez, Tashu caia no antigo padrão: ele evocará a memória sensorial do que era servir no Império de Palpatine e vai assentir e sorrir, se curvar e bajular, e dar respostas às perguntas que Sinjir vai fazer. – Olá, conselheiro Tashu.

– Eu me lembro de você.

– Sim. Imagino que se lembre. Agora, gostaria de lhe perguntar algo sobre prisões imperiais.

– Não sei nada disso.

– Veremos, conselheiro. – E então Sinjir coloca pressão, tentando tirar o homem do sério, esperando fazê-lo confessar (de um ex-imperial para outro) onde o Império poderia ter levado um alvo teoricamente primário como Chewbacca, ou se há alguma coisa, *qualquer coisa*, que Solo possa estar procurando. E o tempo todo, o homem na frente dele continua a quebrar mentalmente... até que está dobrado em si mesmo,

a forma humana mais básica eviscerada do seu enchimento. Seus ombros balançam enquanto ele ri para si mesmo em silêncio, antes que o riso se dissolva em choro. Suas mãos se agarram uma à outra. Ele cutuca as unhas até que elas sangrem.

Sinjir apenas fica de braços cruzados, observando.

Ele não teve de fazer *nada* disso. Ele não encostou um dedo na cabeça suja e suada do homem. Tashu ficou completa e totalmente louco, balbuciando sobre como ele continua tentando “se abrir” para algo, porque estamos todos “presos na teia”, mas ele não consegue “ouvir a voz”, não consegue “sentir seus tremores”. E como tudo o que ele pode fazer agora é confiar em seu instinto e confiar nas “instruções” que ele recebeu.

É isso, Sinjir pensa. O jogo acabou. Ele não vai conseguir qualquer coisa de valor com esta aberração tagarela. O comunicador de Sinjir apita.

– Desculpe – ele diz a Tashu, então sai da cela. O guarda de cabelo loiro observa enquanto Sinjir fala no comunicador. É Jas do outro lado.

– Tenho informação – ela avisa.

– Que bom, porque eu não consegui nada desse metano humano em combustão. Obteria melhores resultados se perguntasse a uma poça de chuva.

– O que eu tenho não é completo. Pergunte a Tashu a respeito de *Irudiru*.

– Isso é algum tipo de iguaria?

– É um sistema próximo do Espaço Selvagem.

– *Irudiru*, você diz. Certo.

Então ele volta para dentro.

As armas na frente de um destróier estelar são muitas – apenas a bateria principal contém um conjunto de turbolasers que poderia rasgar toda uma estação espacial em tiras. Mas nisto reside o valor de estar em uma nave menor: tão difícil quanto é para uma pessoa acertar uma mosca, é para um destróier estelar eliminar uma única nave pequena.

Contanto, é claro, que a nave menor se comporte como uma mosca. Ficar parada – ou apenas recuar em linha reta – não vai adiantar.

Norra dá um rodopio forte na *Mariposa*, sacudindo-a em espiral através do espaço aberto enquanto a enorme nave capital não desperdiça tempo ao descarregar uma saraivada de armas contra eles. O vácuo escuro do espaço se ilumina com as lanças laser da nave assassina que passam por eles. Wedge apoia-se contra a bengala enquanto se senta para operar o sistema de armas.

Hora de uma pequena *rolada-para-cima*. É uma manobra que ela aprendeu nos seus primeiros dias como piloto de combate da Aliança, embora alguns pilotos a chamem de Virada Eimalgan, em homenagem àquele que a originou: Cargin Eimalgan, um dos ases mais antigos da Aliança. Um herói. Agora morto, como muitos deles.

Norra acelera para a frente, então puxa para cima com força. A *Mariposa* se ergue na escuridão aberta,

lasers perseguindo o espaço onde a nave estava apenas meio momento antes. Ela faz um meio loop, então dá uma esquivada forte e uma virada, de forma que a nave mude completamente de direção.

O que significa direto para o destróier estelar. É como enfrentar um monstruoso animal disposto a engoli-lo... e escolher correr *direto* para sua boca aberta em vez para *longe* dela.

– Isto é loucura – Wedge fala com um sorriso de admiração.

– Vamos torcer para que seja o tipo bom de loucura – ela diz, antes de dar impulso completo na nave...

Logo quando o destróier estelar ejeta um enxame de caças TIE no espaço.

Na *Halo*, Jom balança a cabeça, lutando para se livrar da lama que permanece depois de ser atordoado por aqueles bandidos. Através da vista embaçada, ele vê Jas terminar sua comunicação com Sinjir. Então ela vira em direção a ele.

Ela está claramente agitada. Seu sangue deve estar correndo quente.

As mãos dela se flexionam em punhos e se abrem. Ele não consegue dizer se ela está nervosa, excitada ou ambos.

– Você nos vendeu lá atrás – ele grunhe.

– Relaxe, Barell. Eu não vou entregar a equipe. Só precisava garantir mais tempo pra gente.

– Garantir mais tempo pra *você* , quer dizer.

Mas ela não responde a isso. Em vez disso, pergunta:

– Você acha que o que ela nos deu está certo? Isso vai nos levar até Solo?

– Não faço a menor ideia. A questão é, eu não sei se posso confiar...

Ela bate nele, derrubando-o de costas. Ele está prestes a protestar quando ela aperta os lábios contra os seus. A língua dela serpenteia na sua boca.

– Ei – ele rosna. – O que é isso?

– Não há motivo para a diversão terminar agora – ela afirma.

Parece lógico, ele pensa, pouco antes de ela renovar seu ataque no rosto dele.

Sinjir meramente tem que dizer o nome:

– Irudiru.

Com aquela palavra proferida, Tashu congela. Ele para de choramingar e rir. Ele para de morder a ponta dos dedos.

– Irudiru – ele repete.

– Você conhece?

– Conheço.

– Há uma prisão em Irudiru?

– Não.

– O que tem lá, então?

– Não é uma prisão – Tashu fala. – Mas algo que *faz* prisões.

Os TIEs formam um enxame gritando atrás deles, cuspidos lasers. A *Mariposa* sacode e dá solavancos enquanto a popa da nave é atingida e picada. Wedge começa a girar o computador de navegação, planejando um curso através do hiperespaço, enquanto Norra mergulha contra o destróier estelar – o que significa que quaisquer disparos dos caças TIE atingem a superfície da própria nave capital deles. Ela vira a nave com força passando por uma torre, escapando de seus disparos gêmeos, então dá meia-volta, garantindo que a torre seja lenta o bastante para segui-la.

– Quase lá – Wedge diz.

– Precisamos ir mais rápido – ela solta através de dentes cerrados, e quase derruba o cargueiro contra a superfície do destróier.

– Ali. Só nos livre disso.

Para estibordo, as torres gigantes e os geradores de escudos do destróier estelar pairam sobre eles como falésias recortadas. Logo à frente está o final da nave colossal: o banco de seus motores. Norra pretende se esquivar do destróier, então virar com força para escapar de qualquer esteira de seus motores, então...

Tudo livre!

– Acerta isso – ela manda.

Bam. A nave balança com força, sua extremidade traseira se eleva e os envia em uma queda, antes que ela realinhe os estabilizadores e os deixe estáveis novamente.

– O hiperdrive – Wedge diz. – Está desabilitado. Foi atingido diretamente. Estamos fritos, Norra.

– Já estive frita antes. Assim como você. – Ela puxa para cima duramente, movendo-se para trás em outra manobra rolada-para-cima. Eles não esperariam que ela fizesse isso de novo tão rápido, embora o elemento surpresa vá desgastar rápido. – Ainda assim, aqui estamos. – Ela arremessa a *Mariposa* de volta através da nuvem de caças TIE, movendo o cargueiro tão erraticamente quanto consegue. A jogada funciona, e dois dos TIEs tentam prever e evadir o movimento da *Mariposa*, trombando um contra o outro e deixando para trás uma flor de chama azul consumida pelo vazio.

Wedge sabe os fatos. Ele já foi um combatente e sabe como sair do caminho de uma grande nave como esta. Elas se movem rápido, mas se viram lentamente. Conforme os sistemas de armas da *Mariposa* rastreiam automaticamente os TIEs, tirando-os da cola deles, ele narra o plano:

– Certo. Temos que ir na vertical. Perpendicular. Entendeu?

– Entendi. – A parte debaixo do destróier, é para aí que eles vão. Ela pode deslizar a nave para baixo sob a borda, então a lançar diretamente para baixo no espaço. Os TIEs ainda estarão acima deles, como um cheiro desagradável, mas isso lhes dará a chance de se livrar do destróier...

Mais alarmes.

Algo mais está vindo do hiperspaço.

Reforços.

Dois bipes chegando, crescendo...

Um par de *enormes* naves, não, não, não...

Os reforços saem da velocidade da luz.

Wedge comemora com súbito alívio. Porque as duas naves não são transportes imperiais – são naves da *Nova República*. Uma delas é uma fragata alderaaniana de escolta, a *Pico Solar*. E a outra é uma nave de combate nova em folha: uma starhawk marco um de Nadiri, uma das poucas naves capitais construídas nas docas de Nadiri, nas profundezas do setor Bormea. Esta nave, assim como todas as naves ali, foi construída a partir de transportes imperiais desmontados que a Nova República tem pegado desde Endor. Os literais butins da guerra. Armas tomadas pela mão de um salvador e apontadas contra seus mestres.

Esta starhawk Norra reconhece como sendo a *Concórdia* – que agora opera sob o comando da recém-nomeada comodoro Kyrsta Agate, que antigamente comandava a fragata ao lado dela.

A frente da starhawk é como uma lâmina de machado cortando caminho através do espaço. É uma nave agourenta, mas régia, a seu modo.

E, de fato, quem vem pelo comunicador senão a própria Agate:

– Contatando o transporte da Nova República *Mariposa*. Aqui é a comodoro Agate. Hora de vir a bordo, nós cuidamos disso.

Com isso, a *Concórdia* abre fogo.



CAPÍTULO

12

Dias se passaram desde sua passagem por Coruscant, e a grã-almirante Rae Sloane sente-se presa em um padrão de espera. As pressões de liderar um Império não lhe davam tempo para fazer uma viagem até Quantxi, e ela não vê nenhuma maneira de sair do atoleiro. Sua última viagem não passou despercebida. Ela foi capaz de desviar de perguntas e críticas facilmente – afinal, ela é a líder militar operacional do Império Galáctico, e muitos temem o poder que exerce.

Os homens nesta mesa de jantar, no entanto, não parecem temê-la nem um pouco.

E isso a perturba muito, porque eles *deveriam*.

Este é o alardeado Conselho das Sombras do almirante Rax. Ela se senta na estreita cabeceira de um dos lados, e a cabeceira oposta da mesa oferece apenas uma cadeira vazia onde Rax tinha prometido se sentar (embora ele ainda não tenha feito uma aparição). Os outros jantam, todos observando uns aos outros, incertos do que isso seja. Eles suspeitam uns dos outros. Têm dúvidas quanto à situação. Certamente cada um deles teme, muito justamente, que a qualquer momento o chão debaixo de suas cadeiras se abra e eles sejam evacuados para o espaço aberto, ou caiam nas paredes de esmagamento de um compactador de lixo, ou sejam devorados por alguma criatura escravizada.

O problema é que nenhum deles pensa que *ela* deva ser a pessoa temida. Quase não olham em sua direção. Mas a cadeira vazia do outro lado da mesa? Ah, eles não conseguem parar de olhar para ela, conseguem? *Idiotas*.

O Conselho das Sombras, disposto ao redor da mesa, consiste em cinco imperiais (incluindo ela mesma).

Ao lado dela está Brendol Hux, antigo comandante da Academia Arkanis. Mercurial Swift fez seu trabalho e resgatou o homem (e ela faz uma nota mental para arranjar o pagamento do caçador de recompensas por esse trabalho). Hux é um porco grande e arrogante de ego inflado. Aquele ali é bom de garfo: sua pança se comprime em seus botões, seu pescoço é gordo e sua mandíbula firme é macia, coberta por pelos faciais não aparados. Ele parece abatido, perdido e com raiva. Ocasionalmente parece se lembrar de que isso é um jantar, então mergulha em sua refeição com gosto súbito, empurrando comida para a boca mais uma vez.

À direita dele está o grão-moff Randd, governador especial do Exterior – uma fatia distante da Orla

Exterior, e o único setor da Orla que de fato permanece sob controle imperial. Sua distância da ação explica sua sobrevivência. A guerra queimou brilhante através da galáxia, reivindicando a vida de muitos dos membros de elite do Império. Randd não era um desses membros. Ele, como muitos, estava nas beiradas.

E aqueles nas beiradas eram, e são, sobreviventes. Sloane conta a si mesma entre os sobreviventes – ela tinha sido empurrada tão longe do centro que sua marginalização provavelmente a salvou.

Randd tem a rigidez e a precisão de uma agulha. Nada move exceto seus olhos. Suas mãos repousam sobre a mesa, e ele não deu nenhuma mordida. Prudente. Talvez pense que a comida está envenenada. Ou talvez seus nervos estejam tão tensos que ele não consegue sequer contemplar a ideia de comer.

Do outro lado da mesa: o general Hodnar Borrum, embora ninguém o chame assim. O apelido dele é “o Velho”, pois há tempos vem servindo o Império – Hod Borrum, na verdade, serviu à República original sob governo do chanceler Palpatine. Foi ele quem teria liderado o ataque contra os últimos Jedi ao final das Guerras Clônicas, pessoalmente liderando soldados clones contra a fortaleza de montanha de... como era mesmo? Seu treinamento de história falha de repente. Madar? Morad? Não importa.

O ponto é que ele é um veterano no verdadeiro sentido, e ela, entre outros, sempre se perguntou por que Kenner Loring se tornara grão-general em vez de Hod Borrum. Alguns disseram que ele era muito velho; outros, que era muito prático. E ele era conhecido por demonstrar ostensivamente quão pouca consideração tinha pela “Força”, o que provavelmente irritava Vader. Borrum é velho, e suas bochechas estão marcadas com linhas profundas, crateras escarpadas e manchas escuras na pele. Mas seus olhos ainda são cintilantes – eles não estão obscurecidos com a neblina da idade. Esses são os olhos de um jovem. O olhar de um predador a encara de volta.

O último é o seu favorito: Ferric Obdur. Extraordinário propagandista imperial. É o único que parece feliz de estar ali.

Ninguém fala.

Ela decide que isso tem que mudar.

Sloane se dirige a Hux:

– Estou feliz por termos tirado você de Arkanis.

– Sim. – Ele faz uma pausa, olhando para o pedaço de carne fumegante em seu garfo. Então o baixa com um barulho como se tivesse subitamente perdido a fome. – Suponho que eu também esteja.

– Supõe?

– A Academia era o trabalho da minha vida. Eu era bom nisso. Os melhores do Império vieram de Arkanis. Os *melhores*. E agora?

– Agora nós nos levantamos – Randd responde. – Nós contra-atacamos.

Ferric Obdur gesticula com seus próprios talheres como que para argumentar. Com a boca cheia, ele fala:

– Mostramos ao resto da galáxia como é que se faz e por que somos necessários. – Com a faca serrilhada na mão, ele aponta para Sloane. – Almirante, você tem uma boa história sobre isso. Vocês

devem ouvir, porque, quando Sloane era uma menina... bem, prossiga, almirante, você conta.

Seu rosto queima com a atenção súbita de toda a mesa. O propagandista está certo e obviamente fazendo uma jogada em seu próprio favor, embora ela não tenha certeza do que seja. De qualquer jeito, ela tem uma história – uma infância ruim em um mundo sem lei, e o Império entrando com força para trazer ordem ao caos. Ela está prestes a contar essa história quando Hux interrompe:

– Estes são dias sombrios. Dias sombrios para todos nós.

Sloane se eriça por ter sido interrompida. Hux a interrompe porque pensa que ela não é importante. É vital que ela o repreenda de tal modo que... honestamente, seu maior desejo neste momento é enfiar o garfo através da mão dele e castigá-lo pela intrusão. Mas isso desafiaria Rax, e ela está ciente do equilíbrio agudo e delicado de poder ali.

Em vez disso, ela faz o seu próprio tipo de interrupção.

– Brendol – ela chama –, soube que você tem um filho. Não da sua esposa, mas um filho ilegítimo. Será que *ele* será o melhor que o Império pode oferecer? – Isso é uma facada de um punhal de dois gumes: primeiro, pelo fato de que ele tem um filho ilegítimo, e segundo, pela inferência de que não importava quão bons os cadetes em sua academia fossem, eles ainda não foram suficientes para salvar o Império de seu destino.

Os olhos dele se estreitam e piscam como se ele tivesse acabado de ser esbofeteado.

– Eu... Armitage é um menino de vontade fraca. Fino como uma folha de papel e tão inútil quanto. Mas vou ensiná-lo. Vocês... vocês vão ver. Ele tem potencial.

Ao redor da mesa, os outros riem.

Uma pequena vitória, ela pensa. Mas é preciosa assim mesmo.

O general Borrum limpa a boca com um guardanapo.

– De uma perspectiva militar, temos uma interessante inversão aqui, não temos? Passamos de poder proeminente na galáxia a segundo poder... e bem atrás, se os números conferirem. Aconteceu rápido, também, provando que a máquina de guerra quebra se levar muitos disparos. Mas creio que muitos no Império ainda nos veem como a primeira e única lei na galáxia, e me pergunto se não seria muito melhor enfrentar a realidade. Perdemos nossa supremacia.

– Concordo – Sloane afirma. – Está na hora de encararmos nosso lugar na galáxia com plena consciência, sem preconceitos. E então é hora de agir de acordo. Nós somos os azarões que lutam para salvar a galáxia.

– Sim! – Obdur exclama, batendo as mãos. – É exatamente isso, não é? Nós somos a rebelião. Somos a resistência! – Ele ri de forma um pouco louca. – Pensem desta maneira. A verdade nos é dada em dois estágios. Tudo isto, *tudo* que qualquer pessoa faz, é tão verdadeiro quanto as histórias que contamos sobre isso. A narrativa é o que importa. Temos de controlar a narrativa. Podemos ser aqueles que salvam mundos perturbados habitando na sombra da ignorância da Nova República. Nós fazemos a mensagem. Nós a controlamos politicamente. E *então* reforçamos a narrativa militarmente, não o contrário. Muitas vezes conduzimos com agressividade e depois tentamos contar a história... Eu digo *não*, digo que temos

que contar a história e, em seguida, usar o que resta da nossa máquina de guerra para martelar essa história nos corações e nas mentes da galáxia e de seu povo.

– E que história seria essa? – o grão-moff Randd pergunta. Seu tom é quebradiço, tenso e incrivelmente incerto. – Qual é a nossa... narrativa?

Obdur dá um sorriso de apresentador de programa quando explica:

– É exatamente o que Sloane disse: somos os azarões. Todo mundo ama azarões. Então nós nos inclinamos em direção a isso, não para longe. Bancamos o animal ferido. O cão fiel que foi expulso por um pai brutal, injusto e completamente despreparado.

Da parte de trás da sala vem um suave aplauso, um som que se torna mais insistente à medida que se aproxima. E da escuridão além da mesa de jantar vem o próprio almirante da frota, Gallius Rax.

Não a surpreende que ele escolha emergir agora. É o momento mais dramático, não é? Ali está Ferric, dando seu discurso sobre narrativa e história, e isso reflete muito bem os sentimentos de Rax sobre o artifício e a natureza efêmera e incerta da verdade.

– *Isto* – Rax começa – é precisamente por que eu escolhi todos vocês. Ideias boas. Uma sabedoria impecável. A verdade é que perdemos esta guerra. O Império que conhecíamos se foi. Já estava saindo de controle quando a Aliança Rebelde cresceu em espaços invisíveis como um câncer. – Desconforto manifesta-se em torno da mesa enquanto os presentes se remexem em suas cadeiras. – Para nós, isso representa uma oportunidade para nos remodelarmos. Foi por isso que reuni vocês todos aqui, um verdadeiro conselho dos melhores e mais vitais dentre os nossos. Cabe a nós retomar e controlar a narrativa. – Ele gesticula com o que parece ser um pequeno controle. – Qual será nossa história? O que, ou *quem*, é o Império?

Hux se inclina, desespero brilhando em seus olhos.

– E como exatamente nós retomamos nossa história? Propaganda é boa e tudo o mais, mas ainda precisamos de recursos! Não é a *narrativa* que estamos perdendo. São as pessoas. E as naves. E... – Ele olha para o general Borrum. – Veículos de solo.

Um sorriso lento e frio se instala no rosto de Rax.

Então ele aperta um botão.

De uma peça central na mesa – escondida –, hololentes projetam imagens ao redor deles. Acima deles, atrás deles, em toda parte. O que mostra é o espaço galáctico: estrelas e sistemas, nuvens e rotas pelo hiperespaço. Não é só um mapa, mas várias fatias da galáxia global.

– Chegou a hora – Rax diz – de expor o meu artilho.

Ele aperta outro botão. O ar muda e brilha, e agora eles estão olhando nuvens espessas e interestelares: nébulas. Como a que os esconde agora, a Vulpinus. Sloane conhece bem o mapa galáctico; como uma oficial naval, não seria muito bom ser ignorante em relação às estrelas. Ela espia cinco nebulosas conhecidas: as nuvens vermelhas de Almagest, as estrias escuras como machucados da nébula de Recluse, a esfera da safira de Queluhan, o triângulo em espiral de Ro-Loo e as sombrias plumas colunares de Inamorata.

Que ardil ele iria expor? A verdade a atinge mesmo antes de ele falar: assim como eles estão escondidos em uma nébula, também estão as outras frotas.

Eles não estão sozinhos lá fora. Eles *não são* a última frota.

Rax confirma exatamente isso:

– Partes da nossa frota naval foram escondidas pouco tempo depois da destruição de nossa estação de batalha gloriosa sobre a lua de Endor. Essas frotas não são tão grandes quanto a que atualmente controlamos aqui em Vulpinus. No entanto, são igualmente substanciais: centenas de destróieres estelares, milhares de naves menores.

Sloane fica atordoada. Ela se sente eviscerada – como um dolo-peixe, sua barriga cortada de modo que as entranhas fumegantes fiquem expostas na doca enquanto arfa ao ar livre. Agora, os lábios dela trabalham silenciosamente da mesma maneira. Ela tenta encontrar palavras. Tenta encontrar algo. Ela *deveria* estar feliz, não deveria? Que o legado do Império não esteja tão claramente escrito? Mas tudo o que sente é decepção. E raiva. Uma raiva rubra e crescente.

Ela está prestes a entrar em erupção...

E então Rax diz:

– A almirante Sloane e eu achávamos que era necessário manter este ardil. Simplesmente não sabíamos em quem confiar.

Um segundo golpe. Ele a incluiu na conspiração – uma conspiração que ela literalmente *acabou* de conhecer junto com o resto do Conselho das Sombras. Eles estão olhando para ela. Traição em seus olhos. Mas algo mais, também.

Admiração.

Isso a deixa ainda mais enojada. Eles admiram o plano que *ele* criou, e ela recebe crédito indevido por isso. Por quê? Por que ele fez isso por ela?

Tudo o que ela pode fazer é cerrar os dentes e aquiescer. Expô-lo agora seria desagradável. Pior, faria Rax parecer gracioso o bastante para dar crédito a um inferior e a revelaria como mal-agradecida por um presente que lhe fora dado. *Mas eu quero mais que só um brinde*, ela pensa. *Eu quero tudo*. Esta é a única maneira de manter o Império seguro e forte: sua coleira segurada firme nas mãos dela.

Agora não é a hora.

Em vez disso, ela engole e entra no jogo. Então diz, invocando uma onda de falsa confiança:

– Com a morte de Palpatine, estava claro que algumas facções dentro do Império tentariam arrebatar o controle. Pandion foi um excelente exemplo disso: um homem ganancioso usando o caos para estender sua influência. Além disso, não tínhamos como saber quem tentaria salvar a própria pele correndo para a Nova República. Tínhamos que ter certeza de que revelaríamos isso aos poucos àqueles em quem podíamos confiar. Isso quer dizer todos vocês.

Agora a admiração brilha de um par diferente de olhos: os do próprio Gallius Rax. O canto do lábio dele está torcido em um gancho malicioso enquanto a fita. *Ele está satisfeito comigo*, ela pensa.

Isso a conforta e acalma ao mesmo tempo. *A raposa está satisfeita com a galinha*. Será que ela está se

apaixonando pelo jeito estranho dele? Ela o admira, agora?

Pode ser. Mesmo que o odeie, ela também o admira.

– Precisamos de mais do que frotas – Borrum afirma. – Precisamos de botas no chão e armaduras para ir com elas.

– Boas notícias, então – Rax responde. – As fábricas de Kuat foram bombardeadas até se renderem, e os estaleiros de Xa Fel, Anadeen e Turco Prime são todos contestados ou já estão perdidos. Mas a Orla Exterior será nossa salvação, e será a corda estranguladora que amarraremos ao redor do pescoço da Nova República. Já temos três mundos sob nossa influência lá: Zhadalene, Korrus e Belladon. O Império, por muito tempo, e em seu detrimento, confiou em corporações de terceiros para produzir as peças de nossa máquina de guerra, mas esse não é mais o caso. A produção é inteiramente imperial. E nesses mundos já começamos a produzir nossas armas: andadores de todos os terrenos, novos caças estelares TIE, fuzis E-11 e outras necessidades da guerra.

Hux está atordoado.

– Ainda precisamos de pessoal. Precisamos de novas academias...

– Na hora certa – Rax corta, ríspido.

Sloane está tão ocupada observando as reações dos homens à mesa ante essa notícia, espiando as emoções concorrentes de alívio e medo e raiva no rosto deles, que não percebe alguém entrar na sala. Alguém que se aproxima por trás dela e apoia uma mão gentil sobre seu ombro.

Ela se assusta com o sussurro de Adea:

– Almirante, temos uma situação.

Um brilho quente de raiva surge nela, e por um momento ela está prestes a castigar a pobre garota na frente de todos. Mas não pode fazer isso. Não seria merecido. Sloane está no limite, e se Adea diz que a situação demanda a atenção dela, então deve confiar que seja verdade.

Ela precisa de cada grama de força de vontade para se levantar daquela mesa – excluir-se da reunião, mesmo por um segundo, fará com que se sinta roubada de informações. E neste Império, informação é poder.



CAPÍTULO

13

Lá fora, o destróier estelar está no meio de sua destruição em câmera lenta. A eliminação de uma nave capital como essa raramente é rápida – ela sangra como uma grande besta, como um purrgil perfurado repetidamente por ganchos antes que possa ser erguido para o convés. Mísseis riscam o espaço e lasers entrecruzam a escuridão interminável, e lenta mas seguramente o destróier é rasgado em pedaços enquanto o vácuo do espaço suga grandes goles de fogo de fissuras em seu casco. E simplesmente...

Acaba. Através das cascatas escuras, um grande flash pulsante de motores chegando a supernova. A imagem queima nas retinas de Norra, e agora, quando pisca, ela vê a estrutura esquelética daquela nave pouco antes de desaparecer.

Tudo o que resta lá agora são escombros. E, embora ela não possa vê-los dali, os corpos.

– No auge do Império, um destróier estelar chegava a ter cerca de 40 mil pessoas na tripulação – a comodoro Agate conta, aproximando-se de Norra. – Nossa melhor suposição era que a nave lá fora, a *Foice*, tinha muito menos que isso a bordo, cerca de 15 mil. Ainda assim, muitas vidas perdidas.

Agate é alta, muito magra, com ombros largos e pernas longas. Seu queixo é mantido alto. O cabelo é curto – um cacho escuro ao redor de cada orelha é o máximo de ostentação. A comodoro mantém suas mãos apertadas atrás do corpo – Norra sabe que a mulher tem uma reputação por suas mãos trêmulas. No passado isso lhe valeu dispensas e dúvida, mas não é mais assim. Kyrsta Agate provou seu valor repetidas vezes.

Muitos admiram sua seriedade.

Mas, agora, Norra se pergunta aonde a mulher quer chegar.

– Eu não entendo – Norra diz. – Nós fizemos isso. É a guerra.

– Exatamente. Isso é a guerra. É fácil ser pego na sua opulência. As medalhas, os desfiles, as guirlandas de pétalas na cabeça dos vencedores. Porém é importante se lembrar de que a guerra é majoritariamente isto: destruição e morte. Somos assassinos.

Norra falha em reprimir um tremor.

– Eu... você está dizendo que estamos errados? Com todo o respeito, comodoro Agate, não acredito nisso.

Agate se vira. O sorriso dela é triste.

– Não. Estamos fazendo um trabalho justo. Aqueles a bordo da *Foice* sabiam quem eram e por que estavam lá. E não ignoravam o custo da guerra. Só quero que o meu pessoal não o ignore, também.

– Você quer que nos arrependamos do que fizemos?

Para a surpresa dela, Agate assente.

– Quero. Um pouquinho. Deveríamos. Eu não quero assassinos impenitentes, tenente Wexley. Eu quero soldados que odeiam o que têm que fazer e temam ter que fazê-lo novamente.

– E se isso significar perder a guerra?

– Então perdemos a guerra mantendo a nós mesmos.

Isso a atinge como um punho. Ela se sente chocada – quase atordada.

– Obrigada – Norra agradece, embora o modo como ela diz a palavra a faça tanto uma pergunta como uma declaração de gratidão.

Agate assente.

– Falei com o capitão Antilles. Ele me disse por que vocês estavam aqui fora. – Norra se perguntou ociosamente se ele contou uma mentira, uma vez que a missão para rastrear o desaparecido Han Solo não era exatamente oficial. Mas, quando ouve que ele falou a verdade, ela conclui que Wedge pode não ser capaz de uma mentira tão fácil: – Han Solo está desaparecido?

– Está. E pode haver complicações imperiais.

– Esperemos que você o encontre.

– Esperemos que continuem a nos deixar encontrá-lo. Ele renunciou à sua comissão militar.

Agate suspira.

– Isso pode complicar as coisas.

– Aposto que sim.

Diante da *Mariposa* em um dos conveses da *Concórdia*, Wedge encontra Norra outra vez. Ele está nervoso. Olha em volta para as curvas brilhantes e limpas do interior da starhawk.

– Uma baita nave, né?

Ela concorda e diz isso a ele. É diferente estar em uma nave que parece tão *nova*. Quase parece falso, de alguma forma, ou como se ela não pertencesse ali. Mesmo algo tão simples como um embarcadouro – acima, o teto é esculpido em curvas brancas, e tudo é iluminado com um brilho quente em vez de iluminação dura. Os pisos são iluminados, também, de baixo.

– Escute – ele diz, se inclinando para a frente na bengala –, eu contei para Agate.

Ele não precisa falar o que é.

– Eu sei. Ela sabe que nós estamos procurando por Solo. Tudo bem.

– Ackbar vai querer ter uma conversa.

– Eu aceito.

– Você deveria estar brava.

– Não estou. De verdade.

– Eu só pensei que, se alguém ia trair Leia, era melhor que fosse eu e não você. Embora isso signifique que eu tinha que trair você, de certa forma...

– Wedge, está tudo bem.

– Jura?

– Juro por todas as estrelas no céu.

Ele levanta uma sobrancelha.

– A respeito daquela bebida...

Norra o beija. Ela faz isso antes mesmo de perceber que o está fazendo. Seus olhos se fecham. Ela inspira ríspidamente pelo nariz enquanto eles mantêm o beijo. Sente o coração pesado em seu peito por apenas um momento fugaz, e pensa no marido, Brentin...

Quando ela finalmente se afasta, parece que a eternidade os eclipsou, que tanto tempo se passou que a guerra pode ter acabado e tudo o que veio antes pode ser voluntariamente esquecido. Ela sabe que é uma ilusão.

Mas é uma ilusão reconfortante.

Ela sorri.

Ele sorri também.

– A respeito daquela bebida – ela diz, tentando imitar o jeito descolado de Sinjir. – Tenho certeza de que eles têm um bar em algum lugar nesta nave. Sugiro que o encontremos.



CAPÍTULO

14

Durante os primeiros 12 anos da vida de Gallius Rax, música era uma coisa que simplesmente não existia. Sim, a música de seus arredores tocava: vento assobiando através das torres de pedra, os badalares de sinos de osso enferrujados feitos pelos anacoretas, o zumbido melódico de um speeder cortando uma faixa pela areia sibilante. Mas música real, música *de verdade*, orquestrada voluntariamente pelas mãos, pela respiração e pelo puro maldito desejo de *seres sencientes*...

Isso era desconhecido para ele.

A primeira peça que ele escutou na vida toca em seus aposentos agora: *A Cantata de Cora Vessora*, uma ópera da Velha República sobre uma bruxa sombria em um mundo sem nome que se recusava a se tornar Jedi – mas também não queria se juntar aos Sith. É um conto de nascimento, morte e todas as glórias encontradas entre esses polos: amor, paixão, guerra e, acima de tudo, vingança. Vingança contra os Sith que levaram os seus entes queridos. Vingança contra os Jedi por ficarem de braços cruzados e se recusarem a protegê-la porque ela não se juntaria às suas fileiras. Vingança contra a galáxia por ser tão imperfeita e impura quanto ela temia.

O conto em si era algo que ele não aprendera até muito mais tarde. A história importava, é claro. Mas, como uma criança em seu primeiro voo para fora de um planeta sombrio e empoeirado, que ele pensava (ou temia) que fosse o centro da galáxia, era o som da música que o assombrava. Agora tanto quanto na época.

O leve dedilhado das cordas do moda khur.

O estrondo e clamor do vidro do tambor denda quebrando, refazendo-se e quebrando outra vez.

A vibração formada pelas ululações do coral de cantores tucari sem glândulas – uma vibração que pode ser sentida como um zumbido intenso nas têmporas e na mandíbula, uma vibração que pode fazer alguém se sentir quase *bêbado*.

Ele a deixa passar por cima dele, fica de pé no centro dela. Quase como se a música pudesse pegá-lo e levá-lo mais alto.

Rax está ciente de que há alguém na sala com ele. Provavelmente é Sloane, aqui para perguntar sobre a destruição da *Foice*. Ela não vai acusá-lo de nada; Sloane é esperta demais para fazer isso. Embora ele tema que esse dia esteja chegando.

Ele não vai interromper a *Cantata*, contudo; não por ela. Não por ninguém. Então ele fica de pé, balançando suavemente, e levanta um dedo insistente exigindo paciência acima de tudo.

A música toca até chegar ao silêncio, e só então ele se vira.

Não é Sloane que está lá. Em vez disso, é a ajudante dela, Adea Rite.

– Srta. Rite – ele diz. – Estou surpreso em ver você aqui e não ela.

– Ela escolheu não vir.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Ela descobriu sobre a destruição da *Foice*. – Adea confirma com um aceno de cabeça. – E descobriu que eu mandei uma transmissão.

– Ambas as transmissões.

É uma pena que a almirante Sloane não veio conversar sobre isso com ele. Rax entende o porquê, é claro. Ela sente que foi enganada – porque foi absolutamente enganada. E essa ilusão não vai acabar tão cedo. Não pode terminar porque ela não pode saber de tudo. Ainda não.

Se ela apenas *confiasse* nele. Uma declaração irônica, ele sabe, dado que tudo que ela sabe sobre ele lhe dá cada vez mais razões para *não* confiar nele. Mas líderes são assim, às vezes. Você tem que depositar confiança neles, mesmo quando está incerto de que eles estão fazendo a escolha certa.

Não. Confiança, não.

Fé.

– Rae Sloane vai superar isso – Rax afirma, subitamente confiante. Ele estica os braços e pega ambas as mãos de Adea. Os olhos dela brilham de veneração. Embora lá dentro ele veja algo mais: um conflito. Adea também respeita e admira Sloane. Isso é difícil para ela. Bom. Deveria ser. – Nós fazemos o que devemos. O sacrifício da *Foice* era necessário. Além do mais, o comandante Valent estava conspirando com Loring. Não podemos suportar mais fraturas desnecessárias, e ele era teimoso demais para ficar do nosso lado. Sem mencionar que era incompetente.

– Posso dividir essa informação com a almirante Sloane?

Ele a puxa para mais perto, suavemente, até que o queixo da mulher esteja em seu peito.

– Sim, pode. Mas ainda não.

– Eu... preciso voltar.

Ele pode sentir o coração dela batendo contra o dele. Mais rápido, agora. O ritmo de um coelho. Rax delicadamente coloca um dedo abaixo de seu queixo e o levanta.

– Você vai passar a noite aqui de novo? – ele pergunta.

– Eu...

– Você precisa. Eu insisto.

Ele se inclina para encontrá-la. Pressiona seus lábios contra os dela. Frio contra quente. O beijo de fogo contra um fragmento de gelo.

A *Foice* está destruída. O comandante Valent e todos aqueles a bordo estão mortos. E é culpa dela. Ou

foi engendrado para que *parecesse* culpa dela.

Ali, no seu comunicador, havia uma mensagem enviada para a *Foice* da estação *dela* com os códigos de liberação *dela* – apenas texto, sem imagens, sem áudio. A mensagem pedia à *Foice* para responder a um sinal de alarme enviado de um droide-sonda de um Prowler.

Então alguém foi em frente e bloqueou todas as mensagens vindas da *Foice*, de forma que os sinais de socorro do destróier não chegassem.

E, finalmente, a última peça desse quebra-cabeça perturbador – outra missiva enviada através de canais altamente criptografados, direto para a Nova República.

É ele. É o suposto conselheiro dela: o almirante de frota Rax. Ele tem estado em contato com a Nova República como um personagem que chama de Operador, pela maior parte de três meses, agora – porém, parece estar mais interessado em manobrar o Império para se canibalizar, dando à incipiente República uma vantagem muito necessária. Ele está *entregando-lhes as armas* e então mandando imperiais para o alcance de suas miras. Antes, ela poderia talvez desculpar – certamente restos do Império *estavam* verdadeiramente fora de si. Que as estrelas ajudem a todos se alguém como Pandion capturar o trono imperial.

Mas isto? A *Foice*? Isto foi uma *execução*. Porque certamente foi o almirante da frota que convocou as naves da Nova República sob o disfarce do Operador. Ele puxou sua coleira e deu à escória o cheiro de outro bom alvo imperial. Milhares de soldados estão mortos por causa disso.

E por quê? Para que propósito? Tremendo, Sloane caminha até o escritório dela, na tentativa de tentar entender exatamente aquilo. Valent. Ele era leal, não era? Talvez isso seja uma superestimação. Ela se senta diante de sua holotela e puxa toda a informação que tem da *Foice* e do comandante Valent. Tudo parece padrão... mas espere. Ali. Valent não foi para a academia naval primeiro, foi? Ele foi para a escola dos oficiais em Uytter...

... junto com o grão-general Loring.

Então é isso. Outra rivalidade extinta. Mais um potencial dissidente cuja garganta é metaforicamente cortada. Em vez de tentar superar a divisão e liderar do centro, Rax está feliz em cortar as bordas – e aqueles que não o seguirem serão abatidos como cães.

Sloane grita de raiva e joga tudo para fora da mesa. Um copo de água derrama e rola. Ela está fervendo, o peito subindo e descendo enquanto imagina marchar até os aposentos de Rax e meter dois tiros da arma de raios em sua testa. Por tudo que ele fez.

Este não é meu Império, ela pensa.

Mas como conseguir dominá-lo? Expor Rax é uma opção, mas as consequências podem não jogar em seu favor. Primeiro, ela vai ter que admitir abertamente que não controla o Império. Segundo, ele é um herói de guerra, e não importa quem você seja – como um imperial, essas medalhas *importam*. Terceiro, a reação pode ser um surpreendente dar de ombros. E daí que ele é um manipulador?, eles podem dizer. Palpatine também era. Em seus primeiros dias, o Império nascente cresceu forte precisamente porque deixou a República e os Jedi se destruírem – e então simplesmente agarrou a máquina de guerra

preexistente para si mesmo, unindo as fissuras na galáxia sob a bandeira imperial. Eles podem ter fé nas escolhas de Gallius Rax, por mais sombrias, por mais estranhas que sejam. Expô-lo também expõe a ela. Pior, pode potencialmente empurrar o Império para sua própria guerra civil interna.

É hora de parar de hesitar. É hora de ir para Quantxi e encontrar os destroços da *Imperialis*. Se ainda houver droides, mesmo que em pedaços, talvez ela possa achar algo, *qualquer coisa*, que possa lançar luz sobre quem é Rax ou quais podem ser suas verdadeiras intenções.

Com isso, Sloane se lança para fora da cadeira, renovada com um propósito vigoroso. Ela avança até a porta, abre-a com um sibilo...

E lá está Ferric Obdur. Ele dá um sorriso obsequioso.

– Temos outra reunião sobre disseminação de informações. E devemos preparar uma declaração sobre a perda de Arkanis. Oh, e é vital estabelecer algum sentido *vago* do futuro do Império. Podemos discutir as novas iniciativas de melhoramento, por exemplo, e...

Enquanto ele continua, ela acena com a cabeça, resignada. Todo o tempo, Sloane sente que suas botas estão presas no lodo, e a lama continua puxando-a para baixo, progressivamente, até que sua boca esteja cheia dela e seus pulmões estejam cheios, também, e tudo o que ela possa fazer é se afogar enquanto o Império que ela ama se esvai.

Interlúdio:
Takodana

Só há uma regra no castelo de Maz Kanata.

(Bem, ok, há dúzias, até mesmo centenas de regras. *Se você subir no palco, tem que cantar; não beba o que está na jarra marrom; não desça as escadas; se o seu animal soltar uma pilha em qualquer lugar, você está fora; todos os negócios precisam da aprovação de Maz antes de acontecerem e, se você tentar enrolá-la, ela vai pegar o que é seu e o que é do outro e vender tudo para quem der o maior lance; e, pelo amor de tudo que é mais sagrado, não mencione os olhos de Maz a menos que você queira entrar em uma conversa muito longa.*)

Mas há apenas uma regra falada – escrita, também, em uma centena de línguas (muitas delas há muito esquecidas) na parede atrás do bar: **TODOS SÃO BEM-VINDOS. (SEM BRIGAS.)**

Essa regra é simples na superfície, mas não é fácil na execução, porque o castelo de Maz Kanata tem sido um local de encontro desde tempos imemoriais – um ponto de conexão que reúne inúmeras linhas de lealdade e oposição, um lugar onde não só amigo e inimigo podem se encontrar, mas onde conflitos complexos são varridos para baixo do tapete de modo que todos possam se sentar, beber e comer, ouvir uma música e fazer quaisquer negócios que seu coração ou posicionamento político exijam. É por isso que as bandeiras fora do castelo representam centenas de cidades, civilizações e guildas de antes e sempre. A galáxia não é agora, nem nunca foi, duas forças polares lutando pela supremacia. Tem sido *milhares* de forças: um cabo de guerra não com uma simples corda, mas com uma teia de aranha de influências, dominância e desejo. Clãs e religiões, tribos e famílias, governos e antigovernos.

Rainhas, sátrapas, chefes militares! Diplomatas, piratas, droides! Slicers, traficantes, viajantes e jogadores! Repetindo: **TODOS SÃO BEM-VINDOS. (SEM BRIGAS.)**

Brigou? Já era.

De que modo você *já era* trata-se de uma decisão deixada para a própria Kanata. Talvez isso signifique que você vai ficar sem bebida. Talvez isso signifique que você acabe preso por quanto tempo ela escolher. Talvez, apenas talvez, se ela não gostar *mesmo* de você, signifique que ela o leve para uma de suas muitas naves – a *Tua-Lu*, também conhecida como a *Sorte do Estranho* – e lhe obrigue a caminhar pela saída de ar e conhecer as estrelas.

Sentado no bar está um oficial imperial do DSI. Pelo menos, ele *pensa* que ainda está com o DSI. Na verdade, o agente Romwell Krass nem sequer sabe se o DSI ainda está completamente funcional. Ele

estivera estacionado na lua Hyboreana em uma prisão secreta. Sua família vivia naquela lua: sua esposa Yileen, seu filho Qarwell, seu pai Romwell Pai. Seus amigos no escritório também moravam lá: Krass trabalhou muito nos bastidores para garantir a transferência daqueles que ele conhecia no Império, porque a lua Hyboreana era um trabalho confortável e fácil. A prisão era bem fechada. O trabalho era limpo e simples. Você ganhava uma casa à beira de um dos lagos de fonte termal. E no final de tudo, uma recomendação pelo trabalho realizado, pela lealdade sustentada, pela virtude suportada.

E então vieram os rebeldes. Ele não se dignará a chamá-los de República nova ou velha – eles são escória anarquista não merecedora de dignidade. Eles saíram do hiperespaço com uma pequena frota de naves, e antes que alguém soubesse o que estava acontecendo, o inferno chovia sobre eles.

Eles dispararam contra as estruturas remanescentes.

Eles dispararam contra *casas*.

Lanças de luz flageladora arrancaram o lar de Romwell da superfície. Sua família estava lá dentro quando aconteceu. Eles estão mortos agora, e ele está vivo, porque, enquanto a escória rebelde inundava a prisão, ele fugiu para a nave mais próxima e escapou para o hiperespaço antes que pudessem desativar o transporte.

Isso aconteceu meses atrás. Ele contatou Coruscant – o departamento estava sob cerco, e ele disse que iria aparecer, fornecer apoio. Mas não o fez. Em vez disso, ele apenas vagou. Flutuando por um tempo. Chorando sobre imagens da família. Gritando de raiva contra aqueles que fizeram aquilo. Mesmo agora, seus olhos se enchem de lágrimas com a lembrança. É como se algo quisesse se arrastar para fora dele: um monstro berrante com bafo de fogo.

Ele chegou ali dois dias antes. Queria informações sobre quem fez aquilo. Quem deu a ordem de acabar com sua casa? A República se orgulha de ser nobre – seus narizes ranhentos cheios com o muco da justiça. Mas então, como eles justificam o que fizeram?

Por que eles mataram sua família?

O filho dele, Qarwell, só tinha 5 anos. Ele gostava de desenhar em pó de lua. Ele tinha um droide ratinho MSE como bichinho de estimação. O menino era doce, divertido, tinha um grande vocabulário e um coração ainda maior. Um dia seria um excelente oficial do Departamento de Segurança Imperial. Melhor do que Romwell. Melhor que o próprio avô do garoto.

Agora o menino se foi.

E é culpa dos rebeldes.

E maravilha das maravilhas, bem ali, naquele momento, Romwell vê um rebelde.

Lá, do outro lado do bar, mais perto do palco, senta seu inimigo. O rebelde é um rapaz magro com uma mandíbula bonita e um apanhado de cabelo escuro. Na manga de seu casaco de piloto está o emblema da assim chamada Nova República. Ele está ali com uma mulher. Eles balançam a cabeça com a música – uma canção doida de Minlan Weil e Tam-honil Três.

Romwell consegue ler a placa não muito longe. Todos são bem-vindos, sem brigas, blá-blá-blá. Ele sabe disso. Ele *compreende* isso.

Mas... ele está bebendo.

E ali está um piloto rebelde. A lua Hyboreana caiu ante os rebeldes. Pilotos fizeram aquilo acontecer. Agora mesmo ele se lembra do trio de Y-wings rugindo sobre sua cabeça, lançando suas cargas. Ele aposta que *este homem* pilota um Y-wing.

Krass decide quase imediatamente...

A escória rebelde era um deles. Um dos *assassinos* da sua família. Anarquista! Matador! Ele tem certeza disso. Ele não tem *motivos* para ter certeza disso, mas, quanto mais bebe, mais profunda é sua certeza.

Chega um momento em que a banda para de tocar e há uma pausa entre as músicas, e mais uma vez o som do castelo lotado enche suas orelhas, e é o bastante para fazê-lo se levantar. Ele paga, batendo um punhado de créditos imperiais no bar. Então Romwell abre caminho aos empurrões, passando por um trio de Chadra-Fan jogando dados em uma mesa de jogo. Ele esbarra em uma mesa de Bravaisianos de uma guilda lambendo mãos cheias de gemas brilhantes – eles gritam com ele. Não que ele se importe. Quando passa por um Skrilling de aparência triste próximo de um jarro redondo de vinho borbulhante, Romwell enfia um dedo na alça e ergue o jarro.

Está cheio. É pesado. É perfeito.

A mulher o vê primeiro. Romwell ainda usa a sua roupa preta de oficial – ele não se troca há muito tempo. Os olhos dela se arregalam, ela agarra o cotovelo do piloto e, assim que o bandido rebelde se vira, Romwell diz, sua voz arrastada por causa da bebida:

– Você matou minha família.

Então ele atinge o rebelde bem na cabeça.

Ou, pelo menos, ele tenta. A jarra é pesada, e o traidor rebelde não está bêbado, então o piloto move-se rápido o bastante para receber o golpe no ombro. Ele ainda cai, contudo, e Romwell dá uma risada embotada.

O que o surpreende é quando a mulher se levanta e dá um soco duro contra suas costeletas. Seu nariz estoura como uma fruta madura e ele grita, cambaleando para trás.

– Não é assim que uma madame deveria se comportar – ele afirma, mas, entre a embriaguez e o sangue correndo pelo rosto, sai: *Não é ashim que uma mashame desheria she comptarsh...*

Alguém agarra seu tornozelo. O rebelde! Seu inimigo puxa com força. O mundo inteiro vira de ponta-cabeça enquanto ele cai, batendo com força contra uma cadeira. Agora os clientes do castelo estão se erguendo, observando: anormais em máscaras, alienígenas nojentos, mercenários de lábios zombeteiros. Criminosos, todos eles! Ele está prestes a gritar aos desgraçados que parem de ficar olhando quando o rebelde rola para cima dele e começa a enfiar os punhos em suas tripas.

– Seu maldito porco imperial! – o rebelde grita, fazendo choverem socos.

Romwell cospe seu próprio sangue no rosto do rebelde e o empurra com força com ambas as mãos. O piloto cai para trás e tromba com uma mesa. Copos rolam e quebram. E então todo mundo começa a ofegar e se afastar.

Romwell demora algum tempo – tempo *demais* – para entender por quê.

Sobre ele está um droide. O droide protocolar mais estranho que ele já viu: um exoesqueleto como bronze polido e picos pontudos saindo das pernas, braços e crânio.

Ele tagarela em alguma linguagem de máquina, então repete em língua básica, com uma voz feminina mecanizada:

– *Você violou a lei do Castelo. O Castelo é tudo. Castigo agora é iminente.*

– E eu violaria de novo, sua droide maldita, suja...

A droide aponta as mãos para ele, os dedos esticados. As pontas daqueles dedos de repente disparam contra ele como pequenos foguetes, cada um furando o tecido da camisa – ele espia cinco finos filamentos dourados agora conectando seu peito com as mãos da robô, através da ponta dos dedos.

As mãos da droide brilham. Eletricidade corre ao longo dos filamentos. Tudo se ilumina como uma supernova.

E então escurece como a noite mais densa.

Quando dá por si novamente, ele está acordando ofegante em uma cama suja coberta com palha fedorenta. As correntes que prendem a cama à parede de tijolos chacoalham quando ele rola para fora. Sua cabeça parece uma abóbora chutada. Ele vomita nas próprias mãos.

O chão está úmido e frio. Ali – uma *porta*. Madeira velha, presa firmemente com dobradiças de ferro antigas. No topo da porta há uma janelinha, e Romwell rasteja para a porta e se estica até a abertura (todo o tempo seu cérebro parece que está tentando fugir pela testa). Ele empurra o rosto contra as barras menores na janela.

– Socorro – ele pede. Depois, de novo, mais alto: – Socorro!

– Já era – diz o rebelde, que o encara de uma janela similar atrás de uma porta similar através do corredor. Água goteja do teto abobadado acima. – Admita, porco, nós erramos. Agora temos que pagar.

– Você não sabe do que está falando – Romwell diz, então sente a náusea subindo de novo. Ele tosse outra vez e arrota na mão.

– Eu sei que há uma única lei e que nós a quebramos. Por que você veio atrás de mim daquele jeito?

Eu não matei sua família.

Romwell pensa: *Eu falei que ele tinha feito isso? Talvez.*

– Tá, não você especificamente, mas o seu *pessoal* matou minha família. Meu *menino*.

O rebelde franze as sobrancelhas e olha para os dedos segurando as barras.

– Se isso aconteceu, sinto muito. Mas a guerra não é exatamente um jogo de precisão, por mais que gostaríamos que fosse.

– Se isso te ajuda a dormir à noite, escória.

– Ei, nós não explodimos um planeta inteiro. Isso foram vocês que fizeram.

– Eu não autorizei isso!

– E eu não matei sua família.

– Mas a sua crença nessa bobagem de “República” contribuiu...

De mais longe no corredor, uma voz aguda comanda:

– Silêncio! – É a voz de uma mulher. Parece velha.

Passos batucam a pedra em direção a eles.

A mulher enrugada, Maz Kanata, revela-se. Ela é murcha como uma fruta deixada tempo demais na videira. Suas mãos estão atrás das costas, e ela olha tanto para o rebelde como para o imperial com os olhos franzidos pressionados contra lentes grandes e redondas.

– Hm – ela solta.

– Escute, senhora Kanata – o piloto começa. – Senhorita Kanata? Que seja, nós realmente sentimos muito pelo que fizemos, se aquele bruto não tivesse pensado em me atacar...

Romwell interrompe:

– Bruto? *Bruto?* Você e seus rebeldes são brutos. Bombardeando de forma indiscriminada...

Outra silenciada vinda de Maz Kanata.

Ela ecoa como a reprimenda de uma serpente, e Romwell fica surpreso com sua eficácia para calar ambas as bocas.

Maz pega um banquinho de duas pernas apoiado na parede, então o arrasta até a porta da cela de Romwell. Ela limpa a garganta quando sobe nele. Com a ajuda, ela pode olhar através da janelinha.

– Deixe-me vê-lo – ela fala, ajustando uma das lentes ao redor dos olhos. – Venha cá, venha, venha.

Agora mais perto.

O que essa velha pirata louca está fazendo? Ele mantém a cabeça afastada, e ela estala a língua.

– Chegue mais perto ou vou mandar Emmie para lhe dar um choque de verdade. Certo?

Resmungando, Romwell faz como ela manda. Ele se inclina para a frente.

Os pequenos olhos de passas beliscam em suas fendas e ela molha os lábios com uma língua roxa escura.

– Vejo dor em seus olhos. Perda. Arrependimento. Você causou dor também. Você causou perdas. – Ela faz um beicinho com os lábios finos. – As medidas estão equilibradas, ao que parece. Já o seu pessoal...

– O que você quer dizer com medidas? E que história é essa do meu pessoal?

– O Império está morto – ela declara. – Você pode pensar que ainda tem vida e todo mundo pode pensar que está morrendo, mas eu digo que está morto. Porém, assim como uma carcaça dá lugar a novas vidas, moscas e fungos e outros, da mesma forma, do cadáver do Império nascerão novas criaturas. Por enquanto, contudo, está morto. – Sua mão sacode a fechadura da porta e depois a liberta. Ela desce do banquinho e então deixa a porta se abrir. – Você está livre. Não volte aqui. E o conselho a não compartilhar sua dor com o resto da galáxia. Encontre a paz para si mesmo ou nenhum bem lhe virá.

Romwell não sabe o que dizer. Ele deveria agradecer a ela? Condená-la? Melhor ainda, não dizer nada? Em vez disso, ele relanceia para o rebelde.

É como se ela estivesse lendo sua mente.

– Não se preocupe com ele. Eu vou deixá-lo ir, também, mas só depois de ver a sua nave no céu sobre o meu castelo.

Romwell aquiesce. E Romwell parte.

Mais tarde, quando ele se foi e quando o piloto rebelde se foi, também, ela fica sozinha em um de seus parapeitos com vista para as águas do lago Nymeve. Ela se sente empurrada e puxada de todos os lados, e não luta contra isso, deixando seu corpo balançar. ME-8D9 se aproxima.

Ela pergunta à velha droide – uma droide que está neste castelo há mais tempo que Maz, uma droide que viu tanta coisa dessa galáxia que mergulhar nas profundezas de seu banco de dados seria um esforço de futilidade e loucura – se Minlan Weil e seu bando têm camas para o pernoite, e a droide responde que sim.

– *Paz retornou ao Castelo* – 8D9 diz.

– Bom, bom, bom. Mas a paz ainda não retornou para o meu coração. Algo está fora de equilíbrio. Alguns movimentos na Força tornaram a água turva. Difícil de ver. Mas acho melhor estarmos preparados.

– *Defina o próximo plano de ação, por favor.*

– Prepare a *Sorte do Estranho* para decolar. Quero dar uma olhada na galáxia. Ver o que exatamente posso encontrar.

– *Aceitável.*

A droide não pertence a ela. ME-8D9 não pertence a ninguém – a droide é sua própria mestre. Como deve ser. Maz a escuta ir, depois fecha os olhos e tenta sentir os tremores na galáxia – o tecido e a trama de uma Força em mudança.



CAPÍTULO

15

Um a um os membros do time chegam ao jardim suspenso acima do distrito de Polis da cidade de Hanna – onde os cidadãos muitas vezes se reúnem para debater abertamente a política, o que é aparentemente uma atividade favorita aqui em Chandrila. Para a mente de Norra, soa cansativo. Ela preferiria ir para casa e preparar uma refeição, ou estar *fazendo* algo. Qualquer coisa exceto discutir política. Sim, ela reconhece que tal discussão tem valor, participar da democracia e tudo mais. Mesmo assim, se tivesse escolha, ela estaria a cem parsecs de distância.

Felizmente, hoje, não há nenhum debate. O jardim suspenso foi selado e eles estão, por enquanto, sozinhos uns com os outros.

– Algo está rolando – Jas diz, apoiada contra um plantador. Seus braços estão cruzados, e ela está mastigando uma vara de pizo, um ramo seco e curado da árvore de casca lisa. Os Chandrilanos os mastigam e chupam o suco para ficar acordados. Os pilotos em especial amam quando conseguem pegá-los. – É um pouco estranho que tudo isso esteja acontecendo. Dois heróis da rebelião desaparecem. Então o droide-sonda chama um destróier estelar? E como Tashu de alguma forma acabou envolvido? Eu não confio em nada disso.

Sinjir se inclina casualmente para trás em um banco. Ele gira a tampa de um frasco de mercúrio manchado e dá uma bicada, estalando os lábios.

– O Tashu tem macaquinhos no turboelevador. Totalmente louco, de latir e se autoflagelar, aquele lá. Ainda assim, ele respondeu à minha pergunta sem um segundo de hesitação. Ele *queria* que eu soubesse. O que me faz pensar que o não-mais-general Solo está em uma encrenca profunda.

Norra assente.

– Ou ele está com problemas ou *nós* estamos.

Ela espera que o filho retruque com alguma piada sagaz – ele é bom nisso quando tudo está sobre a mesa. Mas em vez disso ele senta-se afastado, olhando para o nada. Distraído. Taciturno. Norra pensa: *É melhor eu checar isso quando terminarmos aqui.* E então ela pondera: *Devo contar a ele a respeito de Wedge? O que ele vai pensar?*

Pânico a assalta.

Enquanto isso, Jom caminha, esticando a cabeça e se alongando.

– Aqueles caçadores de recompensa fizeram o diabo comigo. – Suas articulações estalam quando ele as move. Ele grunhe e encolhe os ombros. – Talvez seja hora de percebermos que Solo não é nossa missão. Temos alvos reais para cuidar. Preciso lembrar a vocês que tivemos a almirante Rae Sloane em nossas vistas lá em Akiva? E por acaso ela é basicamente a chefe militar do Império hoje em dia. Deixe Solo ser Solo. Quero mais uma chance com Sloane.

Atrás deles, senhor Ossudo persegue uma borboleta. Ele a pega cuidadosamente nas mãos com garras feito uma concha. Então arranca suas asas fora.

Norra recupera o foco e entra na conversa de novo:

– Lembro vocês que, se não fosse por Leia e Solo, aquele gerador de escudos teria ficado ligado e a Estrela da Morte ainda existiria. – Seu estômago se retorce quando ela pensa no que teria acontecido. Eles já estavam em menor número e com menos armas antes de o disparo vindo da estação de batalha iluminar o espaço escuro e destruir tanto a *Liberdade* como o cruzador mon calamari *Náutilo*. Ela precisa de todas as suas forças para manter a compostura e não consegue evitar um pouco de veneno em sua voz quando diz: – Nós não estaríamos aqui se não fosse por ele, então um pouco de lealdade não iria mal, Barell...

Perto deles, há um sinal suave conforme a plataforma do turboelevador no centro do parque começa a subir, trazendo um pequeno grupo.

Ackbar lidera, caminhando a passos largos – a cabeça apontada para a frente como se atraída pela gravidade do propósito puro. Leia caminha com ele, falando exaltada e preocupada. Wedge segue ao lado da comodoro Agate.

Wedge. Ele levanta o olhar e encontra o de Norra. E por apenas um momento, todas as suas ansiedades e preocupações caem como uma pesada mochila que ela permite escorregar do ombro cansado.

Isso termina com o som brusco de Ackbar limpando a garganta. Seus lábios se pressionam e ele parece preparado para falar.

Sinjir dá um assobio baixo e lento. Norra se inclina para a frente e chuta sua canela. O ex-imperial grunhe e se senta, enxugando uma linha de bebida do lábio. Profundamente bêbado, sussurra ruidosamente aos outros:

– Estamos prestes a ser repreendidos pelo comandante da academia, crianças. Shhhh.

– Não é uma reprimenda – Ackbar diz bruscamente.

– Vocês estavam operando sob meu pedido – Leia afirma. Em seguida, acrescenta, com um disparo nítido de amargura: – Fui eu quem recebeu a reprimenda.

– Senhor – Norra começa –, com todo o respeito...

Mas o Mon Calamari faz aquela coisa que te cala a boca com um olhar. Seus olhos corajosos e dourados fixam-se nela.

– Han Solo, eu entendo, resignou sua patente militar. E, mesmo que não tivesse feito isso, não podemos girar toda a Nova República para procurar um homem que deliberadamente foi para a reserva. Já estamos sobrecarregados. Nossa recuperação de sistemas é lenta, nosso controle é tênue. Seu time, tenente

Wexley, foi projetado para servir a um único propósito, e encontrar um contrabandista, por mais bondoso e prestativo que ele seja, não é esse propósito. Sua busca por Solo termina agora. Vocês vão voltar a perseguir criminosos de guerra imperiais imediatamente.

– Não.

Essa única palavra vem do nada. Norra se pergunta quem falou em voz alta, até que ela percebe... É a própria voz dela.

Ackbar parece surpreso. Suas narinas se alargam quando ele a encara.

Ela repete, desejando desesperadamente pegar as palavras antes que elas deixem sua boca e empurrá-las de volta para a garganta, mas o esforço é fútil.

– Não. Não vamos. A Nova República tem uma grande dívida com Leia e Solo. Ele está desaparecido, e eu acho que está em perigo. O Império não quer que o encontremos, e é por isso que devemos continuar procurando. Então, com todo o respeito, vamos continuar nossa busca por Solo.

Oh, não. O que estou fazendo? Cale a boca, Norra. Cale! A boca!

Os seus medos são refletidos nos olhos de Wedge, agora grandes como luas. Ele sacode a cabeça para ela, tentando dizer-lhe para parar.

– Você está desobedecendo a uma ordem? – Ackbar pergunta.

Não, ela pensa. Eu nunca faria isso. Sou uma piloto. Uma soldado. Eu...

Sou uma rebelde.

Oh.

– Sim – ela afirma, a palavra irrompendo para fora dela. – Estou desobedecendo a sua ordem. Eu renuncio minha comissão militar. Esta é a coisa certa a fazer e pretendo fazê-la, não importa quem esteja no meu caminho. Vou encontrar Solo sozinha.

Sinjir se inclina para a frente, sorrindo como um maníaco.

– Bem, isso acabou de deixar de ser tedioso – Jas também observa com um sorriso que torce as extremidades de sua boca (embora Norra não saiba se esse sorriso significa aprovação, divertimento ou alguma outra coisa inteiramente diferente).

Jom, por outro lado, parece que acabou de comer um pedaço de carne podre.

E Temmin? Ele já está ao lado dela.

– Eu também, mãe.

Leia dá um passo à frente. Ela pega as mãos de Norra.

– Tenente Wexley...

– Norra.

– Norra, por favor, reconsidere. Não faça isso consigo mesma. Não por mim.

– Por que não? Você faria por mim. Por todos nós. Aquela pessoa, a princesa e a general nos holovídeos? Ela não é alguma criação. Não é propaganda. É você. Você abriu mão de tanto por nós. Você perdeu seu mundo. Pelo menos deixe-me trazer o seu marido de volta. – Norra inclina-se para a frente e em uma voz muito mais baixa diz: – E uma criança precisa de seus pais. Eu sei disso agora.

Leia parece estar sem palavras. Tudo que consegue fazer é aquiescer de leve.

– Decidido, então – Norra constata enquanto seu coração bombeia, animado e em pânico, o sangue em suas veias. Ela se sente enjoada, como se estivesse à beira de alguma coisa. Mas o sentimento é bom. Parece *certo*. – Cidadã Norra Wexley. Suspeito que esta reunião não me envolva mais. Se me dão licença, almirante, tenho assuntos a tratar.

Os assuntos de que Norra tem que tratar incluem, na ordem:

a) Tentar com afinco não vomitar;

b) Tentar com o dobro de afinco não desmaiar;

c) Sentir-se tanto perdida como livre ao mesmo tempo, o que acontece provavelmente porque ela sente como se fosse vomitar e desmaiar.

Ela está na parte mais afastada do jardim suspenso, longe dos outros, apenas fora de vista. Ela não pode ir, ainda não. Suas pernas estão bambas. E ela não tem certeza de para onde vai.

Essa é a questão. Por muitos anos, ela esteve andando em trilhos. Fixa a uma trilha que não era de sua própria fabricação. Ela quase saiu dessa pista em Akiva, mas não demorou muito para que o dever a chamasse e, mais uma vez, ela fosse varrida pela causa de outra pessoa. Ela reconhecia que era confortável. Era *fácil*. Seguir ordens é simples.

Mas a galáxia não é simples, não é? A base do Império é seguir ordens, mas a da Aliança Rebelde era mudar tudo – jogar tudo para o alto e lançar um gesto obscuro antes de sair da sala. O Império não se importava com os indivíduos. O Império se preocupava apenas consigo mesmo. Ainda se preocupa. Mas Norra quer se preocupar com as pessoas de novo. Não com ordens. Não com governos. Ela acrescenta outro “assunto de que ela deve tratar” quando tenta não chorar.

Ela falha. Norra soluça. Seus ombros se sacodem e o que sai dela é um desesperado som animal.

Brentin. O marido dela. Pai de Temmin. Brentin foi perdido precisamente porque ela foi arrastada para a causa de outra pessoa. E agora suas chances de recuperá-lo desapareceram. Porque ela escolheu um caminho maior, mesmo que não fosse o seu.

Era *dele*. Era a causa de Brentin. Ele era o rebelde. Ela só queria ser mãe de seu filho. A galáxia, ela esperava na época, se arrumaria sozinha.

Ela se inclina para a frente, enxugando as lágrimas com o antebraço.

Uma mão cai sobre seu ombro.

É o filho dela. Ela o arrasta para um abraço. Ele solta um *uff*, então aceita, abraçando-a de volta. Aproximando-se de um grupo de árvores vêm Sinjir e Jas, com Ossudo trotando atrás.

Norra se dirige a eles:

– Desculpem por fazer aquilo lá atrás, eu sei que estou abandonando vocês e o time...

– Cale a boca – Jas fala, revirando os olhos. – Estamos dentro.

– O quê?

– Vamos ajudá-la a encontrar Solo.

Sinjir bufa.

– A jovem caçadora de recompensa aqui até negociou um pagamento *verdadeiramente* impressionante para fazer o trabalho.

– Silêncio, Rath Velus.

– Dez créditos. *Dez*. Estamos todos sendo pagos o suficiente para poder dividir um fumegante coquetel kofta ou comprar quatro garrafas de suco jogan. Garrafinhas. Seremos mais ricos do que em nossos sonhos mais loucos. Desde que nossos sonhos mais loucos sejam viver em total miséria. Você ficou molenga, Emari.

– Como a moça diz, temos dívidas. Eu paguei a minha.

– E Jom? – Norra pergunta.

Jas faz uma careta.

– Não. O covarde vai ficar com eles. Antilles, também.

– Bom. Eles têm que seguir seu caminho. Nós temos o nosso. Então vamos começar a trabalhar. – Ela inspira profundamente e se pergunta exatamente no que eles estão se metendo. – Han Solo aparentemente não vai se achar sozinho.



PARTE TRÈS





CAPÍTULO

16

A estepe estende-se diante deles.

Os arbustos *ki-a-ki* estremecem no vento quente, uma vegetação escura e espinhenta cujos tremores gentis lembram um animal que tenta com afincos não ser visto. A grama-sedenta conspira com a brisa: sussurros, assovios e silvos. Nuvens emplumadas e vermelhas riscam o céu aberto, um céu corado e florido. Uma nave solitária o cruza, algum transporte de carga, provavelmente, um dos poucos viajantes que vão para o distante mundo de Irudiru.

Lá embaixo, entre a grama e os arbustos, fica um complexo.

O complexo tem sete prédios. Cada um é retangular e baixo, cada um é feito de tijolo dourado e argamassa vermelho-sangue, cada um tem grades de ferro no telhado, janelas de vigia redondas e tanques de captação de água. Uma das construções é diferente, contudo: uma mansão maior e mais ostensiva do que os outros prédios, mais austeros. A casa é cercada por uma varanda protegida, um jardim xeriscape e uma série de holoestátuas cintilantes e mutáveis. Um droide com muitos membros extensores passa rapidamente, cuidando do jardim e ajustando as estátuas.

Afora isso, o complexo está quieto e parado.

E assim estive na maior parte do último dia.

Este é o complexo de Golas Aram.

O que a equipe sabe sobre Aram é pouco, mas talvez o bastante: o Siniteeno cabeçudo já foi um arquiteto do Império Galáctico. Um arquiteto de *prisões*, na verdade. Aram desenhou algumas das prisões mais notáveis do Império, inclusive a de Lemniscate, sob Coruscant, a prisão flutuante no asteroide de Orko 9 e a Colônia Penal Goa. A especialidade de Aram era fazer prisões autossustentáveis e inescapáveis. Ele considerava isso sua “arte”.

O lance é que ele não trabalhava apenas para Império. Também fazia trabalhos autônomos – ajudando a projetar e construir prisões para o Kanjiklub, para o cartel Junihar e até mesmo para Splugorra, o Hutt.

Aram, supostamente, está aposentado.

Todavia, é a única conexão Imperial aqui em Irudiru, a única pista boa que eles têm. Mas o que vai acontecer quando eles puxarem esse fio? Vão encontrar Han Solo? Ou será que a coisa inteira vai desmoronar? Eles poderiam estar colocando Solo em perigo?

A narrativa que conseguem montar sobre Solo é instável, na melhor das hipóteses. A *Millennium Falcon* entrou numa briga não longe da Estação Warrin. Han tinha transmitido depois disso, mas o que quer que estivesse investigando provocou problemas. Dada a presença daquele droide Prowler, além da informação de que o Sol Negro estava envolvido e a pura alegria maníaca de Tashu em relação a Irudiru, havia motivos para se preocupar. Então, se Han estava ali investigando Aram, o que aconteceu? Depois disso, a narrativa se desfaz. Por que sequer observar Aram? Será que Aram pegou Solo farejando por ali? Será que Solo está preso... ou está procurando alguém na prisão?

De todo jeito, é o que eles têm, então aqui estão.

Do seu esconderijo no topo de uma suave colina, Norra se inclina para a frente, separando a grama-sedenta nativa como uma cortina e observando através de um par de macrobinóculos. Usando o mostrador lateral, ela faz uma varredura das assinaturas de calor, então passa para os indicadores elétricos e eletrônicos. Os binóculos destacam uma série de pontos de perigo ao redor do complexo; eles brilham vermelhos na tela de exibição.

– Consigo vê-los – ela diz a Jas, que permanece invisível na grama alta, mesmo que esteja a poucos metros de distância.

Os binóculos destacam que o complexo é rodeado por uma cerca invisível: uma barreira fantasma de lasers, impossível de ver, mas que com certeza corta quem marchar através dela. O terreno que conduz ao complexo, tanto dentro como fora da cerca, está cheio de minas terrestres. Além disso, por todo o complexo há droides-turretes. Cada um deles se esconde à vista dos vaporizadores, parecendo parte do mecanismo.

Sujeitinhos furtivos.

Através da grama, Jas fala:

– O lugar está preparado para a guerra. Aram está se protegendo. Tenho a impressão de que ele está paranoico devido às mudanças que estão varrendo a galáxia, mas isso está em outro nível. Ele está com medo. E não sai há dias. – Atrás deles, Norra escuta Temmin trabalhando em algo, um *tink tink tink* seguido pelo zumbido de torção de uma microchave de boca. O que ele está fazendo lá atrás? Norra está prestes a perguntar quando...

A grama sussurra e se move enquanto Sinjir rasteja de barriga.

– Ai! – ele geme, flexionando a mão e estalando o nó do polegar na boca. – Essa grama está me fatiando.

– Ela bebe o seu sangue – Jas explica, chegando perto. – A grama-sedenta se alimenta das criaturas que andam através dela. Com golinhos de pequenos cortes.

Ele franze o cenho.

– Adorável. Eu estou aqui para minha atualização de hora em hora. E minha atualização é: estou entediado. Entediado até o último fio de cabelo.

– Essa é sempre sua atualização – Norra diz.

– Porque é verdade em todas as horas.

– É minha atualização também – Temmin conta, arrastando-se para perto deles. – Sério, isto é terrível. Quero queimar toda essa grama. E os arbustos espinhosos. E as moscas. – Como que para demonstrar, ele dá um tapa na parte de trás da mão. – Viram? Argh. Eu deveria ter ficado em Chandrila.

– Não podemos apenas voltar para Kai Pompos? – Sinjir pergunta. – Chegaríamos ao anoitecer. Há lugares para beber ao redor da parte de trás da cidade. Eles têm um alambique onde fermentam a raiz de korva. Então nós voltamos, tomamos umas sob as luas de Irudiru, reformulamos nossa estratégia...

– Esta é uma missão para descobrir informações – Norra responde, sentindo-se como uma mãe mandando uma criança ficar quieta. – Ficaremos aqui até as informações serem encontradas.

– A única informação – Temmin começa – é que o cara não vai sair. Ele está escondido como um carrapato. – Eles tinham ouvido rumores de que Aram era um caçador de grandes presas e pensaram que isso talvez lhes desse a oportunidade de chegarem perto dele. Mas, até agora, nada. Ele também não tinha saído para pegar suprimentos. Ou sequer para tomar um ar. Eles não viram nem sinal do homem. Só droides. – Vamos fazer o seguinte: pegamos Senhor Ossudo... – Ossudo está sentado encolhido atrás deles, seu corpo esquelético dobrado firmemente com a cabeça inclinada e os braços envolvendo os joelhos – ...e deixamos Ossudo marchar lá pra baixo, encontrar o cara e arrastá-lo aqui para o planalto, daí interrogamos ele. Simples.

– Tão simples quanto perseguir pássaros com um martelo – Sinjir murmura.

– Fiquem quietos, todos vocês – Jas manda. – Temmin, você construiu a minha coisa ou não?

– Sim, claro. – Ele procura no bolso e ergue um par de dispositivos na palma da mão. Um se parece com uma bala de arma de fogo, mas modificada: a casca se enrola em torno de um circuito em bulbo e a ponta tem quatro pequenos dentes, como mandíbulas de insetos. O segundo dispositivo é uma bala, menor que um botão, com uma anteninha em zigue-zague saindo para fora.

– É uma escuta – Temmin diz, soando impressionado consigo mesmo.

– Este planeta tem tantos insetos que não dá pra escutar mais nada – Sinjir grunhe. – E antes que alguém me corrija, sim, eu sei, é uma *escuta* e não pra eu escutá-la e... ah, deixa pra lá. Bom trabalho, Jas. E agora?

– Não conseguimos vê-lo, então precisamos escutá-lo. Eu carrego isso no meu rifle e disparo direto contra a mansão. Então... – Ela pega o segundo dispositivo. – Uso este fone para ouvir.

– Inteligente – Sinjir diz. – Ainda não estou certo do que *eu* estou fazendo aqui.

Jas entrega o fone de ouvido para ele.

– *Você* vai escutar.

– Joia. – Ele faz uma careta enquanto pega a coisa e a enrosca no ouvido.

A caçadora de recompensas tira a arma de fogo das costas. Norra mais uma vez pega os binóculos e foca no complexo.

Um rebanho de animais surgiu ao lado do perímetro invisível – bestas de pernas compridas, com pescoços compridos de couro. São dúzias. Alguns param para beliscar os tufos dos arbustos *ki-a-ki*, enquanto alguns batem um no outro com as protuberâncias ósseas em cima de seus focinhos estreitos.

Norra está bem certa de que são moraks. Coisas grandes, mas herbívoras. Ainda assim, ela odiaria ser pisoteada sob essas longas pernas – que terminam em pés com garras.

Jas puxa a arma de fogo para perto e usa o polegar para abrir um bipé no final do cano, fornecendo estabilidade. Ela apoia a mira firmemente contra o olho. Norra a observa através da grama – a maneira como Jas inspira fundo, então exala lentamente até que não haja ar e ela ainda está...

É surpreendentemente próximo do que Luke ensinou a Leia, não é?

Desligue-se do mundo. Seja consciente, mas vazia.

Como um copo a ser preenchido.

(É claro, Jas faz isso para matar as pessoas de forma mais eficiente.)

O dedo da caçadora de recompensas se apoia no gatilho.

Mas então...

Os moraks olham todos para cima ao mesmo tempo. Um gesto de alarme.

Norra estende a mão e toca o ombro de Jas.

– Espere.

– O que foi? – Jas pergunta.

– Algo está acontecendo.

Sinjir puxa o fone de ouvido para fora da orelha, franzindo o cenho para o dispositivo.

– Esta coisa está falhando. Está fazendo... um zumbido agudo. Som miserável.

Abaixo, os moraks começam a se mover. Todos eles de uma vez, num movimento de rebanho. Eles caminham, então galopam, suas longas pernas ósseas lançando-os para a frente com uma rapidez que surpreende Norra.

Os animais estão indo em direção ao morro onde a equipe está esperando.

Cada vez mais perto.

O chão começa a vibrar debaixo deles.

É íngreme demais, certamente. Eles não podem...

Os animais alcançam a parte inferior da colina e começam a subir. Seus pés com garras agem com uma grande urgência, e agora Norra sabe para que servem essas garras. Há espirais de poeira atrás deles.

Eles estão vindo direto para nós.

– Temos que nos mover – Norra grita. – *Mexam-se!*

Ela e os outros pulam de seu esconderijo e se viram, fugindo pela grama. Os moraks alcançam o morro, balindo e soprando muco dos focinhos. O chão ressoa conforme o rebanho sai em debandada.

A grama fatia os braços de Norra, mas ela não pode perder tempo se preocupando com isso. Todos se movem rápido – todos exceto Ossudo, que está sentado em algum lugar sob cobertura, mas com sorte é resiliente o bastante para suportar as batidas e golpes dos moraks. Ela nem sabe ao certo aonde eles devem ir. Correr em linha reta? Correr para o lado? Os moraks estão vindo logo atrás deles...

Um passa correndo por Norra em um galope pesado, batendo nela com seu longo pescoço – a coisa tem o dobro da sua altura e ela mal consegue sair de seu caminho, ao mesmo tempo que outros vêm por

trás dela. À frente, embora ela não possa vê-lo, o lado mais distante da colina aguarda. E então? Descer correndo por ali, tentando não cair? Esquivar-se e rezar para que os moraks passem por eles e sigam em frente?

A caçadora de recompensas corre ao lado dela, e, quando um morak vem por trás, Jas bate nele com o cano de sua arma de fogo – e a besta vagueia trôpega em direção a Norra. O morak bate nela, e Norra cambaleia...

Seus joelhos dobram...

Então ali está Temmin, agarrando-a pelo cinto para evitar que ela caia. É apenas o suficiente para ajudá-la a recuperar o equilíbrio. Norra está prestes a agradecer ao filho...

Mas não tem a oportunidade.

Um som os atinge, um zumbido sonoro. De repente, os moraks estão urrando e girando bruscamente para longe, o rebanho rachando no meio como que por uma cunha invisível. Norra pensa: *Obrigada às estrelas por o que quer que esteja fazendo isso.*

Mas então algo pousa na grama na frente deles – a coisa rola algumas vezes como uma pedra lançada. Bipa três vezes em sucessão. Em seguida:

Um som implosivo – *fump*. O ar se acende em torno deles, um pulso duro de luz brilhante. Ele também faz uma concussão no ar, acertando-a como um trovão. Norra subitamente fica cega e surda, os ouvidos apitando, a visão inundada por uma maré de branco abrasador. Ela tateia em busca da arma de raios ao seu lado – mas, quando a saca, a arma é subitamente arrancada de sua mão, afastando-se com um ruído.

Uma forma emerge na frente dela enquanto a luz branca começa a recuar: a forma de uma pessoa. Norra pensa: *Aram nos pegou. Pensávamos que o estávamos observando, mas ele estava nos observando.*

Ela se inclina para a frente, começa a se erguer.

– Não se mexa – diz uma voz. Baixa, mas urgente.

Norra pergunta conforme seus olhos se ajustam:

– Quem é? Quem está aí?

A figura avança. Ela espia duas armas erguidas no alto, uma em cada mão, uma apontada diretamente para ela.

– O nome é Han Solo. Capitão da *Millennium Falcon*. Quem diabos é você?



CAPÍTULO

17

A pequena cantina aqui é menos um bar e mais uma coleção desorganizada de escombros e detritos. A equipe senta-se sob uma rede de malha em uma alcova formada por lixo velho: o pé queimado de guerra de um andador AT-AT; uma pilha de bandas de rolamento de pneus; caixotes cujas tampas são puxadas para trás apenas o suficiente para revelar os olhos mortos assombrados de droides esquecidos e desativados.

Eles estão sentados e observam o homem conhecido como Han Solo.

Quando o viram no planalto, ele mal estava reconhecível. A barba desalinhada já dificultara o suficiente, mas além disso ele estava vestido com um conjunto de trapos maltrapilhos – trapos, Jas percebeu depois, que combinavam com a cor da grama-sedenta. Esperto. Seu cabelo está mais longo. Malcuidado. Despenteado.

Aqui, agora, Jas reconhece nele o contrabandista – uma confiança fácil que o homem não tem que tentar manifestar. É apenas parte de quem ele é. Parte do característico *charme* de Han Solo. Ele é certamente bonito, um rapaz ladino. Se fosse dado meio convite, Jas o escalaria como uma torre de artilharia. Embora então a mente dela vagueie até Jom. *Aquele covarde*, ela pensa. Jas tenta fazer sua fúria contra o velho soldado queimar mais quente. Ela falha e sente falta de Jom Barell mesmo assim.

Solo se recosta, o braço sobre uma cadeira vazia. Há algo mais lá, algo além de sua arrogância e seu charme, e o olhar que ela compartilha com Sinjir lhe diz que ele vê também: Solo está no limite. Ele está desconfiado, mas um contrabandista é sempre desconfiado. Isso é diferente.

Han Solo está *bravo*.

E não só com eles, ela pensa.

O barman Bith aproxima-se arrastando o pé – sua única perna é pouco mais do que uma prótese de metal tosca – e lança copos na frente de todos eles. Korva. A bebida de que Sinjir estava falando. O cheiro vindo dos copos é o bastante para fritar os circuitos de um astromec. Vapor borra o ar acima do líquido. O Bith coloca uma dose na frente de Temmin, e Jas vê Norra resgatar o copo antes que o garoto consiga pegá-lo. Ele faz um beicinho em resposta.

Quando o Bith parte, Solo olha para eles.

– Quem são vocês e o que querem com Golas Aram?

A equipe se entreolha, todos desconfortáveis.

É Norra que se manifesta:

– Não estamos interessados em Aram. Estávamos procurando por você.

Demora um momento para isso se registrar no rosto de Solo. Então ele ri, embora nenhum júbilo resida no som.

– Bem, parabéns, dona, você me encontrou. Pode pegar seu prêmio na saída. – Ele limpa a garganta. –

Na *sua* saída, se entende o que eu quero dizer.

– *Você* é nosso prêmio – Jas afirma.

A mão dele não está mais no topo da mesa.

Ela sabe que ele está tentando pegar sua arma de raios. Os outros não perceberam. Eles não entenderam que Han vai acabar com eles com sua DL-44 antes que sequer pensem em soltar os próprios coldres. Provavelmente é uma boa ideia se adiantar a isso.

– Nós *não* somos caçadores de recompensas – Jas explica, levantando as duas mãos, as palmas para fora. Um sinal de aquiescência e rendição.

Sinjir enrugou a testa.

– Jas, você, ahhh... *Você* é uma caçadora de recompensas.

– Cala a boca, Sinjir.

O olhar de Han pula de um para outro.

– Quem mandou vocês?

– Você sabe quem – Norra responde.

Ali. Aquela desconfiança, aquela raiva, aquele limite se amacia e entorpece, só por um momento.

Como uma máscara deslizando, revelando seu verdadeiro rosto. Ele diz o que certamente já sabe:

– Leia.

– Sua última transmissão terminou de forma abrupta. Ela pensa que algo aconteceu com você.

– Aconteceu. Eu estava vindo para cá quando cruzei com um transportador de escravos comandado por Piratas Dodath. Sem Chewie no assento de copiloto, não percebi que eles vinham rápido atrás de mim.

Eles atiraram na *Falcon* e arrancaram a antena do meu comunicador. De novo.

– Você poderia ter encontrado uma maneira de entrar em contato com ela.

Ele hesita.

Norra preenche o espaço vazio:

– Você não queria que ela viesse atrás de você.

– Claro que não. Eu tenho minhas coisas pra cuidar, e ela tem as coisas dela, e quando tudo isso se resolver, eu vou voltar.

– Você tem coisas para cuidar em casa também. – Passa um momento entre ele e Norra com essa troca.

Ela tocou num ponto sensível. Jas se pergunta se a mulher não está entrando em um jogo perigoso. Solo está com raiva, e a raiva é irracional. Ali está um homem acuado em um canto. Amarrado por suas dívidas.

Norra fala:

– Nós vamos ajudá-lo a encontrar o seu Wookiee.

– Ele não é *meu* Wookiee. Ninguém é dono de Chewbacca, você pode ter certeza disso, mana. – E uma vez mais, a guerra se desenrola em seu rosto. Suavidade e tristeza dão lugar à raiva fresca. Han subitamente pega seu copo e o joga sobre a pequena parede de lixo. Em algum lugar a distância, um som fraco de vidro se quebrando: *trim!* – Eu ferrei com tudo e agora Chewie se foi.

Sua guarda cai. Ele se abre. Solo conta a história.

– Algo pintou pra gente. Uma oportunidade. E não, antes de vocês começarem a me olhar assim, não era uma oportunidade de *contrabando*, mas uma de verdade. Do tipo que importa.

“Chewie e eu estamos aprontando por aí há um bom tempo. Ele é meu parceiro. Não é só um companheiro. Não é um *animal de estimação*. E com certeza não é meu escravo. É igual entre nós. Sempre dividimos tudo, entenderam? Dividimos nossos ganhos em todos os trabalhos. Também dividimos as nossas contusões. E às vezes carregamos... os fardos um do outro.

“Ele é um Wookiee, certo? Kashyyyk, é daí que ele veio, esse é o seu lar. Mas não é mais dele. Eu estive lá. Eu vi o que o Império fez. Eles arrancaram as árvores. Colocaram algemas e coleiras em todos os Wookiees. Alguns eles mataram. Outros eles enviaram para fazer os piores trabalhos que o Império tem a oferecer. Eles tomaram a casa dele. Eu não posso tolerar isso. Eu não tenho mais uma casa além da *Falcon*, mas ele tem. E merece ir para casa. Ele também tem uma família, sabe.

“Eu o salvei – pelo menos é o que ele diz, o idiota peludão, mas, na verdade, ele que me salvou. Eu estava em um caminho ruim, e Chewie me colocou na linha. Salvou minha pele mais de uma vez, também. Ele disse que fazia parte de uma *dívida de honra* – ele tem uma palavra para isso, mas, se eu tentar falar isso na língua dele, provavelmente vou distender algo. Mesmo que eu não consiga dizer, sei o que significa. Significa que ele me deve a vida.

“Só que isso é uma tremenda bobagem. Ele não me deve. *Eu* devo a *ele*. Tenho uma dívida com Chewie e por isso preciso recuperar a casa dele. Então, quando surgiu essa chance, eu não hesitei. Os rebeldes, ou a República, ou como quer que se refiram a si mesmos, eles não queriam qualquer parte disso. Eu deixei claro, tínhamos de fazer Kashyyyk uma prioridade, mas eles me enxotaram. *Não é estrategicamente significativa*, disseram. *Ainda não. Em breve*. Blá-blá-blá. Burocracia, estratégia e planejamento de guerra? Eles me nomearam general, mas eu não sabia nada sobre nada disso. Não sigo nenhum tipo de... *esquema*. Eu sigo o que está aqui. No meu instinto. Meu instinto sempre sabe pra onde ir.

“Ou assim eu pensava. Eu corri atrás dessa oportunidade, mas não olhei direito. Imra, a contrabandista que *apresentou* essa chance de bandeja para mim... acabou que ela estava do lado errado das coisas. O Império deve ter algo para usar contra ela, e ela montou essa armadilha para mim. Não só para mim. Para todos nós. Eu cobreí favores, trouxe um bando de contrabandistas para um espaço perto da Estação Warrin e, pior ainda, também chamei alguns outros Wookiees refugiados. Uns que eu sabia que iriam

querer acabar com o Império. Uns que queriam ir para casa.

“Fomos todos para um lugar só – meia dúzia de naves de pessoas dispostas a trabalhar para mim e, certo, prometi a eles um perdão, mesmo que não soubesse se seria capaz de fazer essa mágica acontecer. Quer dizer, não sou um Jedi. Não posso apenas estalar os dedos e fazer alguém dançar. Mas lá estávamos todos nós. Mandei Chewie a bordo de um caça capitaneado por uma Wookiee pirata, Kirratha. Então, tudo que sei é que estávamos perdidos. Dois destróieres estelares, além de um enxame de caças imperiais. Eles estavam em cima de nós. Nos separando. Eles derrubaram os motores de Kirratha, deixando-a presa no lugar, com Chewie ainda a bordo. Algumas naves eles varreram do mapa. Outras, apanharam com o raio trator. E eu...

“Eu desisti e caí fora dali. Eu não sabia o que mais fazer. Pensei que a minha melhor chance de recuperar Chewie e os outros seria de dentro da cabine da *Falcon* e não preso em uma cela dentro de um destróier estelar. Mas agora eu sei: fui um covarde. Deveria ter me deixado ser sugado para dentro e descoberto um jeito de fugir a partir de lá. Eu não compartilhei o fardo como deveria. E agora Chewie está lá fora, suportando tudo sozinho.

“Desde então, estive rasgando a galáxia à procura dele. Todo oficial imperial que pude encontrar me contou o que eu precisava saber ou teve os dentes arrancados. Finalmente, entendi para onde eles o levaram.

“Levaram-no de volta para Kashyyyk. Levaram-no para casa.”

Seus olhos brilham. Seus lábios tremem e se contraem mesmo enquanto ele afaga e arranha a barba. É então que Jas entende.

Solo está bravo.

Porém, está bravo *consigo mesmo*.

– Então por que Golas Aram? – Norra pergunta. – Por que você está aqui?

O contrabandista hesita. Talvez ainda não tenha certeza se pode confiar neles. Jas entende. A confiança é difícil. Parece com uma queda livre.

Por fim, Solo diz:

– Acredito que Chewie se encontre a bordo de um transporte de prisão. Uma nave que vai para um lugar chamado Ferrolho de Ashmead: uma prisão no lado mais distante de Kashyyyk. Não sei muito sobre lá, exceto quem a construiu.

– Golas Aram – Jas adivinha.

– Isso. Eu o estou observando. Então vocês apareceram e quase estragaram tudo. Se eu não tivesse chamado aquele rebanho de moraks, vocês teriam disparado aquela escuta de rastreamento na casa dele. Só que Golas é paranoico. *Realmente* paranoico. Ele faz varreduras de rotina. Teria encontrado aquela escuta antes do anoitecer, mandado seus droides de rastreamento atrás de vocês, e, por proximidade, atrás de *mim*. – Ele chuta a cadeira para fora e se levanta, abrindo os braços. – Então, vocês me encontraram. Ótimo. Agora vão embora. Digam a Leia... bem, digam a ela o que quiserem, mas eu não

posso deixar que ela fique pensando que precisa corrigir isso. Não posso deixar que ela corra perigo. Apenas digam que eu estou bem e estarei em casa em breve.

– Quando? – Norra indaga.

– Apenas digam que estarei em casa *a tempo*.

Com isso, Solo passa por eles e sai da alcova de lixo.

– Bem! – Sinjir exclama. – Isso resolve o caso. Hora de celebrar. – Ele vira o copo de korva na boca e tem um pequeno espasmo quando o atinge. Tosse tão forte que tem que limpar os olhos lacrimejantes. – Oh, esse negócio é uniformemente terrível. Pode... – Ele arrota. – Pode ser veneno.

O resto deles senta-se quieto, sem saber o que fazer.

Norra finalmente fala:

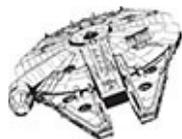
– Acho que precisamos...

De perto, vêm os sons súbitos de uma briga. O barulho é curto – um grito de alarme, uma batida forte, uma queda subsequente.

Eles saem correndo da alcova. Virando a esquina, perto do alambique de korva, jaz um corpo. O corpo de Han Solo.

Senhor Ossudo assoma sobre a forma deitada do contrabandista.

– EU SUBJUGUEI O ALVO COM VIOLÊNCIA – o droide de combate chilreia, suas palavras pontuadas por rajadas de estática acentuada. – MISSÃO CUMPRIDA. VITÓRIA PARA NÓS.



CAPÍTULO

18

Leia escuta vozes através da porta. Ela se inclina e ouve e, enquanto ouve, percebe que está furiosa.

Ackbar:

– Alianças pela galáxia são remendos. Muitos sistemas estão isolados e caindo na fissura que se alarga entre o nosso poder e a própria influência do Império. Nós não estamos crescendo rápido o bastante para corresponder ao seu declínio. Não estamos superando essa lacuna.

Mon Mothma:

– É por isso que devemos concentrar nossos esforços para ajudar aqueles mundos que têm mais chance de se juntarem à Nova República, a fim de ter uma voz no Senado.

Um dos conselheiros de Mon, Hostis:

– Nossas reservas de recursos estão sendo esticadas ao máximo, chanceler! Mas resta uma maneira simples de obter novas linhas de alimentos, combustível e outros suprimentos vitais...

Outro conselheiro de Mon, Auxi Kray Korbin:

– Oh, deixe-me adivinhar: uma força militar mais forte? Conte para nós. Como uma força militar mais robusta vai ajudar?

Hostis:

– Se intensificarmos o recrutamento, teremos mais soldados para garantir linhas de suprimento antes controladas pelo Império... tais recursos estão lá fora no vento, e quem sabe quem os possuirá.

Mais bravatas e gritaria. É hora de entrar.

Leia coloca a palma da mão no painel da porta, e a porta sibila ao abrir.

As persianas metálicas da janela da sala de reunião estão fechadas, embora a luz do brilhante dia chandrilano sangue pelas beiradas como magma. Ao redor deles, flutuam várias holoprojeções: datagráficos, mapas de sistemas, mapas de planetas, diagramas. Isso se soma a uma galáxia no caos. Uma galáxia cuja lealdade está dividida – não meramente entre os dois lados antagônicos da Nova República e do Império Galáctico, mas fatiada em facções. Essas facções vão lutar. Cairão umas sobre as outras. Formarão suas próprias estruturas de poder. Chefões vão liderá-las. Bem como déspotas, chefes do crime, líderes de cultos. A galáxia, que antes sofria a crueldade da ordem do Império, será jogada em um turbilhão da desordem e da loucura. Será uma época feia, Leia sabe, se a Nova República não puder sair

desse emaranhado labiríntico. Uma época *sombria*.

Quando ela entra no quarto, todos os olhos caem sobre ela.

Eles estão surpresos. Surpresos apesar de ela ter uma cadeira própria nesta sala, uma cadeira que atualmente está vazia entre Mon Mothma e o almirante Ackbar. A cadeira está vazia porque ninguém contou a ela a respeito desta reunião. Ela foi mantida afastada de propósito.

– Leia – Mon Mothma fala enquanto se levanta. – Bem-vinda. Sente-se.

– Vou ficar de pé. – Ela ouve a frieza em sua própria voz. Leia pensa em controlá-la, então se decide contra isso. *Deixe que eles recebam um gelo, já que estão tentando me dar um.* – Estão tendo uma reunião?

– Por favor, entenda – Mon pede. – Você está passando por um momento difícil. Com seu marido desaparecido e aquela situação infeliz com a tripulação...

– Sim. Muito infeliz.

– Eu... você é naturalmente bem-vinda para se sentar, se juntar a nós, oferecer suas opiniões.

– Eu contei a ela – Ackbar revela, sua voz um gorgulho brusco.

Mon assente.

– Claro. Foi um erro meu, Leia, por não te convidar. Eu simplesmente pensei que você já tinha muito na cabeça.

– Leia é mais do que apenas o rosto de nossos esforços através da galáxia – o almirante afirma, assentindo de leve, como se concordasse consigo mesmo. – Ela também é um recurso precioso por si mesma. Inteligente e experiente e uma voz necessária.

Ackbar, Leia percebe, é um bom amigo.

Mon também é. Ela tem que se lembrar disso.

Mas Mon é realista. Às vezes, isso parece frieza. E Leia é uma idealista – suas paixões podem ser quentes. Elas continuarão amigas ao longo de tudo isso, o que não significa que Leia não possa – e não deva – confrontá-la.

Esta é uma época delicada para a Nova República. Quando Palpatine fundou o Império, o fez como um parasita: uma criatura que cresce dentro do corpo de um hospedeiro mais forte até que possa estourar através da pele e assumir o controle. O Império emergiu dessa crisálida brutal totalmente formado – e tudo o que precisava fazer era reivindicar os recursos que a República já possuía. Naves, armas, soldados, suprimentos. A Nova República não tem tal vantagem. Deve agarrar e aproveitar cada nave, cada arma, cada pedaço de comida e cada soldado disposto.

Mon quer que essa transição seja o mais pacífica possível. Isso, claro, é um objetivo nobre. E em noites recentes a chanceler confidenciou a Leia que ela é sabiamente atingida pelo medo do que aconteceu pela primeira vez quando o parasita de Palpatine se contorceu sob a pele. Como foi fácil para ele se alimentar das ansiedades da galáxia. Como foi simples para ele virar sistemas contra sistemas alimentando os incêndios da xenofobia, da raiva e do egoísmo. (E aqui a voz de Luke ecoa na mente dela: *Os caminhos e as ferramentas do lado sombrio, Leia.*) Como se forma um Império? Roubando uma

República. E como você rouba uma República? Convencendo o povo de que ele não pode governar a si mesmo – que a liberdade é sua inimiga e que o medo é seu aliado.

Palpatine era um habilidoso titereiro. Ele deu a si mesmo o poder. Ele puxou todas as cordas. E a galáxia dançou conforme seus caprichos.

Mon, felizmente, não quer tal poder.

E, portanto, ela já começou a cedê-lo. Como chanceler, ela fez propostas que começaram o caminho da desmilitarização. Isso apresenta um sinal de força moral, mas também envia um sinal de vulnerabilidade defensiva. (Isso significa que a fazer aprovar novos contratos militares – como a criação de starhawks – é como arrancar um dente de tauntaun irascível.) Quanto a derrotar os restos dispersos do Império, Mon parece querer deixar que a infecção se queime sozinha. Atacar quando necessário e, de resto, sentar e deixar os anticorpos de uma galáxia livre fazerem o trabalho.

Isso, Leia acredita, é não compreender a infecção. Não vai demorar muito para a doença tomar novamente o controle. E, às vezes, doenças *evoluem*.

Pior, o que isso diz àqueles sistemas que precisam da Nova República agora? O Império ainda escraviza mundos inteiros.

Como Kashyyyk, ela pensa.

Kashyyyk: um planeta onde a Nova República está contente em deixar o Império se queimar sozinho. Isso reflete uma corrente de dura realidade, excessivamente pragmática: os Wookiees não são um recurso significativo para a Nova República. Nem militar, nem governamental. Kashyyyk tem recursos, mas nenhum tão dramático que faça a Nova República estar disposta a sacrificar naves (além do mais, o Império já saqueou a maioria desses recursos).

Mas sacrifício é tudo, não é?

Significa a disposição de saltar para o vazio do espaço para salvar aqueles que precisam de salvação. Para salvar seus *amigos*.

– Discutimos – Leia diz subitamente – se é o momento de fortalecer o exército ou de amortecer seu efeito. E todo o tempo esquecemos que temos o privilégio de argumentar de cadeiras confortáveis a muitos parsecs de distância. Argumentamos sobre o que é prudente ou o que é prático enquanto as pessoas sofrem. Vocês sabem o que as pessoas querem da Nova República? Querem mesmo saber?

Mon cede o espaço.

– Por favor.

– Eles querem que sejamos heróis.

Um momento passa enquanto todos riem, desconfortáveis. Pelo menos até perceberem que ela está falando muito sério.

Mon fala:

– Eu sei. Você não está errada. E você é uma heroína e ajudou todos nós a sermos os heróis necessários para chegarmos a este ponto. Mas paixão e idealismo têm de ser temperados pela realidade. Este é um governo. Temos um monte de peças em movimento.

Leia fica tensa.

– E é aí que vamos falhar. Isto aqui não é uma máquina, chanceler. Quando começamos a ver isto como um governo e não uma coleção de pessoas ajudando outras pessoas, começamos a ver... territórios e logísticas de batalha e *votos*, paramos de ver corações e mentes e *rostos*. Quanto mais fazemos isso, mais perdemos. De nós mesmos. Da galáxia.

– Administrar um governo galáctico é complexo.

– Então eu não quero administrar um governo *galáctico*! – Suas palavras saem mais alto do que ela pretende. Todos na sala parecem assustados com a sua intensidade. *Esvazie-se. Centre-se*. Ela precisa. Mas não consegue.

Mon fala suavemente:

– Isso é a respeito de Kashyyyk. De Han.

– Nós deveríamos ter ajudado os Wookiees. – Sua voz treme de raiva e tristeza.

– Eu entendo – Mon fala como uma mãe a uma criança rabugenta: lenta, firme e com um tom condescendente. *Ela está tentando me acalmar. Minha própria amiga está falando comigo como se eu fosse um filhote*. – Mas, como já discutimos, fizemos os cálculos, executamos as simulações e agora não é a hora sensata...

– Sensata! – Leia exclama. – Nós perdemos todo o senso, eu temo. Você está certa. Eu não deveria ter vindo a esta reunião.

Ackbar a chama, mas ela não para. Leia dá meia-volta e marcha para fora da sala de reuniões.

Se ao menos ela pudesse bater a porta, mas esta assovia gentilmente ao se fechar atrás dela.

Uma transmissão surge, brilhante. Lá, projetada sobre a mesa de Rax, está a fisionomia de um Bith. Um barman do planeta distante de Irudiru. Sua aparição só pode significar uma boa notícia.

O crânio massivo do Bith vira-se para a esquerda e para a direita como que para se certificar de que ele está sozinho. Satisfeito, o barman diz:

– Eles estão aqui. E estão juntos.

Um sorriso se espalha pelo rosto de Rax como um fogo consumidor. A notícia o aquece. Demorou muito para chegar ali. Tantas peças de quebra-cabeças para encaixar no lugar. E, nossa, como essas peças eram *teimosas*. Criar um mistério e uma ameaça convincentes é um trabalho delicado. É preciso se comprometer com a teatralidade, mas nunca exagerar. Se alguém detectar suas mãos sombrias acima de tudo, dirigindo o palco, vão pinotear como uma besta mal selada.

A Contingência continua, ele pensa.

– Bom – Gallius Rax diz. – Continue o acompanhamento. Os créditos estarão disponíveis. – Então ele termina a transmissão.

Ele se pergunta se Golas Aram é uma peça merecedora de um empurrão ou dois. *Paciência*, ele se repreende. Deixe o mecanismo funcionar.

Parte desse mecanismo é Sloane.

Ela é uma que detectou a sombra dele por trás de tudo. Isso é um problema. Talvez um que ele ainda possa usar em sua vantagem.

É hora de trazê-la para dentro.

Hora, também, de um último teste.

O quarto é branco e quase vazio. As paredes são acolchoadas. As janelas são muitas, e os raios de sol que as atravessam são acentuados e brilhantes.

As únicas coisas neste quarto são Leia e uma planta em um vaso.

A planta é uma muda das árvores do santuário de Endor, embora alguns a chamem de quebra-cabeça de serpente, nomeada assim pela maneira como os ramos escuros se enrolam em uma espécie de emaranhado de nós orgânico.

Ela a cultivou a partir de uma semente – uma pequena bolota dada a ela pelo pequeno Ewok conhecido como Wicket. Ela cultivou a planta em um pote de solo chandrillano e, para seu choque e deleite, ela vingou.

Tornou-se o foco de suas meditações, como sugerido por Luke. Ela decidiu, depois de sair da sala de reuniões, que era melhor ir até ali. Melhor se concentrar em algo que não fosse o estado da galáxia ou a nascente Nova República ou aquela sensação irritante no fundo do seu ser de que Mon a traiu de uma maneira pequena, mas significativa.

Ela senta com a planta no meio da sala.

Ela limpa a mente.

E então ela tenta *sentir* a árvore.

Ela faz isso pelo menos uma vez por dia.

Leia nunca sentiu a árvore.

Não por falta de tentar! Ela senta ali. Ela se esvazia de respiração e então tenta se libertar de pensamentos. Bem como Luke a ensinou. Essa parte funciona bem, a maior parte do tempo. Mas ele disse que era possível sentir a força vital das coisas com a Força.

Ela jurou que simplesmente não tinha aquilo. *Aquilo* sendo o poder místico e intangível que o irmão tinha e (este pensamento vem acompanhado de calafrios que se agarram à espinha) que o pai dela – o pai *biológico* – tinha também.

Luke continua a jurar que, com o tempo, ela virá a sentir a Força assim como ele. Ele explicou que foi como ela sentia a dor dele lá na Cidade das Nuvens – quando ele estava pendurado, exaurido, espancado e prestes a cair nas nuvens que rolavam abaixo. Ele disse que iria ensiná-la.

E ele a ensinou. Algumas coisas, pelo menos.

E então? Ele partiu.

Assim como Han partiu.

Luke...

Ela encontra sua mente vagando em direção a ele agora. Seus pensamentos tentam alcançar o irmão

imprevisível como uma coisa viva, como ramos procurando o sol. *Preciso de você aqui. Preciso da sua ajuda.* Luke às vezes tem a inocência de um rapaz de fazenda, sim, mas agora ela sente que poderia usar um pouco disso.

Sua mente é um emaranhado de pensamentos. As complexidades da política, o amor (e a raiva) por Han, a perda de Luke, e, acima de tudo, a persistente preocupação com a vida que ela carrega...

A pele dela formiga. Sua mente se sente repentinamente desamarrada do resto dela. Leia se sente atordoada o suficiente para cair.

Oh.

Oh, minha nossa!

Lá! Lá está. Lavando sobre ela e através dela – uma consciência diferente de qualquer outra que ela já sentiu antes.

Um brilho pulsante, cintilante e forte.

Não é a planta. Não é Luke. Não é sequer Han.

É o filho dela.

Não é apenas o reconhecimento de uma mãe da vida dentro dela – isso ela já conhece. Ela já está bem ciente do tumulto daquela pequena pessoa que carrega. (E ela já conhece a azia, e as náuseas matinais, e as náuseas pós-café da manhã, e a fome depois de tudo isso...)

Isso vai além de todas essas coisas. É algo separado dela. Não é um sentimento físico. É tudo em torno dela, que a sufoca como o perfume de uma selva de flores. De repente, ela consegue sentir a mente e o espírito da criança: ela sente coragem, sagacidade, sangue de aço e uma mente afiada e, pelo sangue de Alderaan, ele vai ser um lutador!

Espere.

Ele?

É um menino.

É um menino.

Suas mãos voam para a frente da boca enquanto ela ri e chora ao mesmo tempo. Esta, ela pensa, é a luz de que Luke sempre fala – a promessa da luz, a promessa de uma nova vida...

E então, a borda preta do lado sombrio envolve sua felicidade como um laço. Porque o que cavalga ligeiro na cola da esperança senão medo – um medo que se estende para longe como uma sombra crescente? Medo de ter uma criança em uma galáxia instável. Medo de saber se Han está vivo ou não – se Luke também está. A criança crescerá com um pai? Um tio? Um mentor? Qual é o legado dela e qual será o legado de seu filho?

Sua respiração fica presa no peito. Ela tem que se forçar a inspirar.

Limpe sua mente. Limpe tudo. Foco, Leia. Foco.

Seriam esses pensamentos dela?

Ou seriam de Luke?

O Império liga pouco para decorações luxuosas, preferindo colocar um verniz frio cinza em quase tudo, mas Gallius Rax cresceu em um lugar morto, e colocar este jardim nos escalões superiores da *Dilacerador* foi uma fonte de consolo para ele.

Atrás dele, Rae Sloane limpa a garganta.

Ele não se vira. Ele suspeita que ela trouxe uma arma de raios. Sloane não confia nele, mas ele desconfia que ela se sente presa por suas opções. A única opção que faz mais sentido – o que demonstraria uma força que poucos negariam – seria queimar um buraco nas costas dele.

O almirante de frota Rax espera agora mudar isso.

– Você me despreza – ele diz, olhando para o caule de uma flor de kubari de língua vermelha. Suas pétalas têm muitas camadas, cada uma dobrada contra a outra. As pétalas mais bonitas, mais carmesim, permanecem escondidas.

– Não – ela responde. Uma mentira, com certeza. – Claro que não. Eu o respeito.

– Você pode me respeitar e me desprezar ao mesmo tempo. Eu me sentia da mesma maneira com relação ao nosso antigo imperador. Ele era poderoso e merecia louvor. Ele também era um monstro e alguém que cometeu erros.

Isso seria uma heresia se Palpatine ainda estivesse vivo.

Ainda poderia ser, se essas palavras fossem proferidas para a pessoa errada.

– Seja como for – ela diz, subitamente desconfortável –, se você estiver preocupado comigo, por favor, deixe pra lá.

– E ainda assim eu me preocupo. Eu sei que você foi ver Mas Amedda. Eu sei que você está me investigando de uma forma que vai bem além de verificações superficiais. E acho que agora, sentindo-se encurralada, você está alcançando a elegante arma de raios cromada que mantém na sua cintura. Mas eu peço que espere.

Na reflexão do invólucro de vidro reforçado, ele vê a mão dela pairando perto da arma. Tão perto.

Para seu crédito, ela não nega nada. Bom. Ele gosta dela. Ele odiaria ter esse sentimento diminuído por algo tão fraco quanto uma mentira comum. Mentiras devem ser maiores, grandiosas, *cheias de propósito*.

– Prossiga – ela diz.

Agora, *agora*, ele se vira. Seus braços abertos e acolhedores. Sua boca puxada com força em um sorriso frio.

– Quero contar meu plano a você.

A confusão cintila no rosto dela como um holovídeo em curto-circuito.

– Por quê? Por que agora? Você tem me mantido longe.

– Sim. Porque sou desconfiado por natureza. E porque o futuro deste Império se equilibra delicadamente em cima de um fio. O abismo lá embaixo é profundo e não quero jogá-lo no vazio confiando nas pessoas erradas.

Sloane estreita os olhos.

– Você está manipulando, almirante. Não sei *o que* está manipulando, mas está fazendo isso. Eu nem sei quem você é ou de onde veio. Você é pouco mais do que uma sombra... e ainda assim lidera o Império.

– Secretamente. *Você* é a grã-almirante aqui, devo lembrá-la.

– Nominalmente, sim. E sua liderança não é *tão* secreta assim. Você é mais conhecido do que pensa. A verdade vai se espalhar.

– E quando isso acontecer, vou confirmar que continuo sendo seu conselheiro mais confiável, um herói de guerra que apoia a sua própria candidatura para imperadora.

– Quem é você, almirante?

Rax revira os olhos. Uma pergunta tão brutal e sem valor. Ele não deseja perder tempo com isso. Como se a identidade de um único homem fosse realmente tão especial. A beleza está no mecanismo total, não nas partes retiradas do todo.

Em vez disso, ele vai direto ao ponto.

– Pretendo atacar Chandrila – ele revela.

O choque no rosto dela – ele não vai mentir e dizer que não lhe agrada. Significa que ela não anteviu isso. Se ela não percebeu, ninguém percebeu.

– Por tanto tempo nós permanecemos imóveis, pacientes, esperando... – ela diz.

– E agora é hora de voltar à galáxia e atacar o coração da Nova República. Nosso ataque vai atordoá-lo.

– As frotas escondidas nas nébulas? Você vai utilizá-las?

Ele oferece outro sorriso depravado, e ela o confunde com uma confirmação.

– Quando? – ela pergunta.

– Em breve. Todas as peças estão quase no lugar.

– Que peças?

– Em tempo, você verá.

Sloane se enfurece.

– Eu preciso saber...

– E *eu* preciso da sua confiança. Tudo ficará claro no tempo certo. Eu quero você comigo durante tudo isso, grã-almirante Sloane. Você é um recurso vital. – Ele diz a última sentença como algo que espera ser verdadeiro. Ele vai ter que testá-la esta última vez. Assim como ele foi testado muitas vezes. – Você confia em mim?

Ela hesita.

– Eu não sei.

– Uma resposta honesta. Muito bem. Não conte a ninguém a respeito desta conversinha. Eu vou lhe avisar quando chegar a hora. Fique pronta.

E com isso, ele passa por ela, porque esta conversa acabou.

Interlúdio:
Tatooine

É uma coisa difícil ser uma criatura sem propósito.

O propósito do homem, Malakili, já foi *dar* propósito a tais criaturas. Ele sempre foi bom com bestas. Quando era criança em uma favela em Nar Shaddaa, ele ensinou guggverms perversos a parar de roubar comida das lojas – e ao longo do tempo eles se tornaram seus animais de estimação, seus amigos, seus protetores. Mais tarde, ele ajudaria a domesticar e preparar uma variedade de bestas para os circos hutt: dragões da areia, asas-assassinas e ratazanas womp em suas roupinhas. E então, mais tarde, sua alegria preciosa, os rancors. Os monstros que ninguém podia domar, exceto ele.

E agora seu último rancor, Pateesa, está morto.

Esmagado por um tolo sortudo de preto.

Pior ainda, seu empregador também se foi – erradicado por esse mesmo tolo sortudo e seus amigos cruéis. Malakili e os outros foram deixados no palácio depois que a barca a vela de Jabba irrompeu em fogo, todos incertos quanto ao que exatamente fazer agora. Um novo Hutt viria para ocupar o trono, disseram. E muitos ficaram enquanto a comida diminuía e a água secava. Logo os que restaram começaram a se afastar também, partindo pelas areias e atravessando as dunas. Nenhum Hutt estava vindo. A galáxia estava mudando. Será que os Hutts estavam lutando? Alguma guerra do submundo estava colocando lesma contra lesma?

Malakili era um dos últimos no palácio.

E então, um dia, ele partiu também.

Ele pensou em talvez domar a gloriosa monstruosidade no fundo do Grande Poço de Carkoon (e, falhando nisso, se jogar na boca dela), mas o poderoso Sarlacc estava ferido. Destroços em chamas da barca a vela tinham chovido sobre ele. Já o corpo da criatura – consideravelmente maior do que a boca exposta nas areias deslizantes – estava parcialmente desenterrado, seus estoma-tubos abertos e rasgados, suas tripas digestivas pilhadas por Jawas industriais. Eles tiraram armas e armaduras, droides e ferramentas. E esqueletos, é claro.

A criatura de Carkoon tinha um propósito puro: esperar e comer; e agora tinha virado lixo e lamúrias nas mãos de saqueadores. Malakili chorou por outra vida sem propósito.

Ele vagou, como muitos fazem. Sentia-se como um pedaço de pano ou um pouco de lixo flutuando pelo deserto, empurrado para cá e puxado para lá. Rolando sem destino. Sem significado.

E agora, ele pensa, eu vou morrer.

Os bandidos da Chave Vermelha o encontraram vagando em direção a Mos Pelgo. Começaram a persegui-lo, mas ele é mais velho e mais lento do que costumava ser. Um bateu nele por trás. E agora?

Agora seu rosto está pressionado contra a areia quente. Uma bota empurra o pescoço dele, e os ossos de suas costas são triturados. Um dos Cavaleiros da Chave Vermelha – homens que afirmam trabalhar para o novo conglomerado de mineração, um conglomerado que até mesmo o ingênuo Malakili sabe ser apenas uma frente para uma associação criminosa – tira seu capuz de couro e pressiona uma arma de raios na parte de trás de seu crânio. Eles arrancam sua mochila do ombro e a esvaziam na areia. Seu odre vai parar em uma das mãos do vândalo, que abre o couro na frente do rosto e bebe o pouco que resta. O resto dos pertences de Malakili decora a terra: uma trança da sorte de pele e dentes de bantha; uma pequena faca feita de osso de costa-de-orvalho; algumas engrenagens de droides e chaves brilhantes para dar ao Jawas ou para pagar os Tuskens resmungões.

Um homem que se apresenta como Bivvam Gorge rosna na orelha de Malakili:

– O que mais você tem, vagabundo? Estas areias são da Chave Vermelha, e Lorgan Movellan está tomando sua parte. Não gostaria que a parte fossem suas orelhas ou sua língua, gostaria? – O segundo bandido ri através de um respirador.

Como se quisesse demonstrar, o primeiro bandido atira uma faca de caça brilhante no chão. Ela golpeia a areia com um silvo.

Sobre eles, o grito de um raio de arma...

Então, o bandido atinge a areia, também. Ele tomba como um vaporizador derrubado por um bantha em fuga. Sua cabeça gira em direção a Malakili enquanto a fumaça sobe de um pedaço de cabelo e pele queimado no lado mais distante do crânio. A boca do bandido abre e fecha silenciosamente. Então, seus olhos se escurecem.

Subitamente, o ar irrompe com outros disparos da arma de raios. O segundo bandido gargareja com raiva através de seu respirador, mas mesmo isso dura pouco. Ele cambaleia para trás, os braços balançando, o fuzil caindo da mão.

Aquele bandido se juntou ao amigo. Os sóis vão reclamá-lo.

Malakili não se mexe.

Quem está vindo é pior do que estes dois, e assim parece melhor se fingir de morto – um truque que ele aprendeu com muitas das bestas que treinou. As presas sabem que a melhor fantasia diante de um predador é a *já-morto*.

Por favor, me deixe pra lá, me deixe pra lá, por favor...

Mas por quê? Com que finalidade? Ser salvo – ser poupado – é um privilégio que deve pertencer a alguém com propósito.

Passos se aproximam. Botas batendo na areia.

– Você pode se levantar. – Uma voz. Masculina. Áspera, simples, clara.

Outra voz, uma de mulher:

– Relaxe. Nós não somos corsários.

– Somos a lei.

Lei? Em Tatoonie? Não existe tal coisa. Os Hutts *eram* a lei. *Jabba* era a lei. Só que agora, com Jabba morto...

Malakili rola e se senta.

Lá, um homem com armadura mandaloriana, a roupa marcada, esburacada e estriada com cicatrizes. Uma armadura que parece assustadoramente familiar, e as entranhas de Malakili se apertam ao vê-lo. Uma carabina está pendurada ao lado do homem.

Ao lado dele está uma mulher alta. As caudas de cabeça significam que ela é Twi'lek – embora um desses lekkus esteja mutilado e a extremidade esteja enrugada com tecido de cicatriz. Em seus quadris estão pistolas gêmeas.

– Sou Issa-Or – ela se apresenta, um sorriso sarcástico nos lábios.

O homem tira o capacete. Suas bochechas estão forradas de pelos grisalhos. Ele estreita os olhos contra os dois sóis.

– Sou Cobb Vanth. Agente da lei e prefeito efetivo do que costumava ser Mos Pelgo.

– Uma Cidade Livre agora – a Twi'lek afirma. – Um lugar onde as pessoas boas podem vir se estiverem dispostas a trabalhar. Se estiverem dispostas a ficar firmes contra as associações. Contra tipos como Lorgan e a Chave Vermelha.

Malakili assente como se entendesse. Mas ele não entende. Ainda não.

Cobb se ajoelha.

– Você me parece familiar.

– Não sou ninguém.

– Todos são alguém, meu amigo. Uma coisa a respeito da Cidade Livre é que, para viver em seus limites, é preciso ser útil. Você é útil?

E ali o moral de Malakili afunda. Ele não é útil a ninguém. Ele admite isso, seus olhos secos repentinamente tornando-se úmidos com lágrimas.

– Não tenho valor para vocês. Me matem. Minha criatura, Pateesa, está morta. Todas as minhas bestas se foram...

– Você é um mestre de feras? – a Twi'lek pergunta.

Mestre. Se ao menos ele merecesse tal palavra. Mas ele dá um aceno incerto.

– Eu treino bestas. Sim.

Os dois se entreolham. Vanth ri: um som seco como rochas rolando por um penhasco.

– Temos um casal de rontos indisciplinados que precisam de uma mão firme. Você pode lidar com isso? Haveria pagamento. E uma casa de fazenda pra você, se quiser reivindicá-la.

Seu moral, que afundava, está repentinamente flutuante. O propósito nasce dentro de seu coração trazendo luz à escuridão mais uma vez.

– Eu... posso.

– Tem mais uma coisa – Issa-Or acrescenta.

– Devemos contar a ele?

– Por que não? Se alguém pode ajudar...

Cobb inclina-se perto e, enquanto ele ajuda Malakili a se levantar, o homem diz em voz baixa, como se a areia pudesse estar escutando:

– Você sabe algo a respeito dos Hutts?

– Sei o bastante.

– Você acha que pode treinar um?

– Eu... eles são seres sencientes, não são animais de estimação.

– Certo. *Ensinar* um, então.

– Eu posso. Acredito que sim. Mas por quê?

Issa-Or sorri.

– Porque temos um na Cidade Livre.

– Um *bebê* – Cobb completa, coçando o queixo. – Parece que a Chave Vermelha estava tentando contrabandeá-lo e instalá-lo no trono do palácio. Interrompemos esse pequeno plano e agora temos essa... lesma e não sabemos o que fazer com ela. Se você puder nos ajudar com os rontos, talvez com o Hutt, você terá um lugar na Cidade Livre. O que você acha disso, amigo?

– Acho que é... – *Um propósito*. – Excelente. Obrigado.

– Você pode me agradecer fazendo seu trabalho.

– Vamos embora – Issa-Or diz. – Deixe os cadáveres para os outros encontrarem. Que vejam que a lei, a *verdadeira* lei, está se espalhando por esta terra.



CAPÍTULO

19

Sinjir assegurou a Norra que um copo de korva resolveria e estava certo. Logo que ela coloca o copo sob o nariz de Solo, o cheiro o atinge. Os olhos do contrabandista se abrem, e ele os encara com a intensidade de um turbolaser.

– O que diabos... – ele diz, levantando-se apressado. – Leia?

– Não – Norra responde. Ela está sozinha com ele no saguão principal da *Halo*. – É a tenen... é Norra Wexley. Estamos em Irudiru. Lembra-se?

Ele estremece. Sua mão se move para esfregar o nódulo se formando sob o cabelo.

– Fui atacado por um droide. Um... – Ele torce o rosto em descrença. – Um velho droide de combate das Guerras Clônicas. Eu devo estar alucinan...

Movimento por detrás dela. Senhor Ossudo inclina-se de um corredor, enfiando sua cabeça de abutre de droide para dentro. Han tateia ao lado do corpo para pegar uma de suas armas, mas Norra segura seu pulso e se move para bloquear a visão do droide.

– Vá embora – ela cospe para Ossudo. – Vá! Xô, seu saco de ossos.

– ENTENDIDO, MÃE DO TEMMIN.

O droide retrocede.

– O droide é *seu*? – Han grunhe.

– É do meu filho.

– Essa maldita coisa me derrubou! Você traga aquela porcaria tilintante de volta pra cá. Quero arrancar os braços dele. Então quero bater nele com seus próprios braços. Então quero pegar sua cabeça...

Norra o conduz com calma de volta para a cadeira.

– Peço desculpas pelo droide. Olhamos a sua cabeça... o ferimento é superficial.

– Ótimo. Obrigado, *doutora*. Agora faça o que eu disse: saia daqui e me deixe voltar ao trabalho. Você está me atrasando.

– Queremos ajudar.

– Não preciso da sua ajuda, moça.

– Você está sozinho aqui fora. Eu acho que precisa, sim.

Ele olha para ela e se inclina para a frente.

– Por quê? Por que me ajudar? Eu não te conheço. Eu não fiz nada por você. E estou cansado de dever para as pessoas.

– Nós temos uma dívida com você.

– Não de acordo com as minhas contas – ele responde, apontando a têmpera. – Eu mantenho a contabilidade aqui e seu nome não está nela, querida.

– Nós poderíamos simplesmente ter mandado você de volta para Chandrila, sabe. Amarrado você numa cadeira. Mas você é um herói da galáxia. Você e seus amigos. Vocês salvaram todos nós. É assim que pagamos. – Ela fica tensa. – Além disso, por favor, não me chame de querida.

Ele se levanta.

– Eu posso fazer isso sozinho.

Não, não pode. Mas ela o aplaca mesmo assim.

– Tenho certeza.

– Eu trabalho sozinho.

– Obviamente.

Seus olhos se apertam e a mão arranha a barba que aponta ao longo da mandíbula.

– Mas eu preciso do Chewie de volta.

Norra entende – ele está tentando pedir ajuda, mas é calejado demais, durão demais para realmente *pedir*. Ela oferece de novo:

– Então, deixe-nos ajudar. Podemos oferecer mãos extras, armas extras. Seguiremos a sua liderança.

– Isso pode tornar mais fácil. – Ele a mede com os olhos. – *Pode.* Mas como você disse: vocês precisam seguir minha liderança.

– Feito.

– Certo. Vocês podem me ajudar a pegar Aram.

Norra também se levanta, oferecendo a mão.

– Vamos ajudá-lo a recuperar Chewie também.

– Bom, então. Negócio fechado. – Ele aperta a mão dela. – Bem-vinda ao Time Solo. Espero que consiga acompanhar, Norra.



CAPÍTULO

20

Tudo está indo de acordo com o plano.

Isso emociona Jas consideravelmente. O plano é tudo. Projetar um é como fazer um relógio: todas as pequenas partes trabalhando juntas, girando, puxando, tique-taque. E no final, ou ele diz as horas ou não.

E este plano está funcionando como um relógio.

Ela precisa tirar as minas de pulso primeiro – Jas assumiu o mesmo lugar no planalto com vista para o complexo de Golas Aram e usou a mira da sua arma de fogo para identificar as assinaturas eletrônicas de cada uma das minas. Então bastou o simples ato de apontar a arma, esvaziar-se de ar e puxar o gatilho.

A primeira mina fez o que era esperado:

Um *bang*.

E esse som era um sinal para que o restante do plano fosse em frente.

A quilômetros de distância, Temmin e Ossudo começaram a cortar o conduíte do parque eólico que Solo havia identificado. Isso derrubou a cerca e as torres de artilharia. E permitiu que Sinjir se dirigisse para baixo, sob a cobertura da noite, para o complexo de Aram. Ela espia sua sombra atravessando a cerca agora.

Para mantê-lo alerta, Jas estoura mais minas na frente dele – elas detonam com explosões que zumbem, deixando para trás pequenas crateras e uma névoa crepitante de fumaça de ozônio em seu rastro.

Ele está chegando perto do complexo...

Subitamente, em toda parte, persianas e portas se abrem. Novas sombras emergem, formas que parecem humanas, mas se movem com um passo desumano. *Droides*, ela pensa, e isso é confirmado no momento em que eles acionam vibropunhais de brilho vermelho-fogo nas mãos. Ela vê uma dúzia desses droides. Talvez mais.

Avançando para a posição de Sinjir.

E agora, o relógio está ameaçando quebrar.

Lá embaixo, fora do complexo, a escuridão é iluminada por vibropunhais estranhos e incandescentes. Eles desenham arcos brilhantes através do ar enquanto avançam em direção a Sinjir – o ex-imperial corre para trás do velho leme de um motorvator, lançando tiros com a pistola. Mas não é suficiente.

É aí que entra Jas. A arma de fogo dela chuta e late enquanto ela derruba um droide atrás do outro. É

difícil ver no escuro, mas ela faz o seu melhor. Os droides oferecem uma satisfatória chuva de faíscas cada vez que ela arranca o crânio com um projétil quente banhado em tânio.

Ela pensa: *Eu tenho isso sob controle.*

Confiança, ou melhor, excesso de confiança, é uma força que cega. E não ajuda que ela tenha um olho aberto pressionado contra o anel da mira do rifle. O que significa que ela ouve o que está vindo um segundo tarde demais.

Assim que a grama-sedenta balança e sussurra, Jas rola rápido sobre as costas e aponta o rifle para cima – mas um vibropunhal se acende na escuridão acima dela, chicoteando para a frente e cortando o cano da sua arma de fogo. Fica preso lá, zumbindo e triturando, cuspidando faíscas, e o peso do droide soldado se pressiona contra ela.

A caçadora de recompensas tenta chutar a coisa para longe, mas é como tentar chutar um astromec com as pernas presas gravitacionalmente ao chão. Enquanto ela luta sem sucesso, o segundo vibropunhal do droide se ilumina e mergulha em direção a ela.

Jas desvia a cabeça para o lado bem quando a lâmina se enfia no terreno duro. Poeira e detritos acertam sua bochecha.

O droide começa a ter espasmos.

E brilha.

Sua boquilha oferece um anúncio alto:

– SEQUÊNCIA DE DESTRUIÇÃO INICIADA.

Oh, droga.

O droide soldado brilha como magma através de um manto quebrado de pedra e vibra com tanta força que Jas sente que ela também vai ser chacoalhada até ficar em pedaços. Ela luta para empurrar a coisa antes que detone – certamente levando-a junto, tornando-a pouco mais do que uma faixa vermelha em uma cratera fumegante. A distância, ela ouve Sinjir gritar por ela.

Eu tenho meus próprios problemas, ela pensa.

Se ela pudesse apenas girar a arma...

O cano está quebrado, o vibropunhal ainda preso lá, mas disparar mesmo uma vez vai fazer estrago no droide, talvez. Só que ela precisa apontá-lo para a cabeça da coisa. Seus músculos gritam enquanto ela usa toda a sua força para girar a arma centímetro por centímetro miserável...

– DESTRUIÇÃO EM TRÊS...

Ela range os dentes, girando a arma – perto, *muito perto.*

– ... DOIS...

Seu dedo procura o gatilho.

– ... UM...

Não. Tarde demais...

Um laser atravessa o ar, fazendo um corte limpo através do pescoço de aço. A cabeça do droide cai de seus ombros. Pedacos de metal abrasadores parecem queimar buracos no ar conforme o crânio mecânico

rola para longe na grama.

O corpo do soldado droide cai para o lado.

Isso não foi o culminar de uma sequência de autodestruição.

Alguém fez aquilo. Alguém que se aproxima de Jas e lhe oferece uma mão. O barítono rico da voz de Jom Barell chega até ela:

– Sabe, Emari, deixo você sozinha por um segundo e você vai fazer charme com um droide. Você tem sorte que eu sou do tipo ciumento.

– Cale a boca, Barell. Vamos... Sinjir precisa da nossa ajuda. – Ela finge não ser nada demais que ele tenha voltado, que ele escolheu ser leal para com o pequeno time. Ela nunca vai contar a ele sobre a vibração em seu peito ao ouvir sua voz novamente. Dificilmente vai reconhecê-la para si mesma, ainda que pareça que há um bando de pássaros presos dentro de sua caixa torácica.

Dentro da casa, agora. Dentro do *complexo* de Aram.

Lá fora, na escuridão, encontram-se os corpos faiscantes dos droides de Aram e as crateras queimadas onde as minas estavam.

Do lado de dentro, no entanto, não há nada.

Ou, melhor, *ninguém*.

– Maldito seja – Sinjir pragueja, voltando dos fundos da casa.

Jas o alerta:

– Cuidado. Nós não sabemos se ele colocou armadilhas neste lugar.

– Ele está aqui ou não? – Jom Barell pergunta.

Ao que Sinjir responde:

– Não, ele não está aqui, e, por falar nisso, quando foi que você apareceu?

Barell grunhe e dá de ombros.

– Ele se foi – Sinjir diz. – Metade dos seus sistemas de computador está frito. Suas docas de droides estão vazias. Ou nós encontramos todas as monstruosidades tilintantes aqui fora ou ele tem um bando inteiro delas marchando com ele para algum lugar.

– E para onde ele iria? – Jom pergunta.

– Eu não sei exatamente, sei? Meu trabalho é fazer perguntas e é muito difícil fazer perguntas para alguém que não *está aqui*.

Jas fala:

– Sabemos que ele tem túneis escavados sob este lugar. – Han e Norra desceram para interceptá-lo, caso ele chegasse tão longe. Ela puxa o comunicador.

– Solo? – Nada além de um estalo. – *Solo*. Responda.

– Nnnn – vem uma voz.

Parece a do contrabandista. E não parece bom.

– O que aconteceu? – ela pergunta.

– Aquele... anormal de cabeça grande me surpreendeu. Estava... – Pelo comunicador vêm mais grunhidos, seguidos de um ataque de tosse. – Estava em uma hoverchair, e a maldita coisa me deu um choque quando tentei pegá-lo.

– O que aconteceu com Norra?

– Não sei onde ela está. Antes que Aram chegasse, ela disse que ia verificar algo e depois... depois fui derrubado.

Ela tem que se lembrar: Aram realmente não é sua missão. Ele é problema de Solo. E se Solo o deixou escapar, bem, é isso. Jas vai mandar Temmin fazer Senhor Ossudo pegar e embalar o contrabandista, eles vão jogá-lo no porta-malas da *Halo* e levá-lo de volta para Chandrila.

No entanto: onde está Norra?

Como se fosse uma deixa, outro estalo se ouve quando a voz de Norra vem pelo comunicador:

– Eu o peguei.

– Pegou quem? Aram?

– Sim.

– Como?

– Segui um dos subtúneis. Ele terminava em um pequeno transporte solar preparado em uma plataforma. O computador de navegação já estava carregado para o destino: parece que Aram tem família em Saleucami. Eu me escondi. Aram saltou para dentro e tentou decolar. Eu o derrubei. Contudo, ele é pesado... eu bem que aceitaria uma carona aérea. Vocês trazem a *Halo* para pegarmos o prêmio?

Jas sorri de orelha a orelha.

– Pode deixar, chefe.



CAPÍTULO

21

Os principais operadores dentro de todas as fileiras imperiais eram seres humanos. “Alienígenas” eram, em geral, indesejáveis dentro de sua ordem labiríntica porque eram vistos como diferentes. Eram servos e escravos ou, na melhor das hipóteses, obstáculos. Eles precisavam ser domados, removidos ou ignorados.

Pelo menos era o que dizia a propaganda.

Sinjir sentia o puxão do preconceito de vez em quando, pois estava tão programado por ele que mesmo os *quase-humanos* recebiam certa desconfiança. Palpatine e sua máquina de propaganda trabalharam para enfiar esse prego de fanatismo mais profundamente, demonstrando como os velhos Jedi vagabundos e a escória rebelde consistiam em muito mais *não* humanos do que humanos. Humanos são confiáveis, o Império dizia; alienígenas sempre traem.

Claro que, ao longo do tempo, Sinjir entendeu que isso era loucura, porque, como se viu, os seres humanos eram bastante horríveis. Cheios de traição! Simplesmente transbordando com isso. Ele chegou a acreditar que a corrupção do Império se dera precisamente por causa de sua xenofobia. Não permitia nenhuma outra voz, e assim o homem e a máquina governavam o Império enquanto o resto da galáxia – apesar de ser predominantemente não humano em sua origem – sofria, impotente, sob a pisada da bota imperial.

Qualquer que fosse o caso, o treinamento de Sinjir como agente de lealdade lhe deu poucas oportunidades de, hm, *extrair* informação de não humanos. Ele estava agudamente ciente dos pontos de dor fisiológicos do animal humano.

Alienígenas, não tanto.

E então, quando apresentado a um Siniteeno, ele levou algum tempo.

A figura de um Siniteeno é similar à da maioria dos seres humanos, com exceção do crânio. A cabeça do alienígena é grande. Duas vezes o crânio de uma pessoa média, e, bem, *esponjosa*. A cabeça humana é protegida por um precioso manto de ossos, mas a cabeça do Siniteeno parece pouco mais do que um saco de couro cheio de carne. O cérebro da criatura é tão imenso que literalmente se *força* contra a parte de dentro da pele enrugada.

Não havia maneira de saber se a atitude de Golas Aram era típica da espécie, mas o Siniteeno pouco

se importava com a santidade de seu corpo. Sinjir ameaçou fatar o alienígena como um rocambole, mas Aram não estava se convencendo. A ameaça não colou. As pernas de Aram já estavam arruinadas, e ele andava por meio de uma cadeira repulsora que pairava no ar.

Sinjir decidiu voltar para seus próprios instintos, então. Isso ele aprendeu com a prática e não com o *Manual de Lealdade do DSI*, mas às vezes era valioso apenas deixar alguém falar. E assim ele falou por algum tempo com Aram. Sobre os droides. Seu complexo. Sua nave. O planeta Irudiru. Sobre qualquer coisa. Aram não queria falar e permaneceu beligerante durante todo o processo. Ele absorveu até a repreensão mais dura com um ego alarmante.

Meus droides são customizados, programados à mão de um jeito que ninguém na galáxia poderia duplicar.

Meu complexo foi projetado para ser impenetrável! Vocês primatas foram beneficiários de sorte, só isso.

Irudiru? Melhor aqui do que em qualquer outro lugar na galáxia – parece que todos os outros sistemas estão sufocando na gordura e na estupidez de uma população turbulenta e indolente. Tolos, tolos em toda parte!

Golas Aram tinha o resto da galáxia em baixa conta.

E tinha a si mesmo em bastante alta conta. Em particular, seu intelecto. Ele ligava muito pouco para o corpo, verdade. Mas ligava bastante para sua *mente*.

Esta, então, é a abordagem que Sinjir toma. Ele fala a Aram:

– Eu me pergunto, Golas, o que aconteceria se eu pegasse, digamos, uma faca ou um objeto longo e pontudo como esta coisa aqui? – Ele levanta uma pequena antena do topo de uma das caixas de Temmin com partes aleatórias ali no compartimento principal da *Halo*. Ele a gira, depois dá batidinhas na cabeça do Siniteeno. – Eu me pergunto, e se a pressionasse através das dobras? Ou a inserisse em um dos seus ouvidos? Um empurrão forte e então um *pop* enquanto isso espeta seu cérebro.

Ele brinca ao redor do ouvido do Siniteeno, inserindo a antena lentamente na entrada.

– O quê? O que você está fazendo? Seu símio! Pare com isso!

Sinjir desliza a antena um pouco mais para dentro. Empurrando. Aram grita.

– Seria uma coisa terrível. Eu sou apenas um primata desajeitado, sem delicadeza, certo? Eu não teria nem ideia do que estaria fazendo. Faz você se perguntar se isso teria um efeito deletério em sua própria inteligência, né? Acho que poderia até transformá-lo em alguém tão simplório quanto eu. Todo esse gênio armazenado... se eu estourasse essa bexiga, será que sairia vazando?

Ali. Medo nos olhos. Brilhante e vivo como a luz que reflete na água ondulando. Toda pessoa é uma fechadura, e Sinjir é adepto de encontrar a chave – o que os desfaz, os desacopla, os abre para que tudo dentro fique pronto para ser tomado.

É um momento que no passado lhe deu grande alegria.

Não dessa vez.

Em vez disso, ele sai do compartimento e da nave. Para os outros, reunidos à luz da manhã de Irudiru,

ele diz:

– Ele está pronto. Vão lá e perguntem o que quiserem. – Então ele cambaleia para a frente na grama-sedenta, sem nem sentir a dor de suas lâminas.

O sol está atrás do horizonte agora. Já se foram seus dedos dourados espalhando-se pela grama; é apenas uma bola branca palpitante no céu. Sinjir senta-se ali fora em uma pilha de caixas, olhando fixamente para o nada.

Alguém bloqueia o sol. É Solo.

– Você conseguiu – o contrabandista afirma.

– Aram? Eu sei.

– Ele deu tudo o que precisávamos. – Solo tem um sorriso áspero, feroz. Ele está animado. Animado para avançar, como um cachorro que puxa sua coleira.

– Muito contente de ter sido útil.

– Você é um imperial.

– Ex.

– Eu não gosto de imperiais.

– Junte-se ao clube. Mesmo os imperiais não gostam de imperiais.

– Você fez um bom trabalho. Limpe-se. Norra e eu estamos indo para Kai Pompos, para uma rápida viagem de suprimentos. Então vamos partir.

Sinjir oferece um fraco polegar para cima. *Viva*.

Solo se vai. Logo é substituído por Jas enquanto ela sai da nave, brincando com Jom Barell – oh, que alegria, *ele* está de volta. Os dois surgiram no platô na noite passada, quando Sinjir estava prestes a ser dominado por um grupo de droides soldados. Droides que aparentemente se preparavam para transformar a si mesmos em fogos de artifício. Jas e Jom o salvaram. Sinjir supõe que ele deveria ser grato. E ele é. Talvez. Eventualmente, Jas dá-lhe uma piscadela.

– Você está bem? – ela pergunta.

– Super – ele responde, convocando o sorriso de um mentiroso.

Então ela e Barell se vão. Saem para fazer o que quer que seja que eles fazem. Provavelmente bater como pistões de motor.

– Ei, Sinjir – chama Temmin, vindo por trás dele.

– Oi, garoto.

– Você não parece tão bem.

– Ora, isso é mal-educado.

– Não, quero dizer... – Temmin ri nervosamente. – Parece que algo está te incomodando.

– Algo está sempre me incomodando. O sol. O ar. Outras pessoas. Jovenzinhos metidos que surgem com perguntas rudes.

– Eu não sei o que rastejou até o *seu* porto de escape e morreu, mas tudo bem, estou indo. Até mais,

Sinjir.

– Espere.

O garoto para e olha para trás.

– O que foi?

– Lá em Chandrila, olhar para Yupe Tashu te incomodou.

– Sim, com certeza.

– Por quê?

– Sei lá. Incomodaria qualquer um.

– Não, não aceito essa resposta. Acertou você como um fragmento rápido de um meteorito: *pop*, bem entre os olhos.

Temmin chuta umas pedrinhas, depois diz:

– Ok. Você me diz o que está te incomodando e eu digo o que me incomodou.

– Uma pequena troca, hm? Certo. Eu não quero mais ser quem eu sou. Quero ser alguém diferente.

– Você é. Você é um dos mocinhos agora.

– E, *como* um dos mocinhos, acabei de ameaçar outro ser senciente com o ato de enfiar uma antena dentro de sua orelha e em seu cérebro.

– Então por que fez isso?

Sinjir faz uma careta, como se estivesse provando algo desagradável.

– Porque a história exige que coisas desagradáveis sejam feitas para preservá-la. Porque ser bom às vezes significa ainda ser ruim. Porque é quem eu sou e, se eu não tivesse feito isso, provavelmente ainda estaríamos sentados aqui coçando a cabeça sobre o que fazer em seguida. Eu estou aqui por um motivo. Eu sou uma ferramenta que cumpre uma função muito exclusiva. Que bem posso fazer se não a cumprir?

– Você é bom de um monte de formas.

– Tais como?

– Hmm...

– Certo. Sua vez.

– Não, espere, eu me sinto mal, você é realmente bom em...

– Tarde demais. O alarme tocou. Sua vez, eu já disse. Você. Eu. Yupe Tashu. Você estava chateado. Por quê?

– Porque sim.

– “Porque sim” não é resposta. É vago.

– Por causa do meu pai!

Sinjir levanta uma sobrancelha.

– O que tem ele?

– Ele está... por aí, também. Talvez. Em uma cela como aquela. Quem sabe o que aconteceu com ele? O que aconteceu com a mente dele? Isso me fez pensar que ele também pode estar quebrado. E, se eu o encontrar, talvez ele nem me reconheça. Talvez, mesmo que o encontremos, ele ainda esteja perdido.

Sabe?

– Sei. É bem profundo, na verdade.

– Ah, é?

– Para um juvenzinho metido.

– Só pra constar, você é bom nesse tipo de coisa. Conversar com pessoas.

– Oh, que nojo. Eu prefiro ser bom em *torturá-las*.

– Idiota.

– Bobo.

Temmin ri.

– Obrigado, Sinjir. Eu me sinto melhor.

Por um tempo, Sinjir também se sente. Ele nunca diria isso em voz alta, é claro. Ele tenta aproveitar a trégua do seu mau humor, porque se pergunta: e o que vem agora?



PARTE QUATRO



CAPÍTULO

22

A *Falcon* corta o hiperespaço.

– Você parece nervosa – Han fala para Norra, acomodando-se no assento de copiloto, um assento que é bem mais profundo e fica mais perto do chão do que o outro. Um assento usado geralmente por um indivíduo muito maior.

Como, por exemplo, um Wookiee.

– Não estou nervosa – ela responde.

Ela está nervosa.

É difícil não estar. Ela já admirou muito esta nave de longe – como não poderia? Ela devia ser um cargueiro desajeitado e vagabundo. Mas Norra a viu se mover. A maneira como chicoteia e mergulha em meio ao caos da batalha é de tirar o fôlego. Uma performance como aquela rouba o ar mesmo de quem apenas assiste. No seu Y-wing, ela seguiu a *Falcon* – então pilotada por Calrissian e seu copiloto Sullustano – para as entranhas labirínticas da segunda Estrela da Morte. Era uma maravilha. Uma visão que ela nunca esquecerá.

Isso do lado de fora.

Do lado de dentro? Ela está surpresa por a coisa estar inteira. Tem a integridade estrutural de um saco de peças sobressalentes. Nada combina. As peças balançam. Os fios estão expostos. Os painéis não correspondem às suas amarrações. O console nem parece original da nave – é como se o filho dela o tivesse montado na sua oficina em Akiva. Pedacos soldados a outros pedacos ou, pior, presos com esparadrapo e cobertos com epox brilhante.

Norra teme que essa coisa possa se quebrar em pedacos aqui mesmo no meio do hiperespaço.

Solo, por sua vez, parece ter abraçado o caos. Às vezes um alarme dispara ou parte do painel fica escuro – então ele bate nele com o lado do punho ou balança os fios pendurados por baixo. Daí tudo volta a ficar ligado. Ele sorri e pisca.

Norra, para não falar sobre o lixo orbital no qual eles estão atualmente viajando, pergunta:

– Estamos certos de que Aram nos deu informações verdadeiras?

– Vamos descobrir, não é? Se os códigos dele não baterem, vamos ter que sair de lá rápido como uma arma de raios. – Ele fecha os olhos e aperta o centro da testa. – Quer saber? Vai funcionar. *Tem* que

funcionar. – Porque, ela sabe, esta é a única chance deles.

Kashyyyk é um planeta prisão. Um campo de trabalho mundial. O Império, em sua monstruosidade xenofóbica, julgou oportuno aprisionar e escravizar os Wookiees, não porque ofereciam uma ameaça significativa à ascendência do Imperador, mas porque eram diferentes e porque sua fisiologia maciça e robusta lhes permitiria trabalhar muito e em condições extremas. Provavelmente seria preciso um esforço bastante épico para fazer um Wookiee trabalhar até a morte. Mas ela não duvida que o Império tente fazê-lo.

Ela não consegue reprimir um estremeamento.

– Vai funcionar – ela concorda. *Porque tem que funcionar.*

Solo ergue o braço e ajusta os estabilizadores virando alguns interruptores.

– Estamos chegando. Você está pronta?

Não.

– Sim.

– Saindo da velocidade da luz.

Ele dá um toque rápido na tela do computador de navegação, então reduz a aceleração. As longas linhas de luz vão de raias a estrelas.

E ali, logo em frente, está o destino deles.

Kashyyyk. Um planeta verdejante. Ela avista montanhas cobertas de neve e rios serpenteantes que levam a oceanos de águas escuras. Mas acima de tudo há florestas. Mesmo dali, as florestas se destacam. As nuvens que giram acima da atmosfera precisam circular *ao redor* e *através* das árvores.

Ao olhar mais de perto, porém, você vê a devastação: pedaços de floresta escuros e cinzentos. Rios que viraram um fio. Pontos pretos nos mares: plataformas de mineração submarinas imperiais, ela supõe. Nuvens brancas redemoinham em furacões de fumaça preta. Se ela pode ver a destruição lá de cima, no espaço, quão ruim estará no chão? O que eles fizeram com este mundo?

Ao redor do planeta paira o bloqueio imperial. Dezenas de naves: um par de destróieres estelares, um punhado de naves de combate, além de naves auxiliares e patrulhas de caças TIE.

– Deveríamos ter vindo em uma nave imperial – ela fala.

Atrás deles, um bipe nos scanners. Outra embarcação saindo do hiperespaço. Seu coração se aperta no peito mesmo sabendo qual é a nave: a *Halo*, que os segue. Jas está pilotando. O resto da tripulação está com ela, deixando Norra para acompanhar o contrabandista.

– Eu disse que vai dar certo – Solo diz. – De todo jeito, não deu tempo.

– Certamente eles conhecem a sua nave.

– Eles conhecem, mas temos os códigos imperiais de Aram, lembra? Além do mais, eles pensam que a *Falcon* foi destruída.

– Como?

– Depois que perdi Chewie, contratei um slicer para hackear as redes do Império, pra ver se eu descobria qualquer coisa. Enquanto estava lá dentro, ela me fez um favor e “atualizou” os registros que

eles tinham de mim e da *Falcon*. Fui listado como morto e a nave como “fez cabum”.

Ela hesita.

– E a nossa nave de combate?

– Como eu disse, sua nave é uma SS-54. Felizmente para nós, a burocracia imperial é um objeto imutável. No passado, o Império classificou essa nave como um “cargueiro leve”. Seria preciso montes de documentos e aprovações oficiais para redesigná-la em seus bancos de dados, então eles não veem uma nave de combate. Veem um cargueiro.

– Isso apoia nossa história, então.

– Com certeza, dona. Com certeza.

A história: eles estão trazendo peças e uma equipe de reparo à superfície de Kashyyyk para fazer consertos na prisão conhecida como Ferrolho de Ashmead, a pedido do construtor da prisão, Golas Aram. Simples. Limpo.

Como se fosse uma deixa, o comunicador estala:

– Aqui é o destróier estelar *Domínio*. Você está em aproximação ilegal do território imperial G5-623. Identifique-se e transmita códigos de autorização ou será marcado como invasor e em violação do Código Galáctico.

Han limpa a garganta e dá um sorriso nervoso a Norra – possivelmente destinado a tranquilizá-la? – antes de falar.

– Aqui é o cargueiro leve *Condução*, acompanhado pelo cargueiro leve, ah, o *Cisne*. Aguardem a transmissão do código.

Ele dá um aceno, e Norra carrega os códigos.

Silêncio no outro lado.

– Eles não caíram nessa – ela diz.

– Caíram, sim.

Mais silêncio.

– Eles *não* caíram.

– Eles ainda não carregaram as armas...

Uma explosão de estática através do comunicador, então:

– Qual é o seu propósito na superfície do território imperial G5-623, *Condução*?

– Nós, ah, fomos enviados para fazer reparos em uma velha prisão. Fomos enviados por Golas Aram a pedido do Império. Temos peças técnicas e a tripulação para instalá-las. Ah. Senhor.

Mais silêncio. Norra ouve apenas o sangue correndo em seus ouvidos.

– Não hoje – responde a voz. – Deem meia-volta e saiam do espaço imperial.

Han franze a testa, frustrado. Ele ergue o comunicador outra vez:

– Peço desculpas, não entendo, senhor. A liberação do código...

– O planeta está fechado, cargueiro *Condução*. Ninguém entra, ninguém sai, por ordem do próprio imperador Palpatine.

Palpatine. Norra inclina-se para a frente no assento de piloto. Arrepios percorrem sua pele, e ela não consegue se livrar deles. Ele poderia estar vivo? Depois de tudo isso?

Solo sussurra para ela:

– Ele está morto. Relaxe. – Então, de volta ao comunicador: – Senhor, peço desculpas. Eu entendi que o imperador não sobreviveu.

– Então você entendeu mal. O imperador está vivo e bem. O território imperial G5-623 está sob quarentena. Repito: deem meia-volta ou seremos forçados a abrir fogo.

O pânico agarra ambos. Han e Norra se entreolham. Os olhos dele estão ferozes. Ele é como um animal enjaulado desesperado para morder as barras e alcançar a liberdade. Ele estende o braço até os sistemas de armas...

Norra segura a mão dele.

– O que está fazendo?

– Como assim, o que estou fazendo? Nós vamos explodir uma entrada. Sabe, o jeito *antiquado* de fazer as coisas.

– Eles têm dois destróieres estelares aqui.

– Ah, ei, obrigado pelo aviso. Por falar nisso, a *Falcon* abriu caminho por coisa bem pior. Vamos chegar à superfície.

– E aí?

– Aí vamos para as coordenadas que Aram nos deu.

– Com metade do Império na nossa cola!

– Eu não ligo pra essas circunstâncias, mana!

Ela pega o comunicador, desesperada por uma solução – mas não são os imperiais que ela chama. Em vez disso, ela direciona a comunicação para a *Halo*. Jas responde.

– Norra, eu acho que eles não estão interessados.

– Eu sei. Chame Sinjir.

O barulho de tecido se mexe, então a voz de Sinjir estala sobre o painel.

– Chamou?

– Preciso de uma coisa. Um código. Imperial. Emergência, ah, de alto escalão, alguma coisa, *qualquer coisa*, que nos leve até o planeta.

– Oh. Ah. Droga, já faz um tempo... oh! Diga a eles que é um triplo-9, 327. Esse é um código secreto de ordem de serviço.

Ela liga o comunicador de novo.

– Destróier estelar *Domínio*. Aqui é a *Condução*. Foi-me dito para tentar uma última vez, senhor. Estamos aqui a pedido da grã-almirante Rae Sloane e do conselheiro imperial Yupe Tashu. – É um louco tiro no escuro lançar dois nomes de pessoas poderosas, as quais ela pessoalmente encontrou, e esperar que esses nomes tenham poder suficiente. – Estamos aqui a serviço do Ferrolho de Ashmead, uma prisão que contém prisioneiros de alto valor. Prisioneiros atribuídos a esta prisão pelo próprio imperador.

Senhor. Temos uma ordem de serviço. Triplo-9, 327. – Ela repete. Mesmo enquanto fala as palavras, sabe quão pouca chance isso lhes dará. Então, o quê? Explodir seu caminho, aparentemente.

O que ela tem certeza é de que será uma sentença de morte.

– Esperem – vem a voz.

Han dá uma olhada para ela.

– Eles não vão cair nessa.

– Eu sei.

– Quando isso não acontecer, eu vou explodir um caminho para nós até o planeta.

– Eu sei disso também.

– Melhor afivelar o cinto, então. Estamos prestes a...

Estalo.

– *Condução*, aqui é o *Domínio*. Vocês têm permissão para pousar.

O ar que sai do peito de Norra a deixa tremendo.

– Você dizia, capitão Solo? Estamos prestes a quê?

– Não fique convencida, dona. Ninguém gosta de quem fica se pavoneando. Vamos para o planeta antes que eles mudem de ideia.

A chamada vem pela holotela no meio da reunião do Conselho das Sombras – Brendol Hux está na ponta da mesa gritando com Randd, o primeiro com bochechas vermelhas e uma veia latejando na testa, o segundo de pé, rígido como um mastro e parecendo um pouco entediado.

O dispositivo de Sloane acende com a chamada de um destróier estelar...

O *Domínio*, no sistema de Kashyyyk.

– Se me dão licença – ela pede, e os homens param e lhe lançam olhares zombeteiros e irritados. Idiotas. Ela sai da sala para um dos corredores austeros da *Dilacerador* e atende a chamada.

Na tela, o contra-almirante Urian Orlan aparece. Ele é um homenzinho de cara plastificada e com um nariz aquilino. Ela nunca gostou muito dele. Era um comandante hesitante, um dos mais fracos que conhecia, e ainda assim passou acelerado por ela nos anos anteriores – ironicamente recebendo o comando de um destróier estelar chamado *Domínio*. Orlan tem domínio sobre muito pouco além de seu cabelo, que é tão perfeitamente arranjado contra sua testa que ela suspeita que seja falso.

– Esta é uma chamada por educação – ele fala.

– Não educado o bastante para reconhecer a minha autoridade – ela diz. – Aqui, deixe-me ajudá-lo: *Saudações, grã-almirante Sloane. É meu mais distinto prazer estar falando com a senhora hoje.* Tente desse jeito, Urian.

Ele lambe os lábios e diz:

– Sim. Claro, grã-almirante. E é um prazer.

A verdade é que o G5-623 é um daqueles territórios imperiais que ainda não entraram na linha como o resto. Como Anoat, eles ainda estão contando o mito de que Palpatine está vivo e bem... que ele não é

meramente um fantasma demoníaco comandando o Império do além-túmulo, mas que escapou, por meios improváveis, até milagrosos, da Estrela da Morte em explosão. Eles permanecem bastante autossuficientes – tanto que este remanescente se escondeu ali, protegendo-se excessivamente da influência externa.

– O que foi, Urian?

– Eu estava me perguntando sobre a prisão.

– Que prisão seria essa?

– O Ferrolho de Ashmead. Aqui em G5-623.

– Não estou familiarizada com ela.

O nariz dele se contrai.

– Você está certa disso?

– Você acha que eu sou idiota ou mentirosa?

– Não, claro. É só que... temos duas naves. Nós as mandamos embora, mas elas insistiram que receberam um código de autorização de, bem, *você*.

– Descreva essas naves para mim.

Ele faz isso, enviando esquemas rudimentares para sua tela.

Dois cargueiros leves – um YT-1300 e um SS-54. O último é uma nave de combate erroneamente designada como um cargueiro. Aquilo não é para carregar partes.

Ela já lidou com duas naves desses modelos antes. É uma combinação incomum, improvável demais para ser uma coincidência.

Seria possível? A *Millennium Falcon* e a nave pertencente à caçadora de recompensas – a *Halo*, não é? Essa é a mesma tripulação que escapou das mãos dela em Akiva. A mesma tripulação, na verdade, que tem caçado imperiais, muitas vezes chegando até eles antes dela mesma. (Pelo menos Mercurial despachou aquele último bem debaixo do nariz deles.) E a *Falcon* pertence ao general Solo. Roubar da Nova República alguém como ele não é militarmente significativo, mas o dano que faria ao seu moral... contudo, também poderia provocá-los a uma luta para a qual eles ainda não estão prontos.

Seja qual for o caso, a incursão não pode continuar.

– Senhora? – almirante Orlan chama.

– Mandar um time para investigar – ela ordena. – Reporte quando tiver notícias.

Ele hesita. A cadeia de comando não é mais o que costumava ser. Orlan é um homem de mestres diferentes. Por que sequer chamá-la, então? Talvez para cair apenas o suficiente nas graças dela, caso ele seja forçado a fazer uma escolha.

– Vou precisar checar com o grão-moff Tolruck. Se ele aprovar...

– Diga a ele que *vai* aprovar ou vai receber uma visita minha.

– Sim. Sim, senhora. Claro, senhora.

E, então, o almirante Urian Orlan se vai.

Ela se vira...

E descobre que não está sozinha.

O almirante Rax se encontra lá. Silencioso como um espectro. Suas mãos enluvadas de preto estão unidas na frente do corpo.

– Tudo certo? – ele pergunta.

Ela poderia muito bem contar a ele. Ele provavelmente já sabe. Então Sloane cospe a história. O rosto dele não registra surpresa.

– Chame Orlan de volta – Rax ordena. – Diga a ele que nós *aprovamos* os reparos na prisão.

– Mas não fizemos isso.

– Não, mas estamos fazendo isso agora.

– Eu acredito que as duas naves pertençam a malfeitores conhecidos da Nova República... a tripulação de caçadores de imperiais que parece ter juntado forças com um dos heróis da Rebelião, o general Solo. Derrubá-los...

– ... é a luta errada.

– Como, exatamente?

Ele pousa uma mão gentil em seu ombro – embora pareça pesar mil quilogramas. Um leve toque que poderia esmagá-la. Apaziguante e condescendente, ainda por cima.

– Almirante Sloane, nós não queremos incitá-los para uma luta agora. Estamos prestes a fazer nosso ataque contra Chandrila. Não queremos dar qualquer sinal de que ele está chegando, então, sem ataques preventivos. Devemos parecer fracos. Eles devem estar inchados com excesso de confiança.

– Isso é errado.

– Confie em mim. Eu tenho tudo sob controle. O que me lembra: os instrumentos estão quase todos no lugar e a música foi escrita. É hora de executá-la. Chandrila deve cair, mas, primeiro, preciso de sua ajuda.

Ela hesita. Parece que está indo para a cama com uma víbora.

– Como?

– Tenho uma tarefa.

Ele conta a ela o que é.

E, quando o faz, ela não pode deixar de sentir que está sendo levada para outro teste – ou pior, uma armadilha.

– Será feito – ela afirma. – E vou me certificar de que o almirante Orlan saiba que nós, de fato, aprovamos o trabalho no G5-623.

– Muito bem – ele diz, estende-se para a frente e dá um beijo entre as sobrancelhas dela. Seus lábios estão frios. O corpo inteiro dela fica tenso enquanto ele executa o gesto, feito como se ele a estivesse abençoando, de alguma forma. Ela quer vomitar.

Quando ele se vai, ela realmente liga para Orlan.

Mas, então, ela faz outra chamada, porque *alguém* vai para o sistema Kashyyyk em seu lugar.

Rae não vai deixar essa oportunidade escapar – é o seu seguro de vida, e ela vai segurá-lo com todas

as forças.



CAPÍTULO

23

Jas tem um mau pressentimento a respeito disso.

Ela avança suavemente com a *Halo*, seguindo o caminho estabelecido pela *Falcon* logo à frente. É noite, mas, mesmo no escuro, é fácil de ver:

Este planeta está doente.

As árvores aqui são algumas das maiores que ela já viu. Maiores do que alguns dos complexos de arranha-céus de Coruscant. Mas as árvores estão mortas. Seus troncos maciços se estilhaçam, e nessas fissuras brilha a bioluminescência caleidoscópica de esporos e fungos, pintando as árvores em um brilho doente. Os ramos são coisas esqueléticas, estendendo-se para o céu como que para arrastar as estrelas para o chão e enterrá-las em um túmulo.

A *Falcon* passa através desses ramos secos e decrepitos. A *Halo* segue de perto. É Jom que diz:

– Não há nada aqui. Nada e ninguém.

Ele tem razão. Nenhuma outra nave. Nenhuma luz sob os dosséis mortos. Apenas aquele fulgor contaminado e nauseante.

Os outros se reúnem atrás dela na cabine. Ela grunhe para eles se afastarem, mas, claro, ninguém escuta.

Todos estão ocupados demais ficando boquiabertos.

Onde estão os Wookiees? Os imperiais? Qualquer coisa?

Esta é apenas uma parte do planeta, ela sabe – e Kashyyyk é um mundo grande. Tem *idades*. Isto está longe de qualquer uma dessas cidades, de acordo com os mapas dela (reconhecidamente desatualizados), mas mesmo assim...

Isto é onde eles deveriam estar, e é um lugar sem vida. Como está o resto do mundo?

– Ali – Temmin indica, apontando por cima do ombro dela. Ela afasta a mão dele, mas segue seu dedo.

Jas mal consegue distinguir, mas então, na superfície, consegue ver a forma vaga de algo grande. Uma estrutura. *O Ferrolho de Ashmead*. Deve ser. As coordenadas de Aram estão certas, então.

Solo e Norra devem ter visto, também, porque a *Falcon* arremete para baixo. Jas vira os motores da nave de combate para a vertical, fazendo-a flutuar.

À medida que descem, passam por plataformas tortuosas e quebradas e estruturas podres mal

penduradas ao lado das árvores. Jas liga um holofote de banda estreita para que eles possam ver o que estão olhando. Adiante, um velho lugar de posicionamento de armas: uma lançadora de raios enorme está dependurada de sua amarração, balançando delicadamente das videiras emaranhadas. É uma arma Wookiee. Como uma balestra, mas grande o suficiente para derrubar um transporte ou uma nave pequena.

Depois, passam por outra estrutura – não grande o bastante para ser uma casa. Uma estação de guarda, talvez. Ela está agarrada à árvore, amarrada lá com uma corda desgastada. Há um cadáver pendurado do lado de fora da porta. Uma carcaça seca, o cabelo esturricado como cerdas de vassoura. Basicamente uma pele presa a ossos. *Um Wookiee morto*, ela pensa.

Uma arma ainda pendurada em sua alça de ombro.

O chão está muito distante. Eles veem estruturas mais dilapidadas. Mais corpos. Mais podridão e mais ruínas.

E então o chão sobe para encontrá-los. *A Falcon* encontra uma plataforma apropriada para pousar – um pilar de concreto saindo de um emaranhado de espinhos retorcidos. Jas encontra uma mancha clara de terra e acomoda a *Halo*. Os motores queimam e explodem alguns dos arbustos selvagens.

Adiante, a cerca de um quarto de quilômetro, está a prisão.

Ou, melhor, a *nave* prisão.

Parece que o que Aram lhes disse é verdade: o Ferrolho de Ashmead não é uma prisão que ele construiu. É uma nave prisão dos tempos da Velha República. Uma nave administrada por algum império inimigo – adversário da República, ele dissera. Os Predori, ele os chamou. Quem quer que fossem, não existiam mais.

A nave já abrigou prisioneiros da Velha República e se alojou no centro de um enorme poço gravitacional – que forma melhor de evitar que os prisioneiros escapem do que os colocar em uma nave capaz de resistir à força esmagadora e implosiva de uma depressão gravitacional? Fácil de entrar. Impossível de escapar. Mas, um dia, tudo desmoronou. Aram disse que o poço deve ter desmoronado, enviando a nave em um mergulho para o mundo abaixo.

E ela caiu na superfície de Kashyyyk, onde ficou por centenas, talvez milhares de anos. Os Wookiees acreditavam que era amaldiçoada: um lugar assombrado por espíritos ruins. Eles proibiram qualquer um de ir até lá. Ficaram vigiando caso alguma coisa saísse de lá.

E então, um dia, o Império veio.

Os imperiais não tiveram medo do artefato e ficaram mais do que felizes em remodelar a velha nave para realizar sua tarefa mais uma vez – e quem melhor para transformá-la em uma prisão secreta do que Golas Aram?

A nave prisão está a distância, iluminada com uma única luz no topo: um cristal azul cintilante, banhando tudo em uma radiação misteriosa. Combina com o brilho fúngico que vem de cima e serve bem para agitar ainda mais o sentimento séptico, revirando o estômago de Jas.

Todos eles saem da *Halo*. Abaixo, o solo está duro, seco e rachado – a vegetação rasteira é frágil, quebrando como ossinhos enquanto andam.

Eles se reúnem atrás dos troncos de uma das árvores gigantescas.

– É aqui – Solo indica.

– Parece que não tem ninguém em casa – Norra diz. – Você tem certeza de que Chewbacca está neste lugar?

Ele franze o cenho.

– Tem que estar. Todos os registros apontam para cá.

– Podemos todos chegar ao desconfortável acordo de que é muito provável que seja uma armadilha? –

Sinjir indaga. – Quer dizer, os registros “apontam para cá”... uma velha nave fantasma abandonada em um pedaço obliterado de floresta. Isso me diz que estamos prestes a meter o pé em uma armadilha mal escondida. Né? Alô?

– Isso *não* é uma armadilha – Solo grunhe. – Não pode ser. Chewie está lá. Posso *sentir*. O Império não está organizado o bastante para armar um... embuste como esse. E se eles nos quisessem mortos ou presos, poderiam ter feito isso antes de descermos até a superfície. Nós vamos entrar.

Jas hesita.

– Não acho que devemos.

– Então fique aqui fora. Eu não me importo. Vou entrar.

Com isso, Solo sai de trás da árvore e começa sua marcha em direção à prisão. Ele baixa a cabeça e avança com a arma de raios na mão.

– Norra – Jas chama. – Tem algo acontecendo, e ele está cego.

– Eu sei, mas ele precisa da nossa ajuda. – Norra suspira. – Temmin, você e Ossudo ficam aqui fora...

– Opa, qual é, queremos participar da ação!

– Não, não querem. A ação pode surgir na nossa cola enquanto estivermos lá, e se isso acontecer, você estará na nossa retaguarda.

Ele revira os olhos.

– *Certo*.

– O resto de nós vai com Solo. Mas fiquem espertos. Não sei o que esperamos encontrar aqui. Aram disse que a prisão foi automatizada... porém, que tinha mecanismos de defesa. Felizmente, seus códigos supostamente servem para nos fazer *passar* por esses mecanismos. Cruzem os dedos, apêndices e tentáculos. – Norra saca sua arma de raios. – Vamos entrar.

É Ossudo que abre a porta. Uma das garras em sua mão vira para trás, e um adaptador de datalink emerge. Ele cantarola para si mesmo enquanto o enfia na porta – o mecanismo de interface gira para a direita, depois para a esquerda e em seguida faz um barulho, dando toda a volta enquanto o droide de combate B1 carrega o código.

Funciona. A porta desliza para abrir.

Norra se dirige ao filho:

– Fique aqui. Use o comunicador se precisar de nós.

Temmin quer ir. Ele é bom nesse tipo de coisa. Ficar aqui vai ser chato. (E, embora ele não admita em voz alta, assustador.)

Mas decide obedecer. Ele está aprendendo a confiar na mãe.

Ele dá um aceno relutante, e então os outros entram enquanto ele e Ossudo esperam na porta.

O droide balança para a frente e para trás, gingando a alguma melodia imperceptível. Suas garras fazem cliques contra as pernas esqueléticas, criando uma batida errática. Temmin o silencia.

– Temos que ficar quietos, Ossudo.

– ENTENDIDO, MESTRE TEMMIN.

– Apenas... fique de olhos abertos.

– CERTO.

– E fique pronto para qualquer coisa.

– PRONTO PARA EVISCERAR QUALQUER COISA.

– Não foi exatamente o que eu disse. – Ele dá de ombros. – Mas perto o bastante.

Do lado de dentro: escuridão. Completa e total. Norra não consegue ver Solo na frente dela, não consegue ver os outros atrás de si. Como poderia uma prisão como esta ficar aqui no escuro por tanto...

Clique. Clique. Clique.

Uma a uma, as luzes se acendem em cascata por um longo corredor, luminária por luminária. O brilho lava tudo, e Norra estremece. Conforme seus olhos se ajustam, ela começa a distinguir o leiaute da nave. O corredor à frente. Dois conjuntos de escadas subindo de cada lado. Passarelas de metal acima, cada uma iluminada por linhas de luz vermelha. Além delas, acima, janelas de vigia brilhando em azul.

Tudo é brilhante e cromado. Paredes como espelhos pretos.

Han pisca, então levanta uma sobrancelha.

– Certo. Estamos dentro. – Ele mantém a voz baixa. – Nós vamos nos separar. Eu e a caçadora de recompensas vamos ficar neste andar. Norra, você pega o imperial e o cara novo...

– Ei – Jom protesta. Jas ri.

– ... e vão para os andares de cima. Estamos procurando por... não sei o quê. A ponte de comando. Uma estação de controle. Acima de tudo, estamos procurando por Chewie e os outros prisioneiros que o Império tomou naquele dia. Está claro?

– Claro como o dia – Norra diz.

– Então vamos. – Han e Jas se afastam sorrateiramente, ficando no nível mais baixo. Sinjir e Jom seguem atrás de Norra enquanto eles vão para o segundo andar.

Norra mantém a arma de raios sacada, mas não apontada para nada, e o dedo na guarda, não no gatilho. Wedge gostava de dar a todos palestras sobre a *disciplina de gatilho*, o que significa não colocar o dedo sobre o gatilho até estar pronto para apertá-lo.

Wedge.

Ela sente falta dele.

Ela compreende a escolha dele de não vir junto. Ele é um piloto da Nova República. Tem suas lealdades. No entanto, ela está zangada com ele também. Porque ele é parte disso. Deveria ter feito como ela fez e seguir seu coração...

Oh, isso é absurdo, não é? Ela se repreende pelo pensamento. Seguir o coração para onde? Para uma nave prisão em um planeta escravizado?

Talvez Wedge tenha tido a ideia certa, afinal.

Quando chegam ao segundo andar, o silêncio da nave é subitamente quebrado.

Uma voz vem pelos alto-falantes, enchendo a nave inteira com sua presença crescente, uma voz que vacila entre masculina e feminina enquanto percorre uma série de línguas balbuciadas. Norra reconhece algumas, como ithorês, gand e huttês, mas não todas. A voz passa por todas elas, quase como se estivesse se calibrando...

Então começa a falar em uma língua que todos compreendem.

– *Formas de vida: 80% humanas, 20% Zabrak. Sintonizando para língua básica. Saudações, invasores! Esta é a nave prisão predori Ferrolho de Ashmead. Sou a UPI da nave, ou Unidade de Processamento Intelectual, atribuição COS-MUBG: Camada Operacional Sintetizada, Matriz de Unidade Baseada em Grade. Bem-vindos à minha nave. Por favor, falem a senha em voz alta para continuar.*

Sinjir quase ri.

– O que ela disse?

– *“O que ela disse?” não é uma senha aceitável. Uma das três tentativas usada. Por favor, falem a senha em voz alta para continuar.*

Norra coloca um dedo sobre os lábios para pedir silêncio a Sinjir e Jom antes que eles digam alguma outra coisa. Qualquer que seja a senha, Aram nunca a forneceu. Isso significa que ele armou para eles. Porque é *claro* que fez isso. Droga! Por que o sistema acionou tão tarde? Por que não logo quando entraram? Um pensamento sombrio entra em sua mente: *É melhor nos aprisionar aqui dentro.*

Ela começa a sinalizar para que eles deem meia-volta e desçam pelos degraus. Melhor sair agora e reformular o plano.

Mas então o computador – agora em uma voz feminina – diz:

– *“O que diabo é isso?” não é uma senha aceitável. Duas das três tentativas usadas. Por favor, falem a senha em voz alta para continuar.*

Quem? Como?

Solo.

Droga! Ela mexe a boca sem emitir nenhum som para mandar que eles se *movam*, e eles começam a descer as escadas...

Uma voz soa de algum lugar abaixo. Solo de novo.

– Me devolva o maldito Wookiee, seu computador louco!

É claro que a resposta da COS-MUBG é:

– “Me devolva o maldito Wookiee, seu computador louco!” não é uma senha aceitável. Três de três tentativas usadas. Senha falhou. Sistema movendo para bloqueio. Por favor, fiquem imóveis para incorporação.

Bloqueio? Incorporação?

Isso não parece nem um pouco bom, não é? Norra balança os braços, apressando os outros...

A nave começa a ressoar: um rosnado baixo e mecanizado acompanhado por um gemido agudo que perfura profundamente sua orelha.

Acima e ao lado deles, os espelhos pretos começam a deslizar para trás com um zumbido. De cada câmara recém-exposta emerge um par de droides. Seus rostos são espelhos polidos – não pretos como a parede, mas de um bronze polido. Os braços dos droides são configurados como espinhas esqueléticas: inúmeras articulações que permitem que os membros hiperflexíveis se arrastem atrás deles como tentáculos. Eles se inclinam para a frente com a marcha predatória de uma fera faminta, pés clicando enquanto começam a andar em direção a Norra e os outros. Ela já escuta a arma de raios de Solo e a arma de fogo da caçadora de recompensas – e dispara a sua própria arma.

– Corram! – ela grita.

Mas, lá embaixo, mais droides estão correndo para cima para encontrá-los.

A saída está fechada e bloqueada. Então a caçadora de recompensas e o contrabandista seguem a única direção que podem: avançam correndo para as entranhas da nave prisão. Solo na frente, em disparada, a arma cuspidando raios. Jas dispara sua arma de fogo do quadril enquanto o segue. Adiante, droides balançam e se agitam, seus braços como chicotes estalando pelo ar...

Mas eles caem, um a um. Os disparos de Solo os derrubam pelas pernas. Os projéteis dela abrem buracos nas máscaras espelhadas e eles caem – cabeças chicoteiam para trás e vomitam faíscas, os seres máquinas batem forte contra o chão e derrapam até parar.

Um sai da parede e pula sobre o contrabandista...

A ponta do seu braço segmentado brilha.

Uma agulha, ela pensa. A coisa esfaqueia Solo no pescoço.

Não há tempo para fazer mais nada. Ela dispara. O projétil corta a extremidade do membro do atacante, soltando um spray quente de lascas de metal. Solo grita, levando a mão livre ao pescoço enquanto cambaleia contra a parede.

– Continue a se mover – ela sussurra no ouvido dele quando se aproxima por trás, empurrando-o para a frente.

– Você atirou em mim!

– Eu atirei *perto* de você.

A mão dele está molhada de vermelho.

À frente, mais droides – ele rosna e saca a segunda arma da cintura e salpica o corredor com luz abrasadora. Droides giram e soltam faíscas.

Eles seguem por uma passagem adjacente, e ela agarra o cotovelo dele.

– Ali!

Naquela direção: um espaço aberto e o que parece ser algum tipo de centro de comando.

Han Solo dispara mais alguns tiros e segue atrás dela.

Jas espera que os outros também tenham encontrado algum lugar seguro.

Eles estão em toda parte.

Norra está no chão, as costas contra o metal, a arma de raios levantada e disparando contra um droide que mergulha em sua direção. Seu tiro arranca a máscara sem rosto da coisa, expondo uma placa de circuito crepitante. O droide desmorona contra ela, os membros agitando-se inutilmente contra o metal – ela o rola e dispara mais dois tiros em seu crânio aberto. Ele para de se mover.

Jom está logo adiante, debatendo-se enquanto dois deles rastejam em cima dele, prendendo-o à parede, mesmo quando ele acerta um no crânio com a coronha do fuzil e chuta o segundo para longe. Outros dois rapidamente substituem os que caíram – um braço segmentado se enrola em torno da arma dele e a torce para fora de sua pegada.

Ele dá uma cabeçada na coisa em resposta.

Isso enche seu nariz de sangue. Seu crânio racha a máscara da coisa em duas.

Norra fica firme e dispara...

Ela ouve um clique-claque atrás dela logo que algo – um membro como um chicote – se enrola ao redor de seu pescoço e o aperta. Um som sai dela – *Gkkk!* –, e instantaneamente sua cabeça começa a pulsar enquanto o sangue se acumula e sua via aérea se fecha. Tudo parece estar escorrendo devagar; Jom cai quando um dos droides enfia uma agulha em seu pescoço; ela nem sequer vê Sinjir, mas, quando sua cabeça é puxada para trás, ela espia o ex-imperial lá, lá em cima, enquanto um droide rasteja pelas paredes, carregando Sinjir consigo em direção a um portal aberto que brilha em azul; então, uma agulha espeta o pescoço dela com uma estocada. Ela tenta gritar, mas não consegue...

Seu corpo fica fraco. É como se os membros dela não fossem mais seus, como se fossem só sacos de carne grampeados em seu torso. Ela tenta fazer algo, qualquer coisa, mas a arma de raios bate contra o chão e sua visão começa a manchar como graxa em uma janela. Ela começa a voar, saindo do chão e, por um momento, sente-se eufórica – *Estou escapando, estou voando* –; mas não é isso que está acontecendo. Eles a estão levando, exatamente como fizeram com Sinjir.

Para onde estão me levando?

O que eles farão comigo?

Socorro...

Alguém...

Qualquer um...

Ela engasga.

E a escuridão varre a luz de lado.

Senhor Ossudo está sentado de pernas cruzadas no chão em frente à porta. Ele está com seu vibropunhal sacado, e crepita e cospe enquanto serra uma vara, um corte após o outro, até ter um montinho de pedaços de pau de mesmo tamanho à sua frente. *Bzzt. Bzzt. Bzzt.*

Ele varre a pilha para longe, então pega outra vara para começar de novo.

– O que você está fazendo? – Temmin pergunta.

– CORTANDO COISAS.

– Por quê?

– EU GOSTO.

– Tá bom. – Ele dá de ombros.

O droide é esquisito. Ele sabe disso. Ele programou Ossudo para ser funcional, sim, mas também... independente, à sua maneira. O problema é que Temmin não é sofisticado o bastante para saber *exatamente* o que fez quando criou a matriz de personalidade de seu guarda-costas.

Então o que ele tem é... *isto*.

Que seja. Não é importante agora.

O que importa é:

– Eles ainda não saíram.

– ISSO É UMA VERDADE, MESTRE TEMMIN.

– Eles deveriam ter saído.

O droide se levanta subitamente, como se estivesse ansioso.

– SIM.

– O que significa que eles podem estar em perigo.

– EU GOSTO DO PERIGO, MESTRE TEMMIN. – A cabeça do droide de combate, parecida com a de um abutre, balança para a frente e para trás em seu eixo com pequenos zumbidos e tique-taques. Seus dentes irregulares brilham na penumbra. Há um tom ansioso na voz discordante de Ossudo.

– Se eles não saírem, talvez tenhamos que entrar.

– HAVERÁ VIOLÊNCIA?

– Se eles estiverem em perigo.

Os dedos de Ossudo estalam no ar.

– ENTÃO VAMOS TORCER PARA QUE ELES ESTEJAM EM PERIGO, DE FORMA QUE EU POSSA EXECUTAR UMA VIOLÊNCIA SIGNIFICATIVA. – Um dos dedos se vira para trás e um datalink emerge, sua ponta de fibra óptica brilhante. – POSSO ABRIR A PORTA AGORA?

Temmin estrala os dedos, subitamente nervoso.

– Sim, Ossudo. Pode abrir a porta.

Por favor, esteja bem, mãe. Antes, ele estava animado com a promessa de ação. Agora, porém, essa pontada de empolgação foi substituída por um rio de medo.

O mecanismo da porta é perfurado por um dos projéteis de Jas, e arcos estáticos de eletricidade saltam dele enquanto chia. Ela e Solo rastejam por baixo de um banco de computadores enquanto os droides tentam cortar a porta.

A sala em que estão é hexagonal. Está em um espaço aberto: uma área central maciça vista facilmente através das janelas arredondadas que os cercam. As janelas, felizmente, são de vidro à prova de raios; os droides continuam a martelar contra elas com seus braços como chicotes, mas até agora isso só serviu para arranhar a superfície. A porta, entretanto? Eles passarão por ela em breve.

Os computadores não são como nada que ela já tenha visto: sem teclados, apenas uma bolha convexa lisa na frente de uma holotela verde. Quando as mãos de Solo se movem sobre a bolha, o monitor voa de tela em tela. Nenhuma delas em língua básica. Nenhuma delas fazendo sentido para eles.

– Eu... eu não sei para o que estou olhando – Solo admite, exasperado. – Sou um contrabandista, não um maldito slicer. Isso é algum tipo de... linguagem de máquina, talvez, ou algo velho, realmente velho. – Ele ruge em frustração, soando não muito diferente do seu copiloto Wookiee, e bate o punho sobre os controles. – Maldito seja!

Seu pescoço ainda está sangrando, mas não jorrando – graças às estrelas por pequenos favores, certo?

A porta emite um som quando se levanta alguns centímetros do chão. Braços segmentados de droides deslizam pelo espaço, chicoteando como serpentes agitadas antes de pararem para forçar a abertura. A porta geme e sobe mais alguns centímetros. Jas diz:

– Eles vão entrar.

Ela se inclina no banco de computadores.

Bang. Bang.

Dois tiros em rápida sucessão, e os braços se separam em vértebras de metal que giram e deslizam pelo chão metálico.

Através da janela, ela vê dúzias de máscaras espelhadas encarando-os agora – implacáveis e sem emoção. Como zangões. Eles pararam de bater na janela. Agora estão apenas esperando.

De acima deles vem a voz do COS-MUBG, a inteligência da nave...

– *COS-MUBG os convida a baixar as armas. Vocês serão interceptados e mantidos em estase até que seu propósito aqui possa ser determinado.* – A coisa repete a frase em Zabraki: – *COS-MUBG thisska chu hai gannomari. Chu tai captak azza kan chutari geist fata-yith-ga.*

– Computador! – Han late. – Devolva meu amigo, Chewbacca, ou eu vou arrancar sua UPI do seu buraco de cérebro e atirá-la em um motor! Pode acreditar!

– *COS-MUBG possui uma grande variedade de prisioneiros, todos eles mantidos em estase eterna. Convidamos vocês para se juntar a eles.* – Isso, também, ela repete em Zabraki.

Solo se ergue e dispara a arma de raios contra o computador. Ele descasca como uma flor de metal, começando um pequeno incêndio elétrico.

– Poderíamos ter usado isso – Jas diz.

– Fique à vontade. Eu fiz umas melhorias.

A porta levanta mais uma dúzia de centímetros. Rostos espelhados agora olham através dessa abertura, reluzindo. Um deles luta para enfiar a cabeça debaixo da porta. Jas cerra os dentes e alinha outro tiro...

De repente, o droide em sua mira se agita. Sua máscara espelhada vibra e cai conforme um vibropunhal fervendo divide em dois o crânio da máquina. Cinzas chovem antes de o droide desligar.

Jas abaixa o rifle.

Poderia ser?

Lá fora, pela janela, os droides espelhados notaram a derrota de seu companheiro. Mas eles são lentos demais.

Dois vibropunhais brilhantes giram pelo ar conforme Senhor Ossudo dança através dos droides, fazendo piruetas – crânios espelhados se soltam como fossem alvos de uma criança arrancando a cabeça de insetos.

– Aquele é quem eu penso que é? – Solo pergunta.

– É.

– Aquela coisa é aterrorizante.

– Apenas fique feliz que ela está do nosso lado.

Os droides espelhados se movem até Ossudo, enrolando os braços nele. Ele mergulha e salta, cortando partes de membros, pedacinho por pedacinho, com suas lâminas.

– A porta – Solo indica. – Vamos abri-la enquanto temos uma chance.

Ela assente...

Mas a porta ainda está se abrindo por vontade própria. Ela sobe mais alguns centímetros – o que é suficiente para alguém deslizar por baixo. Jas faz pontaria, mas Solo bate no cano do rifle e empurra-o para o chão.

– Opa, espere aí, Emari. Veja.

É Temmin. Ele sorri timidamente, o cabelo colado à testa suada.

– Ei, pessoal. Precisam de ajuda?

Visões impossíveis.

Norra está à deriva, entrando e saindo da consciência, sua respiração um chiado. Ela se sente solta, desarmada, completamente desconectada do mundo. Ela flutua através de um quarto escuro. Ouve uma canção tocada em um valacordeon. Brentin está em casa. Relâmpagos brilham em janelas que não estavam lá momentos antes, e ela vê as máscaras dos stormtroopers encarando-os; Temmin está chorando, Brentin grita e os imperiais derrubam a porta e os levam para longe. O lado de fora não é o lado de fora. O lado de fora é o lado de dentro: os conduítes emaranhados e tubulações do interior da estação de batalha da Estrela da Morte. Cabos de força e linhas de energia brilham em vermelho, e agora ela está de novo em seu Y-wing e se vira para disparar por uma passagem, a fim de levar os TIEs para longe da *Falcon*; mas o manche está invertido e ela puxa para a direita, só que o caça vai para a esquerda – a nave dela se atraca na *Falcon*, levando as duas por uma espiral descendente. Ela vê o cargueiro bater em um

poste gigante de concreto e aço e dissolver em uma bola de fogo e detritos.

Então seus olhos se abrem – arregalados em um paroxismo de medo.

Ela está sendo levada. Uma máscara espelhada a observa. Ela começa a lutar, mas os braços segmentados a seguram em um aperto firme.

Sua cabeça se vira para procurar algo, qualquer coisa que possa ajudá-la. E ela vê as janelas circulares voltadas para câmaras fechadas. Casulos esculpidos nas paredes. É difícil ver lá de baixo – mas essas eram as luzes azuis que eles tinham visto nas janelas. Ela vê rostos passarem por ela. Uma Rodiana. Uma mulher que ela não reconhece. Sinjir! Oh, deuses, não, Sinjir – os olhos fechados, a boca frouxa, um tubo serpenteando e empurrando seu nariz para cima...

Em seguida, algo a espeta no lado do pescoço novamente.

Um rubor de fadiga lava-a, esvaziando todo o resto.

Eles a carregam em direção a um aposento vazio.

E ela vê mais um rosto quando passa... é ele. É Brentin. Olhando para fora por trás da janela. Seus olhos estão abertos. Sua boca está trabalhando silenciosamente em um grito. Mas ela pode ouvir a voz dele em sua cabeça: *Por que você nunca foi atrás de mim, Norra? Você nunca procurou. Nunca veio. Mas agora você está aqui para se juntar a mim finalmente...*

Fora das janelas da câmara de controle, Ossudo está sitiado. Os droides o estão acossando, capturando seus membros antes que possa golpear. Um dos braços fecha-se ao redor do pescoço dele, levantando o B1 – Temmin observa enquanto Ossudo é erguido para cima, prestes a ter sua espinha arrancada.

Mas então Ossudo lança o corpo para cima, chutando com as duas pernas – aqueles pés miseráveis afundando garras nas máscaras de dois droides. Com um movimento de tesoura, Ossudo bate as cabeças dos dois. O chicote larga seu pescoço e Ossudo cai no chão, agachado, mas logo é acossado de novo.

Ele não tem muito tempo.

Temmin precisa ser rápido.

– Garoto, espero que você tenha algum tipo de ideia – Solo diz. – Caso contrário, você está preso neste aquário com a gente.

– Eu... com certeza, sim. – Ele não tem a *menor* ideia. Eles podem ver isso. Ele não teve tempo! Lá fora, Ossudo grita um som mecanizado...

Um de seus braços bate contra a janela. Separado de seu corpo.

Pense, pense, pense!

Ele não consegue pensar. Tudo o que consegue fazer é entrar em pânico. Ele não consegue fazer isso. Seu droide está sendo rasgado diante de seus olhos. Sua mãe não está aqui. Ele está preso nesta... sala e não tem força para mudar nada.

Espere.

A força.

Força.

Essa foi a chave para o complexo de Aram, não foi? Cortar a força. Como este lugar é abastecido? Do lado de fora? Se for...

– Digo para sairmos daqui atirando – Jas propõe.

– Eu apoio essa ideia – Solo concorda.

– Esperem! – Temmin exclama. – Esperem. Vejam-vejam-vejam.

Ele aponta a janela, estalando os dedos – lá, do lado mais distante da sala, aninhado na junta da parede e subindo ao longo dos beirados, está um feixe grosso de cabos. Conforme sobem, esses cabos se separam do feixe e se espalham como os ramos de uma árvore, levando a uma série de casulos alinhados no teto, casulos que...

Oh, não. Esses casulos contêm *peessoas*. Rostos olham de volta para eles. Distantes, mas claramente são rostos, agora que ele está olhando direito.

Aqueles são os prisioneiros.

Jas fala antes de todo mundo:

– Eles estão alimentando a nave com os prisioneiros. Eles os colocam em estase e eles se tornam... *geradores*.

– Droides gonk humanos – Solo diz. – Nojento.

E genial, Temmin pensa.

– Qual de vocês dois tem a melhor mira?

Jas e Solo levantam a mão ao mesmo tempo.

– *Aygir-dyski* – Jas amaldiçoa com uma careta. – Eu tenho.

Han acena para dispensá-la.

– Vai sonhando, querida. Eu sou o atirador aqui. Diabos, talvez *eu* tenha a Força. Eu deveria pedir para o Luke checar.

– Deixem pra lá – Temmin diz. – Vocês dois, atirem naquele cabo. *Agora*.

É como afundar em água escura. Norra não consegue respirar. Pânico mastiga dentro dela como um parasita. Ela se sente instalada em algum tipo de cama. Há uma sensação de cócegas em sua mandíbula, em seu rosto, em direção ao nariz. Na frente dela vem o assobio de uma porta se fechando...

É o meu túmulo sendo fechado.

Pensamentos perseguem uns aos outros em sua mente como ratos famintos.

Temmin. Brentin. Leia e o filho. Solo, Jas, todo mundo, qualquer um. Eu os estou desapontando.

Ela se lembra de um jogo de quando era criança, um joguinho portátil em que você saía em aventuras e tinha que escolher para onde ir em seguida – lutar contra o monstro ou correr dele, passar pelo pântano ou atravessar a floresta, escolher uma arma de raios ou uma faca sônica, ser um piloto ou um pirata... e agora ela percebe que a vida é exatamente assim. Apenas uma série de escolhas. Às vezes você faz as certas e alcança o final bom para a aventura. Outras vezes, você é comido por um rancor no escuro.

Ela nunca jogou direito esses jogos.

Talvez também não tenha jogado direito a sua vida.

Então, no meio da escuridão, um som.

Não. Uma voz.

A voz é distorcida e mecanizada...

Ela conhece essa voz. Pertence a um droide de combate B1.

Criação do *filho* dela – uma monstruosidade robótica remendada que vai proteger seu filho até sua obliteração total. Assim como ela faria. Assim como ela precisa fazer agora porque... Temmin está aqui, não é?

Ela não pôde salvar Brentin. Mas pode salvar o filho.

Ela luta através da água escura em sua própria mente afogada, nadando nesta camada séptica de arrependimento e medo, e obriga alguma parte dela, *qualquer parte dela*, a despertar, se *mover*. Sua mão se contrai e, então, o braço segue – sem sequer saber o que está fazendo, ela agarra a porta do casulo antes que se feche sobre ela. Ela força os olhos a se abrirem, um ato que é muito mais épico do que deveria ser – mas ela consegue assim mesmo. Sua outra mão voa para o rosto, onde agarra o tubo serpenteando em direção à narina e o arranca.

A voz da nave corta pelo ar...

– *COS-MUBG identificou uma perigosa linha de ação e pede que você se abstenha de mais violência contra o Ferrolho de Ashmead. Por favor, deite-se no chão agora com as mãos ao seu lado. Obrigado pela sua compreensão.*

Então ela repete o aviso num idioma que Norra não entende, nem se importa em tentar entender. Tudo em que ela consegue pensar é encontrar a matriz processadora dessa UPI e esvaziar a arma de raios nela.

Norra luta para sair de sua cela, forçando a porta um pouco mais...

Um dos droides espelhados aparece. Seu braço tem outra agulha na ponta, e ele mergulha em direção a ela.

Norra desvia para o lado, e a agulha perfura a almofada logo atrás de si. Então ela rosna uma palavra:

– *Não!* – E salta.

Ela ataca o droide. Despreparado, ele se atrapalha para se manter agarrado ao casulo, mas se desequilibra e os braços pegam apenas o ar enquanto os dois caem.

Norra estremece, o ar correndo a sua volta. Ela gira para que o droide fique abaixo dela – e bem a tempo, também, pois ele bate na grade em uma das escadas. As costas do droide estalam como uma árvore quebrando ao meio, e no instante seguinte ela e o droide quebrado estão caindo pelos degraus, rolando e rolando até que...

Bam. Eles batem no chão. O ar explode para fora de seus pulmões, deixando-a ofegante. O droide sob ela se torce e contorce, a cabeça dobrada em um ângulo de noventa graus. Norra tenta se levantar...

Dor a perfura no lado do corpo, e ela desmorona.

Ela fica deitada de costas, segurando o torso. O mundo floresce em torno dela em sons claros e abafados. Ela ouve seu filho gritando... e então disparos de uma arma de raios e projéteis rasgam o ar

por cima dela. Um droide desce sobre ela, seus braços como chicotes rasgando no ar – e é subitamente derrubado por Ossudo. Ossudo, que está sem um braço e com uma perna dobrada em um ângulo engraçado. Ossudo, cujo lado está furado e amassado como uma lata chutada. O droide B1 tenta dizer algo, mas o som sai como um grito ininteligível. Acima de todos eles, COS-MUBG narra um aviso constante para que parem, do contrário serão destruídos.

Em seguida vem um clarão de luz – e um crepitar de pequenos relâmpagos enche o ar acima dela. Norra descansa a cabeça e, mais uma vez, tudo fica escuro. No entanto...

Ela está acordada.

Ela não está no escuro. A *nave* que está...

A força foi cortada.

Temmin pega a mão dela.

– Estou aqui, mãe, estou aqui.

E, com isso, o Ferrolho de Ashmead morre e COS-MUBG se cala.

Interlúdio:
A cidade de Binjai-tin, Nag Ubdur

As torres irregulares de campanário das casas de Ubdurian estão quebradas. Corpos jazem sob elas, esmagados, atirados, perfurados. Dezenas deles. O fedor no ar é forte. Asas-podres formam nuvens difusas acima dos cadáveres – os insetos zumbem com uma fome sem fim.

Tracene Kane puxa o pano branco sobre a boca. As narinas dela estão cobertas por areia salgada; o comandante Norwich disse que isso ajudaria a impedir que o cheiro a alcançasse, mas, embora tenha diminuído consideravelmente, ela ainda sente o fedor empoado e podre dos mortos.

Ela levanta um dedo e chama Lug para perto. O Trandoshano aproxima-se com passos pesados. Nada disso parece incomodá-lo. Ele gosta de contar a ela sobre a vida entre o seu povo: caçar, matar e deleitar-se com a morte. Ele não é assim, não é como os outros reptilianos, mas isso ainda fazia parte de sua infância.

– Onde você quer a câmera, chefe?

– Bem aqui – ela diz, segurando o pano contra o rosto. – Coloque aquela parede caída no enquadramento.

Tem uma forma dinâmica: a torre quebrada, a parede partida bem no lugar certo e um corpo caído sobre ela.

Lug grunhe um comando para o droide câmera – é um modelo atualizado, robusto e resistente em combate. O pequeno droide flutuante com um olho telescópico cantarola, pulsando flashes, uma vez que é preciso uma série de fotos para enquadrar o holograma. *Foomp, foomp, foomp*. Ele balbucia e solta bipes.

– Vou pegar Norwich – Lug fala.

– Não – Tracene diz, balançando a cabeça. – Pegue alguém mais... comum. Precisamos vender isso para o cidadão comum, o que significa colocar o cidadão comum na câmera. Pegue um soldado, um raso, um bucha. – Enquanto o grande reptiliano grunhe e começa a se virar, ela o pega pelo braço. – Como está o meu cabelo?

– Sei lá. Cabeludo?

– Estou tentando deixá-lo com um *frizz de combate*, mas ainda assim... arrumadinho, sabe? Uma ordem no caos. Um cabelo bagunçado bem organizado.

– Claro?

Ela revira os olhos.

– Obrigada, Lug.

– De nada, Trace.

Ele pisca um dos olhos – um gesto enervante, como se uma membrana similar a uma pestana deslizasse lateralmente sobre o globo ocular. É para ser uma brincadeira, mas só parece monstruoso. Ele se afasta.

As coisas mudaram para ela nos últimos meses. Tracene saiu da plataforma confortável de mundos seguros para a galáxia – a guerra entre a República e o Império ficou quente. A Nova República continua empurrando o Império, e o Império torna-se mais e mais desesperado, como um animal feroz encurralado. Além disso, a ordem da HoloNet mudou: agora que o controle imperial sobre o que pode ser transmitido se quebrou, a rede está livre para mostrar a *verdadeira* história, livre para entrar no meio da luta e revelar a verdade.

Tracene dissera que ela precisava estar na linha de frente.

Então, por todos os deuses e todas as estrelas, eles a colocaram na linha de frente. Agora ela e Lug estão ali, no meio da guerra.

Nag Ubdur fica na Orla Exterior – lar dos nativos Ubdurianos, além dos refugiados transplantados Keldars e Artiodacs – e tem sofrido uma retaliação brutal do Império. Provavelmente porque o solo de Nag Ubdur é salpicado com zersium, um minério essencial para a fabricação de hiperço. O Império tem minerado este mundo até o centro e ainda continua encontrando o minério. Sendo assim, não está disposto a desistir – então mordeu com força e não quer soltar.

Norwich disse que suspeitava que as forças ali não estivessem de fato sob o comando de ninguém além do que existia no sistema Ubdur: o que significava que estavam cortadas do Império em si. Seriam, então, outro pedaço rebelde remanescente do Império, dobrado em si mesmo, tomando o controle e esperando apoio ou esculpindo seus próprios pequenos feudos loucos.

Assim, os imperiais aqui ficaram cada vez mais descarados – impulsionados, ao que parece, por desespero e medo. O massacre em Binjai-Tin é apenas um exemplo. Eles chegaram e varreram a cidade como um fogo maldito, matando tudo em seu caminho. Isso não é o jeito do Império. O Império sempre foi conhecido por manter sua população em xeque – punir 10% para manter os outros 90% na linha. Não é o que acontece aqui. Isto está em outro nível: assassino e desonrado.

Agora, ela sabe que apenas a 10 quilômetros de distância, através das moitas e após os juncos, os imperiais se entrincheiraram. Eles cavaram ali. Têm andadores, TIEs, um novo entreposto. A luta está vindo. Talvez não hoje. Talvez não amanhã. Mas logo. E Tracene estará junto nessa jornada. Ela e Lug, filmando de forma que toda a galáxia possa ver a valente República contra o Império peçonhento.

Por falar no seu operador de câmera Trandoshano, Lug volta, trazendo um soldado da Nova República pelo braço. É algum jovem Kupohano de olhos arregalados: o couro de sua face cai em uma série de tranças, o capacete torto empurrando para a frente os tentáculos dos olhos. Ele parece perdido. Talvez até traumatizado.

– Qual é seu nome? – ela pergunta. Ele pisca para a câmera, depois para Lug, depois para ela. O

Kupohano tem a aparência de uma criança perdida. Ela dá uns tapinhas no braço dele. – Está tudo bem. Ainda não estamos diante da câmera. Você pode me falar qual é seu nome?

Ele diz:

– Rorith Khadur. Soldado da Nova República.

Sua voz é um grunhido trêmulo. Ele não está confortável. Mas terá que servir – o resto dos soldados está contando os mortos, criando uma triagem, construindo um acampamento. Mais mulheres e homens da República continuam chegando, e vão continuar ao longo das próximas horas, dada a longa fila fora do escudo-portão da cidade.

Sem aviso, ela levanta três dedos, então faz uma contagem regressiva – Lug bate os nós dos dedos contra o droide câmera, e seus olhos-lentes vão de vermelho para verde.

– E estamos no ar – ela diz.

O soldado parece confuso, mas então acena com a cabeça.

– Conte-nos a respeito de ontem, soldado Khadur – ela pede.

– Ontem – ele pisca. – Certo. Encontramos forças imperiais no cume Govneh... é como um deslocamento de placa, de onde saem protuberâncias do solo, e uns cristais altos crescem junto com elas, e os imperiais estavam... eles estavam esperando por nós. Eles vieram do nada. Foi intenso. Minha líder do esquadrão, Hachinka, tomou no pescoço um... um tiro de arma de raios e o sangue me acertou no rosto... – Ele precisa parar por um segundo. Ela o deixa. É um bom drama. O droide câmera também tem uma resolução suficientemente alta, que vai capturar e confirmar o que Khadur disse: no rosto dele, ela vê os respingos de sangue seco que pertenciam à sua líder. – Nós a tiramos de lá e ela ainda está aguentando. Perdemos muitos bons homens e mulheres, mas conseguimos. Nós tomamos o cume.

Ela levanta um dedo e, conforme o droide câmera vira em sua direção, ela o instrui:

– Marque isso. Segmento: “Captura do Cume Govneh”.

Ela já editou um pacote de cliques da noite passada – o droide câmera vai emendá-los automaticamente nesta entrevista e enviar para os servidores da HoloNet. Khadur parece confuso quanto ao que está acontecendo, mas ela apenas sorri da forma mais tranquilizante possível. Tracene dá ao droide um segundo enquanto ele passa por um catálogo de bipes, então continua.

– Soldado Khadur, você pode me dizer onde está e o que você acredita que aconteceu aqui?

A língua dele umidifica os lábios – emitindo um som áspero – e ele responde:

– Esta é uma cidade ubduriana. Uma cidade comercial. Binjai-Tin. A maioria da população é de Ubdurianos. O Império, eles vieram aqui e... – A voz dele falha. – Eles mataram todo mundo. Essas pessoas não eram soldados. Eles já estavam... sob controle, sabe? Não podiam portar armas de raios. Tinham que dar uma porcentagem de todos os ganhos para o Império. E o que eles conseguiram? Isso. Um *massacre*. – O soldado Kupohano abre suas muitas narinas.

Tracene nota que ele está à beira de um colapso. Não é culpa dele. Ela decide que isso é o suficiente – a filmagem vai falar por si só e qualquer outra coisa que ele tenha a dizer não vai chegar perto do impacto de como ele disse a última palavra. *Massacre*. Ela diz que ele pode ir e lhe agradece.

Quando ele começa a se afastar, Lug anda até o Kupohano e lhe dá um abraço desajeitado. Os Trandoshanos não são bons em demonstrar afeição – o “abraço” é rígido, desconfortável e tem todo o calor de um droide protocolar seduzindo um toco de árvore, mas ela supõe que o que vale é a intenção. Então Lug entrega ao homem um pequeno símbolo: um dente quebrado de um zlagfiend, que ela entende ser algum tipo de... predador infernal cheio de bocas? Lug matou um quando ele era menino, ainda caçando com o seu bando. Ele manteve os dentes, dos quais havia muitos. Lug diz para Khadur, como diz a todos os soldados com quem eles falam:

– Traz boa sorte. Pegue. Eu amarrei a um fio, assim você pode usá-lo em torno do pescoço ou pulso ou... Apenas aceite.

Khadur aquiesce, então aperta a mão de Lug antes de ir embora.

– É legal como você faz isso – ela afirma, um sorriso irônico no rosto.

Lug encolhe os ombros e oferece um rosnado sibilado.

– Mnuh. Já é bem difícil para eles. – Ele quase parece envergonhado com isso.

Ela ri.

– Certo. Temos que pegar um uplink no ponto mais alto. – Ela gesticula para uma torre de guilda. Está meio caída, mas mesmo quebrada ainda é bem alta. – Pegue o comunicador em feixe e coloque-o lá em cima.

– É bem alto.

– E você pode subir.

Outro sibilo de desapontamento.

– Tá bom, tá bom, sim.

Ele se vira e começa a andar – nenhuma pressa em seu passo, é claro, porque Lug tem duas velocidades: devagar e quase parando – e ela se volta para olhar os soldados se reunindo na praça da cidade. Montando tendas e geradores. Um droide gonk circula. Dois soldados emendam um par de cabos soltando uma chuva de eletricidade azul.

Então os olhos deles se voltam para o céu. Pânico registrado nos rostos.

Antes que ela possa se virar, Tracene ouve o som súbito...

Caças TIE. Motores gêmeos gritando.

Ela se vira para olhar – e lá vem uma dúzia deles emoldurados contra o céu roxo. Chegando, e chegando rápido. Tracene espera o óbvio: lasers atravessando a cidade, cavando sulcos no cascalho, rasgando através dos soldados e talvez mesmo dela, se não tiver sorte.

Mas não há lasers.

E ainda assim, os TIEs continuam a vir.

Ela se vira e grita para que todos voltem – eles estão montando armas e torres de artilharia, mas não importa. Tracene pega o droide câmera e o mete debaixo do braço, correndo como o diabo em direção a Lug. Gritando para ele correr também, agora, rápido, *vai, vai, vai...*

Bam. O primeiro TIE cai no solo a aproximadamente 150 metros dela. Ele acerta o muro que cerca a

praça central de Binjai-Tin, e uma bola de fogo maciça arrotada para o ar – pedras e escombros chovem em torno de Tracene e o chão treme, como se atacado por um terremoto.

É o primeiro, mas não é o último. Os caças estelares imperiais golpeiam a cidade sucessivamente. Suicidas. *Bam. Bam. Bam.* O chão treme tão forte que ela perde o apoio – o droide câmera cai, sua lente se racha. Ela ouve gritos e vê o espaço acima ficar nublado por uma névoa de ar superaquecido. Então ela fecha os olhos, suas orelhas apitando.

Aquilo continua – até que acaba.

Na escuridão atrás de seus olhos tudo o que ela pode fazer é pensar: *Quão desesperados eles devem estar para enviar esses pilotos em uma missão suicida?* Porque é isso que é. Caças TIE jogados na superfície? Cada um, uma arma em si?

Desgraçados.

Ela sente o gosto de terra e sangue. Tracene não tem ideia de quantos caças TIE atacaram e quanto tempo demorou. Com um gemido, ela ergue-se sobre os braços vacilantes. Por onde os soldados estavam entrando na praça há agora um interceptor TIE, esmagado no chão, crepitando com fogo e circuitos estourando. Corpos ao redor. Outros estão vivos, procurando cobertura, chorando ou se mobilizando no caso de tropas estarem vindo. Ela vê Khadur não muito longe, de pé no meio de tudo. Tonto e desnorteado. Falta um de seus braços. Arrancado, ao que parece, por um pedaço de detrito de um caça preso no chão ali próximo.

Ele acena para ela. Um gesto bem estranho.

Mas, em seu curto período de tempo na guerra, ela aprendeu que o trauma faz isto: deixa a pessoa girando como um peão.

Na mão de Khadur, há um dente pendurado em um cordão de couro.

Lug.

Ela se vira na direção do operador de câmera...

Não.

Não.

Onde ele se encontrava está um painel de asa de um dos TIEs. Dobrado e esmagado no chão. Tracene grita e corre em direção a ele – se alguém pode sobreviver a algo assim, é Lug. Os Trandoshanos são construídos como um vergalhão de aço envolto em armadura de placas. Certa vez, ela o viu bater com a cabeça em uma jukebox e a partir ao meio, porque não tocava a música que ele pediu. Não deixou sequer uma marca nele.

Mas ali ela vê um braço – o braço *dele* – esticado sobre a pedra quebrada. Ela vê seu rosto, também; a cabeça de Lug meio esmagada debaixo do metal. Tracene engatinha até ele, chamando pelo seu nome, e aquele nome se dissolve em seus lábios em um jorro borbulhante. Os olhos estão abertos, mas vazios. Sangue corre de sua boca. Ele se foi.

Ela chora por um tempo. Quanto tempo, ela não sabe. Tempo suficiente para que a noite comece a se infiltrar, como um ladrão. Alguém chega para ver se ela está bem, e ela o afasta com um golpe das unhas.

Eventualmente, ela se levanta e sente que a realidade fria se instala em suas veias. Então ela faz o que faz melhor: pega o droide câmera, bate nele algumas vezes até que esteja funcionando e o leva até o corpo de Lug.

Ela se agacha, liga a câmera e fala, esforçando-se para não chorar:

– Aqui é Tracene Kane, repórter da HoloNet alocada com o Trigésimo Primeiro da Nova República. E eu gostaria de falar sobre um amigo meu. Um amigo que o Império acabou de roubar de mim.



CAPÍTULO

24

O Ferrolho de Ashmead está morto.

Todas as câmeras, todas as conexões, ficam escuras em perfeita simultaneidade. A transmissão se foi.

A prisão está libertada.

O almirante Rax sorri.

Chegou a hora.

– Suas costelas – Jas diz a Norra. – Estão quebradas.

Norra luta para respirar.

– Eu vou ficar bem?

– Eventualmente. Não parece que perfuraram o pulmão... embora eu aposte que parece pra *ocê*. – Jas manifesta um raro sorriso. – Eu já passei por isso, Wexley, mais vezes do que posso contar. Você vai sobreviver.

Ao redor deles, luzes de bolso atravessam a escuridão do agora abandonado Ferrolho de Ashmead. Um por um, a tripulação resgata os prisioneiros de suas docas. São literalmente dezenas. Talvez até uma centena ou mais. Muitos estão vestidos com os uniformes da Aliança Rebelde – oficiais, pilotos e médicos dos dias anteriores à segunda Estrela da Morte. Alguns de antes de a primeira ter explodido graças ao garoto fazendeiro de Tatooine.

Os corpos passam por ela. Fracos e confusos. Todos recebem as mesmas instruções – vão para fora e esperem. Ah, e não se dispersem. Porque quem sabe o que espera lá fora, na temível floresta de Kashyyyk?

Norra grunhe, estremece e tenta ficar de pé.

– Sente-se – Jas manda.

– Você não é médica. Eu quero ajudar.

– Você pode ajudar se sentando.

– *Você* ficaria sentada?

Na penumbra, ela vê Jas dando de ombros.

– Não.

– Nem eu. Então me ajude.

A caçadora de recompensas faz o que ela pede.

Por toda parte, sombras de carcaças de droides as rodeiam. Uma vez que a força foi desligada, todos caíram como marionetes okari com os fios de dança cortados. Um colapso barulhento.

– Já achamos Sinjir e Jom? – Norra pergunta.

– Jom está lá fora, ajudando a organizar as pessoas. Sinjir nós não...

De algum lugar na escuridão, uma voz muito familiar alcança seus ouvidos. A voz é rouca, mas clara.

– Tudo tem o gosto de uma bateria explodida. Alguém, *por favor*, venha me buscar.

Sinjir.

Jas recua para as sombras, então retorna com o ex-imperial. No brilho da luz de bolso de Jas, Sinjir parece que acabou de acordar de uma semana de bebedeira: cabelo bagunçado, olhos vermelhos, olheiras escuras como de pancadas. Ele está lambendo os lábios e retorcendo a cara.

Ele assente.

– Norra. Já faz um tempo. Você acabou dentro de um desses... casulos?

– Sim. Bem. Quase?

– Não são nem um pouco relaxantes. Não recomendo. – Ele inclina-se entre Jas e Norra e, em voz baixa, pergunta: – Alguma de vocês, respeitáveis cidadãs da Nova República, teria uma garrafa de skee? Um gole de korva? Estou me sentindo um pouco *seco* aqui.

– Alguém já te disse que você tem um problema com bebida? – Jas indaga.

– Meu único problema é não beber.

Norra balança a cabeça em uma negativa.

– Vá ajudar Temmin e Solo a soltar mais prisioneiros. Eu vou com você.

Jas se vira para ela.

– Norra, *você* tem que pegar leve...

– Vou ajudar os prisioneiros lá fora. Certificar-me de que fiquem por perto.

Jas começa a protestar, mas ela a interrompe:

– Preciso me manter ocupada. Tenho de me manter focada. – Do jeito que sua mente estava indo naquela doca, ela sente que está em terreno estável, mas muito perto de uma borda escorregadia... Não seria preciso muito para desmoronar novamente na escuridão daqueles terríveis pensamentos. – Certo?

Jas suspira e assente.

Norra pega a luz no seu cinto e se dirige para fora.

Lá, a floresta morta está cheia de vida. Prisioneiros. *Rebeldes*. Um Rodiano usando um macacão de piloto olha para o nada. Uma mulher amarra as mangas de um casaco de frio em torno da cintura. Um Sullustano em vestes azuis dantooinianas se inclina para se apoiar contra um velho Corelliano gordo em um uniforme esfarrapado do exército rebelde. Norra manca entre eles, apertando mãos e dando abraços, oferecendo palavras de encorajamento – durante todo o tempo tentando não tossir, porque tossir é como ser socada por punhos implacáveis. Ela tenta compartilhar as boas notícias com eles, que estão livres,

que poderão ir para casa em breve, que a Aliança Rebelde se tornou a Nova República...

– Ele está aqui fora?

Solo sai da nave prisão com a fúria de uma tempestade. Ele entra no meio da multidão, não muito longe de Norra.

– Sim, sim, oi, sim – ele diz para os que estão reunidos. – Estou procurando um tipo grandão. Cabeludo pra caramba. Wookiee. Atende por Chewbacca. – Desespero brilha em seu rosto como um farol. Ele espia Norra. – Norra. Onde está ele? Ele... ele não está aqui...

– Han, sinto muito...

– Não diga que sente muito, apenas o encontre!

O pânico em seu rosto é claro. E ela sente isso, também. Resgatar todos esses prisioneiros é uma vitória para a Nova República – mas é uma vitória acidental. Para Solo, a única coisa que importa é pagar o que ele deve.

E isso significa encontrar o seu amigo.

Então...

Um rugido gorgolejante corta o ar.

Solo gira. Ali, saindo da nave – junto com Temmin –, está a enorme fera peluda.

O Wookiee, Chewbacca.

– Chewie! – Solo chama e ri enquanto começa a correr.

O Wookiee parece sujo e abatido, mas isso não diminui seu entusiasmo. Chewbacca inclina a cabeça para trás e ulula um grunhido alto e alegre, então envolve seus braços impossíveis em torno do contrabandista. Solo parece uma criança arrebatada por um pai ansioso – e por um momento seu corpo inteiro é erguido do chão, suas pernas chutando enquanto o Wookiee ronrona e late.

– Eu baguncei tudo – Solo arfa quando o Wookiee o coloca de volta no chão. O Wookiee grunhe e late.

– Não, não, tenho que assumir isso, grandão. Eu devia ter estado lá com você. Mas vamos fazer isso direito. Eu prometo.

Então, há uma pausa enquanto o Wookiee olha ao redor. Seu corpo fica mole como se ele estivesse assimilando tudo de uma vez. Todo mundo fica em silêncio.

O copiloto da *Falcon* solta um rosnado baixo.

Solo assente.

– Sim. Você está em casa, Chewie.

O Wookiee fica lá, de pé, completamente imóvel e em silêncio enquanto olha para as árvores. Como se estivesse só agora percebendo onde está. Ele não faz nenhum movimento e não emite nenhum som, como se nada pudesse transmitir o que realmente está sentindo. Todos esperam para ver o que ele vai fazer, mas Chewbacca não faz nada.

Mais Wookiees emergem por detrás de Temmin.

– Encontrei outra câmara de prisioneiros nos fundos. Eu acho que eles estão com você, Solo.

– Obrigado, garoto. Obrigado.

Aqueles Wookiees se juntam a Chewie e, juntos, eles ficam olhando para a escuridão de seu mundo danificado.

Norra observa tudo. As lágrimas que aquecem os cantos de seus olhos, ela diz a si mesma que pertencem à dor em seu corpo e não em seu coração. Ela dá um passo à frente, com a intenção de ir até o filho, abraçá-lo, perguntar a respeito de Ossudo – mas então, atrás dela, alguém diz o seu nome.

– Norra? É... é você?

Seus joelhos ficam fracos. Ela quase cai. Temmin corre para ela, ajuda-a antes de desabar. Aquela voz...

Ela se vira para ver se realmente poderia ser ele.

Não poderia ser – depois de todo esse tempo...

– Brentin – ela diz.

Ele está bem ali. Certamente só um fantasma. Ele está mais magro, mais velho, a pele pálida e os olhos vermelhos. Mas ainda é ele. A voz de Temmin é baixa quando ele chama:

– Pai?

O que significa que Temmin também o vê.

Ele não é um fantasma.

Brentin é real. O marido dela está vivo. E está parado bem ali.



CAPÍTULO

25

Na ponte de comando da *Lar Um*, os Mon Calamari comemoram. Lá fora, na imensidão do espaço, destroços de naves flutuam acima de Kuat – a maioria, naves imperiais, embora a República tenha perdido algumas das suas naves ao longo das últimas semanas.

A campanha de bombardeio contra os estaleiros e bases de abastecimento de Kuat está completa. O governador do setor – moff Pollus Maksim – e o chefe da guilda dos Estaleiros de Propulsão de Kuat tinham se rendido. O espaço está liberado sem mais nenhuma intrusão esperada do Império.

Tem sido uma luta longa e prolongada.

E agora acabou.

– Parabéns, almirante – Leia se dirige a Ackbar.

Ela não está fisicamente ali, mas aparece como uma comunicação holográfica: um avatar convocado pelos Mon Calamari.

– Você e a comodoro Agate ganharam o dia da Nova República. – Com um sorriso contundente, ela acrescenta: – Mais uma vez.

Ackbar, no entanto, não é de celebrar. Leia sabe que ele compartilha o otimismo de seus colegas oficiais, balançando a cabeça e sorrindo junto. Ele não ousaria escurecer a luz deles com a sombra do cinismo e da preocupação. Mesmo assim, permanece determinado a lembrar a todos que toda batalha tem seus custos. A batalha dos Estaleiros de Propulsão de Kuat não é diferente.

Ao lado de Leia, outro holograma – este da comodoro Kyrsta Agate – acena com a cabeça e sorri rigidamente.

– Estou feliz por termos conseguido algo hoje – a comodoro diz. – Tirar as armas das mãos do Império foi um objetivo digno e estou contente que o Senado o tenha apoiado.

Batalhas com o Senado, Leia pensa. Ela sabe que esta é a natureza da democracia e dá boas-vindas a essa luta. Mesmo assim, esta será uma época caótica, e embora sejam os soldados que experimentem o verdadeiro trauma, os cidadãos da galáxia estão cansados da guerra. O seu é um trauma mais profundo e mais continuado: um medo e uma suspeita embutidos como uma farpa debaixo da pele. Desta vez, com o Senado, será um tumulto de indecisão. Eles estão, compreensivelmente, hesitantes em usar armas. *E, Leia sabe, é por isso que Kashyyyk permanece escravizado.*

Através da tela, a ponta da frente da nave de combate do tipo starhawk, similar a uma lâmina de machado, abre caminho através do espaço aberto sobre Kuat. Uma nave considerável, a starhawk, e que pertence exclusivamente às forças da Nova República. Conseguir os votos do Senado para aprovar o desmantelamento de embarcações imperiais e a construção de novas naves, droides e armas foi uma batalha em si, que pode ter sido mais duramente travada do que a batalha orbital e de solo aqui em Kuat. Um número considerável dos senadores atuais ainda se lembra de quando Palpatine formou o Império a partir das cinzas de uma República que eles nem sequer sabiam que estava queimando. Ele também encomendou naves para servir a sua nova ordem militar. O medo deles nasce de uma boa razão.

É um crédito para Mon Mothma que ela tenha sido capaz de guiar os votos – apesar de suas próprias dúvidas sobre a criação de novas armas de guerra.

Kyrsta Agate, por sua vez, tem mitigado a realização de hoje com uma expressão pesada. É uma das razões por que Leia e Ackbar gostam tanto dela: Agate entende que os custos da guerra são pesados, mesmo na vitória. O equilíbrio nessa conta não é fácil de pagar – e aparece no sofrimento dos soldados décadas após a luta terminar. Manifesta-se como medo político. É demonstrado por criminosos, terroristas e outros simpatizantes. Apenas a paz – paz prolongada, paz *verdadeira!* – equilibra essa conta.

Mesmo assim, Leia quer que o almirante e a comodoro se sintam orgulhosos.

– Os estaleiros em Kuat eram um recurso vital para o Império Galáctico, e a perda deles será muito sentida – Leia afirma. – Prejudicamos a produção de novos caças e naves capitais. Além disso, podemos transformar esses recursos e usá-los como nossos.

Agate dá um sorrisinho.

– Eu sei disso, princesa Leia. Mas aprecio o que você está tentando fazer.

– Desfrute a vitória, comodoro. Você também, almirante.

Ackbar pigarreia.

– Eu vou. Mas quero manter meus olhos no que mais importa: acabar com este conflito. Ninguém ganha uma guerra, Leia. O melhor que podemos fazer é encontrar uma maneira de parar a luta.

– Nisso, almirante, nós concordamos.

Nesse momento, uma nova comunicação chega. Ackbar aquiesce para a oficial de comunicação Toktar e ela põe no visual.

Outro holograma aparece: a chanceler Mon Mothma.

– Chanceler – Ackbar diz, fazendo um aceno deferente. – Eu não esperava falar com você tão cedo. Não é hoje o processo orçamentário do Senado?

– É hoje.

Mesmo no holograma, a chanceler parece exausta. Isso está exigindo bastante dela. Está exigindo bastante de todos eles. Leia nota um momento em que o olhar de Mon Mothma avança em sua direção. O que é isso que ela vê? O que forma a essência dessa hesitação? Suspeita? Irritação? Tão rápido quanto veio, se vai novamente, e Leia se pergunta se está apenas imaginando coisas. Mon Mothma, ansiosa, diz:

– Há outro assunto. Algo urgente. Recebemos um pedido de comunicação do Operador.

O Operador, o agente oculto no fundo do Império, que periodicamente aparecia para dirigir a Nova República às vulnerabilidades imperiais. Leia nunca confiou plenamente nessa fonte. Afinal, a destruição da segunda Estrela da Morte nasceu de um estratagema inventado por Palpatine – um que talvez deveria ter sido mais facilmente visto. Isso, porém, parece diferente. Está acontecendo há muito tempo. As informações do Operador lhes deram uma dúzia de vitórias, e é difícil imaginar exatamente como isso poderia ser um embuste. Teria que ser um jogo de confiança muito longo. E, mesmo assim, para que fim? Por que o Império se aleijaria?

Todos passaram, ainda que com relutância, a confiar na fonte.

Mas já faz algum tempo desde que o Operador entrou em contato. Desde Akiva, na verdade. Burburinhos dentro da Nova República ponderam sobre o destino desse agente misterioso. Será que foi pego? Morto? Fugiu?

Quem era ele, afinal?

– O Operador definiu um horário para essa comunicação? – Ackbar indaga.

– Agora, na verdade – a chanceler responde.

Hm.

– Que seja. – Para a oficial de comunicação ele diz: – Toktar, por favor, abra um canal. Frequência da velha Aliança Zeta Zeta nove.

Uma nova imagem holográfica brilha à vista.

E não é o Operador.

– Grão-almirante Ackbar – diz a visão de Rae Sloane.

Leia sente tudo se apertar. O Operador se foi. O Império certamente descobriu o traidor. A aparição de Sloane – uma das chefes dos remanescentes imperiais, do remanescente *mais forte* se as informações que eles têm forem corretas – apenas confirma isso.

– *Grão-almirante* é um ranque imperial – o Mon Cala responde. – Eu, como você no passado, me identifico como *almirante de frota*... mas parece que você assumiu o título de “grã-almirante” para si.

Sloane fica rígida e dá de ombros.

– Temo que não haja ninguém acima para me promover, almirante. Nesta nova ordem, é preciso pegar o que se merece.

– Por que você obscurece nossa porta hoje? – Mon Mothma pergunta.

– Eu vim para me revelar.

– Se revelar? Não posso dizer que eu entendo...

– Eu sou o Operador.

Não, Leia pensa. *Não pode ser*. Esta mulher tem sido sua contraparte, de certa forma – as duas funcionando como uma voz que fala para a galáxia mais ampla. Cada uma tentando garantir um novo equilíbrio entre os cidadãos. Cada uma falando pelo seu povo – Leia pela República que ressurge, Sloane pelo Império em declínio. Sendo assim, parece impossível acreditar.

Os outros também não acreditam. Agate fala:

– Esta cortina é fina demais, almirante Sloane. É fácil ver a mentira.

– Desculpe, quem é você mesmo? – Sloane pergunta.

– Comodoro Agate.

– Ah. Sim. A pessoa que liderou o ataque em Kuat. Uma vitória convincente e merecedora de parabéns respeitosos, comodoro.

Agate não aceita nada disso.

– Você esteve em Akiva. Você era parte da reunião secreta... e o Operador nos levou a atacá-la. Isso colocou a *sua* vida em risco. Você não pode ser o Operador. Não faz sentido.

– Eu dei alvos a vocês – Sloane diz – para fortalecer minha posição dentro do Império. Os eventos em Akiva me permitiram tomar o controle. Relativamente falando. Todos os alvos, vocês vão descobrir, estavam em oposição à minha subida.

Leia conta mentalmente suas vitórias realizadas graças ao Operador. Ela se pergunta: Sloane poderia estar falando a verdade? Leia se pergunta o que exatamente o Império teria a ganhar sacrificando partes de si mesmo, e ali estava a resposta, tão clara que eles deveriam ter visto: *a eliminação da competição*.

– Por que nos contar tudo isso? – Leia desafia. – É mais provável que você tenha descoberto a identidade do Operador e mandado executá-lo.

– Ah. Leia. Então nos encontramos... ou o mais perto disso que podemos. É uma honra conhecê-la. Genuinamente. Você tem feito tanto. É surpreendente como tanta coisa mudou na galáxia com base nas ações de uma princesa alderaaniana.

– Só sou tão boa quanto aqueles que me cercam – Leia responde. – Agora responda à acusação: você matou o Operador e está mentindo para nós.

– Não. Estou usando o canal do Operador porque estamos perdendo esta guerra, princesa. Sua vitória em Kuat demonstra isso nitidamente. E estou cansada de perder. Estou cansada de tudo isso, para ser franca. É hora de negociar.

– Rendição? – a chanceler pergunta.

– Não se apresse – Sloane esbraveja. – Se ofereço a rendição a vocês, o Império arranca a minha cabeça. Eles provavelmente a mandariam para vocês dentro de um míssil termoclástico. É hora das negociações de paz.

Os apêndices das bochechas de Ackbar se curvam para dentro. Ele deve estar sentindo o que Leia está sentindo. Seus próprios instintos se iluminam como um alarme: algo está errado aqui. Sloane está brincando com eles.

Ainda assim, a perda de Kuat é significante. Uma grande ferida.

O Império certamente gostaria de estancar esse sangramento...

Mas o que a Nova República deve fazer em resposta? Permitir-lhes tempo para cuidar de seus ferimentos – um ato de compaixão contra um Império que nunca demonstrou nenhuma? Ou pressionar a vantagem, esmagando-os na sujeira? Levando a mais vidas perdidas, mais instabilidade, mais loucura através da galáxia? Dar-lhes um lugar no futuro da galáxia permite alguma medida de constância e paz...

e aqui, as palavras de Ackbar a perseguem: *Ninguém ganha uma guerra. O melhor que podemos fazer é encontrar uma maneira de parar a luta.*

Isto pode ser essa maneira. Pode ser uma oportunidade.

Ou pode ser um grave erro.

– Precisamos falar sobre isso e depois propor ao Senado – Mon Mothma diz.

– Eu entendo. Palpatine acabou com o Senado porque esfriava os motores do progresso, mas o jeito dele provou não ser eficaz. Ele se foi e vocês permanecem, então aqui estamos nós. Fale com o seu pessoal. Sugiro ter as negociações de paz em seu mundo com guarda mínima. Estou oferecendo isso como uma concessão de confiança.

– Anotado, almirante Sloane. Agradecemos.

– Bom dia. E parabéns novamente a todos vocês. Eu sou uma guerreira antes de qualquer outra coisa, e o que vocês conseguiram é impressionante. Espero uma comunicação em breve. Usem este canal, e eu responderei.

E com isso, o holograma dela some.

Deixando para trás um vácuo considerável. Os quatro estão silenciosos – os outros estão certamente como Leia, perplexos e embasbacados com o que acabou de acontecer. Isso poderia ser real? E se for, o que vai acontecer agora?

– Convocarei uma sessão de emergência do Senado – a chanceler afirma. – Vamos esperar que isso seja algo. Pode ser um caminho para a paz. Que a Força esteja com vocês.

Quando a chanceler se vai, Leia se dirige a Agate e Ackbar:

– Que a Força esteja com todos nós. Temo que vamos precisar dela.



CAPÍTULO

26

O silêncio de Kashyyyk é inquietante. Não há nada aqui. Não há vida, nem insetos zunindo. Nenhum farfalhar de mato enquanto criaturas espreitam através de gravetos e folhas. Em contraste, as selvas de Akiva eram vivas, vivas *demais* – Norra se lembra de como os cânions de Akar eram lar de macaquinhos guinchantes, passarinhos espertos que piavam e insetos-bexiga sibilantes. A cacofonia da floresta tropical era quase ensurdecedora – mais alta durante a noite do que durante o dia.

Não é assim aqui. Isto é um canal morto. Uma frequência nula.

Pelo menos aqui, nesta pequena seção do planeta, o Império matou tudo. E Norra se senta, olhando para o silêncio. Desejando por um momento ter um pouco de jaqhad – a folha de mascar. Misture as folhas pretas e as pétalas cor-de-rosa da flor jaqhad, então as mastigue para ficar acordado, vivo, ciente. Uma tradição de Akiva.

Isso faria suas costelas se sentirem melhor.

Faria *tudo* parecer melhor.

Agora, não muito atrás dela, o resto de sua tripulação está ajudando a tirar os últimos cativos da nave prisão, preparando sua saída da superfície do planeta. Brentin, o marido dela, está com Temmin – da última vez que ela os vira, eles estavam ambos na *Halo* observando as partes de Ossudo, que tinha sido rasgado membro a membro. O droide ainda está funcionando, mas parece que não pode falar – só consegue transmitir burburinhos e explosões estáticas mecânicas.

Ela ouve alguém vindo atrás dela. Um olhar sobre o ombro revela Han Solo.

– Ei – ele chama.

– Você conseguiu. Você o encontrou.

– Nós conseguimos. Você estava certa. Eu não poderia ter feito sem sua ajuda.

– Vai ficar meloso pra cima de mim? – ela pergunta.

– Não, mas estou de bom humor. Apenas aceite. – Ele para ao seu lado e olha para a frente também.

Ele está envergonhado, subitamente. Mãos nos bolsos. Esperando para dizer algo, mas sem ser capaz de falar em voz alta. – Então, ahhh, sabe. Obrigado.

Norra não tem muito a dizer em resposta, e falar só faz com que suas duas costelas quebradas – agora envoltas em uma bandagem improvisada de fita adesiva, cortesia da tão compassiva Jas Emari – pareçam

facas perfurando-a. Então, em vez disso, ela apenas dá um aceno e continua olhando para a frente.

– Era realmente seu marido lá atrás?

– Era.

– Então ambos temos motivos para comemorar.

– Absolutamente.

Mas ele deve ter detectado o tremor em sua voz.

– Por que não está com ele? Você está aqui, em vez disso.

– Eu queria que ele tivesse um tempo com meu filho.

– Claro, claro. Nada mais que isso, né? – Ele está cutucando, sondando-a. – Nada em sua mente?

Eu falhei com Brentin.

Encontrei-o aqui apenas por acidente.

Faz tanto tempo.

Tudo mudou. Eu mudei. Temmin mudou.

Toda a galáxia mudou.

Mas Brentin, não.

– Não – ela mente. – Nada.

Ela se sente uma fracassada. Uma traidora. Então, sua mente voa para Wedge, e isso só aprofunda seu senso de traição. Não é que ela não ame Brentin. Ela ama. E amará. Ele é seu marido e pai de seu filho e... ela não consegue encará-lo. Não com facilidade. Não agora.

– Eu tenho um filho a caminho – Solo fala de repente.

– Eu... sim. Eu suspeitei.

Ele chuta um graveto.

– Eu deveria estar lá. Eu deveria estar lá *agora*. Por Leia. Pela criança. Mas eu tenho... uma *coisa* pra resolver. Uma coisa que eu preciso fazer. Eu nunca estarei lá enquanto isso não estiver resolvido. Eu nunca serei *eu*. Não posso ser um bom pai até... – Ele fecha a mão e aperta os nós dos dedos na árvore... não um soco, mas duro bastante para que os ossos crepitem e estalem. – Só estou dizendo que às vezes você tem que fazer o que tem que fazer.

– Você não vai embora, vai?

– Sou assim tão evidente?

– Claro como um vidro blindado.

– Você leva a *Falcon*. É a nave mais rápida da galáxia, e nós temos uma centena de prisioneiros que precisam de atenção médica. Vai ficar apertado, um verdadeiro carro de boi, mas você vai dar conta. Além do mais, alguns dos prisioneiros ficarão aqui comigo e Chewie.

– Os refugiados?

– Sim, e alguns outros pobres indesejáveis que foram varridos por esse destróier estelar. Vamos ver que tipo de danos podemos causar.

Norra encara a floreta morta.

– Parece que o Império já causou o dano.

– Não está tudo assim. Nós estamos na beira da Terra das Sombras. Mais perto das cidades, é onde você encontra os acampamentos, as minas, os laboratórios. É onde você encontra o Império.

– Você vai libertar tudo isso sozinho?

– Ou vou morrer tentando.

– E Leia? Seu filho? Como eles vão se sentir a respeito disso?

Ele coça a nuca.

– Eu não sei. Eles vão me odiar, provavelmente. Mas talvez com o tempo eles entendam. Eles verão que eu tive que fazer isso.

– É melhor voltar vivo, então.

– Acho que é melhor.

Norra faz uma careta enquanto se estica para estender a mão. Solo a pega e balança.

– Foi uma honra – ela disse.

– Vá ficar com sua família. Leve-os para casa, Norra Wexley.

– Obrigada, Solo. Boa sorte aqui.

– A sorte já salvou meu traseiro antes. Esperemos que a tendência se mantenha.

Não muito tempo depois, Norra reúne toda a tripulação.

Todos, menos Temmin. Ele ainda está com Brentin. Como deveria ser. E ela não quer dar essa escolha a ele.

A escuridão em Kashyyyk está se iluminando agora – uma luz cinzenta e transparente do sol neste sistema. Os dedos dessa luz brilham entre as árvores e a névoa, e Norra entra em um desses raios e diz a eles tudo o que está acontecendo. Ela explica que Solo está ficando para trás.

– A cruzada de um tolo – Sinjir murmura. Depois, mais alto: – O desfile de um idiota!

– Acho que alguns de vocês devem ficar com ele – Norra diz.

– Eu vou ficar – Jas responde, sem nenhuma hesitação.

– O quê? – Jom pergunta.

– *O quê?* – Sinjir ecoa.

Jas dá de ombros.

– Nós pegamos Gedde, mas não libertamos nenhum dos escravos de Slussen Canker. Eu não gostei disso. Podemos fazer diferente aqui.

– É todo um maldito planeta – Jom diz. – Vamos libertá-lo? Por nossa conta? Somos bons, Emari, mas não somos *tão* bons.

– Além do mais – Sinjir acrescenta –, eu não acho que haverá um pagamento para isso.

– Eu geralmente consigo arrancar alguns créditos de qualquer situação. E talvez *este* pagamento não seja em dinheiro. Ajudamos a libertar Akiva. Aquilo foi bom. Sinjir, como você se sentiu ao quase enfiar uma antena afiada na orelha de Aram?

Norra observa: o ex-imperial começa a responder, mas, em vez disso, apenas olha para baixo, para os pés.

– Você não deve se sentir mal a respeito disso – Jas afirma. – Você fez uma coisa ruim porque tinha que fazer, porque às vezes você tem que fazer algo ruim a serviço do bem. Mas uma vez, apenas uma vez, eu quero fazer algo realmente bom. Bom, mesmo que seja estúpido. Bom porque está *certo*.

Sinjir finge estar engasgando.

– Oh, que nojo. Jas, não.

– Sinjir, sim.

– *Tá bom* – ele concorda, revirando os olhos. – Blá-blá-blá. Eu anseio por propósito e recompensa por meus crimes etc. etc. Também vou ficar. Além disso, este é um planeta governado por imperiais. Talvez a notícia da minha traição ainda não tenha atingido essas costas florestadas e eu possa usar essa vantagem.

– Vocês todos ficaram malucos – Jom diz. Mas, então, ele suspira e joga as mãos para o alto. – No entanto, eu já saí do mapa. Posso também ficar mais um pouco, ver que tipo de dano podemos causar aqui contra a máquina de guerra imperial. Um soldado é o que ele faz e tal.

Norra assente e sorri. É o que ela esperava que fosse acontecer.

– E você? – Jas pergunta a Norra.

– Eu estou levando minha família e os cativos, e eu mesma ferida, para casa. Mas estarei pensando em vocês e vou ver se posso enviar ajuda.

Jas aquiesce e dá um passo em direção a Norra.

– Cuide-se, Norra.

– Seja boa, Jas.

– Um pouco boa. Mas não muito boa.

Ela também se despede de Sinjir e Jom. Então a atinge, de repente: a sensação esmagadora de que ela pode não ver essas pessoas novamente. Seu pensamento mais sombrio é também o mais alto: ficar para trás e tentar libertar Kashyyyk é uma missão suicida.



CAPÍTULO

27

Tudo é vertiginoso, e é difícil superar a dor em seu lado e compreender tudo o que aconteceu, mas um momento é brilhante o suficiente para ela suportar: Norra está sentada no assento de piloto da *Falcon*, sentindo-se como uma estranha na casa de outra pessoa. O filho está ao seu lado, atuando como copiloto.

E então, Brentin chega por trás deles.

Ele beija a cabeça do filho.

Ele beija Norra na bochecha.

Ele se inclina sobre ambos – uma mão no ombro dela, outra no de Temmin – e, conforme Norra leva a *Falcon* para fora do hiperespaço e Chandrila aparece na linha de visão, ele ri um pouquinho.

– É incrível – ele diz.

– Incrível? – ela pergunta, um pouco descaradamente.

– As coisas mudaram. E eu odeio que eu perdi. Mas olhe para vocês dois! Norra, você é *piloto*. Temmin, você também. A Aliança Rebelde *ganhou* e... Não estou feliz por ter perdido tudo isso, mas estou feliz por ver o que vocês dois se tornaram. – Sua voz treme quando ele diz: – Eu sinto que acordei do sono e a galáxia seguiu em frente sem mim.

– Nós não seguimos em frente – Temmin retruca.

Norra esfrega o topo da mão do marido. Essa mão está tremendo também.

– Temmin está certo. Você estava ausente, mas agora somos uma família de novo e nada pode mudar isso – ela afirma, convencendo até a si mesma. – As coisas vão parecer estranhas por um tempo, mas tudo bem. Vamos superar isso. Por enquanto, porém, você pode verificar todos lá atrás? Avisá-los que em breve estaremos livres para pousar?

– Farei isso – ele assente, então acrescenta: – Eu amo vocês.

– Amamos você também – Temmin responde.

Quando Brentin vai para o fundo, Norra e o filho trocam olhares. Ela observa quão *feliz* o menino parece estar. Na verdade, ela não consegue se lembrar da última vez que viu aquela expressão em seu rosto. Ele está radiante, brilhante como um sol.

– Vamos para casa – Temmin diz.

Norra transmite os códigos de liberação para a torre de controle de Chandrila.

A *Falcon* desce.

A nave está repleta de gente. Temmin caminha até o fundo do transporte, conversando enquanto passa.

– Vocês estão livres do Império – ele conta para uma Ithoriana pressionada em um dos cantos. Ela murmura gratidão para ele.

– Vamos pousar agora – ele diz a um jovem Rodiano, cujo rosto está marcado por uma malha de cicatrizes.

– Vai ficar tudo bem – ele assegura a um homem barrigudo usando o uniforme do exército rebelde.

No fundo da nave, em meio à multidão de corpos, Temmin encontra seu pai fazendo a mesma coisa.

Acalmando os outros. Segurando suas mãos, os abraçando. Alguns choram, outros riem. Excitação está presente como uma carga estática no ar.

– Pai – Temmin diz.

– Filho – Brentin diz.

– O PAI DO MESTRE TEMMIN – Senhor Ossudo completa, subitamente interpondo-se entre os dois.

Ele estende dois braços com garras e amassa pai e filho juntos. Suas cabeças batem. – ESTE

MOMENTO PRECIOSO DEVE SER SELADO COM UM ABRAÇO: UM ENTRELAÇAR AMOROSO

AINDA QUE VIOLENTO DE CORPOS NO QUAL UMA PESSOA APERTA OUTRA COM MUITA

FORÇA, MAS NÃO COM FORÇA O BASTANTE PARA QUE OS OLHOS SALTEM DAS...

– Ossudo – Temmin interrompe com firmeza. – Silêncio.

– ENTENDIDO.

Brentin o encara com os olhos arregalados.

– O velho B1. Você já o consertou?

– Sim.

– Apenas com os suprimentos da *Falcon*?

Temmin ouve admiração na voz do pai.

– Sim.

– Você puxou a mim.

Temmin abre um grande sorriso.

– Sim.

Uma multidão reúne-se na plataforma de pouso enquanto a *Millennium Falcon* gira em uma descida tranquila.

A notícia viajou rápida e amplamente: não só a nave de Han Solo está voltando, como está trazendo consigo um bando de prisioneiros, muitos dos quais não são vistos desde os primeiros dias da Aliança Rebelde. Alguns familiares se reuniram, assim como outros daquela época que estão ansiosos para ver se podem acolher o retorno de amigos, camaradas e entes queridos.

Aqueles que estão reunidos comemoram e gritam.

Dois deles estão prestes a ficar desapontados. Eles serão possivelmente os únicos dois verdadeiramente decepcionados – e cada um sentirá esse desapontamento agudamente, e em contraste com o que deve ser, afora isso, um dia triunfante e de felicidade.

Esses dois são Leia Organa e Wedge Antilles.

Wedge está lá com flores. Nada muito grande ou ostensivo – a mulherzinha estranha na estufa da cidade de Hanna tentou convencê-lo a levar um buquê tão grande quanto seu peito e com todas as cores do arco-íris, mas ele disse que não era o estilo de Norra. Em vez disso, ele escolheu algo discreto. Simples, mas elegante: seis droseiras solares. Belas, sim. Mas duráveis. Hastes firmes e pétalas resilientes. Elas não murcham. E têm um cheiro ótimo.

E são tão douradas para ele quanto Norra.

Leia, por sua vez, não trouxe nenhum presente além de si mesma. Ela pisca, as bochechas coradas de excitação. *A Falcon* está voltando.

E com ela, seu marido certamente deve estar voltando também.

– Este é um bom dia – ela fala a Wedge sobre o barulho da multidão.

– Com certeza é – ele responde.

A Falcon baixa sobre a plataforma, balançando em seu trem de pouso. A prancha desce, e com o assobio de vapor vêm os prisioneiros libertos. Dezenas deles, cada um encontrando guardas conforme saem, guardas que os levam por uma linha de recepção onde encontram Ackbar e Mon Mothma. Eles não são forçados a demorar; são direcionados para uma série de transportes alinhados na borda da plataforma. Transportes que os levarão para a Praça do Senado, onde a chanceler tem comida, uma tenda médica e oficiais esperando para realizar entrevistas com aqueles que retornam.

Os prisioneiros continuam vindo, descendo um após o outro.

Leia deve saber que Han e Chewie estarão entre os últimos.

Wedge também sabe disso a respeito de Norra.

Norra *de fato* sai da nave – Temmin logo à frente dela, e o droide barulhento Ossudo logo à frente dele. Temmin está feliz, mais feliz do que Wedge jamais viu o garoto. Ele está prestes a chamá-lo, prestes a dizer: *Ei, Snap, aqui*, mas então ele vê o homem ao lado de Norra.

Ele não sabe quem é o homem, mas...

Ele está com o braço ao redor de Norra.

Ele a beija na bochecha.

Ela o beija nos lábios.

Tudo se encaixa no lugar rapidamente – como um detonador térmico prestes a explodir. E explode, dentro do peito de Wedge. A percepção de que Norra encontrou seu marido lhe tira o fôlego.

Ele olha para Leia e vê que ela está procurando por alguma coisa. Ele também vê que Norra e seu marido são os últimos, e *a Falcon* se fecha depois que ninguém mais sai.

– Ele não voltou para casa – Leia constata.

– Eu sei – Wedge responde. – Sinto muito.

– Ele ainda está lá fora.

– Tenho certeza de que Han está bem...

– Também tenho certeza. Eu confio nele. – Mas, pelo jeito como ela diz isso, Wedge não tem tanta certeza. – Eu tenho que falar com Norra, no entanto. Tenho que descobrir o que aconteceu.

– Talvez possa dar a ela um tempo. Parece que ela trouxe para casa alguém especial.

Leia sorri, apesar de estar certamente decepcionada.

– Parece mesmo.



CAPÍTULO

28

Com a *Halo*, Jas os leva para fora do que os Wookiees chamam de Floresta Negra – uma área do mundo que havia muito estava morta. Morta há milênios, disseram, um lugar envenenado por “algo realmente ruim que aconteceu aqui. Algo que deixou trevas. Como uma impressão em concreto molhado”. Pelo menos, foi assim que Solo traduziu. Jom não fala shyriiwook, então eles dependem do contrabandista como tradutor.

Trabalhar com Solo nisso tem sido interessante. Chewbacca, o Wookiee, é o copiloto dele. Seu *parceiro* ou algo do tipo. Pelo menos, era assim que Jom sempre tinha ouvido falar. Os dois eram inseparáveis, mas Solo era o piloto e Chewie era o copiloto e assim seria sempre.

Entretanto, ali em Kashyyyk, os papéis estão trocados.

Chewie está no comando. Ele lidera.

E a verdadeira surpresa é que Solo o segue. Ele deixa o Wookiee definir o curso. Ele oferece opiniões, mas é deferente. E, se alguém critica as ideias de Chewie, Solo é o primeiro a ficar nervoso com isso.

Uma vez que Jas os tirou da Floresta Negra, Chewie fez a nave voar baixo, perto do chão, ao longo de um rio volumoso que tinha esculpido um canal entre árvores enormes. Solo disse que ele e Chewie estavam coletando informações sobre Kashyyyk havia *anos*. Jom protestou, dizendo que esses dados estavam provavelmente desatualizados e que a informação que conseguiriam no terreno era mais importante. Solo retrucou:

– Não diga, soldado. Mas o que temos é bom, então, a menos que tenha algo melhor, sugiro que mantenha seu bico bigodudo calado.

Sinjir riu.

– Bico bigodudo. Preciso anotar isso.

– Quietos, Sinjir – Jom resmungou.

Jas apenas riu do assento do piloto.

(O que, Jom admite, o magoa mais do que ele esperava.)

O rio rugia em direção a uma pilha de árvores caídas, descendo até um reservatório represado rodeado por árvores quebradas. Chewie fez Jas levar a *Halo* em direção a uma queda-d'água e pousá-la no topo de um ramo de uma árvore wroshyr – bem onde o ramo saía da árvore. Jom nunca tinha pensado

que a galáxia *tinha* árvores grandes o suficiente para que os ramos suportassem uma nave inteira, mas está feliz em estar errado. Juntos, todos eles saem ao longo do ramo – existe uma abundância de espaço para caminhar, embora a vertigem ainda puxe as cordas de Jom e ele não possa evitar pensar em quanto tempo levaria para atingir o chão caso caísse.

Solo explica o plano de Chewie:

– Este é um planeta grande e, até onde se sabe, a ocupação imperial está enterrada aqui como uma sanguessuga. Talvez enterrada aqui *mais fundo*, dado o estado precário das coisas depois que a Estrela da Morte explodiu. Mas Chewie tem uma ideia, não tem, amigo?

O Wookiee assente e grunhe-late em resposta. O Wookiee de um braço só, Greybok, gesticula com a mão restante em aparente concordância.

– Não podemos libertar este planeta sozinhos – Han afirma –, por mais que a gente queira. Tivemos sorte com isso antes, mas desta vez não vai funcionar.

Chewie resmunga.

– Isso mesmo – Solo diz. – Precisamos de um exército.

Jas se inclina para a frente.

– Eu trabalho com pouca gente. Não trabalho com exércitos.

– Uma pena – Solo responde.

– Nos dê um alvo. Encontre a cabeça do dragão e vamos cortá-la e ver o planeta cair.

– E isso seria fácil, é? Tudo bem, o planeta está sob o governo de um único homem: Lozen Tolruck.

Mas ele tem três destróieres estelares lá em cima e temos informações de que está escondido numa fortaleza em uma ilha. Mas ele é um alvo, porque ele é o encarregado dos chips inibidores.

– Do quê? – Jom pergunta.

– Cada Wookiee neste planeta tem um chip enfiado na cabeça. Eles os mantêm dóceis... toda vez que se rebelam, os chips os queimam com dor até obedecerem ou morrerem. Se retirarmos os chips, devolveremos as mentes dos Wookiees. Mas eles ainda estarão trancados em assentamentos. Então nós matamos os chips de controle e liberamos apenas um grande assentamento e temos o exército de que precisamos para liberar o resto. Pra fazer isso, precisamos de mais informações.

Sinjir estala os dedos e pisca.

– Eu posso cuidar dessa parte.

– Você ainda precisa começar em algum lugar – Jom diz.

– Ali – Solo aponta para a enorme barragem e reservatório. Escondida entre duas árvores caídas há uma instalação de comando: um bloco de cimento imperial mergulhado no solo rico e argiloso.

Jom pega um par de quadrnóculos e foca.

Enquanto isso, Solo continua falando.

– Essa estação de comando vai ter computadores e oficiais. E isso significa *informações*. Eles podem nos dizer onde está o assentamento de Tolruck. Podem nos direcionar para os assentamentos mais vulneráveis. Mas isso quer dizer que temos de ir com força. Pegamos a *Halo*, entramos com os canhões

disparando...

– Calma aí – Jom interrompe. Ele afasta os quadnóculos dos olhos. – Eu vejo *quatro* turbolasers terrestres lá embaixo. Se formos com a *Halo*, ela vai virar cinzas.

– *Kavis-tha* – Jas pragueja, cospindo no chão. – Está dizendo que eu não sei lidar com a minha própria nave? Vou ficar longe desses lasers, Barell. Você não viu metade do que eu posso fazer.

– Certo. Digamos que você dê conta. – Ele levanta o queixo em desafio. – Eles ainda te verão chegando a um quilômetro de distância. Isso dá tempo de sobra pra montarem uma defesa adequada ou até mesmo escaparem. Não podemos ver do outro lado daquela estação. Eles podem ter andadores ou um transporte de fuga à espera.

– E você tem uma ideia melhor? – ela desafia.

– Mas é claro que tenho. Me mande para baixo. Pro chão. Abordagem de duas pontas: pego um par dessas bolas de pelo...

– Olha a boca! – Solo exclama.

– Desculpe. Eu pego uns desses *nobres guerreiros*, nos esgueiramos e atacamos com força. Derrubamos todas as defesas que pudermos, e só *então* o resto de vocês vem atirando com a *Halo*.

– Gostei disso – Solo diz. – Vocês podem derrubar aqueles turbolasers.

– É o plano.

Jas pega o braço dele.

– Posso falar com você um segundo?

– Com certeza, Emari.

Ela o puxa de volta em direção à *Halo* e o empurra atrás de uma das turbinas inclinadas.

– O que você acha que está fazendo?

– Minha parte – ele responde.

– Não banque o herói.

– Não sou um herói. Sou um soldado. Um burro de carga.

– Um soldado que deixou seu comando para... bem, nós sabemos por quê.

– Sabemos?

Ela franze o cenho.

– Sabemos. Você o deixou por mim.

– Não seja tão convencida.

– Você me seguiu como um cachorrinho até Irudiru.

– *Ei* – ele bufa, metendo um dedo no centro do peito dela. – Eu queria fazer minha parte e encontrar Solo.

Ela agarra esse dedo e o torce.

– Certo. Você o encontrou. Por acaso correu de volta para Chandrila com ele em uma mala? – Ela o solta e ele recua. – Não. Você ficou. Como um cachorrinho perdido.

– Você é uma fedelha.

– E você é um brutamontes.

Ele dá de ombros.

– Sou o brutamontes que está aqui. Sou o brutamontes que sabe lutar. Não questione minhas motivações.

Ela sai pisando duro.

– Certo. Faça o que quiser, Barell.

– Acho que a diversão acabou! – ele grita.

O soldado permanece para trás, bufando.

Ela é uma fedelha.

O pior é que não está errada. Ele *de fato* a seguiu até Irudiru porque, diabos, ele gosta dela. E isso o faz sentir exatamente como o cachorrinho perdido que ela pensa que ele é. Pensar nela pegando a *Halo* e sendo massacrada por aqueles turbolasers...

Ele afasta a imagem.

Hora de se reunir aos outros. Hora de trabalhar. Hora de *lutar*.



PARTE CINCO



CAPÍTULO

29

Passou um mês.

Nada tinha mudado.

Tudo tinha mudado.

Wedge Antilles atravessa o macadame branco do espaçoporto, caminhando em direção a uma nave barriguda na ponta mais distante. À frente dele, o vento carrega flores de sachi – pétalas voando na brisa, parecidas com mariposas canárias flutuando pelo ar. Sua perna está melhorando. Ele não precisa mais da bengala. Ele ainda manca, e isso o assombra como um espírito que recusa o exorcismo de seus ossos; mas, lentamente e com certeza, ele está voltando à velha forma.

Adiante, um Pantorano com costeletas bem escovadas lustra o revestimento plano cromado na parte dianteira do transporte.

Quando Wedge se aproxima, o homem se vira, então oferece uma saudação apressada.

– Capitão – o Pantorano diz.

– Descansar, piloto – Wedge responde.

– Técnico, na verdade. Meu nome é Shilmar Iggson – o Pantorano explica. – Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Estou procurando por...

Por detrás das asas dobradas do transporte emerge um rosto – um rosto manchado de gordura escura. Wedge quase não a reconhece.

– Capitão – Norra cumprimenta.

Ela desliza sob a asa, seus joelhos em um propulsor inferior. Então chuta a plataforma, que flutua para longe. Norra se levanta, limpando as mãos com um pano.

– Capitão? – Wedge pergunta. – Norra, qual é, somos amigos.

– Oh. Sim, não, claro, eu só... – Ela oferece um sorriso embaraçoso. – Ei, Wedge. É bom vê-lo de novo.

Ela se move para apertar sua mão, e ele se move para um abraço e nada realmente acontece. Há aquele momento constrangedor em que os braços dele estão abertos e a mão dela está parada no ar. Eles riem

nervosamente e recuam.

– Então – ele diz, admirando o transporte. – Você é uma piloto de novo?

– Sou. Trabalho para o Senado. Às vezes eles, bem, precisam de uma carona. Mais tarde, eu vou levar o... vamos ver se eu consegui entender direito, o “Senador Conselheiro Especial em Estratégias de Desaceleração Galáctica”. Ou é o “Conselheiro Especial do Senado”? Não consigo me lembrar. De todo jeito, estão indo para o Lago Andrasha para convocar outra reunião.

– As negociações de paz serão daqui a poucos dias.

– E a grande celebração.

– Certo, certo.

Wedge está trabalhando com a segurança para esse evento. A libertação dos prisioneiros de Kashyyyk deu um impulso no moral. Alguns dos prisioneiros eram membros do alto escalão da Aliança Rebelde. Muitos eram heróis e libertadores por direito próprio, e libertá-los... bem, foi decidido que tal evento exigia uma celebração adequada.

Dia da Libertação, o Senado votou chamá-lo. Ideia da chanceler.

E as negociações de paz se seguirão ao evento. Wedge não é lá um grande político, mas mesmo ele pode ver a jogada ali – tratativas de paz com o Império são vistas com enorme parcela de suspeita. Ele também sente isso. A opressão imperial tem fomentado grande animosidade ao longo de muitos anos, e os membros da Nova República não estão necessariamente dispostos a dar ao inimigo espaço para se mover. Ter a grã-almirante Sloane ali só agita essa animosidade – inferno, só pensar no nome dela faz o corpo de Wedge doer com a memória do que lhe fizeram no palácio do sátrapa em Akiva. Aquela mulher não merece nenhuma compaixão, nem um único *momento* de bondade. Dê-lhe esse momento, e ele acredita que ela vai usá-lo para sacar uma faca e cortar a garganta deles.

Mas, de novo, ele pode estar sendo *apenas um pouquinho* preconceituoso. Que é o motivo pelo qual ele vai ficar de fora disso. De todo jeito, uma grande festa como o Dia da Libertação vai aplacar o sangue agitado pelas negociações de paz.

– Já faz algum tempo – Norra fala.

– Sim, faz. Desculpe por isso. É que tem sido... bem, você sabe.

– Tudo está agitado.

– Tudo está se movendo rápido nestes dias. Na velocidade da luz.

As emoções humanas são basicamente um bando de gatos tooka perseguindo sombras, Wedge decide. Ele está feliz que Norra tenha seu marido. E ainda assim...

Ainda assim.

– Então, o que que há de novo? Tudo certo? – Norra pergunta.

Ele hesita um pouco antes de dizer:

– Não acho que esteja tudo certo.

– O quê? O que há de errado?

– É Temmin, Norra.

Clang, clang, clang.

Temmin enfia o último parafuso de mola no lugar com o pegador da chave de bobina, então vira o crânio e lhe dá um... último... *giro*.

Ele vibra e encaixa-se no lugar.

Os olhos vermelhos cintilam, piscam, depois permanecem acesos.

A cabeça estreita e vulpina de Ossudo olha para a esquerda, para a direita, então finalmente seus olhos distinguem e focam em Temmin.

– OLÁ, MESTRE TEMMIN.

– Ossudo! – Ele agarra o droide e pressiona a testa contra a sua cabeça de metal fria e reta. – Estou feliz que você está de volta, amigo.

– ESTOU FELIZ POR NÃO TER NENHUMA PARTE DE UM ASTROMECC.

– Eu sei.

– ASTROMECCS SÃO COISAS INTROMETIDAS E FRACAS QUE ME LEMBRAM LIXEIRAS OU REPOSITÓRIOS PARA FLUIDOS HUMANOS. ELES SÃO QUASE TÃO SEM GRAÇA QUANTO DROIDES PROTOCOLARES, QUE NÃO TÊM NENHUMA FUNÇÃO ALÉM DE FALAR, FALAR, FALAR, FALAR...

– Certo, certo – Temmin ri. – Entendi, puxe o manche para trás, matador. – Ele faz uma nota mental: *Dar um jeito na matriz de personalidade de Ossudo*. Algo deve ter sido derrubado por ali... o B1 não costuma ser tão falante. – Como você está se sentindo?

– PARECE QUE FUI MODIFICADO DE NOVO.

– Sim. A maioria das mudanças é só estética.

O torso do B1 ficou tão amassado e rasgado por aqueles drones em Kashyyyk que Temmin decidiu aproveitar a aparência esquelética e apenas cortar os amassados inteiramente. Agora o torso de Ossudo parece mais uma caixa torácica humana. Embora com mais... pedaços pontiagudos.

Ele pensou em colocar um braço daqueles droides em Ossudo – aqueles como chicotes eram de primeira linha. Coisa sofisticada.

O pai dele disse que poderia ajudar, mas então...

– VOCÊ PARECE PRESO EM UM MOMENTO DE SOFRIMENTO, MESTRE TEMMIN. POR FAVOR, IDENTIFIQUE A FONTE DE DOR E EU VOU ESTRAÇALHÁ-LA COMO SE FOSSE UM INSETO.

– Estou bem, Ossudo, estou bem. Feliz por ter meu pai em casa.

– QUE BOM. MAS ISSO NÃO EXPLICA A TRISTEZA QUE VOCÊ ESTÁ DEMONSTRANDO NO ROSTO. SEU SOFRIMENTO E SUA PREOCUPAÇÃO ESTÃO EM ANDAMENTO. EXPLIQUE, POR FAVOR.

O que ele poderia dizer?

As coisas estavam boas. Brentin voltou para casa. Mamãe parecia feliz. Temmin estava feliz. Eles

faziam coisas juntos. Foram ao zoológico na ilha de Sarini, observaram os pangorins em suas grutas e os apressados caranguejos-caw espirrando água em seus esconderijos, e o pai riu dos uralangs berrantes. Eles jantavam todas as noites. O pai até tentou cozinhar, procurando achar seu caminho entre as estranhas ervas e especiarias chandrilanas. A mãe e ele ficaram acordados até tarde nas primeiras noites, rindo até de manhã.

Mas então algo mudou...

Em algum lugar do apartamento, Temmin ouve o ruído de utensílios em um prato, o zumbido do reciclador de proteína, o respingo das torneiras.

– Fique aqui, Ossudo – Temmin ordena, então se dirige para a cozinha.

É o pai dele.

Isso ainda o surpreende. O pai. Arrancado de sua vida anos atrás – arrastado para fora da casa no meio da noite por forças imperiais. Era para ser incrível. E Temmin combate o pensamento dizendo a si mesmo: *É incrível, você só é egoísta demais para perceber.*

Mas depois daquelas primeiras semanas, o pai não foi o mesmo. É como se ele não estivesse lá *por completo*. Ele ainda é Brentin Wexley. Ainda às vezes abre o seu sorriso vencedor. Ainda é bom com ferramentas. Ainda estala os dedos como Temmin faz quando está pensando, e é rápido com uma piada de vez em quando. Mas...

Ele costuma caminhar com uma inclinação fácil, sem esforço. Como se não se importasse com o mundo. E música – o pai sempre amou música. Temmin chegou a ir até uma loja de sucatas (que são poucas e espaçadas aqui em Chandrila, já que o povo vê a sucata como sucata e não como o tesouro que Temmin enxerga que poderia ser) e trouxe para casa um pequeno valacordeon. O pai tocou as teclas poucas vezes.

E não as tocou desde então.

Os médicos e terapeutas disseram que isso era normal. Ninguém sabe realmente pelo que a mente dele passou. Pelo que Brentin Wexley se lembra, parece que ele esteve em estase durante a maior parte daqueles anos – mantido preso naqueles casulos e usado para alimentar o resto dos protocolos de segurança da nave prisional. A mãe dissera que as substâncias com que a bombearam a fizeram se sentir ansiosa e com medo – e isso foi apenas por alguns minutos.

Quem sabe o que aconteceu com o pai por ter esse coquetel nele durante anos? Pode ter sido um pesadelo sem fim.

Ainda assim. O pai voltou, mas ele não... *está de volta.*

E isso é muito chato.

– Tem – o pai disse. – Ei, garoto.

– Pai. Ei.

– Tá tudo bem?

– Tudo certo. Eu só... pensei que você ia me ajudar hoje.

– Ajudar você? Eu... – Então seu rosto se contorce como um pano torcido. – Com o droide. Seu B1.

Certo, sim. Sinto muito, Tem. Eu só estou distraído.

– Onde você esteve?

– Fui fazer uma caminhada.

Ele faz isso, agora. Ele faz caminhadas. Muitas. Pela manhã, ao meio-dia, mesmo no meio da noite. O terapeuta, dr. Chavani, disse que isso era normal também. Disse que um monte de coisas poderiam ter se formado em sua mente ao longo dos anos, e esta pode ser sua maneira de limpar tudo. Todo mundo supôs que ele estava morto e agora ele não está – ele efetivamente voltou da sepultura como um fogo-fátuo das velhas séries de Terror Meteoro.

– Eu posso caminhar com você de vez em quando.

– Não – Brentin recusa. – Acho que gosto de ficar sozinho nessas caminhadas.

– Você acha?

– Nem tudo está claro agora, garoto.

– Oh. Certo. Sim. Tá tudo bem entre você e a mamãe?

– Com certeza. – Mas do jeito que ele diz, Temmin sabe que não. Ele viu isso por si mesmo. Há uma distância lá. E está crescendo mais.

E, ele decide, é tudo culpa de Norra.

– Ele está bravo comigo – Norra afirma.

Ela pega a garrafa térmica e tira os dois discos da tampa – discos que com um movimento do dedo se tornam dois pequenos copos telescópicos. Ela e Wedge se retiram para uma mesinha próxima do fundo do hangar do transporte espacial – um lugar onde alguns dos pilotos, técnicos e mecânicos comem suas marmitas. Ela lhe serve um copo de chava: uma bebida quente feita da raiz de mesmo nome. Não é folha de mascar de jaqhad, mas serve.

Wedge suspira.

– Eu tive essa impressão.

– Não estamos nos falando muito ultimamente.

– Por quê? Por causa de você e Brentin?

– Brentin e eu estamos bem. Tudo bem. Está tudo certo. – Ela ouve a rigidez em sua voz. É como se ela tivesse uma tosse no peito e tentasse não a deixar sair, mas faz cócegas, arranha, dói e... – Oh, maldição, não está bem! Não está *nem um pouco* bem. Temmin tem razão em ficar bravo comigo. Seu pai vem para casa e ele não está *presente*, assim, nos olhos. Ele não está conosco o tempo todo. Ele está em outro lugar mesmo quando está sentado na minha frente.

– A maioria dos cativos fica assim por um tempo. Eu ouvi que eles foram anestesiados, mas... eles tiveram pesadelos.

– É verdade. Brentin provavelmente experimentou *anos* de pesadelos. Então o modo como ele age é normal. É *mais* do que normal. Eu... eu... não é culpa dele, eu apenas não consigo chegar perto. É como se ele não fosse mais Brentin. – *E você não é mais Norra, também.* – A culpa é minha. Ele vai conseguir.

Tenho de ser paciente. Tenho que ser agradável, sorrir e apenas fechar a minha boca tola, porque *ele vai conseguir*.

A mão de Wedge encontra a sua. Seus dedos se entrelaçam.

É quente, confortável e...

Ela puxa a mão para longe.

– Sou casada.

– Eu sei. Eu sei! Eu não quis...

– Eu sei que não quis, eu só quis...

– Claro.

– Sim.

– Sinto muito.

– Não se desculpe – ela diz. *Eu me senti bem e quero que você pegue minha mão de novo*. Ela cerra os dentes enquanto tenta banir esse pensamento. – Apenas... me diga o que há de errado com o meu filho.

– Não há nada de errado. Na verdade, ele está escalado para ficar na reserva durante o Dia da Libertação...

– Mas?

– Mas ele perdeu treinos demais.

Ela franze a testa.

– O que significa que não pode realmente estar no convés.

– Correto.

– Ele está passando por um momento difícil. Seu pai voltar para casa era tudo o que ele sempre quis, mas a realidade é muito menos do que a magia que todos esperávamos. – Ela toma um longo gole de chava. – Vou falar com ele. A respeito do Dia da Libertação.

– Tem certeza? Eu posso contar pra ele.

– Ele já está bravo comigo. Não vai mudar nada.

– Obrigado.

Eles ficam sentados ali por um tempo, cada um envolto pelo vapor das xícaras. Por fim, ela pergunta:

– Alguma notícia de Kashyyyk?

– Nenhuma.

– Já faz um mês, Wedge.

– Eu sei.

– Leia deve estar ficando louca.

– Ela está. Acredite em mim, ela está.

A Praça Eleuteria fora do prédio do Senado está movimentada – todas as atividades conduzidas pela magistral mão da chanceler Mon Mothma e seus conselheiros. Ela rege as pessoas como instrumentos, criando harmonia e ritmo a partir de puro barulho. É uma coisa impressionante.

A menos, é claro, que você seja um de seus instrumentos descartados.

É assim que Leia se sente. Mas mesmo que já não esteja contribuindo para a música... ela ainda pode fazer barulho, não é?

Ela vai até o centro da praça. Sua barriga já está proeminente. Não há como esconder. Também não há nenhum jeito de evitar os sussurros – rumores sobre o filho de um contrabandista e uma princesa, um contrabandista que fugiu, uma princesa que ficou. Leia não se importa com esses sussurros. Ela *não pode*.

Conforme Mon direciona a Guarda do Senado, dizendo onde devem ficar – simultaneamente respondendo a questões sobre a iluminação que preencherá o céu noturno depois do Dia da Libertação com um show de luzes e fogos sem precedentes –, Leia caminha direto até ficar bem diante dela. Esqueça o protocolo. Decoro é uma coisa do passado, uma coisa que Leia enterrou profundamente. Além disso: Mon é uma amiga. Não é?

– Leia – Mon diz. Em sua voz, Leia detecta as emoções concorrentes de calor e irritação. A chanceler está feliz em vê-la, embora fique incomodada pela interrupção. – Como pode ver, estou um pouco ocupada...

– Sim, também estou ocupada. Ocupada me preocupando com meu marido e sua equipe e com *todo o mundo* dos Wookiees lentamente sendo esmagado pelo punho opressor do Império ainda existente. Mon, por favor.

Leia tem sido impulsionada incessantemente para encontrar uma solução para essa crise desde o dia que a *Millennium Falcon* pousou ali em Chandrila – e seu marido não saiu para encontrá-la. Norra e os outros resgataram prisioneiros, mas Han ficou para trás. *Algo que ele tinha que fazer*, Norra dissera.

Sua mandíbula trava quando ela pensa naquilo.

Leia tentou angariar os votos necessários para enviar ajuda e tropas para Kashyyyk, mas é claro que o Senado está cheio de representantes cujos próprios mundos precisam dessa ajuda e, às vezes, também da presença militar. A votação foi próxima, mas não próxima o suficiente – a medida não retornará até o próximo ciclo, e até lá será tarde demais.

Depois disso, ela tentou discutir diretamente com o almirante Ackbar. Ele concordou que era hora de fazer algo a respeito de Kashyyyk, e juntos eles ponderaram as opções. Ele considerou o envio de uma pequena equipe das Forças Especiais à superfície para ajudar a localizar e dar assistência ao time de Han...

Mon Mothma bloqueou esse esforço. Foi como derrubar um gigantesco muro de gelo entre Leia e seu objetivo.

Na época, Mon disse que seria “imperdoável” jogar lama na água depois que Sloane veio a eles com a oferta de negociações de paz. A galáxia, disse ela, estava momentaneamente em paz – uma paz tensa e desagradável, talvez, mas tudo estava calmo na frente galáctica. Era um alívio extremamente necessário do cansaço da guerra, e fazer *qualquer* tentativa formal e oficial de incursão contra Kashyyyk poderia reviver aqueles problemas.

Aquilo, a chanceler deixou claro, não era uma opção.

E o Senado a apoiou.

– Leia, por favor. Se você me der algumas horas...

– Mon. Pare. Me escute. Eu não vou negociar a respeito disso.

Mon se inclina e sussurra:

– Eu entendo que você está chateada...

– Entenda *o seguinte* – Leia começa, a voz mais alta do que um sussurro. – Você precisa de mim.

Ainda sou a cara desta República. Não me faça fugir disso.

Mon fica rígida.

– Você realmente faria isso? Causaria um dano à Nova República por causa disso?

– Eu queimaria toda a galáxia se eu achasse que é certo.

Mon suspira e força um sorriso.

– Eu sei. – A chanceler assente para as pessoas reunidas. – Façam uma pausa rápida. Eu voltarei.

A chanceler toma o cotovelo de Leia, e as duas caminham para o lado mais distante da praça. Ali perto, um trio de pássaros bigodudos cutucam o chão com as patas, procurando migalhas. Assustados, os pequenos animais saem voando em uma enxurrada de penas peludas.

– Você tem a minha atenção – Mon diz. – Gostaria que tivesse encontrado uma maneira melhor para consegui-la, mas aqui estamos.

– Somos amigas, não somos?

– Espero e torço para que ainda sejamos. Eu sei que isso é a respeito de Kashyyyk e acredite em mim quando digo que minhas mãos estão amarradas. As coisas são *diferentes* agora. Nos dias da Aliança, fazíamos o que podíamos... e às vezes isso significava que os indivíduos tomavam decisões rápidas para o todo. Mas isso não é mais uma insurgência. Não estamos escondidos. Não operamos em células ou em bases marginais espalhadas pela galáxia. Todos os olhos estão sobre nós, todas as mãos estão unidas. Estamos unidos e, *nessa unidade*, estamos comprometidos com o todo, com a máquina do governo, que é lenta, sim, mas eficaz...

– Eficaz em quê, exatamente? Indolência? Concessão?

– *Compromisso*.

– Que lógica fria enquanto mundos morrem. Qual é o nosso compromisso em Kashyyyk? Porque me parece que lá nenhum compromisso se manifestou, não um compromisso que os Wookiees entenderiam...

Mon pega sua mão e a aperta com força.

– Kashyyyk é um mundo entre *milhares* que estamos tentando alcançar, e milhares mais que ainda virão. Por favor, veja além de seus laços com Han e entenda que isso é maior do que apenas um homem.

– Sim, você tem razão. É mesmo! É a respeito de *milhões* de Wookiees, muitos dos quais já estão mortos porque ninguém foi ajudá-los. Chewbacca é um amigo e um protetor. Ele é *família*. E devo tanto a ele quanto Han lhe deve.

A consciência floresce dentro dela, feroz como uma bola de fogo. Ela entende por que Han está lá fora. Ele não está fugindo dela ou da criança. Ele está correndo *em direção* a algo. É isso que Norra quis dizer

– ele tinha algo a fazer. Algo que não pode deixar de fazer antes de começar sua própria família.

– Eu estive pensando – Mon começa –, e o que Han está fazendo pode ser o jeito certo de abordar o assunto. Em mundos onde o Império ainda mantém o controle ou onde as associações criminosas preenchem esse vazio, os movimentos individuais de resistência podem se levantar e servir como pequenas rebeliões próprias. Assim como aconteceu em Akiva. Não podemos apoiá-los oficialmente, mas podemos encontrar canais alternativos para oferecer ajuda.

Leia zomba.

– Canais alternativos? É isso que nós merecemos?

– Como eu já te disse, também vou colocar isso na mesa com a almirante Sloane durante nossas conversas de paz. Vou pedir que a libertação de Kashyyyk seja uma condição de paz...

– Você quer negociar algo que não é negociável – Leia sibila. Ela levanta as duas mãos com as palmas abertas. – Aqui está a coisa certa, a coisa *boa*. No outro lado está o caminho errado. O caminho do mal. Há muito que lutamos para sermos bons. Para sermos heróis! Mas agora você quer negociar neste espaço intermediário. Você quer chegar num meio-termo cinza.

– Não é tão simples quanto bem e mal, Leia.

– É para mim! – Leia se vira em direção à entrada. – Eu não estou chegando a lugar nenhum. Eu... preciso ir, Mon. Pensei que poderia tentar, mas vejo que é inútil.

– Espere. O Dia da Libertação está quase chegando. Preciso de você ao meu lado... o rosto da solidariedade. Unidade, como eu disse.

– Não temos unidade nisso. Você vai estar sozinha.

– Não sou eu que estou sozinha, Leia.

Uma estocada. Leia ataca de volta:

– Prefiro estar sozinha do que com você, *chanceler*.

Com isso, ela sai impetuosa, agora certa do que deve fazer.

Norra encontra o filho sozinho na cozinha. Ele está comendo uma tigela de pakarna – uma espécie de mistura de macarrão. Um prato chandrillano. Herbáceo e picante. Ele gira o macarrão em um garfo e o empurra sem cerimônia na boca. Molho escorre pelo queixo enquanto Ossudo encara, fascinado.

O garoto mal a nota quando ela entra pela porta.

– Oi – ela cumprimenta.

Ele não responde. Um aceno abatido é tudo o que ela recebe.

– Onde está seu pai?

– E o que te importa?

– Certo. Eu provavelmente mereci isso.

Temmin dá de ombros.

– Sim. Bem. Saiu. De novo. Em uma de suas caminhadas.

– Ele só precisa limpar a cabeça, querido.

– O que ele precisa é ficar longe de *você*.

Essas palavras levantam as defesas dela. Ela não quer isso. Norra quer se curvar diante da reprimenda, ouvir as críticas que merece – mas rápido, muito rápido, ela retruca:

– Cuidado com a atitude, Tem. Todos nós estamos passando por algo aqui. Isso vai ficar mais difícil antes de ficar fácil. Seu pai ficou longe por muito tempo...

– Porque ele foi capturado. Qual é sua desculpa?

– Eu estava...

– Tentando encontrá-lo? E conseguiu?

Ela ignora isso. Ou tenta.

– Seu pai tem estado um pouco estranho por causa do que fizeram com ele naquela nave.

– Ele tem estado estranho porque você está estranha com ele.

Ele tem razão. Ela está estranha. Eles jantam quase sempre em silêncio. Durante a primeira semana, os dois dormiram na mesma cama, mas desde então ele tem dormido no sofá na sala. Eles mal conversam. Sobre o que devem falar? O estado da galáxia? As conversas de paz com as pessoas que o puseram na prisão, aquelas contra quem ele lutou durante anos? Devem falar de seus pesadelos? Seu tempo com a Aliança? Ela tentou, em momentos privados, sondar seus limites, tentar saber o que ele pensa sobre ela ter seguido seus passos, mas na maior parte do tempo ele apenas parece distraído. É algo que ela viu em outros pilotos e soldados na guerra – eles foram traumatizados até o esquecimento. Rasgados até serem apenas pedaços esfarrapados de quem foram no passado.

É isso o que Brentin é agora? Apenas pedaços esfarrapados?

Ele pode ser costurado de volta? O casamento deles também?

Temmin joga sua tigela de macarrão meio comida dentro da pia. Ossudo vira o pescoço e olha para ele.

– EU VOU LIMPAR ISSO – o droide cantarola.

– Não – Temmin diz, enganchando um dedo em torno de uma das costelas recentemente forjadas do robô. – Vamos para outro lugar.

Ela pega o braço dele.

– Wedge falou comigo. Você tem perdido sessões de treino.

– E daí?

– *Daí* que isso significa que você não pode participar das patrulhas do Dia da Libertação.

Ele encolhe os ombros como se não se importasse, embora o encolher de ombros seja tão agressivo que *tem* que se importar.

– Que seja. Ótimo. O Dia da Libertação é estúpido de todo jeito. Conversas de paz com aquele monstro, Sloane? Libertamos alguns prisioneiros. Viva. Eles nem vão nos dar medalhas.

– Temmin...

– Não, quer saber? Tudo bem. Tá ótimo. Vou seguir o exemplo do meu pai e sair para uma longa caminhada. *Sozinho*. Vamos, Ossudo.

– SE EU FOR, VOCÊ NÃO ESTARÁ SOZINHO.

– Eu falei: *vamos*.

– ENTENDIDO.

Norra é deixada sozinha. Seus olhos ardem de lágrimas. A mente de repente não voa para seu marido, nem para seu filho ou Wedge, mas para a equipe que ela deixou para trás em Kashyyyk. Ela espera que eles estejam bem.



CAPÍTULO

30

Lozen Tolruck, grão-moff de Kashyyyk, está caçando.

Um visor está amarrado à sua cara redonda, e em cada lado pequenas almofadas de eletroestimulação estão afixadas às suas têmporas. Por meio do visor, ele vê – e controla – uma pequena sonda assassina. A sonda já foi um droide, no passado, mas um de seus técnicos removeu a matriz de personalidade da coisa e a transformou em algo que Tolruck pode controlar de longe. É uma coisinha malvada, aquela sonda. Pequena o suficiente para ser enfiada debaixo do braço. Rápida como uma flecha. Ágil, também, com perfeito movimento em todas as direções. Possui um revestimento cromado de pintura brilhante, permitindo que se misture com o resto do ambiente – fornecendo uma camuflagem poderosa.

É um dispositivo maravilhoso. Em teoria.

Lozen Tolruck a despreza.

Através do visor, ele vê sua presa – um dos Wookiees que eles estavam treinando. Este é o Indivíduo 478-98, embora Tolruck goste de dar apelidos a eles. Torna a coisa mais pessoal. Este ele chama de Listra Negra, por causa de uma única listra negra que secciona o rosto da fera em dois.

Listra Negra corre e Listra Negra escala, mas isso importa pouco. A sonda assassina é rápida. Possui imagens térmicas e detecção de movimento. Ela vê tudo e pode perseguir com eficácia e rapidez. A besta se agarra a uma das enormes árvores wroshyr do Jardim Preservado, se esquia através de ramos e gira sob videiras zha-raratha esponjosas, atropelando aglomerados de flores com agulhas vermelho-sangue. Listra Negra escala e escala.

E logo a fera vê o caçador.

Ela rugue. Tolruck estremece quando a pata da besta passa pela sua visão. A sonda retrocede também, pulando para trás; o desajeitado golpe não a acerta.

Tolruck simplesmente pensa o que quer fazer, e a sonda assassina faz. Mal precisa ser um pensamento consciente. Ele pisca, a sonda estende um cano telescópico, e então...

Kiff, kiff.

Dois dardos tóxicos são lançados contra o peito da fera. O veneno é de ação rápida, e o Wookiee *deveria* cair, mas não cai. Ele é robusto. Eles o treinaram muito bem, ao que parece. Desajeitada, a criatura continua sua subida pela árvore, gemendo e gorgolejando enquanto salta de forma deselegante de

galho em galho...

Tudo bem. Tolruck é tomado pela raiva. Ele ruga como os Wookiees – mesmo que a besta nunca vá ouvir esse som, dado que a coisa maldita está a mais de 60 quilômetros de distância – e então lança a sonda assassina direto contra o monstro miserável. Logo que bate, ele transmite o código de eliminação...

E a sonda se autodestrói.

Isso vai matar a coisa nojenta. Listra Negra vai morrer com um buraco explodido nas costas. Talvez até divida o monstro ao meio.

O visor fica escuro. Tolruck o arranca do rosto com um rosnado. Ele o joga no chão e pisa nele como se fosse uma praga ofensiva.

Ali, na sua frente, está seu especialista: Odair Bel-Opis. Um homem capaz, o Odair. Organizado. Implacável. Corelliano. Ele é um assassino brutal, sim, mas também é confiável – não tem nenhuma ambição de tomar a posição de Tolruck. Odair é tão necessário e tão simples quanto um porrete mantido firme na mão.

– Esta *coisa* – Tolruck grunhe, chutando o visor de controle quebrado – não vale nada para mim. Isso não é uma caçada, Odair. É *voyeurismo*. Eu quero *estar* lá. Eu quero sentir o cheiro desses animais esfarrapados. Eu quero ouvir seus rosnados e a respiração áspera. Eu quero persegui-los e ser perseguido. Essa é a caçada. Não... o que quer que *isto* seja.

Tolruck anda pela sala como os ventos rodopiantes de uma das terríveis tempestades mrawzim de Kashyyyk – ele corre as mãos ao longo dos troncos nodosos e retorcidos que compõem as paredes de sua câmara circular. Seu polegar atravessa uma linha de seiva pegajosa e ele a traz aos lábios. Ele chupa o polegar como um bebê. Isso lhe dá arrepios e ele estremece. Uma onda de prazer o percorre. A seiva – hragathir, como os Wookiees chamam – torna-se um narcótico ao longo do tempo, depois que a madeira é removida da árvore.

Ele cai na cadeira: uma enorme coisa esquelética feita de madeira escura e morta. As galhadas de muitas pontas de arrawtha-dyr o enquadram conforme ele afunda, desleixado, afastando o tecido de sua túnica (feita com a própria pele do dyr) para coçar a extensão de barriga pálida e exposta.

Coça, coça, coça.

– Você pode falar, se tiver palavras – Tolruck resmunga.

– Vou dizer aos técnicos que uma nova sonda é necessária.

– Não. Eu quero *sair*. Quero *caçar*. De maneira apropriada.

– É perigoso demais no momento.

– Bah. – Ele balança o braço pelo ar. – Isso não é uma revolta. Os Wookiees permanecem sob nosso controle. É uma célula insurgente, uma pequena sombra cancerígena agarrada à nossa operação aqui. Não mais do que um parasita. Vamos esmagar a coisa *rathhakkhan* e acabar logo com isso. Eles não podem me ferir.

– Eles têm atacado alvos vitais. E você é o nosso alvo mais vital.

Com isso, ele não vai discutir. Ele é o senhor deste mundo. O Império o abandonou. Ele é grão-moff apenas no nome. Na verdade, ele é um senhor de guerra. Ele é o imperador. Não...

Ele é *deus*.

Um mundo inteiro e suas espécies selvagens existem sob seu domínio.

Que poder glorioso.

Ele odiou este lugar por tanto tempo. Mas agora é uma parte dele. Sua sujeira está sob suas unhas. Ele *fedo* como o planeta. E esse fedor? Ele gosta dele. Tolruck não se banha há semanas. Ele até comeu alguns daqueles wroshagrubs inteiros e crus – vermes gordos e roliços cuja pele estoura quando você os morde, as tripas evacuando seus corpos de borracha e ensebando sua língua. Ele gostaria de ter alguns agora, mesmo que tenha comido há pouco tempo.

Ele arrota em seu punho. Sua cabeça se inclina para trás.

– Eu me recuso a me intimidar, Odair. Eu mesmo vou caçar esses vira-latas. Já pegamos um deles. Talvez possamos usá-lo como isca. Pegue meu rifle...

– Há algo mais, governador.

– Fale, então.

– Temos um visitante.

– Quem?

– Imperial. Alguém do pessoal da almirante Sloane.

Isso o faz se endireitar na cadeira. Talvez tenham finalmente se lembrado dele. Talvez pretendam incluí-lo e a seu mundo do trono no Império *deles*.

Porém, isso o faz ponderar. Será que quer se unir a eles? Será que se importa com seus avanços simbólicos, as migalhas jogadas em sua boca à espera? Eles vão esperar que seja gentil, mas o abandonaram ali.

Ele pode se sair melhor sozinho.

Melhor deixar esse imperial cozinhar. Além disso, o comandante Sardo está pedindo uma reunião há algum tempo. Ele atenderá a chamada, e isso dará ao laçao de Sloane tempo suficiente para sentar e ferver em arrependimento. Então ele vai se encontrar com o homem, finalmente, e, quando o fizer, poderá enviar a Sloane um presente: a cabeça do seu emissário em um baú.

Os Wookiees construíram muitas de suas cidades dentro e ao redor das enormes árvores wroshyr, altas como arranha-céus – árvores cujos troncos têm uma circunferência inimaginável, tão grandes que para andar em torno da base de uma a pessoa poderia levar meio dia. As árvores viram e se torcem ao redor umas das outras, como se estivessem congeladas em uma dança louca – uma competição dos ramos de cada wroshyr para atingir a atmosfera superior antes da árvore ao lado dela.

Cada árvore sempre procurando pelo sol.

O sol, agora, está coberto por faixas de nuvens escuras e cinza. Pontas de luz atravessam as trevas, mas, mesmo assim, a luz é pálida e fina. Parece sem substância. Falha em trazer calor ou até mesmo

iluminação.

O que ela ilumina é que a cidade wookiee de Awrathakka está em ruínas. Antigamente a cidade subia pela árvore, como muitas das cidades do planeta – seguindo as curvas e voltas do tronco. A vida dos Wookiees estava ligada à vida das árvores. Eles cuidavam delas. E, por sua vez, elas lhes davam abrigo, comida e toda a sua existência. Essa simbiose era honrada como um vínculo sagrado e biológico. Mas agora, a maior parte da cidade foi arrancada da casca. Pedacos estão pendurados. A madeira está queimada em alguns lugares, bem como as estruturas que uma vez foram afixadas à árvore – ou cultivadas dentro dela. A união está quebrada.

No passado foi uma cidade de jardins.

Agora é só uma cidade de fantasmas.

Os Wookiees que moravam lá, porém, ainda estão perto.

Bem abaixo, através das camadas de névoa, está o Assentamento de Trabalho Imperial 121, conhecido como Acampamento Sardo, por causa do homem que o comanda, o comandante Theodane Sardo. É um dos muitos assentamentos na superfície de Kashyyyk – todos construídos sobre a terra, pois o Império se importa pouco em tentar navegar a topografia confusa dos wroshyrs.

O Acampamento Sardo é também o maior desses assentamentos.

É o lar de cerca de 50 mil Wookiees.

Eles trabalham em diferentes capacidades. Desenterram as raízes da árvore – as raízes são mais macias do que a própria árvore, e é mais fácil fazer uso da madeira lá. Eles também minam os nós fúngicos que se agarram a essas raízes: depósitos minerais atraem fungos para se alimentar deles. E, uma vez que um nó fica maduro, o fungo pode ser raspado; dentro há wroshite, um cristal duro, cintilante, da cor de aço de arma. Bom para focalizar armas de feixe imperiais. E vale um monte de créditos, o bastante para encher um capacete, no mercado negro.

Os Wookiees também cultivam comida.

Lutam para entretenimento.

São forçados a procriar.

Estão sujeitos a vários testes químicos e médicos.

E eles não se revoltam. Eles não resistem. Porque, se o fizerem, os chips em suas cabeças vão acabar com eles. Ou melhor, acabar com suas famílias – um truque que o Império levou muito tempo para aprender. Um Wookiee só luta por si mesmo até certo ponto. Mas são escravos de suas próprias linhagens, e família é tudo. Tem um Wookiee impiedoso, não domesticado e obstinado em suas mãos? Ameace aqueles de seu bando e ele se torna tão flexível quanto massa.

Ainda assim, às vezes os Wookiees morrem de fome ou trabalham demais, e, quando isso acontece, a carcaça é jogada em trincheiras e queimada. Sardo traz um novo Wookiee para cada um que cai.

– Produtividade é tudo – Sardo diz em um holograma. Tolruck grunhe. O homem é um bajulador. E tudo bem; Tolruck precisa de homens como Sardo, dispostos a se curvar, alisar e lambar suas botas. Mesmo

assim, é nojento de assistir. Embora Sardo esteja a uma grande distância, no seu acampamento (aquele homem nunca seria convidado a entrar na fortaleza da ilha de Lozen Tolruck), sua subserviência trespassa a imagem. – O Império pode ter nos deixado para trás, mas você permanece, e, em seu nome, procuramos melhorar nossas margens. Venho pensando em novas maneiras de usar os Wookiees...

Sardo prossegue e prossegue, explicando como o Império deixou de levar Wookiees para fora do planeta. Eles costumavam transportá-los para fora do planeta aos milhares para trabalhar (afinal, foram os Wookiees que ajudaram a construir grande parte da máquina de guerra imperial).

– Mas, desde que isso terminou, os programas de procriação tornaram-se problemáticos. Temos um excedente de trabalho escravo... o que fazer com ele? – Este é o enigma que Sardo tenta desvendar agora. – Será que os Wookiees podem ser abatidos pela carne? Atualmente são fibrosos e resistentes, mas se pudessem ser engordados ou modificados de alguma forma... ter uma criação cruzada com outra espécie, talvez, como os Talz.

(Tolruck não odeia essa ideia. Os Talz são deliciosos.)

Então, o holograma de Sardo vacila.

Tolruck pergunta:

– O que é isso?

– Nós... perdemos uma torre de artilharia. Nas árvores. – Tolruck bufa. O que há nas árvores sobre Sardo? Ele olha para um mapa na parede. Uma velha cidade Wookiee, não é? Awrathakka. Hm. – Provavelmente não é nada.

Provavelmente não é nada, mesmo.

Tolruck fala:

– Verifique, de qualquer maneira. Não seja preguiçoso, comandante. Controle seu ambiente. Não me decepcione.

Sardo assente furiosamente.

– Farei isso. Claro. Obrigado, senhor.

Tolruck assente de volta e desliga o holograma. Ele suspira e olha para Odair:

– Suponho que é hora de vermos o que o tolo de Sloane deseja de mim.

Na cidade fantasma de Awrathakka, uma única nave desce para pousar na segurança da sombra de uma torre morta.

É a nave de combate SS-54 – ou, melhor, o “cargueiro leve”.

Sua designação: a *Halo*.

Lozen anda pela fortaleza sem pressa. Wookiees com o pelo emaranhado e droides corroídos trabalham à medida que ele passa – muitos cortando tábuas grossas de madeira de wroshyr para fortificar a fortaleza. Aquela madeira é quase sobrenatural em termo das proteções que oferece. Ela se recusa a queimar. Aguenta disparos de turbolaser, lascando e carbonizando apenas um pouco. Claro, isso significa que para cortar o material são necessárias serras de dentes de prótons. E mesmo essas serras quebram ao

enfrentar a madeira – muitos Wookiees tiveram a cabeça dividida ao meio como uma noz tongo quando uma quebrou no meio do giro.

Os Wookiees não olham para ele enquanto passa. Foram treinados para não virar o olhar animal para ele. E os chips inibidores aparafusados atrás de seus crânios garantem que qualquer violação resulte em diferentes níveis de sofrimento (escalando naturalmente até paralisia e, depois, morte).

Os pés dele mergulham em poças enquanto caminha de nível em nível, descendo um conjunto de degraus para outro. Em torno de uma passarela de madeira, anda por uma tábua de chapa metálica, através de uma choupana de soldados camuflados que preparam seus fuzis de raios para a prática de tiro ao alvo.

Lá fora, o ar cheira a cinzas, carvão e cabelo em chamas. Nuvens viram e giram acima da sua cabeça – cinzentas e mortas como um pulmão doente.

Lá, à frente, esperando no degrau mais baixo das escadas de metal enferrujado:

O visitante. Clássica postura imperial rígida. Queixo para cima, nariz para baixo, mãos atrás das costas. O uniforme mostra uma faixa naval. Apenas um tenente. Um homem de pouca importância.

Esse homem oferece um sorriso pálido que levanta um bigode bem alinhado demais para este mundo brutal. A barba de Lozen é descuidada, indisciplinada – uma pelagem selvagem crescendo de suas bochechas e papadas. Até o rosto de Odair é um tapete irregular de barba escura. Homens loucos para um lugar louco.

O imperial presta continência, então oferece uma mão.

– Tenente Jorin Turnbull – o homem diz.

Lozen não toma a mão do homem nem oferece muito reconhecimento. Faz pouco mais do que torcer a cara em uma careta insatisfeita.

– Sloane o mandou, pelo que me disseram.

– Correto, senhor.

– *Por quê?*

– Ela entende que você está tendo alguns, ah, problemas.

– E o Império quer ajudar.

– Nós todos somos o Império, senhor.

– Somos? – Lozen rosna, depois se aproxima do homem. Odair também se aproxima. Ele está retesado como um cabo de arco, pronto para qualquer coisa. O senhor de guerra chega perto do rosto do tenente e range os dentes. O homem é pequeno, e Lozen é grande. Ele se permitiu ganhar tamanho nos últimos anos, enchendo-se de massa. Gordura e músculos envolvem seus ossos. Sua barba é longa, sim, mas seu cabelo está puxado para trás em um emaranhado nodoso. Ele é tudo que este homem alto e magro não é. – Vocês nos abandonaram. Não recebemos mais suprimentos. Nosso estoque de escravos está aumentando e ninguém os está tirando das nossas mãos. Vamos ter que cortar as linhas de criação logo. Não vimos nenhuma mudança de guarda, nenhuma passagem de bastão para nossas naves, nossos transportes ou nossos oficiais. É como se estivéssemos esquecidos. Mas nós lembramos. E sobrevivemos.

O homem parece nervoso agora. Como deveria. Ele pode morrer antes que este dia acabe.

– A grã-almirante Sloane certamente implora seu perdão nesse sentido... Como você deve saber, o Império se fraturou desde a morte do imperador...

– O imperador está vivo – Lozen retruca, furioso.

É uma mentira. Ele sabe que é. Mas é uma mentira a que ele se apegar. A história que ele conta a seus homens e mulheres aqui é simples, porque simplicidade é eficaz: o Império foi roubado de seu imperador, e um dia ele vai recuperá-lo. Até lá, eles estão sozinhos. Isso dá aos seus soldados um futuro. Isso lhes dá um fim. Os sussurros da vitória.

– Sim. Claro. – O imperial visivelmente engole. Ele sabe agora que a corda serpenteia em volta do pescoço e o aperta de forma inelutável. – De qualquer modo, Sloane estende uma mão. Vocês estão sendo ameaçados por terroristas?

Os olhos de Lozen estreitam-se em fendas cercadas de gordura.

– Sim.

– Nós sabemos quem eles são. Quer dizer, achamos que sabemos. Eles vieram a este mundo com um código roubado de um construtor de prisões imperiais.

– Golas Aram.

– Correto.

– Nunca confie em um Siniteeno. Um cérebro tão grande contém uma infinidade de traições.

– Isso é válido aqui. Os terroristas chegaram com esses códigos e sob a bênção falsa da almirante Sloane.

Lozen se inclina.

– Quem são eles?

– Caçadores de imperiais enviados pela Nova República. Liderados por um canalha conhecido: o criminoso Han Solo. Agora um general nas fileiras deles.

Lozen aquiesce. Isso faz sentido.

– Interessante. O prisioneiro que temos não falou. Não deixou uma única palavra passar por seus lábios rebeldes, por mais que o machucássemos.

– Vocês ainda o têm? Ele está vivo, o prisioneiro?

O governador bufa.

– Está. – Ele ergue um dedo e o roda em um gesto de laçar. – Traga-me o prisioneiro, Odair.

O seu especialista sai e volta com uma gaiola pequena sob plataformas gravitacionais. Odair a cutuca para a frente com o joelho – a gaiola é pequena demais para um humano. É um canil de ferro destinado a uma das stregas de Lozen – uma ave de rapina de bico curvo. Tão grande quanto um cachorro e uma caçadora poderosa. E treinável, também. Com a... motivação certa. Mas esta gaiola não contém tal ave.

Em vez disso, contém um homem.

Este homem pertence àquele lugar. Seus olhos são selvagens como as florestas dali. Ele é esguio e selvagem – um vira-lata não domesticado.

O imperial se inclina para olhar. Seu rosto se aperta quando ele vê.

– Este aqui perdeu um olho.

– Nós o arrancamos na esperança de obter alguma informação. – Lozen pigarreia muco para fora da garganta até sua boca e mastiga. – Não funcionou.

Ele cospe catarro no chão: *splash*.

– Bem. Seus métodos são seus. Eu gostaria de uma excursão pelo seu...

Então, alguém entrega algo para Odair. Uma holotela. Odair olha para o imperial, depois para a tela, depois para Lozen.

– Governador, você deveria ver isso.

Odair se aproxima e entrega a holotela para ele.

Na tela: uma série de cartazes de PROCURADO. Essa, ele percebe, é a equipe de caçadores Imperiais que o está atormentando e a seu domínio. Ele vê o homem que é mantido na gaiola: um soldado, parece. Jom Barell é o nome dele.

A questão é que ele reconhece outro rosto lá também.

Sinjir Rath Velus.

É o rosto do imperial na frente dele. Oh, claro, o homem se esforçou para mudar um pouco sua aparência: cabelo um pouco mais longo, para não mencionar a taturana arrumadinha rastejando em seu lábio superior.

Mas aquele, sem dúvida, não é Jorrin Turnbull. (Se é que esse homem sequer existe.) Ele é um intruso. É uma presa.

Lozen sente o sangue ficar quente. Que inversão maravilhosa: este homem pensou que poderia caçar o governador, mas agora o tolo foi apanhado. E ele também sente isso. Algumas presas são burras demais para saber, mas as melhores presas – do tipo que você quer caçar pelo desafio que apresentam – podem sentir quando o vento mudou, quando um predador as persegue.

O homem fica tenso... seu olhar relanceia pelo ambiente, procurando por uma arma, uma saída ou qualquer vantagem que possa usar.

Mas ele é lento demais.

Lozen tem uma faca na mão: uma lâmina kishakk. Uma arma Wookiee; o nome pode ser traduzido de forma grosseira como “espinho de amoreira”. As feras a usam para comer, para abrir as conchas de vários crustáceos e insetos. Mas Lozen descobriu que as lâminas são elegantemente equilibradas. Tão equilibradas, na verdade...

Ele a arremessa. O traidor se vira para fugir...

A lâmina acerta em cheio. Fica presa na parte de trás da panturrilha do homem, incapacitando sua perna. A presa – Sinjir qualquer coisa – cai para a frente, apoiando-se com as palmas abertas. Seu inimigo uiva como um dyr ferido.

– Traga-o para mim – Lozen rosna para Odair.

O especialista obedece.

Ossos em chamas badalam *tink* e *tonk* no ar parado. Enquanto Jas monta seu rifle, encaixando a mira no lugar, um dos membros da tripulação atrás dela – Greybok, o Wookiee de um braço só – bate em algo que passa rolando por ela.

Um brinquedo. Um brinquedo de criança. É um sauriano de madeira com rodas em vez de pernas, e conforme ele rola, sua mandíbula guincha, abrindo e fechando.

Ela se pergunta quanto tempo passou desde que um filhote Wookiee brincou com ele. Que esse jovem agora pode ser mais velho. Ou estar morto.

Uma sombra cai sobre ela. Chewbacca está de pé, olhando para a névoa. Ele também olha para cima. Como se ele estivesse metade triste e metade com medo.

Ele grunhe e late.

Solo se agacha ao lado dela.

– Vamos manter os olhos abertos.

– O que ele disse? – ela pergunta a ele.

– Você não quer saber.

Ela enrosca o módulo de imagem térmica no lado da mira.

– Sou bem grandinha. Posso aguentar.

– Ele disse para tomar cuidado com as aranhas.

– Aranhas não me assustam. – Ela pensa: *Mas elas assustam Sinjir*. Mesmo uma pequena aranha de casa correndo pelo chão o faz congelar e rezar para uma centena de deuses em que ele não acredita. Ocorre-lhe de repente: ela sente falta de Sinjir.

Solo se inclina.

– As aranhas não assustam você porque a maioria das aranhas não são maiores do que sua mão. Estas aranhas tecelãs? Maiores do que eu e você.

– Isso é aterrorizante.

– Mais aterrorizante é o que elas fazem com você.

Ela pisca.

– Você está certo, eu não quero saber.

– Os Wookiees as comem. Chewie diz que elas são borrachudas.

Chewie late em concordância.

De todo modo, ela olha por cima do ombro, esperando ver alguma coisa gigante se aproximando rapidamente. Mas tudo que ela vê lá atrás é a *Halo* e a equipe que eles trouxeram a bordo: um grupo desorganizado de Wookiees veteranos refugiados, além de um punhado de contrabandistas. Isso inclui dois amigos de Greybok: Hatchet e Palabar. Foi Palabar quem os ajudou a conceber este plano. O Quarren é um *poodoo* em uma luta – o mínimo sussurro de uma ameaça o deixa encolhido e rezando. Mas é inteligente com tecnologia e esperto quando supera seu próprio medo.

A tripulação está fazendo o que é esperado: ancorando olhais enormes na madeira com martelos

pneumáticos. A madeira resiste, mas os Wookiees conhecem os pontos fracos. Uma vez que os olhais estão afixados, eles começam a enfiar os cabos de salto através deles. Tudo está indo de acordo com o plano.

Sua mente volta para Sinjir... e Jom, e ela se sente subitamente menos relaxada. Mas não há tempo para distração. Todos têm de fazer a sua parte.

Ela, inclusive.

Jas se inclina e encosta a mira contra o olho.

É confortável. Ficar atrás de uma arma é sempre confortável para ela. Isso provavelmente diz algo doentio sobre Jas, mas ela não se importa.

Solo liga o botão de imagem termal.

– Obrigada – ela agradece, conforme a névoa morta abaixo deles de repente mostra cores e contornos brilhantes.

Ali: o Acampamento Sardo. Bem abaixo. A forma de uma coisa pesada surge diante de sua vista – um andador AT-AT lentamente caminhando ao longo do perímetro. De lá em cima, ela não consegue nem sentir as vibrações de seus pés, o que mostra quão alto eles estão.

Ela vê uma grande quantidade de vida lá embaixo: Wookiees, stormtroopers florestais e os oficiais que pertencem ao regime demoníaco de Lozen Tolruck.

– Está vendo? – Solo pergunta.

– Ainda não.

– Aqui, me dê o rifle.

– Eu cuido disso – ela sussurra. – Paciência, Solo.

Ele puxa a mão de volta como se tivesse sido mordido.

– Ei, certo, certo. Mas ande logo com isso, pode ser? – Ele olha para cima, para Chewie. – Como estamos, Chewie?

Chewbacca resmungo uma resposta.

– A frequência do inibidor ainda está ligada – Solo afirma. – Mas pode cair a qualquer minuto. Vamos lá, Emari. Encontre a maldita...

– Encontrei – ela avisa.

O gerador de escudo tem sua própria assinatura de calor. E é uma das estruturas mais altas no Acampamento Sardo: uma torre dodecaédrica em quatro postes de aço. Ela controla o campo que circunda o acampamento, um campo que os imperiais podem atravessar sem incômodo, mas qualquer chip que passa através dele é detonado. O que significa que se um Wookiee valsar através do campo... *bum*. Infelizmente, é um mecanismo completamente separado da frequência do inibidor.

O que significa que tem que ir separadamente.

Mas não pode ir cedo demais – se eles explodirem aquele campo muito cedo, vão disparar alarmes. Isso poderia comprometer o plano.

– Espero que seus parceiros consigam lidar com isso – Solo rosna.

– Sinjir tem tudo sob controle.

– O soldado, aquele seu brinquedinho, não devia ter sido capturado.

Ela hesita. *Espero que ele esteja bem.*

– Ele também salvou nossa pele e nos deu a chance de fugir da emboscada. Um fato que eu espero que você aprecie.

– Sim, sim. – Ele se remexe, impaciente. – E esse seu projétil explosivo vai derrubar essa coisa toda?

Tem certeza disso?

– Vai – ela rosna, entredentes.

– Quanto mais tempo ficarmos aqui parados, maior vai ficar o alvo nas nossas costas.

Ela dá uma olhada para ele.

– Você precisa confiar na gente.

– Sim, sim, relaxe. Eu confio em Sinjir. Só estou no limite. E eu... confio em você para acertar o tiro quando a frequência falhar.

– Em mim? – Ela sorri. – Eu pensei que você fosse o pistoleiro sempre. O canalha com a sorte da Força ao seu lado.

– Olha só, que tal isto: contamos ao mundo que eu atiro melhor com uma arma de raios e você é melhor com um rifle. É um empate.

– Justo – ela assente.

Ela gosta de Solo, depois de tudo isso. Mesmo com sua impaciência infantil. Ele tem uma energia que flutua em algum lugar entre mulherengo de língua afiada e idiota grosso, mas, no fim das contas, há algo genuinamente bom nele. Ela gosta de pensar que ele vê o mesmo nela.

– Certo – ele diz. – Fique firme, apenas no caso de...

A névoa em torno deles se ilumina com um único laser que corta o ar.

– ... termos companhia – ele termina, então dá meia-volta com uma arma de raios já levantada.

Ele grita para Jas:

– Fique aqui com Chewie. Prepare-se para o tiro! Nós vamos segurá-los!

Saindo da névoa atrás deles – e acima e abaixo deles –, stormtroopers em armaduras camufladas. Tudo se ilumina com os disparos das armas, e Jas se agacha e trava a mandíbula, tentando ficar viva.

Jom Barell está em sua gaiola. Seu olho se foi. E os homens responsáveis por isso estão ali agora mesmo, prestes a matar Sinjir Rath Velus.

Ele não reconheceu seu companheiro de tripulação no início. Ter apenas um olho não ajudou, mas Sinjir desapareceu no papel de algum burocrata necessitado. Tolruck também acreditou. O ex-imperial é bom em seu trabalho.

Jom Barell aprecia pessoas que são boas em seu trabalho.

Agora, contudo, Sinjir também está prestes a ser bom em ter o seu traseiro chutado pelo brutamontes

de Lozen Tolruck, Odair. Jom bate-se contra a gaiola, rosnando como um animal, sua voz como duas pedras batendo juntas.

– Levante! Levante, Rath Velus, seu maldito saco de batatas!

Odair avança...

Sinjir se move rápido, rolando e rodopiando um chute com a perna boa. Odair não o vê; o chute o derruba no chão.

Outros se reúnem – homens de Tolruck com lama nas bochechas e mãos calosas, mulheres com olhares assustadores e famintos de violência. Lutas estouram ali na fortaleza de vez em quando. Às vezes eles até fazem Jom lutar – geralmente com uma mão amarrada atrás das costas, porque, mesmo meio cego, ele ainda limpa o chão com seus atacantes. Por toda parte, o pessoal de Tolruck grita e torce com as invocações atávicas de uma espécie primitiva.

Os dois homens lutam. Odair bate um cotovelo contra a clavícula de Sinjir. Mas Sinjir se inclina para trás e tira a lâmina da própria perna – que espreme e esguicha uma linha de sangue quando ele usa a faca como a sua própria. É uma oportunidade, entretanto, e Odair a aproveita, lançando um punho na barriga de seu inimigo – repetidamente, como a cabeça de um martelo, *bam, bam*.

Vai assim por um tempo. Os dois homens batendo um no outro. A faca passa entre eles, a lâmina nunca extraindo mais sangue. Tolruck observa ansioso, palitando os dentes com uma unha lascada. Jom o observa. Ele pensa: *Logo eu vou sair daqui, e você será um homem morto, Tolruck*. Ele sonhou em tomar o olho do homem como vingança pelo seu próprio. Quando foi capturado, a tripulação estava executando a mesma abordagem de duas pontas que eles começaram naquele dia, com a estação de comando do outro lado de Kashyyyk: Jom e sua equipe de solo faziam o reconhecimento de infantaria, tentando assegurar uma plataforma de transporte a fim de agarrar uma carona imperial que os levasse em segurança para fora da ilha de Tolruck. Mas eles foram encurralados – tinham feito o mesmo truque vezes demais e ficado acomodados com ele. Assim como os imperiais locais. A equipe de Wookiees de Jom fugiu, mas ele não teve tanta sorte. Eles o capturaram e o trouxeram para cá.

E foi ali que eles tiraram seu olho.

De repente, Tolruck aplaude – Jom olha e vê Odair finalmente ficar por trás de Sinjir. O brutamontes enrola o braço apertado em volta da garganta de Rath Velus. Os olhos dele incham. A língua sai. *Vamos, Sinjir. Infernize a vida deles. Lute. Lute!*

A faca cai da mão de Sinjir e bate no chão.

E, com isso, está acabado.

A multidão aplaude. Jom cai contra a gaiola. Sua única chance de liberdade se foi. Eles não deveriam ter enviado Sinjir.

Odair cospe dois dentes, então arrasta o ex-imperial pelo calcanhar. Arfando, diz:

– Aqui está, governador.

Sinjir rola. Jom estremece; o homem é uma massa de sangue e hematomas. O lado do rosto está inchando como um balão. Seu nariz pode estar quebrado, e sangue cobre aquele bigode torcido.

Sinjir lambe os lábios.

– Vou ficar bem em um segundo. Então nós podemos ir para... – Ele faz uma careta e grunhe. – O segundo assalto.

Tolruck assoma sobre ele, coçando a barriga.

– Por que você veio pra cá? No coração de tudo. Na minha *toca*. Você acha que sou uma presa?

– Nem um pouco, só estou tentando pegar emprestada uma xícara de açúcar, querido.

– Você veio pelo seu amigo, então. O homem de um olho só.

– Não, não é isso também. Na verdade, eu vim atrás do seu... – Aqui ele tosse tão forte que parece que vai quebrar uma costela. – Seu módulo de controle.

Uma lanterna de esperança pousa no peito de Jom.

Com isso, Tolruck solta um riso. O módulo de controle é como eles programam e controlam os chips em cada um dos Wookiees. Ele controla literalmente centenas de milhares de chips. Jom já o viu. É uma tecnologia antiga, praticamente da era das Guerras Clônicas. Tolruck provavelmente nem entende como funciona.

– Seu *idiota*. Eu nunca teria deixado você chegar perto disso, não importa quem você afirmou ser. O módulo de controle permanece em *meu* controle apenas.

– Ainda assim... – Mais tosse. – Não está.

Ele franze o cenho.

– Você é um homenzinho triste e delirante.

– Provavelmente. Mas não sobre isso, eu temo. – Sinjir se senta. Um olho agora está selado atrás de um túmulo de carne inchada. – Vejam, vocês me revistaram na entrada, mas não revistaram minhas *botas*. Eu tenho um transceptor de hiperonda escondido no calcanhar, e, sinto muito, seu precioso console é da variedade transmissora. Totalmente sem fio. Uma velha falha de segurança, mas que permanece, em sua maioria, não corrigida em todo o Império. Eu deveria saber.

– Você... não pode... não *conseguiria*...

– Eu não precisava chegar no console para hackeá-lo. Só precisava estar *perto* dele. Oh, claro, eu também precisava de tempo suficiente para o hack remoto funcionar. Que, acredito, você me deu bem... *agora*.

O datapad na mão esquerda de Tolruck começa a brilhar em vermelho.

O alarme.

Agora é a vez de Jom gritar às gargalhadas. Ele bate os calcanhares contra a gaiola, rindo loucamente.

Para Odair, Tolruck grita:

– Mate o intruso. *Mate!*

Um laser atravessa o ar; Jas o ouve atingir carne – *bazzt!* – e, ao lado dela, um dos Wookiees, Harrgun, cai da plataforma. Seu corpo some na névoa, os braços enormes de tronco de árvore girando como um pião.

Cada centímetro de Jas quer se levantar e levar a luta para os stormtroopers. Eles estão cercados por todos os lados agora – há soldados atrás deles e um transporte imperial de baixa altitude faz revoadas, os soldados ali dentro disparando enquanto passam. Na última vez, Chewie mira com a balestra e o ar vibra quando acerta um dos stormtroopers florestais bem na viseira. A viseira se rompe e o corpo rola para fora do transporte, caindo pelo ar, para se juntar a Harrgun na morte.

Mas Jas não pode se levantar. Ela tem seu tiro alinhado.

Tudo o que ela precisa é...

Chewie ruge.

A frequência do inibidor está morta.

Os chips de todo o planeta foram desligados.

A revolta começa aqui e agora com a puxada de seu gatilho.

O dedo se contorce, e a arma de fogo dá um tranco contra o ombro dela.

Bang.

Acima do Acampamento Sardo, uma explosão como um trovão. Fogo chove em torrentes e pedaços do gerador de escudo batem contra o chão, esmagando soldados. Metal queima. Fumaça sobe. Ao redor da antiga Awrathakka, a névoa pulsa com o que parecem ser relâmpagos vermelhos.

O escudo caiu.

Por todos os lados, os Wookiees escalam as torres, rastejando em cima de edifícios, pulando sobre soldados. Um trio deles solta urros estrondosos enquanto arranca uma torre de sua amarração. Não muito longe, dois Wookiees agarram um dos guardas da tropa da floresta, cada um pegando uma ponta, e giram. A espinha do soldado estala enquanto seu corpo é torcido.

Eles estão em fúria. Pelos, presas e membros agitados. Homens gritam. Ao longe, algo explode. Fogo é lançado pelo ar.

As feras guincham.

Eles estão livres. Fogo desabrocha como uma flor na névoa à medida que o gerador de escudo cai. Ao redor de Jas, os Wookiees rugem e levantam os braços e armas em triunfo – um pequeno momento de vitória antes do início da próxima fase.

Han já está se prendendo em um dos cabos. Ele lança uma linha de âncora para Chewie, que enlaça o cabo em torno de si e o engancha em seu cinto.

– Você está bem? – Han pergunta a Jas, estremeando enquanto um disparo de laser cozinha o ar atrás de sua cabeça. Ele rosna e devolve o fogo. O grito de um soldado atravessa a névoa e ela vê uma forma cair.

– Estou bem.

– Estamos quase lá – ele diz, com uma mão no ombro dela. – Vejo você no final disso, Emari.

– Foi bom trabalhar com você, Solo.

A Chewie, ele diz:

– Vamos lá, amigo. Vamos roubar um andador imperial.

Então ele e Chewbacca correm e saltam para fora da plataforma.

Vzzzzzz!

As duas figuras desaparecem sob a borda.

Então os outros Wookiees juntam-se a eles. Um a um, eles pulam da plataforma, braços e pernas esticados enquanto mergulham pela névoa em direção ao vil Acampamento Sardo. Cabos que seguem como cordões umbilicais.

Isso a deixa com sua equipe de comando: Greybok, Hatchet e Palabar, três ex-prisioneiros de Sevarcos que se juntaram à missão de Solo por acaso. Hatchet afirma que não quer estar ali, dizendo coisas como: “Eu queria fugir de planetas prisão, não tirar férias em um”, mas Greybok o silencia com um balanço violento de um braço só. Palabar, na maior parte do tempo, apenas treme e espreita por trás das mãos.

Eles são a escória dessa equipe. Sorte que Jas gosta da escória.

Eles já estão acenando em direção a *Halo*. Um par de stormtroopers florestais surge em uma longa rampa em espiral – um já está sobre ela, então ela bate nele com a coroa de sua arma com tanta força que seu capacete gira. O outro recebe um tiro à queima-roupa na placa peitoral, que se divide ao meio. Ele cai, sua armadura quebrada e ardente, enquanto sofre espasmos no chão.

Hatchet acena para que ela vá para a *Halo*.

– Isso tudo está indo bem demais – ele fala. – Vai equilibrar pro outro lado, Zabrak, é só esperar. Não pode ficar legal para sempre.

– Cale a boca e mande o pessoal às armas – ela ordena, então pula para dentro da *Halo* e chuta os propulsores para ligá-los. Eles trovejam, e a nave se eleva. Hora de ir salvar seus amigos.

Tudo está pulsando como um coração. Sinjir engasga quando as mãos do homem se envolvem em torno de sua garganta. O especialista de Tolruck olha para ele com os olhos injetados, um sorriso louco se espalhando pelo rosto como uma poça de óleo derramado em chamas. A mão de Sinjir golpeia inutilmente contra o homem, depois tateia pelo chão, procurando pela faca – uma faca que ele sabe que não pode estar muito longe.

Lá está. Ele a tem – seus dedos fazem cócegas na base do cabo, e enquanto a escuridão suga nas bordas de sua visão, ele tenta puxá-la para perto, mais perto...

Um erro de cálculo. Ela gira para longe de sua pegada.

Então, uma sombra cai sobre ele. A morte, ele decide. É o espectro do fim vindo reivindicá-lo.

Ele entendeu uma parte certo. É a morte, sim.

Mas não veio para pegá-lo.

Um dos Wookiees traz a extremidade lisa de uma lâmina de serra circular contra a lateral da cabeça de Odair. *Bonnnng*. Odair grita e cai de lado. O Wookiee dá um passo e coloca uma perna sobre homem.

Então ele joga a lâmina de serra de lado e agarra os braços do homem. O escravo liberto começa a puxar, puxar, puxar...

Odair berra. Então vem um som como um galho se quebrando.

É um som que não o perturba, porque Sinjir sabe bem o que é. Os sons de dor já foram a sua canção.

Não há tempo para pensar nisso agora.

É hora de se mover.

Ele engatinha, apenas agora notando o caos ao seu redor: stormtroopers estão entrando correndo em cena, disparando armas de raios. Mas os Wookiees, livres, não são facilmente intimidados por isso – eles rugem, encolerizam-se e correm contra os homens de Tolruck. Um trooper voa por cima da cabeça de Sinjir, braços girando enquanto atinge as paredes de troncos com um barulho duro de coisas se quebrando.

A faca. A mão de Sinjir a encontra, e ele finalmente se ergue – instável, pois todo o seu corpo parece ter sido passado através do trato gastrointestinal de um gundark –, então mergulha em direção à gaiola de Jom.

Ele usa a faca para arrombar a fechadura.

Jom, por sua vez, observa em silêncio, com o peito arfante.

Uma pontada de compaixão atinge Sinjir – o homem realmente perdeu um olho. O esquerdo. E foi removido sem elegância. A órbita é apenas uma ruga áspera, um asterisco grosseiro de pele malcosturada. Nenhum sinal de infecção, pelo menos. Pelo menos isso.

A fechadura se solta. A gaiola se abre.

Barell grunhe.

– Eu não me sinto muito bem.

– Você não se *enxerga* muito bem, também. Se entende o que eu quero dizer. – Sinjir pisca e aponta para um de seus olhos.

– Você está bêbado?

– Infelizmente, não.

É como se algo estivesse clicando na cabeça de Jom. Ele pega Sinjir pelo braço e o puxa para a frente.

– Vamos, Rath Velus. Vamos encontrar Tolruck e fazê-lo comer essa faca.

– Não – Sinjir diz. – Temos que ir, Jom. Jas está vindo.

Ou deveria. Se todo o resto foi de acordo com o plano...

O soldado o puxa para perto, mesmo enquanto a violência se desenrola em torno deles.

– Aquele cara arrancou meu olho, Sinjir. Levou-o da minha cabeça enquanto ele estava... entorpecido, embriagado por algum tipo de seiva de árvore. Depois, jogou meu olho em uma fogueira. Eu o ouvi estalar e chiar. Ele tem que pagar por todos os seus crimes. Os crimes contra mim. Contra esses Wookiees.

– Você está com raiva.

– Eu estou além dos limites da raiva.

Sinjir olha ao redor. Tolruck não está em lugar nenhum. O governador enlouquecido fugiu da cena. Sinjir sabe como funciona: Jom irá atrás do homem, não importa o que ele diga.

A questão agora é se Sinjir vai se juntar a ele.

E isso, é claro, não é nem uma questão. As dívidas devem ser pagas.

– Tolruck nos espera – Sinjir diz, fazendo uma careta. – Vamos?

É como se um detonador térmico gigante tivesse explodido.

Sob a *Halo*, Jas vê que a liberdade chegou a Kashyyyk. Os Wookiees, imediatamente livres do campo inibidor que suprimiu suas mentes por meio dos chips embutidos em suas nuças, estão furiosos. Eles escalam as torres do Acampamento Sardo. Rasgam tendas. Enxameiam os andadores frangos AT-ST, batendo neles para que caiam no chão. Os stormtroopers florestais fogem conforme os Wookiees pegam armas de raios, montam torres de artilharia e começam a dominar seus captos. Eles superam em número os imperiais de dez para um, fácil.

Não será assim em todos os lugares. Ainda não. Muitos dos assentamentos ainda estão contidos por campos de supressão – os Wookiees lá ainda são prisioneiros. Mas, com os chips fritos, eles serão capazes de resistir e reivindicar as prisões para si. E nem todo Wookiee está em um assentamento.

A revolta começou.

Greybok resmunga.

Hatchet se inclina na direção de Jas, seu rosto Weequay enrugado usando uma máscara de dúvida.

– Ele diz que o planeta teve suas revoluções antes, sabe.

– Essa vai durar – ela afirma. Ela *espera*.

– É melhor que dure.

Palabar aponta. Ali, enquanto ela leva a *Halo* em direção à luta, disparando contra troopers que estão montando armas nas torres de artilharia, Jas vê a forma colossal de um andador AT-AT. O topo de sua cabine está aberto, e um Wookiee familiar está arremessando o condutor pelo ar.

Chewie acena. Solo presta continência a ela de baixo enquanto desliza para a abertura. Os refugiados – Kirratha e os outros – andam nas costas do AT-AT como cavaleiros conquistadores.

A *Halo* queima o céu enquanto se lança para a frente.

Logo o assentamento do Acampamento Sardo fica para trás. Jas costura com a nave através das árvores wroshyr – adiante, um par de transportes imperiais de baixa altitude vem disparando em meio à neblina, e Hatchet os surpreende com uma chuva de raios vermelhos. A asa de um transporte é arrancada – e acerta o segundo transporte. Ambos giram pela neblina. A névoa pulsa com explosões gêmeas.

À frente, a névoa diminui. E um dos litorais de Kashyyyk emerge – um mar escuro, as ondas brancas cortando linhas pela água. Mais além, as miras da *Halo* mostram uma ilha de pedra. Essa é a fortaleza de Tolruck, uma enorme monstruosidade com paredes de troncos construída na cúspide de um vulcão há muito morto.

– Devemos amaciá-los antes de descer? – Hatchet pergunta.

Ela dá de ombros.

– Por que não? Manda brasa.

Hatchet sorri e liga o sistema de armas. Ele gargalha.

– Acabou – Lozen Tolruck alega. – A caçada terminou.

O senhor da guerra está sentado em seu trono, caído para a frente. A seiva é pegajosa em torno de seus dedos e lábios. Jom tem a faca-espinho na mão e uma tempestade dentro de si, mas Sinjir o segura com um gesto gentil.

– Espere – ele diz.

– Sinjir...

Ao governador, Sinjir fala:

– Você vai vir conosco.

– *Sinjir...*

– É isso o que fazemos, Jom. Nós caçamos imperiais. Nós os capturamos e os levamos. Ele vai vir conosco. – Ele pressiona uma mão contra o peito de Jom. – Nós não somos assassinos.

Como isso soa estranho, saindo da boca dele. Hm.

O único olho bom de Jom se fecha. O peito sobe e desce – a respiração pesada de um homem tentando conter sua fúria. Esse olho se abre de novo.

– Certo. Lozen Tolruck, você está preso por autoridade da Nova República.

– Isso não importa – Tolruck afirma, com bolhas pululando nos lábios. Os olhos procuram pelo espaço ao redor, mas não parecem encontrar foco. – Estamos todos mortos. Você e você e todos os Wookiees, e até eu. Todos. Mortos.

– O quê? – Sinjir pergunta. – Fale algo com sentido, seu babão.

– Se eu não posso ter este mundo, então ninguém pode. Nem a Nova República. Nem os Wookiees.

Certamente não o *Império*.

O chão estremece.

– O que foi isso? – Jom pergunta.

Outra explosão.

– Bombardeamento orbital – Tolruck diz, com um sorriso relaxado. As duas palavras ditas num balbucio embriagado. – Aniquilação das estrelas. Ou melhor, dos destróieres estelares. Eu mandei os códigos. Nada vai sobreviver.

Sinjir sussurra para Jom:

– Temos que ir. Agora.

– Mas ele...

– Deixe-o. Eu sei quando um homem está quebrado.

Jom concede. Os dois se afastam, fugindo das câmaras de Tolruck. O riso incoerente do homem os segue pelo caminho.

Um triunvirato de destróieres estelares flutua no céu cinza ardósia – formas translúcidas penduradas

acima de Kashyyyk como lâminas de um carrasco.

E a destruição chove dessas naves, fazendo com que mereçam seu nome.

A morte vem em manchas flamejantes e luzes que chamam. Vem das baterias de turbolasers que estremecem. Vem da barriga das bestas, lançada como bombas de propulsão. É desajeitada e brutal – um ato de matar como pulverizar uma colmeia de vespas com um lança-chamas. Impreciso, sim.

Mas, com o tempo, efetivo.

Jas vai até a porta lateral da *Halo* e tira um momento para observar as naves – por enquanto bem longe – dispararem no planeta abaixo com suas armas enormes, de limpar mundos. O chão treme ligeiramente mesmo àquela distância.

Logo, ela sabe, as naves passarão por ali.

A centímetros da cabeça dela, um disparo de laser dá uma *bordoada* contra o lado da nave. Ela se encolhe quando o golpe a traz de volta ao momento. Eles pousaram a *Halo* precisamente no centro da fortaleza, derrubando dois canhões e os soldados que os operavam conforme encontravam a zona de pouso. Agora, enquanto os troopers se apressam para cumprimentá-los com armas de raios berrantes, tudo o que podem fazer é deter os enxames de homens de Tolruck, torcendo para que Sinjir e Jom apareçam.

Hatchet está ao lado dela agora e tem o canhão pesado de Jom – um BlasTech DSK carregado com células fogo de dragão que derretem aço. O refugiado Weequay ruge e grita, pulverizando os soldados atacantes com fogo verde.

Uma forma peluda dispara para o lado – é Greybok. Uma lâmina brilha em sua mão solitária: ela vê o movimento de uma lâmina de ryyk, empunhada como uma foice. Ele uiva um grito de guerra na língua shyriiwook e começa a cortar e fatiar soldados como se eles não fossem nada além de papel. Pedacos de armaduras pulam e voam. Um capacete cai ao chão, a cabeça ainda nele.

– Greybok está se divertindo! – Hatchet grita sobre o barulho.

– Apenas procure pelos outros – ela responde.

Vamos lá, vamos lá, onde vocês estão?

Ao longe, os três destróieres estelares começam a se separar – cada um provavelmente seguindo um curso de bombardeio diferente. Vai levar um bom tempo para subjugar este mundo com apenas três naves; entretanto, a morte que vão causar será incomparável.

E quem poderá pará-los de verdade?

Uma sensação nauseante agarra suas entranhas: o sucesso deles em libertar este planeta não fará nenhum bem aos Wookiees se o resultado for o planeta explodido.

– Ali! – Hatchet rosna e dá cobertura, enquanto Sinjir e Jom vêm em disparada por uma passagem de madeira. Stormtroopers florestais correm atrás deles, perseguindo-os de perto. Jas puxa um detonador do cinto, aciona e arremessa.

O orbe voa, apitando no caminho.

Cai aos pés dos troopers.

Peguei vocês, ela pensa.

Fogo e corpos rodando quando o detonador se aciona – a onda de concussão quase levanta Sinjir e Jom. Mas os dois cambaleiam e seguem em frente. Quando chegam à *Halo*, Jas os ajuda a subir a bordo.

– Oi, querida, cheguei. – Sinjir dá uma piscadela. – Encontrei este pobre órfão e pensei que poderíamos adotá-lo.

– Emari – Jom assente para ela.

– Seu olho – ela diz. Ele... se foi. Sua mão se move para a bochecha dele, os dedos procurando os pontos grosseiros.

– Não pensou que eu podia ficar mais bonito, não é? Provei que você estava errada novamente. – Ele se inclina e lhe dá um beijinho. – Vamos fazer este pássaro voar antes que o inferno chova sobre nós desses destróieres estelares, que tal?

Tolruck está sentado, rindo de nada. Ele mal está ciente da forma diante dele. Seus olhos, embaçados, têm dificuldade para se concentrar.

Ah. Uma Wookiee.

Ele conhece essa. Indivíduo 6391-A, designação: Dente Quebrado. Uma vez tentou escapar mordendo os grilhões, que quebraram a maioria de seus dentes. Ela aprendeu da maneira mais difícil que a fuga não era uma opção – e, desde então, tem sido uma das bestas mais dóceis em toda a fortaleza de Tolruck. Ele a usa para assuntos mais delicados – jardinagem, limpeza, colocação de tendas. Ela está sempre por perto e nunca vira o olhar para ele. Dente Quebrado é muito respeitosa. *Muito respeitosa.*

Ela estica as mãos e as fecha em volta do pescoço dele.

Grrk!

Dente Quebrado revela seus dentes amarelos.

Ela quebra o pescoço dele como um osso de passarinho.

Então é o fim de Lozen Tolruck.

Interlúdio:
Darrópolis, Hosnian Prime

– Certo, senhor Hetkins, venha para a frente e desça – a dra. Arsad diz. – Com calma, calma, a perna esquerda primeiro – ela acrescenta.

Dade torce o rosto e se levanta da cama.

Ele faz como ela manda: perna esquerda primeiro.

Já a segunda perna, bem... esta se *foi*. Arrancada em uma explosão no matagal de Endor. Ele e sua equipe estavam fazendo a limpeza nas semanas após a destruição da Estrela da Morte, seguindo uma escória de batalhões imperiais que nunca saíram da superfície da Lua Santuário. Foi preciso apenas um – *um!* – trooper batedor. Um batedor com uma caixa de detonadores térmicos e a disposição para usá-los. Então...

Bum. Uma cratera no chão vomitou terra fresca. Ela choveu ao redor dele enquanto ele caía, segurando o ponto onde a perna direita abaixo de seu joelho uma vez estivera. Então a escuridão o tomou. Felizmente, a triagem salvou sua vida.

(Mas não a perna.)

E agora aqui está ele. No hospital de veteranos da Nova República em Hosnian Prime.

Vivendo um sonho, ele pensa.

– Prossiga – Arsad diz. É uma mulher mais velha, com linhas traçadas na pele, tão profundas que parecem uma faca cinzelando um nome na madeira escura.

– Sim, sim – ele fala e dá um passo.

O pé protético clica contra o solo e a consciência floresce na sola do pé de metal. Não é a sua carne e osso; ele pode *sentir* que se conecta com o chão. Não é a mesma sensação do outro pé. Isso é frio e elétrico.

Ele odeia.

Seus dedos novos tamborilam o chão impacientes, até mesmo furiosos, enquanto Arsad pede que ele fique imóvel. Ali perto, uma dúzia de longos membros de um droide FX-7 rapidamente aperta botões em uma máquina de diagnóstico, enquanto também mede e examina uma leitura holográfica irradiada acima dela. O droide zumba e emite sinais sonoros.

Ela pede que ele se levante. Depois ande. Sente-se de novo, depois se levante mais uma vez. Flexione e alongue. Mova-se e gire. O droide continua a trabalhar nos diagnósticos.

– As coisas parecem boas aqui – a dra. Arsad afirma.

– Obrigado, doutora. Acho que estou pronto pra ir.

Ele estica a perna, e a fac-símile grosseira de uma meia perna paira lá como uma maldição. Ela brilha. Fios vermelhos estão trançados através de seus pistões e parafusos. *Eu sou menos do que era antes*, ele pensa – um pensamento ocioso que faz com que a raiva cresça dentro dele como uma erupção de lava quente.

É difícil engolir e forçar um sorriso, mas ele consegue.

– Ainda não – Arsad responde. – A perna está bem. Mas como *você* está?

– Como *você* disse. A perna está bem. Então eu estou bem.

Mas a forma como ela olha para ele é quase como se estivesse olhando *através* dele. Ou, melhor dizendo, vendo *através* das suas mentiras.

– Tem tido pesadelos?

– Não – ele mente. Ele não estremece ao lembrar o pesadelo da noite passada: preso entre árvores que caíam ao seu redor, pulando com uma única perna ensanguentada, o último homem vivo em uma floresta lunar cheia de imperiais.

– Então *você* tem dormido bem?

– Como um nexu ronronante. – Outra mentira.

– E sem problemas de humor?

Eu definitivamente não chutei uma planta até a morte ontem com a minha perna boa. Aquela pobre plantinha kaduki. Todas aquelas flores esmagadas, toda aquela sujeira espalhada.

– Nada que eu possa notar.

– Pensamentos suicidas?

– Zero. – Isso, pelo menos, não é mentira. Ele quer viver. Só não está particularmente *feliz* com isso.

O FX-7 trina e zumba. Arsad aquiesce.

– O droide sugere que *você* não está sendo *inteiramente* verdadeiro.

Os olhos dele se fecham com força. Droide traidor! Ele deveria saber que estar ligado a essa coisa dava muito mais feedback biológico e psicológico do que ele imaginava.

– Escute, doutora, estou bem. Estou *bom* . Certo? Consegui minha perna, vou aprender a usá-la, não há problema. Quanto ao resto, eu sabia no que estava me metendo. Eu não decidi me bater contra o Império pensando que seria um passeio nos grav-trenzinhos do Domino Park. Eu sabia o que poderia acontecer. Estou vivo e tomarei isso como uma bênção, graças à Força.

– E *ainda assim* – Arsad diz, inclinando-se e olhando-o com aqueles olhos bondosos. – O protocolo da República demanda que eu não o deixe ir sem alguma ajuda.

– Não preciso de ajuda. Sair daqui já é ajuda o bastante. – *Estou neste hospital há dois meses.*

Ela aperta um botão, e as cortinas automáticas sobem, deixando entrar luz do pátio do hospital. Do lado de fora, veteranos da Aliança se sentam em bancos ou se movem em cadeiras flutuantes, muitos atendidos por droides FX. Depois deles, veem-se as dunas de cristal nos arredores da cidade, nas quais

se situam casas hosnianas em formato de cúpula.

– Aqui vamos nós. Deixe entrar um pouco de luz. Todos nós precisamos de luz.

– Isso parece o precursor de algo.

– Eu tenho duas receitas para você. A primeira é que você deve voltar aqui todos os meses para a terapia de grupo. Outros veteranos de combate se reúnem aqui e falam sobre o que viram e o que estão sentindo. Isso ajuda.

Ele ri, embora não seja um som feliz.

– Doutora, eu não estava pensando em ficar por aqui. Eu estava pensando em voltar para a Nova República, fazer outra turnê, talvez algo na Orla Exterior, eu não sei.

Agora é a vez *dela* de rir.

– Oh, Dade. Não. Seu tempo na guerra já acabou. Para você, é tempo de paz. Se você permitir. Agora, se quiser sair de Hosnian Prime, podemos colocá-lo em um grupo de terapia em outros mundos. Chandrila. Corellia. A luz da República alcança novos mundos todos os dias agora.

– Eu... – Ele morde os lábios. – Certo, tudo bem. Falarei com um bando de velhos idiotas com cicatrizes de batalha como eu. Posso ir agora?

– Como eu disse, há uma segunda coisa. Espere aqui, por favor – disse, como se ele pudesse apenas levantar e dar uma volta.

Um brilho malicioso passa pelos olhos de Arsad enquanto ela sai. Dade fica sentado lá por um tempo, batendo seus dedos novos de metal no assoalho – *cl-cl-clique, cl-cl-clique* –, até ela voltar para o quarto.

Um droide a segue de perto.

Esse droide é diferente de qualquer um que ele já viu antes. Tem uma cabeça desajeitada, quadrada, mas rola lentamente em um corpo redondo azul e dourado. É menor que um astrodroide padrão – ergue-se mais ou menos até a altura do seu joelho. Ele trina e borbulha, focalizando um par de lentes oculares nele enquanto manipula sua própria cabeça, que se acomoda de modo improvável em seu corpo como uma caixa mal-equilibrada na bola de uma criança. O droide tenta manter o equilíbrio enquanto sua cabeça mergulha perigosamente para o lado.

– O que é isso? – ele pergunta.

– É um droide, Dade.

– Sim, doutora, estou vendo, mas *por que* esse droide está aqui?

– Este é QT-9. Ele é o *seu* droide.

Dade arqueia uma sobrancelha tão alto que tem certeza de que ela paira alguns centímetros acima de sua cabeça.

– Eu não me lembro de ter um droide.

– Pense nele como um droide de *aluguel*, exceto que é de graça. QT-9 é um protótipo de droide terapêutico.

– Eu não quero isso, o que quer que seja.

Arsad sorri.

– Eu *poderia* colocá-lo na terapia Ewok, em vez disso. Algumas das criaturas nativas de Endor concordaram em viajar para ajudar veteranos como você a se recuperar. Como forma de recompensa por salvar sua casa.

– Ah, sim, eu não quero um desses. Eles cheiram muito mal.

– Boas notícias, então. O droide cheira limpo, como metal novo. Em parte porque é novo... com o Império caindo, surgem oportunidades em toda a galáxia para novas tecnologias. Inclusive droides. Este é projetado para ser amigável e familiar. Como um bicho de estimação.

O droide balança para a frente e para trás, ronronando.

Ele suspira.

– Eu preciso levar o droide? Sério?

– E vir aos encontros.

– Doutora, você está me matando.

– Acho que você quis dizer: *doutora, você está salvando minha vida.*

– Se você diz.

Ela segura sua mão e a aperta firme.

– Eu digo, senhor Hetkins, sim. Parabéns pelo seu novo pé, seu novo droide e sua nova oportunidade na vida. A galáxia é sua para conquistar.

– Obrigado por me ajudar. *Acho.*

A dra. Arsad o abraça, então o deixa sozinho com o droide. Dade se estica e geme quando se põe de pé. Novamente ele sente o chão através de seu pé claramente falso. Ali perto está a manga silicaform (ou seja, a meia de pele), que ela disse que ele poderia puxar sobre a perna se quisesse. Mas, honestamente, ele prefere ter um pé estranho de metal. Por que fingir? Ele a deixa para trás.

QT-9 faz uma série de bipes trinados para ele. Ele apenas balança a cabeça e diz:

– Vamos lá, sua bola pé no saco. Vamos para casa.

(Onde quer que *isso* seja.)

O droide guincha com deleite robótico enquanto o segue.



CAPÍTULO

31

Sonhos.

Leia sabe que só está sonhando. Ela reconhece os sonhos como uma ilusão. Mas eles incomodam do mesmo jeito, entrando e saindo de seu sono. Fantasmas a perseguem. Ela sonha com Han, morto na neve. Ela sonha com o pobre Chewie em uma jaula por aí. Ela sonha consigo mesma em uma mesa, morrendo enquanto sua criança – não, crianças – nascem. Então vem uma visão de Luke, perdido entre as estrelas, procurando algo e falhando, nunca voltando. Ela sonha que está perdida em uma floresta, e depois que está perdida dentro da Estrela da Morte – ela, Luke e Han estão fugindo de stormtroopers, tentando desesperadamente voltar à *Falcon* depois de Obi-Wan ter desligado os controles do raio trator, mas agora ela conhece a verdade terrível: ele falhou, ele *morreu*, e a nave ainda está ancorada lá, e mesmo que eles consigam encontrar o caminho para sair do emaranhado de passagens, nunca vão escapar...

Seu ventre se retorce. Não é uma dor alarmante, mas um chute da criança dentro dela. *Ui*. Ela tem que se sentar. Sua testa está molhada de suor. A cama debaixo dela também. Sua mão se move para a barriga e sente a forma lá, mudando e mexendo. Ele está com fome. O que significa que ela também está com fome.

Mas, então, uma forma surge na porta.

É T-2L0, um dos droides protocolares a serviço dela.

– Vossa alteza – o droide chama –, eu sei que é tarde...

– É tarde, Ello.

– Sim, vossa alteza. Acredito que indiquei isso? Bem, você tem um visitante.

– A esta hora?

O droide assente.

– É um homem chamado Conder Kyl – o droide explica. – Ele disse que você ia querer...

O slicer.

– Deixe-o entrar, Ello. Sairei em um momento.

Leia tira um momento para se centrar. Ela coloca um roupão e lava o rosto, então vai encontrar seu convidado.

Conder Kyl é desalinhado, mas de forma particularmente *cuidadosa* – parece um caos controlado. Sua

roupa é moderna, até mesmo moderna demais para o estilo chandrillano – um colete longo e escuro com braços expostos e calças de couro de perna estreita. Ele se levanta quando ela entra.

– General Leia – ele diz.

– Esta palavra deixa você nervoso. General.

– Eu só... não sou militar.

– Eu sei. Eu o contratei, lembra?

Um sorriso envergonhado enquanto ele fala:

– Sim, claro, vossa alteza.

É engraçado se encontrarem assim, tarde da noite. Em segredo. Lembra-a dos dias de rebelde. Exceto que agora ela está se escondendo de seu próprio governo.

– Tem notícias?

– Tenho. – Ele monta um pequeno tripé no centro da mesa, as pernas de metal clicando ao se abrirem.

O holoprojetor lança imediatamente uma imagem do planeta Wookiee, Kashyyyk. – O droide-sonda gravou isto.

Informações sobre Kashyyyk têm sido incrivelmente difíceis de encontrar. É um mundo murado e protegido. O Império o mantém em um aperto firme. Mas ela esperava que um pequeno droide-sonda pudesse escapar de suas varreduras, então contratou Conder – que ela entende ser um amigo de Norra – para construir uma sonda projetada para ser furtiva e capaz de acessar as frequências imperiais e, além disso, gravar *algo* para dar a ela uma ideia do que está acontecendo lá. A maioria dos seus dados tem sido orbitais e atmosféricos, embora ele tenha uma câmera-sensor de longo alcance que pode capturar imagens de satélite de cima.

Ela observa a cena tridimensional se desenrolar. Ela brilha em azul enquanto três destróieres estelares se juntam e começam...

– Oh – ela diz, a mão voando para o rosto. Ataques orbitais. Eles vão bombardear o planeta até a submissão. Mas por quê?

Conder deve antecipar a pergunta, porque desliga a imagem, então reproduz um arquivo de áudio.

– A sonda interceptou este pulso de comunicação da superfície. Lozen Tolruck o enviou. Não sei por que ele não conseguiu criptografar, mas o droide foi capaz de interceptar.

A voz do homem surge no projetor, acompanhada por uma visualização dos picos e mergulhos das ondas sonoras.

– Os terroristas venceram, almirante Orlan. Os inibidores caíram. Os animais estão... – A voz vacila quando ele continua. – *Escapando do zoológico*. Bombardeie tudo. Queime até virar cinzas. Subindo cód... códigos de autorização agora. Começar campanha orbital.

A voz é cortada.

Ela precisa de um momento para processar.

Han conseguiu.

Deve ter conseguido. Se alguém poderia causar uma reação exagerada como *bombardear o planeta*

inteiro até deixá-lo em pedaços, seria ele.

Mas e agora? Um bombardeio orbital será uma campanha desagradável e demorada. Não vai parar até que a maior parte do mundo esteja morta. E isso significa que Han e os outros não podem escapar. Eles podem *morrer* lá.

É isto. Isso tem que parar agora.

O curso de ação que ela decidiu tomar após seu encontro com Mon Mothma já não pode esperar o Dia da Libertação. Mesmo que a celebração seja amanhã, cada momento conta. Ela não deve desperdiçá-los.

– Obrigada – ela agradece. – Vou transferir os créditos para sua conta imediatamente.

– Não – ele nega com um aceno de mão. – Essa é por conta da casa.

– Eu lhe devo créditos, Conder.

– É o começo de uma parceria. Você pode me pagar da próxima vez.

– Obrigada.

– Você se importa se eu perguntar o que vai fazer, vossa alteza?

– Vou fazer o que toda esposa deve fazer de vez em quando – ela responde. – Vou resgatar o meu marido.

A grã-almirante Sloane não consegue dormir.

Amanhã é o primeiro dia das negociações de paz. A preocupação ameaça comê-la por dentro como besouros que mastigam o interior podre de uma árvore velha. Ela conhece seu papel nas negociações de paz, e esse papel *não* é chegar a qualquer tipo de acordo com os conspiradores da Nova República, mas distraí-los do ataque vindouro – e depois ajudar a liderar esse ataque do chão. Rax disse para ela:

– Você será uma heroína. Isso cimentará seu papel como imperadora, ou como quer que deseje se chamar. A galáxia a verá em todas as telas. A HoloNet vai transmitir a sua coragem.

Ela perguntou a ele: *Mas eu não estarei em perigo?* Parece estranho, afinal de contas, colocar alguém de seu valor no meio da batalha. Ela lembrou a ele que Palpatine era notoriamente recluso. Raramente aparecia, a menos que já controlasse o ambiente em que estava entrando.

– Nós vamos controlar o ambiente – Rax disse. – Você vai ver. Você não estará em perigo significativo. Eles não vão te matar. Além disso, o ataque vai lhe dar muitas oportunidades para sair em segurança.

Isso pode ser uma armadilha. Ou um dos *testes* dele.

Mesmo que seja, a possibilidade de atacar Chandrila é... tentadora. Isso lhes concederia dominância. Eles mostrariam seu poder militar à galáxia mais uma vez, revelando as frotas secretas escondidas nas várias nebulosas...

Esse pensamento lhe traz arrepios de prazer.

Agora, porém, ela precisa dormir.

Ela tenta ouvir uma peça de áudio popular a respeito de um droide detetive com uma inteligência artificial dentro da cabeça chamada ADAM, mas o droide não é de fato o detetive, mas o assassino? Ela

tenta se conectar com aquilo, mas sua mente continua vagando. Então ela se levanta e caminha pela sua câmara, puxando um mapa estelar galáctico para contemplar o estado atual dos ativos imperiais – o que, no entanto, só a deprime. Eles perderam tanto, tão rápido. Kuat se foi. G5-623 está caindo – embora Rax propositadamente o tenha abandonado, e ela está secretamente satisfeita em vê-lo ir. A escravidão nunca foi parte do Império perfeito que vive dentro de sua cabeça. Pode ter sido necessária por um tempo, mas agora a galáxia deve ver a glória do Império – e você não pode ensiná-los sobre seu esplendor por meio da escravidão. Escravidão não é força, é fraqueza. Os cidadãos devem servir ao Império porque é certo fazê-lo. Por que alguém escolheria o contrário?

Tudo isso é só uma distração, também.

Dormir. Preciso dormir. Eu preciso estar fresca, pronta e consciente.

Em vez disso, ela coloca uma das óperas favoritas de Rax: *A Cantata de Cora Vessora*. Esta versão que ele deu a ela não tem palavras, só música.

A princípio, isso a distrai tão pouco quanto o resto – música para ela é só barulho. Tolice sem significado, destinada a acalmar os idiotas para dormir.

Mas logo ela percebe que também é embalada por ela. As cordas e os tambores. Os assobios e as batidas. Suas pálpebras vibram. Sua mente fica em branco.

Talvez eu seja apenas uma idiota.

A música a atrai. Como uma onda suave levando-a para longe da costa, para o mar. Ela a assombra com sua beleza etérea.

Não lhe dá motivo para dormir. Mas deixa descansar a mente por um tempo. Talvez ela devesse confiar mais em Rax. Amanhã é um grande dia. Ela vai saber em breve se essa confiança é merecida...

Ou se ela é uma tola.

Eles trabalham juntos por muito tempo depois de escurecer. Temmin e Brentin – e Tem finge que é como costumava ser. Nada diferente. Tudo igual. Mas quando ele pede o driver em arco pela quarta vez e Brentin apenas olha fixamente para um ponto vazio, Temmin tem que admitir:

As coisas estão quebradas.

Diante deles, na bancada de trabalho, está o valacordeon que Tem comprou – ele teve a brilhante ideia de torná-lo automático, para que o pai pudesse desfrutar a música sem se sentir pressionado a tocá-lo. E Brentin concordou, para a surpresa de Temmin – mas, o tempo todo, o pai ficou desconectado de tudo. Como se estivesse apenas parcialmente ali.

– Pai, tem algo errado?

– Nada – Brentin responde. O sorriso em seu rosto é pequeno e forçado. – Só estou cansado. Tem sido um longo dia.

– Oh. Cer... to.

Brentin levanta-se subitamente.

– Eu... vou fazer uma caminhada.

Certo. Claro que vai. Todas essas caminhadas dele.

O pai vai embora.

E Temmin segue. Conforme Brentin segue até a cidade de Hanna, Temmin vai atrás. Está chegando a hora aqui na capital: as tendas estão armadas, bem como as barracas de comida e os geradores. A celebração do Dia da Libertação começa pela manhã com um desfile, então Sloane chega. As conversas de paz vão acontecer enquanto os eventos do Dia da Libertação estarão em andamento – *distraindo* as pessoas, Temmin pensa. Dando-lhes um show enquanto esse monstro da Sloane tenta escapar de um julgamento por crimes de guerra. Ele sente raiva por estarem dando a ela qualquer tempo para se defender. (Temmin sente muita raiva ultimamente.) Ele segue o pai pelo bairro residencial, através dos jardins e teatros, através do velho mercado, agora quieto, de Hannatown, passando pelas barracas de pakarna à beira-mar. É aí que Temmin o perde: ele vira a esquina e, *puf*, Brentin se foi. Ele deseja de repente não ter dito a Ossudo que ficasse em casa. O droide poderia executar uma varredura à procura dos sinais vitais do pai...

Espre. Ali. Ele vê uma forma saindo da rua Barbican e descendo para a praia de seixos em direção à água. Temmin apressa-se atrás dele.

O vento gira e sobe do mar – seus dedos roçam os cabelos de Temmin, trazendo consigo o cheiro de peixe. Ele percebe que lá embaixo estão as docas, e junto às docas está a peixaria. Ali os droides processam o que foi pego no dia, transportando skor-fin e peixe marmal, starlegs e conchas de pérolas. No momento, a peixaria está escura e silenciosa. Os cais além se estendem em direção ao mar como sombras longas e escuras. No final de um, ele vê Brentin.

E Brentin não está sozinho.

Mas quem é a outra pessoa? Apenas algum pescador, talvez. Um dos velhos marinheiros que costumavam ganhar a vida trazendo o peixe do dia – antes de tudo ser automatizado – e que ainda gostam de se sentar na praia antes de o sol se levantar. Brentin só trombou com um e eles estão lá, tendo uma conversa. Certo? Faz sentido.

Temmin se aproxima.

No entanto, ele permanece quieto. Diz a si mesmo que é apenas para não os assustar, mas, mesmo assim, é difícil ignorar a dúvida rastejando no fundo de sua mente como um ladrão furtivo procurando roubar a confiança um pouco de cada vez.

Ele se esgueira ao redor da peixaria. Através das janelas, vê as sombras esqueléticas dos droides desligados durante a noite, de pé ao lado das linhas transportadoras como sentinelas congelados. Agora ele está feliz por não ter trazido Ossudo – se Ossudo é ruim em uma coisa, é em ficar quieto.

Temmin dispara além da ponta mais distante da peixaria, chegando na beira das docas. Ele se esgueira atrás de uma pequena montanha de caixas de peixes.

Agora pode ver melhor na luz do luar.

O pai está lá com um...

Um guarda. Chandrilano. Temmin o reconhece, não?

Ele percebe que ele realmente reconhece. Era o homem que guardava a cela de Yupe Tashu. Tem aquele mesmo topete de cabelo louro. E ele não pode vê-lo daqui, mas aposta que o homem também tem uma cicatriz no queixo e olhos pálidos.

Estúpido, Temmin pensa. O pai está falando com um guarda. Talvez sobre amanhã: a mãe e o pai têm assentos de honra para o Dia da Libertação, ao lado da chanceler, de Leia e da maioria dos outros prisioneiros retornados. Certamente se relaciona com os eventos futuros.

E ele estava preocupado! Idiota, idiota, idiota.

Temmin se levanta e corre pelo cais, acenando.

– Pai. Ei!

Os dois homens viram-se na direção dele.

É então que ele fica com um velho sentimento ruim. Algo está errado. Brentin não acena. O guarda fica tenso.

– Tem – Brentin diz.

Temmin diminui o ritmo, então caminha devagar.

– Pai, eu não... eu só queria dizer um oi e ficar longe da mamãe.

O guarda franze o cenho.

– Cuide disso ou então eu cuido.

Brentin assente.

Temmin está prestes a perguntar: *Cuidar do quê?*

Mas ele nunca tem a chance.

O pai se vira para ele, uma arma de raios na mão.

Brentin puxa o gatilho.



CAPÍTULO

32

Tudo treme e ressoa. Kashyyyk é arrebatado pela agonia de espasmos tectônicos – acima da cabeça deles, o teto de terra batida cede, um fio de solo por vez. Tufos de musgo caem, e as enormes raízes retorcidas em torno deles se contorcem como serpentes acordando de um sono inquieto.

Jas espera, pressionada contra a parede do túnel, enquanto os Wookiees passam por ela em massa. Eles grunhem e ululam uns para os outros enquanto vão. Ela não entende sua língua – shyiiwook é uma linguagem glotal, gutural, que quando escutada com atenção apresenta uma complexidade desconcertante. Ela pode não saber o que eles estão dizendo, mas ouve *como* eles soam.

Eles soam exatamente como ela se sente:

Preocupados, ansiosos e tristes.

Eles estavam tão perto.

Tão perto. A ponto de libertar um mundo e uma espécie. De fazer a coisa certa pelas razões certas.

E ainda assim...

Todos os esforços deles tinham levado àquilo. O Império – se as naves acima sequer ainda afirmam ser dele – está tentando bombardear este planeta até o esquecimento. Ela já sabe como vai acontecer: muitos dos Wookiees recém-libertos estão apenas periféricamente livres. A maioria ainda está presa em assentamentos. O que significa que os matar será tão fácil quanto disparar uma arma de raios em um balde de rãs.

Ali, pelo menos, eles têm os sistemas de raízes escavadas da árvore wroshyr acima do Acampamento Sardo. Juntos eles tiveram tempo – um pouquinho, mas o bastante – para levar a maioria dos Wookiees libertos ao subsolo antes que um dos destróieres aparecesse no céu para martelá-los até virarem lama, sangue, estilhaços e pele.

Jas pensa: *Eu deveria ter ficado no negócio de caçar recompensas.* Essa história de tentar fazer a coisa certa não é a cara dela. Ninguém deveria ter lhe dado essa responsabilidade. Isso a aflige. Parece um peso esmagador em seus ombros, que a empurra, pressiona e *mói* em uma pasta gordurosa.

Os Wookiees estão morrendo. Jom perdeu um olho – e talvez perca mais que isso quando tudo acabar. Eles falharam.

Alguém tromba nela... é Solo. A metade escura do túnel da raiz faz com que seja difícil enxergar.

– Solo – ela diz, então ouve o tom frenético em sua voz e teme que esteja prestes a começar a tagarelar, como, de fato, está: – Nós estragamos tudo. Este trabalho era grande demais para nós. Somos apenas insetos sob os pés deles agora. Você e eu somos escória, uma dupla de marginais que tentou se afastar do que somos, apenas um contrabandista e uma caçadora de recompensas e...

– Ei – ele interrompe.

– E tudo o que fizemos foi pisar no rabo do dragão, que agora está se virando para morder...

– *Ei*. Segura a onda. Ainda não estamos fora disso. Você está cansada, Emari, e não tem comido o suficiente. Eu entendo. Mas preciso que esteja centrada para esta próxima parte.

– Próxima parte?

– Isso mesmo. Você e eu somos uma dupla de marginais. Então nós vamos agir como a galáxia nos fez: como um contrabandista e uma caçadora de recompensas.

– Não estou entendendo.

Ele sorri.

– Eu tenho um plano.

– Não é um plano de verdade, é?

– Não é um plano *completo*. Mas, sim, é um plano. Pela maior parte.

– Então, o que é esse “plano”?

– Em que somos bons, você e eu?

Ela franze o cenho.

– Mentir. Enganar. Roubar. – A última parte ela hesita em dizer, porque é uma verdade que não quer admitir. Finalmente, ela deixa escapar: – Matar.

– Na mosca. Então... vamos mentir, enganar e roubar.

– E a última parte? Matar?

– Bem, vamos ver se fazemos os três primeiros direito, e daí a gente vê.

Então Han conta o plano a ela.

Não é um plano perfeito. Com certeza não é um plano *completo*.

Mas talvez, apenas talvez, vá funcionar.



CAPÍTULO

33

Do outro lado do hangar espera uma mulher tão alta e tão loura que poderiam usá-la como um farol ali em Chandrila. Leia se apressa em direção a ela, uma túnica cinzenta apertada e um capuz sobre a cabeça para que seu rosto fique escondido.

– Você pode tirar o capuz – a mulher diz. – Estamos sozinhas.

Leia o puxa para trás.

Ela não consegue evitar um sorriso.

– Evaan Verlaine – ela cumprimenta.

– Olá, Última Princesa de Alderaan.

– Eu não atendo mais sob esse título.

Evaan inclina a cabeça de lado e dá a Leia um olhar estupefato.

– Para mim, é quem você é. Você carrega a tocha do nosso mundo. Do nosso lar. Nunca deixe de fazê-lo.

– Eu sei. E faço isso. Na verdade, é por isso que estou aqui hoje.

Evaan Verlaine tem sido amiga e parceira – e ocasionalmente a coconspiradora – de Leia desde não muito tempo depois que a Estrela da Morte tomou o mundo natal delas. Verlaine ajudou na tarefa de juntar a diáspora de refugiados de Alderaan. Ela tem sido vital nesse esforço, e como resultado Leia não a viu muito nos últimos anos. (Para sua vergonha.)

A piloto conhece Leia bem o bastante. Evaan coloca as mãos na cintura e finge dar um olhar desconfiado.

– Eu já vi esse brilho em seus olhos.

– E que brilho seria esse?

– Você está prestes a fazer algo clandestino.

Não seria a primeira vez, mas Leia se faz de inocente.

– Eu? Nunca.

– Por favor, Leia. Eu escuto as pessoas sussurrarem: *Eu não sei o que sua alteza vê naquele canalha.*

E eu sempre respondo: ela é muito mais canalha do que vocês imaginam. Talvez mais do que ele. Então põe pra fora: do que você precisa?

– Preciso de um piloto.

Evaan dá um sorrisinho.

– Eu imaginei. Não achei que quisesse um droide de reparos. E aonde o piloto levaria você?

– Ao sistema de Kashyyyk.

Isso faz Evaan hesitar.

– Está sob controle imperial.

– Sim, eu sei. E você está livre para dizer não. Entendo que tem deveres aqui na Nova República agora, e também entendo que com o Dia da Libertação chegando... bem, em poucas horas, você pode ser requisitada. Mas me diga agora, porque eu preciso estar fora de Chandrila antes que tudo comece.

– Eu sou uma piloto para a Nova República, sim. Mas sou uma alderaaniana em primeiro lugar e uma piloto da República depois. Você ordena e eu cumprirei, princesa.

– Eu não estou ordenando. Estou pedindo como uma amiga.

– E eu estou dizendo sim como uma amiga e como uma súdita leal. Mas, como uma amiga e uma súdita leal, sinto a necessidade de avisar: é provável que isso seja perigoso, e é certamente tolo, e nós poderíamos não ir para Kashyyyk, ficar aqui e assistir às festividades se desenrolarem. – Leia está prestes a falar, mas Evaan não lhe dá a chance. – Mas conheço você e sei que não me pediria sem uma razão muito boa, então... o cruzador está no próximo hangar. Está pronta para ir? Claro que está. Vamos voar, vossa alteza.

– Na verdade – Leia diz – nós não vamos pegar esse cruzador.

– Você tem uma nave em mente?

Ela sorri.

– Tenho. E nós não vamos estar sozinhas lá fora. Pelo menos, espero que não. Agora, vamos roubar a *Millennium Falcon*.

Interlúdio:
Ryloth

O entreposto é um lugar morto.

Yendor e os outros saem das cavernas à procura de uma briga – como Dardama diz, *Armar, carregar, hora do chocar*. Há meia dúzia de soldados Twi'lek, cada um armado até os dentes com fuzis de raios, detonadores e facas garra-kurr. Eles sabem que a oposição será feroz aqui em cima. Mesmo este pequeno entreposto tem um trio de AT-STs e um esquadrão de troopers bem armados. O objetivo não é destruí-los, mas causar algum dano. Derrubar um desses andadores frango. Derrubar alguns desses cabeças de balde. Então, eles recuam para as cavernas mais uma vez. Os droides-sonda imperiais não conseguem navegar muito bem os espaços emaranhados sob a superfície e, se eles tiverem a sorte de atrair os stormtroopers para dentro das cavernas, as armadilhas rebeldes acabarão rapidinho com esses invasores.

Ainda assim, quando chegam lá...

O entreposto está abandonado.

Ao longe, o vento uiva através das torres de rocha vermelha.

– Eu não entendo – Dardama diz. – Ainda estamos em Ryloth, certo? Não saímos em outro planeta, saímos?

Yendor fala para ela e para os outros:

– Cuidado, isso ainda pode ser algum tipo de armadilha.

Ele levanta dois dedos, sinalizando aos que estão com ele para ficarem próximos e o seguirem. Preocupações formigam na ponta de seus lekkus – ele é um piloto, como disse a eles, não um soldado, e certamente nenhum tipo de general. Mas eles disseram que Yendor tinha ido para a guerra. Disseram que precisavam dele.

Então ali está ele.

Ele dispara da borda do entreposto de paredes cinza. Dois dos três andadores estão adiante, e ele estremece, esperando o ataque.

Mas o vento sopra um fluxo de poeira e terra entre as pernas dos andadores. No topo de um deles, um can-cell está empoleirado, asas se contraindo.

Os andadores também estão abandonados.

Seu especialista em demolição, Tormo, aproxima-se coçando o espaço entre os lekkus que saem de sua cabeça.

– Ah. Você quer que eu exploda esses daí, ou... porque, sabe, se quer minha opinião, nós devíamos pegá-los. Usar a nós mesmos.

– Pegue-os – vem uma voz áspera.

Não é um dos seus. É um dos *deles*: um imperial. Os Twi'leks viram-se na direção do stormtrooper, parado diante do portão do entreposto. Ele está sem o capacete, aninhado sob sua mão. A armadura em seu braço esquerdo também se foi, e esse braço está inchado por baixo de um curativo de gaze manchada de líquido. Mesmo dali, Yendor pode ver que o homem está doente: suor brota em sua testa, o rosto está vermelho, os olhos e nariz cercados por uma crosta branca.

– Identifique-se – Yendor manda.

– Eu sou LD-22... – Mas ele não termina. – Que se dane. Meu nome é Chorn. – Seu braço se solta e o capacete cai. O som o surpreende, e Yendor quase dispara contra o homem, mas, felizmente, o treinamento o impede de fazê-lo. Os outros estão sob controle, também, e não atiram.

– Você não parece muito bem, Chorn.

– Eu não me sinto muito bem. – Com a cabeça, ele gesticula para o braço enrolado. – Consegui um arranhão no braço enquanto estava em patrulha... alguns de nós tiraram a armadura porque estava muito quente e... – Ele suspira e cai contra o lado do portão. – Infecionou.

– Onde estão seus homens?

– Se foram. – Ele assobia como um foguete e aponta para o céu. – Partiram.

– Por quê?

– Por que ficar? Já deu pra gente. Perdemos.

– Vocês abandonaram seu posto?

– Eu não – o homem ri, e então a risada se dissolve em um ataque de tosse. – Eu teria abandonado, mas não consigo ir muito longe. Disseram pra mim que a maioria dos soldados se foram. Ou estão indo.

Os Twi'leks se entreolham. *Poderia ser verdade?*

Se for, isso significa que seu planeta acabou de recuperar a independência graças a um ato de desespero e covardia. Não da maneira que Yendor esperava que viesse, mas ele não vai recusar um presente desses, não importa quão deselegante seja o embrulho. Uma coisa ele sabe com certeza: a guerra é um bicho muito estranho.

– O que vocês vão fazer comigo? – o homem pergunta. – Não podem me levar com vocês. Por que fariam isso? Vocês não vão querer gastar recursos comigo. O entreposto é meu túmulo...

Yendor está prestes a dizer para o soldado que eles vão desperdiçar recursos – comida, médicos, o que for –, mesmo que apenas para ter alguém para ser julgado, e também porque é a coisa compassiva a fazer. A coisa certa a fazer.

Mas, então, um disparo de arma de raios corta o ar e o homem cai, morto.

Dardama baixa seu fuzil.

– Você o ouviu. O entreposto é seu túmulo.

Yendor pensa em castigá-la, mas talvez ela esteja certa. Talvez isso fosse a coisa mais compassiva a

fazer. Ou talvez eles só quisessem atirar em algo hoje. Apenas para sentir que mereceram esta vitória.

De qualquer jeito, isso é o que é.

O planeta, ao que parece, é deles.

Mais tarde, de volta às cavernas, conforme chegam relatórios confirmando que os entrepostos se foram e que o reinado imperial de Ryloth terminou, o velho Tekku Aylay disse a Yendor, enquanto os outros Twi'leks desfaziam seus acampamentos subterrâneos:

– Agora somos um mundo livre. Graças à resistência Twi'lek. Graças a Cham Syndulla. E graças a pessoas como você.

– É o que parece.

– Precisamos da República para garantir que isso nunca aconteça novamente. O que significa que precisamos de um embaixador para nos representar.

– Em quem você está pensando, Tekku?

Tekku apenas dá um sorriso.

– Oh, não – Yendor diz.

– Oh, *sim*.



CAPÍTULO

34

Uma vez, a grã-almirante Rae Sloane fugiu de casa. Ela fez isso porque sua família não era rica e porque o seu mundo, Ganthel, era só uma parada no caminho para *outros* mundos – mundos mais ricos e mais verdejantes. Assim, ela fez o que muitas crianças desejam fazer (e algumas até conseguem): escapou pela janela enquanto seus pais dormiam e se dirigiu para o porto mais próximo, na esperança de esgueirar-se a bordo de um cargueiro e viajar pela galáxia.

Ela, assim como muitas crianças, ficou com medo e desistiu. Mas, antes de isso acontecer, a jovem Rae Sloane chegou até o porto e se escondeu entre duas caixas de kelerium que seriam enviadas para fora do planeta. Foi lá que ela decidiu que essa coisa toda de fugir não estava de fato em seu sangue. Quando ela se virou para ir para casa, encontrou sua rota de fuga entre os dois recipientes bloqueada por um par de bandidos de uma gangue local: a Kotaska, traficantes de especiarias e escravagistas que usavam máscaras de metal na forma de caveiras. Os dois homens riram atrás das suas placas de caveira e foram na direção dela. Ela correu para o outro lado e encontrou esse caminho bloqueado por mais dois membros da gangue Kotaska.

Sloane não tinha saída. Eles a agarraram e colocaram uma sacola sobre sua cabeça. Foi então que ela soube que estava perdida. Ela não iria fugir. Em vez disso, seria roubada, sequestrada e levada não para a aventura ou a riqueza, mas para uma vida de trabalho e, muito provavelmente, de horror.

Felizmente, um astromec próximo viu o que estava acontecendo e disparou a si mesmo como um alarme: sirenes e lanternas que chamaram o policial mais próximo e afugentaram os Kotaska. Ela estava livre e, no momento em que seus calcanhares bateram em aço, fugiu para casa. Seus pais nunca descobriram. (Mais tarde, o Império chegaria a Ganthel e limparia a escória em seu mundo. Foi quando ela começou a considerar o controle imperial como uma presença heroica e necessária em uma galáxia caótica.)

Agora, quando seu transporte de comando sai da velocidade da luz, ela tem a mesma sensação de quando estava presa entre as caixas.

Eu não tenho saída.

Estou aprisionada.

Preciso fugir.

À frente fica o belo mundo azul e verde de Chandrila. Um mundo que ela teme, de repente, que se torne seu lindo túmulo.

Chandrila está cercado por naves da Nova República: naves nascidas da fidelidade entre mundos. Cruzadores mon cala, velhas fragatas de Alderaan, naves aneladas sullustanas, sem mencionar o trio de novas naves de combate: starhawks Nadiri. Todas embarcações representantes de mundos desprezados pelo Império.

As pessoas a bordo daquelas naves a odeiam.

Ela não sabe disso graças a nenhum sentido sobrenatural. Sloane não possui a Força; não pode *sentir* o ódio vindo deles em ondas. É simplesmente uma estimativa, o fato de que eles a odeiam. Mas por que não? Ela representa o punho brusco e brutal do Império que eles desprezam. Seu maior desejo, ela imagina, seria cortar esse punho e deixá-lo esfriando no chão a seus pés.

Eles a odeiam, e ela não sabe por que sua primeira reação não é imediatamente atirar nela com todas as suas armas. Por essa razão, ela já tem seu disco hiperespaço enviando novos cálculos de volta para a *Dilacerador*.

O piloto do transporte, alferes Damascus, fala:

– Eles estão mandando uma escolta. Precisamos esperar.

Adiante, um quadrilátero formado por caças estelares – Y-wings – desce sobre ela. *Aí vêm eles*, ela pensa. *Armas prontas*.

Mas eles nunca disparam.

Em vez disso, fazem como o piloto sugere:

Eles a escoltam até a superfície de Chandrila. Para as conversas de paz. Ou, pelo menos, para a ilusão delas.

Através da janela de seu apartamento, Norra espia as naves atravessando o céu azul acima da cidade de Hanna. Um transporte imperial está sozinho no meio de quatro Y-wings...

Sloane está nesta nave.

A última vez que viu a almirante Sloane, Norra estava perseguindo o transporte dela em um caça TIE roubado. Os canhões do TIE diminuíram os escudos do transporte espacial, até que Norra acertou um golpe direto e vital, e o transporte explodiu, pegando Norra na explosão. Ela sobreviveu, para sua surpresa.

Aparentemente, Sloane também.

É preciso uma quantidade surpreendente de *força de vontade* para não sair de seu apartamento e entrar na cabine da primeira nave que encontrar para terminar o trabalho que ela começou na órbita acima de Akiva. Matar Sloane.

Ainda assim, ela não faz isso.

Em vez disso, ela treme e ferve e se força a olhar para longe da janela e novamente para si mesma no espelho que ocupa toda a parede – parada ali em seu uniforme naval. Ela nem sabia que a Nova

República *tinha* vestimentas navais. Esse uniforme ecoa suas antigas roupas de piloto, mas de um jeito formal.

É duro e coça. Norra odeia o jeito como fica nela. Ela tentou dizer a eles: *Eu nem faço mais parte da Nova República. Eu renunciei a ela.* E lhe disseram que essa seria uma conversa para mais tarde. Ela recebeu um convite manuscrito da própria chanceler para entrar no palco com Brentin e Temmin, a fim de abrir o Dia da Libertação – sendo ela um dos libertadores, casada com um dos libertados. A nota da chanceler dizia, na parte inferior:

A narrativa de vocês é crucial, Norra Wexley. Uma que devemos contar a nós mesmos e ao Império. Nós temos sorte de ter você. Você se juntaria a nós?

Agora, se ao menos ela realmente tivesse o filho e o marido ali, talvez pudesse fazer o que a chanceler queria.

Mas eles não estão em parte al...

Atrás dela, a porta do quarto desliza para abrir.

Ali está Brentin. A luz da manhã o encontra através da janela, e a porta o enquadra de tal maneira que...

Por um momento, ele é o Brentin *dela* de novo. Bochechas juvenis e olhos sábios. Uma torção irônica no rosto. Mãos enfiadas nos bolsos.

– Ei – ela diz, sua voz mais baixa do que pretendia.

– Ei – ele responde.

Então uma nuvem passa em frente ao sol, uma sombra se move para dentro da sala e ele se vai. Voltou a ser o Brentin de agora: ele está mais magro, seus olhos estão mais fundos e aquela torção irônica se torna uma linha escura.

– Estou atrasado – ele afirma. E está.

– Sim, está. Assim como seu filho. Você o viu?

Brentin estremece – uma névoa parece cair sobre ele.

– Eu... não.

Ela não tem tempo de tentar jogar uma luz sobre essa confusão e, mesmo que tivesse, poderia não importar. Às vezes, Brentin parece estar a dúzias de parsecs de distância. Como se ainda estivesse na prisão. Tudo o que ela pode fazer agora é indicar as roupas dele, um terno branco simples e formal dado pelo pessoal da chanceler – e ajudá-lo a se vestir.

Ele parece se iluminar por um momento.

– Tenho certeza de que Temmin vai se juntar a nós.

– No último minuto, sem dúvida.

– Ele está tão mais velho agora – Brentin diz, enquanto ela lhe entrega um par de botas marrons engraxadas. Conforme as afivela, acrescenta: – Eu lamento ter perdido... tudo isso. Ele crescendo. Você se juntando à Rebelião em meu lugar. Deuses, a Rebelião nem existe mais. – Então ele olha para ela da cama e seus olhos estão claros e brilhantes, mas enrugados com a preocupação, quando diz: – Eu te amo,

e sinto muito ter perdido tudo isso. Nós estamos bem?

Ela está congelada. Sua boca se abre, mas nenhum som sai. Todo esse tempo ela esteve esperando por um momento como este. Um pequeno vislumbre de quem ele era. Algum reconhecimento sobre o que aconteceu e depois passou. E agora, aqui está. Colocado diante dela como que em uma bandeja, e tudo o que ela consegue fazer é olhar para ele boquiaberta. Seu coração se sente como um animal em uma rede. Sua visão nubla-se por trás das lágrimas que ela rapidamente pisca para enxugar.

Então tudo volta ao foco.

Eles vão ficar bem.

Ela diz isso a ele, acariciando sua bochecha.

– Nós vamos ficar bem. Podemos não estar agora, mas está tudo bem. Porque nós vamos chegar lá.

Todos nós.

Ele oferece um pequeno sorriso e assente.

– Certo. Eu acredito em você.

Norra se inclina para beijar o marido. Ele está tremendo um pouco. Ou talvez seja ela que esteja tremendo. Ou ambos. O beijo é suave e lento. Não é um dos beijos românticos e apaixonados de sua juventude, roubados sob uma das tendas do mercado, enquanto a chuva batia no chão e todos se amontoavam ali para ficarem secos. É um beijo mais sábio, estranho, muito mais hesitante. Mas também é mais doce.

– Temos que ir logo – ela afirma, beijando-o de novo, dessa vez mais rápido. Só um selinho.

– Tenho certeza de que Temmin nos encontrará lá – ele repete, quase mecanicamente. Norra estremece, mas provavelmente não é nada. Ela segura a mão dele e aperta.

– Me surpreenderia se não encontrasse.

Temmin chuta de novo – os pés batem contra o interior da caixa. A caixa chacoalha e a estrutura treme, mas ela é feita de algum tipo de madeira pesada, comprimida. Não está se abrindo. E não ajuda que todo o seu corpo pareça ter levado uma surra de um boxeador Besalisk bêbado: quatro braços batendo nele como se fosse apenas um saco de arroz kodari. Aquele disparo atordoante o acertou com força, deixou-o dolorido.

Meu pai atirou em mim.

O que isso quer dizer? Por que ele faria isso?

Temmin permanece imóvel, estalando os dedos ociosamente enquanto tenta imaginar por que Brentin faria isso com ele. Talvez, só talvez, o pai fez isso porque estava tentando proteger seu filho. Ele não matou Temmin, afinal. Talvez saiba alguma coisa. Talvez tenha feito algo ruim a serviço de uma coisa boa...

Ou talvez aquele não seja o pai dele. Poderia ser outra pessoa? Alguém *disfarçado* como Brentin Wexley?

Temmin quase espera que esse seja o caso. Tornaria isso mais fácil.

Novamente ele rosna e renova sua luta contra a caixa. *Bam, bam, bam.* A caixa treme e se mexe. Mas não adianta nada.

Algo está errado. Algo está acontecendo. Alguma coisa...

Alguma coisa está balançando.

Abaixo dele, sobe uma leve vibração.

Alguém está vindo.

– Ei! – ele grita, batendo o calcanhar contra a parte inferior da tampa magna-selada da caixa. – *Ei!* Eu estou aqui! Socorro! Socorro!

Não há mais sons. O silêncio estende-se.

Então ele ouve uma arma se aquecendo: a vibração lenta da energia carregando. A caixa treme e faíscas chovem sobre ele. Temmin grita, cobrindo os olhos com o antebraço, dobrando-se enquanto a parte superior da caixa é queimada com um vibropunhal brilhante e jogada de lado...

– EU O ENCONTREI – vem o gorjeio mecanizado de Senhor Ossudo. – ESTA FOI A MAIS LONGA E PROLONGADA BRINCADEIRA DE ESCONDE-ESCONDE, MESTRE TEMMIN. MAS NOVAMENTE EU SOU O VENCEDOR. DEVEMOS BRINCAR DE NOVO?

Temmin sai da caixa e abraça o seu droide esquelético.

– É bom ver você, Ossudo.

– É BOM VÊ-LO FELIZ.

– Não estou feliz. Meu pai atirou em mim.

– ISSO É LAMENTÁVEL, MESTRE TEMMIN. ESPALHAREI OS ÁTOMOS DELE EM RETRIBUIÇÃO.

– Ainda não. Prioridades, temos que achar minha mãe.

– ENTENDIDO. VAMOS ENCONTRAR A MÃE DO MESTRE TEMMIN.

– Ela precisa saber que algo está acontecendo. – *E eu não sei o que é.* Mas Temmin pretende descobrir.

A porta do transporte permanece fechada.

Sloane precisa de um momento.

Atrás dela, há quatro de seu próprio pessoal, e só. Ela tem dois Guardas Reais – nenhum dos dois da guarda original de Palpatine, mas os ameaçadores mantos vermelhos e capacetes e capas permanecem os mesmos. Ela tem o piloto, o alferes Karz Damascus. E tem sua própria assessora, Adea Rite.

A confiável e necessária Adea. Tão confiável e tão necessária que Sloane quase não queria que ela viesse, apenas caso algo de errado acontecesse.

Agora mesmo, ela diz para Adea:

– Isso pode ser uma armadilha.

– Não acredito que seja – Adea responde.

– Rax pode estar nos testando.

– Rax está sempre nos testando. Então vamos passar neste teste.

Sloane faz uma carranca.

– Ele pode ter nos enviado aqui para falhar.

– Que sentido isso faria? Nesse caso, você diria para a Nova República quem ele é. Você poderia entregar recursos do Império. Seria tolice colocar você nas mãos deles se ele acreditasse que isso era um perigo.

Ela tem razão, é claro. Sloane sabe. Ela pensou nisso. Mesmo assim, ela teme o que vai acontecer. Os tendões em seu pescoço estão tensos como um cabo de reboque. Algo não está certo. Nada disso está certo.

Você só está com medo. É aquela garota de novo em Ganthel, cercada de inimigos. Não corra dessa vez, Rae. Este é o momento de ficar e lutar.

– Eles podem apenas nos levar em custódia logo que sairmos deste transporte – ela fala para Adea.

A garota concorda com a cabeça. Seus olhos também mostram um vislumbre de medo.

– Eles podem. Mas o almirante Rax acredita que eles são tolamente otimistas o suficiente para não o fazer. Confiemos em sua avaliação apenas desta vez.

– Sim. – De todo jeito, que escolha eles têm? Ao piloto, Sloane ordena: – Abra a porta e baixe a rampa.

Ele faz isso. A porta se levanta. A rampa desce em colunas gêmeas de vapor, como a respiração das narinas de um rancor.

O brilho do dia atinge seus olhos e ela se encolhe, protegendo o rosto enquanto caminha.

Ela espera uma onda de movimento: guardas vindo até ela, armas de raios para cima, bastões se cruzando.

Mas, em vez disso, ela é recebida pela chanceler Mon Mothma. Uma mulher alta com um colarinho longo como o gargalo de um vinho e cabelo cor de pedra de cobre. A chanceler inclina a cabeça.

– Almirante Sloane, obrigada por isso.

– Chanceler. – Ela não vai dar à mulher mais do que isso.

Atrás de Mothma estão as fileiras: soldados, guardas e, claro, vários generais e almirantes da Nova República. Ackbar não está ali, para sua surpresa. Nem a traidora alderaaniana, Leia Organa. Ela se pergunta o porquê – então se dá conta. Eles não estão aqui no caso de isto *ser* uma armadilha. Se este transporte foi sabotado para explodir, então certamente...

O coração dela se aperta.

E se ele *foi* sabotado?

Derrubaria a chanceler. E uma onda de soldados e oficiais.

E ela. Poderia ser o que Rax desejava o tempo todo. Poderia ser...

Não, não, não. Isso é absurdo. Ela verificou o transporte. E certamente eles também fizeram varreduras preliminares antes de deixá-la pousar, procurando por qualquer tipo de resíduo explosivo ou assinaturas

químicas incomuns.

– Temos um grande dia planejado – a chanceler diz, tirando Sloane de seu devaneio sombrio. – Temos uma comemoração em andamento, e na hora do jantar você e eu nos retiraremos para começar as negociações.

Sloane se endurece.

– Não vim aqui para uma *festa*, chanceler. Eu preferiria ir direto ao ponto.

– A sua assessora disse que a sua presença aqui merece pompa e circunstância, já que é a forma correta de uma entidade soberana saudar outra.

Sloane dispara um olhar para Adea. A garota cometeu um erro e será castigada por isso. Agora, no entanto, não é o momento. Em vez disso, Sloane se vira e força um sorriso:

– Sim. Talvez ela esteja certa. Todos nós merecemos um momento de lazer. Obrigada por sediar essas conversas, chanceler. Quando começamos?



CAPÍTULO

35

O transporte desce pela doca do hangar, entrando na barriga do destróier estelar *Domínio*. Jorrin Turnbull – ou, melhor, Sinjir Rath Velus, uma vez mais tomando emprestada a identidade de um agente imperial que morreu na lua de Endor – alivia no acelerador, seus dentes rangendo com tanta força que ele tem medo de que sejam moídos em um fino pó branco.

– Este é um plano terrível – ele fala para Han Solo... Solo, que se agacha para não ser visto. Han Solo, o idiota. O muito bonito, muito carismático idiota. – E eu te odeio muito.

– Relaxe. Vai funcionar.

O transporte bate com força contra o hangar – Sinjir não é lá um piloto muito bom, e seu pouso é mais desajeitado do que um dragão-serpente bêbado, de forma que a nave apenas *cai*. Mas, abençoadamente, ninguém se importa, e em instantes a nave é cercada por um maldito batalhão de stormtroopers. Oh, e o que é isso? Aí vem o próprio almirante Orlan. Bem, então. Orlan deve estar ansioso para coletar seu prêmio: o herói rebelde, Han Solo.

Nos fundos, atrás da porta selada que separa a cabine do salão de transporte, vem o *som*. É um som que Sinjir ouviu durante todo o voo desde a superfície de Kashyyyk – um sussurro de deslocamento e de estalidos. Cada vez que o ouve, ele estremece.

– Você está pronto? – Solo pergunta.

– Não. Não pra isso. – Ele empalidece. Suas entranhas parecem água. Sua pele pinica. – Eu devia saber que esse era um plano ruim assim que você me disse quais “prisoneiros” nós estaríamos transportando. Você é um homem perigoso.

Solo dá de ombros.

Lá fora, um barulho. Um stormtrooper batendo no lado do transporte. Pelo comunicador, a voz do tenente Yoff:

– Abra.

– Lá vamos nós – Solo diz.

– Sim – Sinjir diz severamente, então abre a porta.

Sinjir estremece e aguarda.

Ele liga a câmera exterior da escotilha, embora não queira ver de fato. Porém é como olhar para um

acidente de speeder: difícil de desviar o olhar.

Na tela, Orlan parece confuso com a falta de algo acontecendo. (Embora certamente ele já esteja ouvindo os *sons*. Aqueles sons terríveis.) Em vez de recuar como uma pessoa inteligente, o tolo na verdade *se inclina* para a frente. Acontece tão rápido que Orlan nem consegue gritar.

Ele pula para trás, apertando os olhos como se algo tivesse sido lançado para dentro deles. Pelos, Sinjir sabe. Arremessados das pernas e tórax da aranha gigante que agora se lança sobre Orlan.

A aranha não está sozinha: outras se juntam a ela, saltando e correndo, pernas eriçadas prendendo stormtroopers ao convés da doca. Quelíceras brilhantes clicam e batem conforme presas emergem e furam as armaduras brancas. Os gritos dos soldados dissolvem-se em gargarejos enquanto desabam, tendo espasmos. As aranhas correm com passos curtos, gritam e atacam.

O almirante tenta fugir. Sinjir observa através da janela do transporte. Mas Orlan está cego. E a aranha não quer largar sua presa. Ela o derruba e...

Duas presas esmagam o crânio do oficial.

– Aranhas – Sinjir lamenta. – Por que exatamente estamos usando aranhas, mesmo?

Solo dá de ombros.

– Os Wookiees dizem que vai funcionar. Não foi muito difícil reunir esse bando e... bem, veja. – Ele abre os braços e contempla a confusão. Stormtroopers disparam suas armas de raios de forma infrutífera enquanto oficiais fogem. As aranhas se arremessam contra eles. Gritos e quedas se seguem. – Essa distração não vai durar muito. Vamos lá.

Ele desliza para dentro da cabine e maneja os controles de armas. Os lados do transporte fazem um som alto quando os canhões laser que flanqueiam a cabine emergem.

Adiante, um par de torres de artilharia grandes como naves esperando para derrubar qualquer embarcação invasora. E do lado, um hangar de geradores de escudos.

Han puxa o gatilho uma, duas, três vezes...

Luz vermelha silva acima dos corpos dos stormtroopers perfurados por aranhas, e as torres e os geradores de escudos explodem em uma chuva de luz branca. Parte deles chove em uma algazarra.

Sinjir sinaliza ao comunicador:

– *Halo*, portas abertas. Não precisam bater.

– Venha – Solo diz.

– Eu não vou lá fora.

– Vai, sim.

– Tem aranhas lá fora. Não aranhinhas. Aranhas tão grandes quanto minha avó. E embora minha avó fosse uma mulher bem pequena, ela ainda era consideravelmente maior do que *qualquer outra aranha*.

– Elas estão ocupadas.

– Ocupadas?

– Comendo stormtroopers.

– Eu já falei que te odeio?

– Talvez uma ou duas vezes.

Sinjir resmunga, depois se levanta – eles abrem a porta entre a cabine e o compartimento de carga. O ar engasga no peito dele porque há *aranhas, aranhas, tantas aranhas*. Solicitar às suas pernas que o levem para fora do transporte parece um ato verdadeiramente heroico. No entanto, de alguma forma, ele dá conta – então, claro, encontra uma daquelas aranhas.

Ela se apoia em suas duas patas traseiras. Seus pelos se eriçam. Icor verde goteja das presas que estalam em sua boca como armadilhas dentadas.

Solo atira na cara do bicho.

Algo esguicha do topo da cabeça da aranha e ela cai, em espasmos.

Outras duas aranhas vêm correndo atrás dela – Sinjir se atrapalha tentando pegar a própria arma de raios, mas não importa. Lanças de laser as rasgam enquanto o rugido dos motores da *Halo* enchem a doca. A nave de combate vem para a frente, aproximando-se do transporte, suas turbinas virando rápido à medida que pousa com um *bang*. Em segundos, os outros estão correndo para fora da *Halo* – Jas, Jom e, claro, Chewbacca. Armas em punho e já atirando. Aranhas rolam, esguichando fluido. Stormtroopers tombam e caem.

– Venha! – Solo acena para que eles se aproximem e dá um grito triunfal. – Vamos roubar um destróier estelar.

Sinjir sufoca um gemido.

– Não se preocupe. – Han dá um sorrisinho. – Já fiz isso antes. O que pode dar errado?

A logística deste plano desafia a realidade, Sinjir sabe.

Um destróier estelar é lar de milhares de pessoas. Este aqui está viajando com poucos passageiros, o que significa que seus números ainda estão nas *centenas*. Mas o momento de distração aracnídea deu a eles pouco tempo – e pilotar um destróier estelar não é exatamente a mesma coisa que levar um caça ou um cargueiro através de um ninho de caças TIE. É verdade que Sinjir nunca *pilotou* um destróier estelar, mas ele aposta que seja algo como tentar montar e domar uma besta trog em disparada.

Então, ele tem certeza de que isso não vai funcionar – embora, enquanto eles lutam pelos corredores e canais do destróier, abrindo caminho em direção à ponte da nave, ele começa a se sentir *otimista* de um jeito bem incomum. Combater ao lado de Solo significa que parte da sorte característica do contrabandista parece passar para eles, como um cheiro curiosamente agradável. Jas derruba troopers à esquerda e à direita com sua arma de fogo. Jom é mais brutal: ele e o Wookiee se enfiam no meio da briga, derrubando seus inimigos corpo a corpo, arremessando incompetentes de armaduras brancas para um lado e para outro e muitas vezes uns contra os outros.

Então, como que por milagre – ou pela Força ou qualquer autoridade cósmica bizarra que governa o tecido e a trama da galáxia –, eles estão na ponte e Solo está acenando com duas armas de raios dizendo:

– Isto é um assalto. Nós vamos precisar deste destróier estelar.

E, por um momento, tudo parece límpido e brilhante. Os oficiais de comunicação e os alferes começam

a se erguer, as mãos para cima.

Um oficial mais velho e barrigudo com patente de vice-almirante no peito hesita antes de finalmente se levantar.

Sinjir pensa: *Minha nossa, nós conseguimos.*

Mas o pensamento da vitória vem um pouco cedo demais.

A porta atrás deles se escancara – e mais stormtroopers entram correndo na ponte. A luta que Sinjir pensava já ter acabado de repente os segue para dentro: um tiro arranca a arma de Jom de sua mão, e assim ele se move para a frente erguendo um punho, mas o soldado recebe a coronha de um fuzil na garganta e cai. Jas o substitui – o rifle dela é longo demais para ser disparado de forma fácil em uma briga tão apertada, mas ela o empunha como um porrete. Sinjir também faz seu próprio trabalho – ele se esgueira atrás de um trooper e enfia a mão estendida bem abaixo do capacete do pobre idiota. As pontas de seus dedos entram, duras, no pescoço do soldado, e isso tem o resultado esperado: os dedos do imperial se abrem em reflexo, e o rifle que está carregando cai no chão.

Ha, ha, ele pensa. Nossa sorte se confirma uma vez mais...

Um chocante golpe por trás. Os dentes de Sinjir mordem a língua. Ele sente o gosto de sangue e vê estrelas em supernova atrás dos olhos enquanto cai, o rosto para a frente, no chão.

Um stormtrooper se aproxima e o chuta nas costelas. *Ai.*

Através de olhos embotados, ele vê soldados cercando Solo e levando sua arma de raios. Chewie também, e o Wookiee urra em protesto.

Acabou, ele pensa.

Ele observa enquanto stormtroopers jogam Solo contra um console. Dois troopers atordoam Chewie enquanto o Wookiee se debate. Uma bota encontra o pescoço de Sinjir e o pressiona para baixo.

Sorte, ao que parece, é um recurso finito, afinal.



CAPÍTULO

36

O Dia da Libertação começou.

Agora mesmo, um desfile marcha pelo centro da cidade de Hanna – uma fila de clamor musical e cores brilhantes. Dançarinos holográficos marcham ao lado de uma banda de Chandrilanos muito real: tubas de cornamusa, batidas de tambores, palmas e pés marchando.

Mesmo de onde Wedge Antilles está sentado – um balcão com vista para os eventos do dia –, ele consegue ouvir. Também sente cheiro de comida: uma dúzia de odores se misturando em seu nariz graças a vendedores de alimentos espalhados por toda a cidade. Tempero durmic e pimentas chando, pássaros bico-preto grelhados e pickles de ovos de bico-preto, pães assados e crocantes guloseimas de malva.

Ele deveria estar lá embaixo, não comendo ou assistindo ao desfile. Não, deveria estar *trabalhando*. Em missões de voo. De olho nas coisas. Mas disseram para ele ficar *tranquilo*. Ele ajudou a planejar, eles disseram, então agora era hora de relaxar e aproveitar o dia. Ainda assim, não consegue. Ele quer ficar ocupado.

Wedge quer fazer seu maldito trabalho.

Ele se encolhe enquanto se afasta do balcão. Sua perna e seu quadril doem. Menos hoje do que ontem, no entanto. Já é alguma coisa.

Em sua mesa, uma luz piscando indica uma mensagem.

Ele coxeia até ela e a põe para tocar.

O rosto de Leia aparece. É uma mensagem gravada, não ao vivo.

Enquanto ela fala, seu sangue gela. Então fica quente.

– Capitão Antilles, eu fiz algo tolo. Eu pulei para um ponto de encontro fora do sistema Kashyyyk. Estou na *Millennium Falcon* e tenho Evaan Verlaine como minha copiloto. Em breve entraremos na órbita de Kashyyyk. Se estivermos sozinhas, imagino que o Império ganhe o dia e me leve como prisioneira. Uma prisioneira muito importante e que representaria uma grande perda para a Nova República. A menos, é claro, que alguém queira intervir. Eu gostaria de ter alguma companhia aqui, capitão. Quer se juntar a nós?

Então seu rosto oscila e some.

Oh, Leia, o que você está fazendo?

Seu coração bate no peito como um canhão de mão.

Wedge joga o casaco por cima das costas e pega a bengala.

A cada momento livre que tem, Sloane dá uma olhada para Adea. Do tipo que diz: *este desfile, esta música, este barulho e clamor... é tudo culpa sua*. Para ela, Adea parece severamente arrependida. Como deveria estar.

Enquanto isso, Sloane está presa neste passeio desagradável. O Império não desconhece celebrações. Os desfiles são uma necessidade para manter a população dócil. Sim, sim, cidadãos, comam os seus docinhos e desfrutem o show. Mas desfiles imperiais são *contidos*. Há procissões de oficiais e soldados. As bandas tocam as marchas conhecidas. Marchas *apropriadas*, patrióticas. Essas celebrações são curtas e simples.

Isto, no entanto, é desleixado e escandaloso.

Neste momento, acrobatas seminus estão passando abaixo do balcão de Sloane – pulando e girando em barras, saltando para trás e para a frente de uma plataforma gravitacional para outra, flâmulas holográficas seguindo atrás. É grosseiro e bizarro. Em seguida, passando por um palco flutuante, vem uma demonstração marcial de Mon Cala – de fato impressionante, dado que eles são essencialmente uma raça subaquática de pessoas lula. Atrás deles vem outra banda, tocando o execrável terror auditivo que é a “música” dos Gabdorinos.

Sentada à sua direita está a chanceler. Adea está à sua esquerda.

Seus guardas estão na porta – embora a sala seja o lar de três vezes mais soldados da Nova República.

– Impressionante, não é? – Mon Mothma pergunta, e Sloane se dá conta: a mulher realmente *acredita* nisso. Ela é séria. Muitos políticos apresentam caras falsas, e isso raramente agrada Sloane. Mas a... *autenticidade* da chanceler, por falta de uma palavra melhor, também a perturba.

– É. Impressionante.

– Vamos conversar por um momento. Quero colocar tudo na mesa antes que as negociações oficiais comecem, antes que tenhamos um escrivão de registro e o trabalho confuso de descobrir os parâmetros do nosso tratado.

Eu vou colocar tudo na mesa para você, Sloane pensa. *Acredito que seu modo de vida seja ingênuo. Temo que vocês vão trazer o caos para a galáxia. Acho que o único trabalho bagunçado aqui será limpar o monte de estrume que vocês construíram conjurando esse terrível vácuo de poder. Nós mantivemos a ordem. Vocês vão manter apenas a desordem.*

Claro que ela não fala tal verdade.

Em vez disso, Sloane simplesmente diz:

– Eu preferiria sentar e apreciar o show, se não se importa. – É uma mentira. É muito difícil apreciar a música dos Gabdorinos, que não soa diferente de um coro de animais presos em várias armadilhas de dentes afiados, se esforçando e falhando em encontrar a liberdade.

Mas a chanceler é persistente.

– O show é parte disso. A galáxia é uma miríade, um lugar maravilhoso. É o lar de tal miscelânea selvagem. Aqui está presente a *individualidade*. Algo que eu sinto que o Império perdeu. Se houver qualquer tipo de tratado, é vital que preservemos o que torna a vida nesta galáxia especial. É fundamental que preservemos tudo o que você verá na exibição. Todos os modos de existência. Todas as escolhas para todos nós.

– Oh, sem dúvida – Sloane mente.

Cada molécula do corpo dela está se esforçando para não provocar a chanceler com a notícia de que em breve haverá um ataque, que todas as naves da frota do Império atacarão e acabarão com este mundo, e que a Nova República cairá de joelhos. A individualidade é uma ótima cruzada se você for um idiota. Unir o coletivo e apoiar o bem maior através do controle imperial... para isso é preciso coragem de verdade e sabedoria real. Ela não pode dizer essas coisas, então, em vez disso, escolhe uma ferida diferente.

– Eu não vejo a princesa alderaaniana aqui.

Isso acerta em cheio. A chanceler se remexe desconfortavelmente em seu assento.

– Temo que Leia esteja doente hoje.

– Que pena. Muitas vezes eu sinto que ela e eu somos equiparadas... por destinos, quero dizer... uma contra a outra. Nós duas, duelando através das holo-ondas. Eu gostaria de tê-la conhecido em pessoa.

– Sim. Ela é a voz e o rosto da Nova República.

– Como eu sou do meu Império.

Então a porta atrás delas se abre. Um homem está lá, com cabelos escuros e o uniforme de voo vermelho-ferrugem da República. Ele se inclina em sua bengala e olha para Sloane – é preciso que seus olhos se encontrem para que ela perceba para quem está olhando.

Wedge Antilles.

É o piloto que Sloane tinha colocado diante dela no palácio do sátrapa em Akiva. Pela maneira como ele se apoia em sua bengala, ela vê que realmente o quebrou. Um estranho verme de culpa rasteja pelo seu coração. Ele era apenas um peão neste jogo. Ela também era, em certo sentido, e lamenta o que lhe aconteceu.

Do jeito como olha para ela, dá pra ver que ele desejaria que seus olhos fossem lanças – cada uma delas perfurando o peito de Sloane. Ele não quer apenas matá-la. Ele quer acabar com ela. Ela não o culpa. E pelo menos essa raiva mostra que ela ajudou a quebrar seu corpo, mas não seu espírito.

Que bom para ele. Por mais tolo que ele seja, para servir a República.

A chanceler se desculpa e vai rapidamente até ele. Eles conversam em voz baixa. Mas a tensão é difícil de esconder.

Para Adea, Sloane sussurra:

– A chanceler parece abalada.

– Ela parece, um pouco.

– Algo que aquele piloto falou a está incomodando.

Mothma lança um olhar para ela, então puxa o piloto para fora do aposento. Adea diz:

– Tenho certeza que não é nada.

– Eles podem saber de algo.

– Não poderiam.

– Por quê?

– Porque não são espertos o bastante – Adea afirma.

Algo sobre isso fica preso entre os dentes de Sloane. *Não são espertos o bastante.* Ela se orgulha de ser esperta. Sempre a mais esperta em qualquer lugar. Mas um fio de dúvida começa a invadir sua mente...

Ela tem pouco tempo para refletir sobre isso, porém, porque a chanceler volta à sala. Mothma está desalinhada, embora esteja se esforçando para não demonstrar isso para Sloane.

– Peço desculpas – diz a chanceler.

– Está tudo bem?

– Claro. Por que não estaria?

Gallius Rax observa os eventos na cidade de Hanna.

Ele não tem acesso especial. Não precisa disso. A chanceler controla a HoloNet, agora, e está transmitindo o Dia da Libertação através das ondas.

É um belo show. Uma demonstração de um pássaro arrogante: *Olhe como são bonitas as penas da minha cauda.*

O desfile termina, e lentamente eles limpam a Praça do Senado. Um palco se eleva das pedras – não com qualquer nova tecnologia, mas por homens que obedientemente giram velhas manivelas de madeira, virando antigas engrenagens de pedra. Chandrila é um mundo antigo. Os gostos modernos entram em conflito com uma longa história.

Se estão trazendo o palco, então logo será hora de preenchê-lo.

O que significa que também é hora de orquestrar o plano. Ele convoca o grão-moff Randd para seus aposentos.

– Senhor – Randd diz, complacente e frio.

– Prepare as frotas para se moverem ao meu comando. – Rax entrega um datapad. – Quando eu ordenar, direcione-as para estas coordenadas. Todas elas. Coordene com Borrum, também. Precisamos de todo mundo no chão com tudo o que temos. *Tudo.*

– Mas, senhor, isso não é...

– Eu sei. Apenas faça.

– Sloane sabe disso?

– Ela saberá. Todos eles saberão. Na verdade, convoque-os. Eu desejo me encontrar com meu Conselho das Sombras. – Ele acena com a mão. – Agora vá.

Enquanto isso, Rax volta a atenção para os eventos na cidade de Hanna. É hora de ver sua ópera se

desdobrar.



CAPÍTULO

37

Eu falhei.

Essas duas palavras passam pela mente de Han Solo como dois corredores de pods disputando uma posição.

Ele veio para cá, deixando Leia e a Nova República, por uma razão, que era fazer o que ninguém mais queria fazer: *salvar Kashyyyk*. Deixar Leia para trás foi um inferno. Mas ela entendeu. Ela sabe o que é ter uma causa maior do que si mesmo. Se alguém consegue entender, esse alguém é Leia.

Eu falhei.

Enquanto o vice-almirante comanda os stormtroopers para que o peguem – o que eles fazem com esmero –, ele repassa sua lista de falhas. Ele confiava em Imra, mas ela não era coisa boa e ele foi burro demais para perceber. O Império agarrou Chewie e Han escapou. E então ele estava perto, *tão* perto, de consertar tudo: eles abriram caminho através de um planeta e pegaram Lozen Tolruck apenas a tempo de ele mandar bombardear o planeta até transformá-lo em estilhaços e lama. E, ele lembra com tristeza, *sangue Wookiee*.

É tudo culpa minha.

Os outros estão em grilhões agora: a caçadora de recompensas, o soldado, o ex-imperial e, mais uma vez e pior de tudo, seu copiloto, Chewie. Eles eram uma boa equipe. Fizeram a coisa certa por ele. Fizeram a coisa certa por Chewie.

Todos eles são empurrados e pressionados contra a parede, Solo incluído. Atrás dele, o vice-almirante dá um passo à frente. Seu hálito cheira a podridão. O homem fede a suor. *Esses imperiais perderam mesmo a cabeça.*

O vice-almirante rosna em seu ouvido:

– Meu nome é vice-almirante Domm Korgale. Você deve conhecer esse nome, vilão. Serei eu quem vai entregá-lo ao abraço do Império. Você será uma ficha de barganha excelente na mesa de jogo. Você sozinho vai me comprar um assento.

– *Tooska chai mani* – Solo xinga, um palavrão em huttês que é o pior que ele consegue lembrar. Algo sobre a mãe do homem e um chefe de cavaleiros Tusken. – Você não entendeu? Vocês perderam. Você não é o outro lado em uma guerra, cara. Vocês são *criminosos*.

– Então, como criminosos, você não vai se importar se eu poupá-lo, mas executar seus amigos? Aqui e agora? – Korgale gira os dedos no ar, e os stormtroopers empurram canos de armas de raios contra a nuca dos prisioneiros pressionados contra a parede.

– Pessoal, foi divertido – Sinjir diz, com a bochecha esmagada contra a parede.

Jom e Jas ficam em silêncio, lutando futilmente contra os seus captores.

Chewie resmunga um rosnado baixo.

– Eu sei, amigo. Nós tentamos.

Do outro lado da sala, uma das oficiais de comunicação chama:

– Senhor! Temos uma nave saindo do hiperespaço...

– O quê? – Korgale se surpreende. Então sua voz se levanta: – Pedi reforços. Talvez agora que Orlan está morto, eles tenham ouvido.

– Não é um dos nossos. É um cargueiro. Um velho cargueiro corelliano, um...

Os olhos de Han se arregalam. Ele olha para Chewie enquanto ela diz o resto:

– Um YT-1300.

Ele diz, só mexendo os lábios, para seu copiloto:

– A Falcon?

Mas quem diabos está pilotando? Wexley?

– A embarcação está nos saudando – a oficial de comunicação diz.

– Pode passar – Korgale diz –, mas então mande um contingente de caças TIE. Não devemos correr nenhum risco.

Pelo comunicador, vem uma voz que alegra o coração de Han Solo na mesma medida que o aperta:

– Aqui é Leia Organa da Nova República. Vocês vão render suas naves ou serão destruídos.

A barriga de Korgale treme quando ele dá uma risada dura.

– Uma nave? Ela pensa que pode derrubar três destróieres estelares com um cargueiro caindo aos pedaços? Ela está louca? Deixe que os caças TIE a picotem em pedacinhos. Ela nem sequer é uma piloto. Ela é uma *política*.

Han ri de orelha a orelha.

– Você nunca viu uma política como essa antes. – Mas, no fundo de sua mente, ele não pode deixar de se perguntar: *como* ela planeja fazer isso sozinha?

Evaan Verlaine dá uma olhada para ela. Não, não *uma* olhada – e sim *aquela* olhada. Uma sobrancelha arqueada e demasiado familiar, um sorriso satisfeito e um olhar prenhe com a pergunta: *No que você nos meteu desta vez, princesa?*

Leia não tem muita certeza. Por um momento, ela se sente exposta: um dente sem esmalte, uma nave sem revestimento, como se ela estivesse sozinha se balançando no espaço em uma corda. *Talvez esta não tenha sido uma ideia tão boa...*

Bem em frente, o destróier *Domínio* começa a cuspir caças TIE para a escuridão do espaço.

– Leia, estamos prestes a ter companhia – Evaan indica. Ela não se refere aos caças TIE. Sensores indicam naves se aproximando.

Uma dúzia de estrelas se aproxima atrás da *Falcon* – estrelas que não são estrelas. Naves. Caças estelares. *X-wings*.

Ela se encolhe quando eles avançam com violência para fora do hiperespaço e passam zunindo pela *Falcon* por todos os lados, os canhões atirando. Um caça TIE sobe rapidamente para a outra direção, e fogo irrompe de seu topo logo antes de ele implodir. Pelos comunicadores de Leia, vem a voz de Wedge Antilles:

– Aqui é Líder Fantasma – diz Wedge. – O Esquadrão Fantasma tem sua retaguarda, general Organa. Vamos salvar o dia e levá-los para casa.

Korgale inspira uma pequena ingestão de ar: um momento de fraqueza que Solo detecta. Um momento de medo. Han gosta desse momento.

Ele gosta mais ainda do momento que segue.

Porque Korgale rosna:

– Uma dúzia de *X-wings* e um cargueiro caindo aos pedaços é tudo que trouxeram? Nós temos *três* destróieres estelares. Chame a *Viciador* e a *Neutralizador*. Hora de eliminar esta nuvem de moscas antes de...

Outra nave aparece à vista.

O que se segue é um momento que Solo *verdadeiramente* aproveita, quando o vice-almirante solta um pequeno gemido.

Como um verme preso numa armadilha.

Os comunicadores ganham vida com a voz do almirante Ackbar:

– Aqui é o almirante Ackbar da frota da Nova República, comandante da fragata mon cala *Lar Um*. Rendam-se ou serão destruídos.

Korgale caminha pela sala. Narinas dilatadas. Bufando. Ele não fala com ninguém exceto consigo mesmo, enquanto racionaliza:

– Nós... não podemos nos render. Devemos montar uma defesa vigorosa. G5-623 é *nosso* mundo, e ainda são três naves contra só uma deles...

Chewbacca aparentemente está farto disso. Tudo isso. O Wookiee ruge, balançando a cabeça e se chocando com o capacete do stormtrooper que o segura contra a parede. O soldado grita e cai no chão, e o Wookiee se afasta da parede, correndo em direção a Korgale. Os outros stormtroopers viram, fuzis para cima.

Eles vão atirar em Chewie.

Han se enfia debaixo do soldado mais próximo e ergue o homem para cima e para a frente, então se encaminha para o próximo. Sinjir se abaixa e estende o pé, engançando-o atrás do joelho de outro

imperial, fazendo-o cair. Jom e Jas pegam juntos o último, esmagando o soldado entre eles. Quando ele cai, eles o pisam e chutam até que pare de se mexer.

Chewie completa sua trajetória.

Ele acerta Korgale como uma nave em queda.

O homem solta um balido e cai. O Wookiee ruge em triunfo.

Do lado de fora, através da tela, os X-wings avançam e desviam enquanto a *Viciador* chega mais perto e a *Neutralizador* vai além. Uma das naves do Esquadrão Fantasma é rasgada por um trio de caças TIE em sua cauda, mesmo enquanto a *Falcon* corta por dentro e os elimina – alguns segundos tarde demais.

Solo sabe que Korgale está certo: eles têm três destróieres estelares. As chances ainda estão contra eles. É como um longo jogo de sabacc. Quando as fichas estão na mesa e você tem cartas ruins, o que você faz?

Você equilibra as chances.

E a maneira como Han gosta de equilibrar as chances é trapaceando.

Jas, ofegante, chega ao seu lado, o cabelo colado sobre os espinhos de cabeça.

– O que fazemos agora, Solo?

– Não vai demorar muito para que toda essa ponte de comando fique lotada de stormtroopers – ele diz.

– Precisamos tomar o controle desta ponte e trancá-la, mas isso significa primeiro encontrar uma maneira de tirar essas algemas...

Chewie berra, então mostra os dentes quando separa os braços com força. As algemas se partem como se fossem feitas de argila em vez de aço.

– Isso funciona – Solo diz.

Chewie se mexe para ajudar Solo e os outros com suas algemas. Jom fala:

– Eu cuido da porta. – Então vai fechá-la.

Sinjir e Jas colocam as algemas nos stormtroopers nocauteados. Mas falta uma pessoa: Korgale. Ele não está em parte alguma da ponte. Esse porquinho fugiu.

Não há tempo para se preocupar com isso agora.

– Vamos descobrir como pilotar um destróier estelar – Solo fala, batendo as mãos. – Hora de equilibrar as coisas. E alguém abra a comunicação, certifiquem-se de que os X-wings não tentem nos explodir no processo!

A batalha se trava por um tempo. O Esquadrão Fantasma de Wedge – composto de um remanescente disperso de fracassados, arruinados e loucos capazes – habilmente acaba com os enxames de caças TIE, embora percam alguns. A *Falcon* voa com confiança, e em pouco tempo Leia sente como se a nave fosse uma parte dela. Há até mesmo momentos em que pode sentir a batalha se desdobrando em torno dela no espaço – invisivelmente, como se tudo fosse um fluxo quente no qual ela mergulha a mão. A Força, ela sabe, a está guiando. Um pouco, pelo menos.

Luke ficará feliz.

Eventualmente, o destróier comprometido *Domínio* começa a disparar nos outros, e a *Viciador* quebra

no meio como o corte afiado de uma faca de luz antes que o vácuo do espaço esmague o que resta.

– Seu plano insano funcionou – Evaan sorri.

– Então, talvez não tenha sido tão insano.

– Oh, não, era completamente louco, princesa. Eles sempre dizem que é Han que tem sorte, mas estou começando a pensar que é você.

A Força estava comigo hoje, ela pensa. *Mas, melhor ainda, meus amigos estavam aqui*. E nesta galáxia, talvez seja tudo o que realmente é necessário.

A voz de Ackbar enche o ar:

– A *Viciador* caiu e estamos recebendo uma rendição total da tripulação da *Neutralizador*.

– Muito bem, almirante. E obrigado por vir quando eu chamei.

Leia o chamou depois de chamar Wedge. Claro que foi uma jogada; Ackbar poderia tê-la impedido. Mas ele veio. E ela sabe que isso vai custar a ele. Vai custar a ela, também, e a Wedge. Como deveria ser. Isso aconteceu fora da política. Nenhum voto fez isso acontecer. Ninguém sancionou colocar estas naves e estas pessoas em risco. Mesmo Ackbar trabalhando com uma tripulação mínima a bordo de sua própria nave e Wedge convocando um grupo de pilotos esquecidos – que muitos pensavam já estar fora de combate –, não vão convencer Mon Mothma. Mas isso é um problema para a Leia do futuro. A Leia do presente está muito contente consigo mesma.

E é hora de ver o marido. Ela leva a *Falcon* para um pouso tranquilo dentro de um dos hangares do *Domínio*. Alguns poucos stormtroopers oferecem uma resistência casual, disparando raios de forma infrutífera.

As torres de artilharia da *Falcon* acabam com eles.

E com isso, Evaan diz:

– Vou deixar você aqui. Dê um beijo em Han por mim. A menos que ele ainda tenha aquela barba. Porque, sério? Argh.

Leia ri e sai da nave.

A porta no fim do hangar se abre.

Um homem está emoldurado pela luz. Ele dá um passo à frente, mas ela já sabe quem é: o marido dela, Han Solo. Uma arma de raios em cada mão. De repente, sente um movimento, quando um stormtrooper sobe acima de uma caixa com o fuzil apontado para ela...

A pistola de Solo brilha rápido e o soldado cai.

Han caminha em sua direção. Ela se inclina contra a *Falcon*, sorrindo.

– Sua altezíssima – ele chama ao vê-la.

– Oi, canalha – ela chama de volta.

– Vai me fazer andar por todo o hangar, é?

– Eu gosto de ver você andar.

– Você está bem? – ele pergunta.

– Agora, sim. Estou muito brava com você – ela diz.

– Ei. Eu estou bravo com *você*. Me obrigando a te resgatar assim?

Incrédula, ela fala:

– Você? Me resgatar? Isso fui *eu* resgatando *você*, seu rufião esquentadinho cabeça-dura!

Ele abre um sorriso.

– Eu te amo.

Ela revira os olhos.

– Apenas me beije, seu idiota.

Ele faz isso. Eles se encontram em um abraço tão apertado que ela sente por um momento que não estão apenas juntos, mas são um ser que nunca mais será separado. Quando se afastam, a mão dele se move para o ventre dela e se mantém firme lá.

– Como está nosso bebê?

– Ele está bem.

– Ele? Oh, é um “ele” agora? Eu falei que seria um menino. Não falei? Vamos precisar de um nome para o bandidinho...

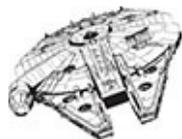
– Não se atreva a dizer que ele vai ser um bandido. Ele vai ser um anjo.

– Não há nada de errado com bandidos.

– E nada de errado com anjos.

– Beije-me de novo – ele diz.

E ela o faz.



CAPÍTULO

38

Norra olha para um mar de pessoas. Milhares delas se reuniram ali na praça para ver a chanceler Mon Mothma e ouvir as histórias dos prisioneiros libertados da prisão em Kashyyyk. Ao lado de Norra está Brentin – ela agarra a mão dele e a aperta, descobrindo que ela está escorregadia de suor. Ele parece pálido. Morde o lábio e olha sobre a multidão, mas não *para* a multidão – em vez disso, está encarando um ponto fixo no meio do nada. Norra teme que ela esteja fazendo o mesmo. Uma série de emoções a atravessam: ansiedade por ter de falar na frente de uma multidão, a certeza de que, quando o fizer, ela provavelmente vomitará sobre seu traje naval formal e, finalmente, preocupação com Temmin, porque ele ainda não chegou e isso significa que pode realmente estar com raiva dela.

Eles não estão sozinhos no palco. A chanceler está na frente de dúzias de prisioneiros libertados da estranha nave prisão de Golas Aram. E outros funcionários vieram também: senadores, generais, almirantes. Ela não vê Ackbar, mas a comodoro Agate está lá, seu rosto apresentando o orgulho e a tristeza que são sua marca registrada, ambos nascidos da guerra. Norra pensa que vê o general Madine no final – e ao lado dele, o senador de Chandrila, Durm Harmodius.

Companhias importantes para ela (afinal, Norra é uma desertora).

Se ela olha sobre o mar de rostos, a praça é rodeada pelos edifícios brancos do centro da cidade de Hanna, parecidos com penhascos, e, mais além, o mar. Bem em frente está uma série de linhas escuras: balcões que escalam a velha Casa de Espetáculos como uma escadaria, todos reservados para diplomatas, senadores e outros emissários para que possam ver as celebrações do dia.

No topo, ela vê o balcão reservado para o monstro imperial, a almirante Rae Sloane. Norra tenta não pensar nela. Ela tenta não pensar em nada daquilo. Não naquela mulher, não em Temmin, não em como se sente e como precisa fugir antes que vomite.

Mon Mothma dá um passo à frente, flanqueada por seus dois conselheiros: o Togruta Auxi Kray Korbin e o Chandrilano Hostis Ij.

De cada lado e sobre as cabeças da multidão flutuam os droides câmera: com as hololentes estendidas, alguns tiram fotos estáticas com flashes azuis, outros capturam os eventos enquanto eles se desenrolam. Norra tenta não olhar para aqueles.

Mon Mothma sobe em um antigo pódio de pedra – que é feito de calcário e está se desintegrando em

torno das bordas, mas ainda sobrevive ao tempo.

– Olá, Chandrila. Olá, Nova República. E cumprimentos à galáxia além. Eu sou a chanceler Mon Mothma...

Aplausos irrompem.

Os aplausos rugem, e Temmin grita acima deles para o guarda bloqueando seu caminho até a praça:

– Eu preciso ver minha mãe! Ela está no palco!

Atrás dele, Senhor Ossudo balança para a frente e para trás, impaciente.

– A praça está cheia – o guarda responde conforme a multidão se acalma. – Você vai ter que esperar.

– Não posso esperar. Isto é *importante*.

– Tenho certeza que é. – O guarda avança, empurrando Temmin um pouco para trás. – E mesmo assim vai ter que esperar, garoto.

– Eu não sou um... – *Deixa pra lá*. – Pessoas podem estar em perigo. – Essa é uma avaliação que ele faz, embora realmente não saiba se é verdade. Mas ele *sabe* que algo está acontecendo. E perigo é geralmente o resultado desse tipo de mistério. – *Por favor*.

– Perigo, é? – O guarda puxa um bastão da perna, sua ponta branca soltando faíscas azuis. É uma lança de choque. Ele a estende na direção de Temmin... não para acertá-lo, mas para ameaçá-lo. – Para trás, garoto. Ou eu vou usar...

Um gemido de servomotores enche o ar à medida que Senhor Ossudo dança para a frente, pegando o braço do guarda e o torcendo para cima. A lança de choque é enfiada com força sob o capacete dourado do homem. O homem grita, gaguejando, enquanto cai. Seus calcanhares contraem e saltam contra o chão, embora o resto dele ainda esteja parado.

– Ops – Temmin diz.

– AMEAÇA AO MESTRE TEMMIN NEUTRALIZADA.

– Pelo menos você não o matou. – Atrás deles, gritos chegam aos ouvidos de Temmin... e é claro que um trio de guardas vem em sua direção. Dois com lanças de choque e um com uma arma de raios. – Vamos, Ossudo!

Mon Mothma fala:

– ... os cidadãos neste palco representam o melhor que a galáxia tem a oferecer. Muitos deles são os arquitetos originais da Rebelião, uma aliança de mundos que buscavam a liberdade e queriam libertar-se de um Império que subjuguou inúmeros sistemas, mantendo a ordem por meio de força bruta e uma autocracia insensível. Esse tempo acabou, e a vantagem do Império se enfraqueceu.

Mais aplausos.

Lá na multidão, Norra vê movimento. Seu olhar de piloto é treinado para ver essas coisas: no escuro profundo do espaço, é vital saber qual luz é uma estrela e qual é uma nave inimiga saindo da velocidade da luz. Aqui, é como um tremor na multidão reunida: ela não consegue entender o que está acontecendo,

mas espia os corpos empurrados e as cabeças girando.

A chanceler continua:

– Lenta, mas inexoravelmente, o Império está sendo empurrado para trás... planeta por planeta, sistema por sistema. Seu tempo está acabando e, onde ele desmorona, a Nova República se ergue da ruína para coletar as peças e reconstruir o que eles danificaram. Notem que eu digo *danificaram*, não *destruíram*... o Império nos deixou desequilibrados, sim, mas o que eles fizeram não é permanente. O caminho não está fechado. O caminho para a frente é claro e é nosso.

Ali. Alguém está cortando pela multidão. Ela espia os capacetes dourados da Guarda do Senado seguindo atrás...

Espere. Não é *alguém* cortando através da multidão.

São duas pessoas.

Uma delas não é uma pessoa. É um droide. Um droide que ela reconhece.

Senhor Ossudo. Oh não. Não, não, não. Agora, não. *Temmin*, o que você fez? Agora ela também o vê – o cabelo desganhado em um coque. Ele olha para ela. Seus olhos se encontram. Ele está gritando algo e balançando os braços, mas não importa. O aplauso é estrondoso novamente, um rugido vibrante que engole todos os outros sons.

Sloane olha fixamente da borda do balcão, os cotovelos para baixo, o queixo descansando em dedos elevados. A chanceler continua. Liberdade isto, democracia aquilo, nunca reconhecendo que a maior ameaça que a galáxia enfrenta não é a ordem imperial, mas a sua ausência.

Tudo o que ela pode fazer é esperar que o ataque comece em breve. Ela sabe que Rax estará assistindo; todo esse circo está sendo transmitido pela HoloNet. Ela aperta a mandíbula e reza para que ele mantenha tudo sob controle.

Comece logo o ataque, ela deseja. Como se seus pensamentos pudessem ser transmitidos através do tempo e do espaço. *A hora é agora*.

– Perdemos muitos ao longo do caminho, mas hoje não é um dia para olharmos para trás, para o que sacrificamos, mas para olhar para o futuro – Mon Mothma discursa. – Um futuro que agora temos graças àqueles que foram libertados da prisão imperial secreta: heróis como o antigo governador Garel, Jonda Jae-Talwar; o cirurgião cônsul de Hosnian Prime, Plas Lelkot, que ajudou a esconder refugiados imperiais em sua própria mansão; o operador de rádio Brentin Wexley, de Akiva, que sozinho transmitiu nossa mensagem através da Orla Exterior e cuja esposa, Norra, liderou a equipe que resgatou a ele e a todos os outros...

Norra ouve seu nome, mas é um som distante, um ruído perdido no peso de águas profundas. Tudo o que ela pode fazer é ver o filho lutar contra a maré de pessoas. Ela desperta e se volta para Brentin para lhe dizer...

Mas o que ela vê não faz sentido. Brentin está com o braço estendido.

Em sua mão está uma pequena pistola: uma arma de raios de três disparos.

Ele a aponta direto para a chanceler Mon Mothma.

Norra grita e agarra seu braço, empurrando-o para cima...

Mas é tarde demais.

A arma dispara.

Não!

Temmin vê o pai sacar algo – uma pistola preta, pequena e oculta. Conforme ele a aponta para a chanceler, Temmin vê que seu pai não está sozinho. Todos os prisioneiros liberados também têm uma.

Sua mãe também vê. Ela tenta pegar a arma...

Ela dispara exatamente quando alguém pula sobre Temmin. Dor reluz através dele conforme um dos bastões o acerta com força na lateral do corpo. Seus dentes batem, e sua língua parece espessa. Por alguns instantes, seu corpo parece nada mais do que um saco de carne, e o guarda o vira...

Ossudo agarra o guarda e o joga para trás, como se ele não fosse mais do que uma velha boneca de pano maltrapilha.

Mais dois guardas avançam, e Ossudo os encara, com os punhais sacados.

Um flash de tecido branco, e a chanceler cai.

Norra torce o braço de Brentin para cima de modo que ele não possa disparar outro tiro – e ele gira para encontrá-la. Seu rosto é uma máscara de horror. É como se ele não pudesse acreditar no que acabou de fazer. Sua boca está aberta em um *oh* desesperado, os olhos brilhando com lágrimas. Ele fala, sem emitir som:

Sinto muito. Então ele lança um joelho no estômago dela...

– Brentin – ela grita.

Ele bate a arma na parte de trás da cabeça dela, e Norra cai.

Ela se vira, gemendo. O palco é o caos. Ela percebe agora, tarde demais, que seu marido não está sozinho em seu ato – os outros prisioneiros também têm pistolas sacadas e estão disparando contra as pessoas reunidas no palco e na multidão. Raios cruzam o espaço aberto. Alguém cai perto dela – um dos próprios conselheiros da chanceler, Hostis, desaba de lado, uma serpente de fumaça subindo de um buraco aberto em sua cabeça. Norra se estica para olhar ao redor. Brentin não está em nenhuma parte. O pânico está em toda parte. Um dos libertados chega diante dela – é a primeira que a chanceler mencionou, Jonda Jae-Talwar, uma mulher alta com cabelos brancos. Seu rosto é uma máscara de raiva irreconhecível enquanto ela atira na multidão.

Norra pega a perna da mulher e puxa com força. A traidora grita e cai de costas, o ar explodindo de seus pulmões. É preciso pouco esforço para tirar a pistola de sua mão...

No rosto da mulher, um estranho momento de clareza passa, como uma nuvem saindo da frente do sol. Ela diz algo, algo que é difícil de ouvir sobre o som de armas de raios e gritos e multidões trevejantes.

Algo que poderia ser:

– O que eu fiz?

Norra não sabe como respondê-la.

A única resposta que ela pode fornecer é um soco direto no nariz da mulher. Os olhos de Jae-Talwar tremem, e ela fica inconsciente.

Norra se levanta e quase cai – uma nova explosão de dor irradia a partir da base de seu crânio, onde Brentin a atingiu. Sua visão dobra, então triplica, depois fica embaçada mais uma vez. À frente, ela vê uma forma branca amarrotada: Mon Mothma, ainda no chão. E adiante está a comodoro Agate lutando com um dos libertos, um Rodiano que acena com uma pistola. Norra cambaleia em direção a eles...

Flash. A pistola dispara. A cabeça de Agate estala para trás. Ela grita, caindo contra o pódio enquanto o Rodiano levanta a arma, a fim de terminar o trabalho. Norra o reconhece como Esdo, um antigo assessor de senador de Coruscant antes de ser preso na nave prisão – ela corre até o homem, jogando o corpo contra o dele. Ele cai e ela chuta a arma para longe.

Agate está agarrando seu rosto. Entre os dedos, Norra vê a pele escura e com bolhas.

– Vá – Agate sibila. – Proteja-se.

Norra assente. Adiante ela vê a mulher Togruta, Auxi, ajudando Mon Mothma a se levantar. *Ela não está morta*, Norra pensa. Uma boa notícia neste dia terrível. O ombro da chanceler está molhado de vermelho.

Os guardas enxameiam o palco, disparando raios de atordoamento nos prisioneiros libertados dispersos. Norra não vê Brentin em lugar nenhum.

Ela precisa encontrá-lo. Agora.

A epifania que Sloane experimenta não é uma que ela espera, nem uma que ela deseja. Enquanto observa os acontecimentos se desdobrando abaixo de seu balcão, ela percebe: *Este é o ataque que Rax estava planejando.*

As impressões digitais dele estão em todo aquele plano. Ela não sabe como, mas estes rebeldes que voltaram da prisão foram... programados de alguma forma. Transformados em traidores. Viraram assassinos.

É genial.

E lhe dá nojo.

Ela diz isso a Adea, que está atrás dela, enquanto Sloane não consegue desviar os olhos do caos abaixo.

– Isto não é guerra – ela afirma, sua voz arrastada e rouca. – Isto não é uma *batalha*. É outra coisa. – *Um teste*, diz uma vozinha dentro dela. – Não é assim que nos comportamos. É assim que *eles* se comportam. Insurgência e terror.

Estes não são os eventos que Sloane imaginou que fosse testemunhar hoje. Onde estão as naves? Onde está sua frota, lavando Chandrila com fogo sagrado imperial? Mas é o que está acontecendo, e ela deve

lidar com isso.

Mothma deixou Sloane e Adea com um contingente de guarda: tratando Sloane como uma convidada de honra, mas ainda tomando precauções. Sloane se vira. Cinco guardas da Nova República permanecem. E dois dos seus também – os Guardas Reais de capa vermelha, em silêncio e parados.

Adea paira próximo, tremendo apenas ligeiramente.

Aos dois Guardas Reais, Sloane dá um calmo aceno de cabeça.

Os guardas da Nova República não têm chance. Aqueles escolhidos para servir Palpatine e usar os mantos vermelhos de elite são soldados em branco, preenchidos apenas com o conhecimento de como defender e como matar. Um movimento de suas capas e um giro das lâminas e, em menos de dez segundos, os corpos dos protetores da República estão caídos no chão.

Sloane fala aos mantos vermelhos:

– Vão. Liberem o caminho e garantam minha nave. Adea e eu iremos logo depois disso.

Eles não dizem nada. Nem sequer aquiescem.

Eles simplesmente fazem o que lhes é ordenado.

– Precisamos de um plano – Sloane fala para Adea.

– Como você disse, os guardas vão liberar o caminho...

– *Não* – Sloane diz, com uma repreensão afiada. – Um plano maior. Esta *aberração* que foi este ataque não deve se tornar nosso modo dominante de fazer as coisas, Adea. Devemos lidar rápido com Rax. *Impiedosamente*. Se tiver tempo, ele vai lidar com isso da forma como só ele consegue. Tentará convencer os outros de que era sensato, um mal necessário.

– Mas e se for? Certamente a Nova República ficará atordoada...

Sloane se vira e novamente olha da varanda. Agora ela vê guardas correndo para o palco. A chanceler está de pé e desaparecendo em um círculo de protetores. Então, Mon Mothma está viva. Bom. Essa mulher não deve morrer. Ela deve se ajoelhar em vassalagem – esse é o único destino que Sloane aceitará para a chanceler tola.

– Não seja seduzida por Rax – Sloane diz, ainda assistindo. A loucura tomou conta da multidão. – Eu fui. Uma imbecilidade temporária de minha parte. Fiquei complacente, e agora? *Isto* aconteceu. Devíamos ter trazido a frota. Precisamos demonstrar habilidade marcial. O Império é um martelo derrubando a desordem, não uma faca enfiada entre costelas inocentes. Rax deve ser preso. E depois executado. Eu farei isso.

Adea não diz nada.

O silêncio dela é ensurdecador.

E então vem a segunda epifania indesejada.

– Adea – Sloane chama, virando na direção da assistente. Adea está lá, um dos fuzis de raios dos guardas em sua mão. O cano está apontado para a cabeça de Sloane. Adea não está mais tremendo. Ela está firme e segura de suas ações. Sloane suspira. *Ela não. Por favor, ela não.* – É tarde demais, não é? Ambas somos tolas, Adea.

– Rax é o caminho adiante. O Império deve estar disposto a mudar. Devemos estar dispostos a fazer qualquer coisa para mostrar à galáxia o que significa nos desafiar.

– Não aponte essa arma para mim, Adea.

– Isso era um teste. Ele queria que você abraçasse isso. Que visse as coisas à maneira dele. Não tinha que ser assim. Você poderia ter ajudado a governar. E eu estaria com vocês dois, ajudando a remodelar o Império e a galáxia além.

– Eu não quero o Império remodelado pelas mãos dele. E também não quero que você seja remodelada por ele. Nós trabalhamos bem juntas, você e eu. Você confiou na minha visão. Não confiou? – Agora, no entanto, ela entende. Adea a estava traindo o tempo todo, não é? Dando informações sobre ela a Rax. Era por isso que ele sabia onde ela estava em Coruscant. Que sabia sobre seu encontro com Mas Amedda. Sobre *tudo*. Mas talvez ainda haja esperança. – Baixe essa arma. Eu não vou dar outra chance a você, Adea. Baixe. A. Arma.

Mas Adea não faz isso.

Ela está resoluta.

Ela é dele.

Então que seja.

Sloane finta para a esquerda, então se move para a direita. Adea não foi treinada em combate – o fuzil segue o primeiro movimento de Sloane e dispara. O raio rasga pelo espaço que Sloane ocupava instantes antes.

Sloane enfia um punho nos rins de Adea.

A garota grita e tenta empurrar Sloane com o fuzil...

Que é exatamente a coisa errada a se fazer. Sloane facilmente gira a arma para fora das mãos da menina e atira um raio direto em seu peito.

Os olhos de Adea se arregalam, então Sloane vê uma jovem mulher em quem ela confiava. Uma mulher que ela pensou que poderia ter sido sua filha em outra vida.

Os lábios de Adea se mexem sem emitir sons.

Ela cai.

Sloane para um momento.

E naquele momento, a raiva sobe através dela como ácido.

Eu vou matar Gallius Rax.

Sloane sai da sala, fuzil na mão.

Brentin...

Norra luta contra a multidão. Eles estão em pânico. Deveriam estar. Ela também está. De algum lugar, ela ouve alguém chorar. Em seguida, mais disparos de armas de raios. Ela tenta imaginar o que aconteceu e o que ainda está acontecendo, mas não consegue compreender. Ver esses prisioneiros em um pedestal

merecido se virarem e atacarem é incompreensível.

Brentin...

O marido dela é parte disso. Ele tentou assassinar a chanceler. Quem mais ele teria atacado se não o tivesse parado?

E para onde ele foi?

Ela tem que encontrá-lo.

Para impedi-lo, sim. Mas também para *entender* o que aconteceu. Olhar em seus olhos mais uma vez e tentar descobrir se o homem que fez isso ainda é seu marido – ou se seu marido sequer ainda está lá.

Brentin, por quê?

Ela luta para atravessar a praça. Procurando seu marido. Mas também à procura de seu filho. Temmin sabia. Ele tentou avisá-la.

Agora, onde ele está?

Fique em um terreno elevado.

Norra é uma piloto. Ela precisa de *altura*, como um falcão procurando pela presa. Ela abre caminho até a velha Casa de Espetáculos, depois corre alguns passos, quase ficando sem fôlego. Ela vê um corpo no corredor: um senador de Ottegan. Olhos vítreos e mortos como de um droide. Isso significa que mais prisioneiros estavam aqui também, não é? Claro que sim. Eles não estavam todos no palco. Alguns deles provavelmente estavam aqui. Assistindo. *Esperando*.

Norra segue em frente. Nada a ser feito aqui.

Ela se dirige a um dos terraços agora vazios. A multidão já começou a se dispersar abaixo, e os guardas estão bloqueando a praça. Bom. Com sorte, eles ajudarão muitas destas pessoas como puderem.

Alguém precisa achar as respostas.

E então, Norra o vê.

Brentin Wexley – à direita da praça. Ele está cruzando uma das pontes suspensas, indo na direção das plataformas de pouso.

Norra cerra os dentes e se move naquela direção.

– *Pare.*

Temmin está atrás do pai enquanto ele foge para o final da ponte suspensa – além, ficam centenas de plataformas de pouso no lado mais distante da cidade de Hanna, e mais além ainda está o mar.

O pai, com a pistola ainda na mão, congela.

Temmin não está armado. Ele está sozinho, também. Ossudo ficou para trás, na multidão, para distrair os guardas de forma que Temmin pudesse fugir.

Lentamente, Brentin dá meia-volta.

– Tem – o pai diz. Soa como o pai. Sua voz vacila.

– Mamãe estava certa. Você não é você mesmo.

– Eu sou. Mas... – As palavras do pai morrem na videira antes de dar fruto.

Brentin só fica lá. Então lentamente levanta a pistola. Quase como se não quisesse. Como se algo estivesse levantando seu braço – uma corda invisível puxando seu pulso. Ou talvez Temmin esteja apenas imaginando isso. Talvez o pai queira matá-lo. De qualquer maneira, Temmin está lá. Queixo erguido. Tentando não chorar e falhando miseravelmente, e porque sente suas bochechas se apertarem e seus olhos ficarem úmidos. Ele não tem arma para apontar, então, em vez disso, aponta um dedo acusador.

– Você matou gente.

– Não diga isso.

– Matou, sim. Você é do Império. Sempre foi? Tudo isso foi uma mentira? Bancando o bonzinho para não sabermos quão mau você era?

– *Não. Não!* Eu... nunca...

– Atire em mim. Vá em frente. Você já atirou em mim antes.

A arma vacila.

Brentin luta contra isso. A luta está clara em seu rosto – é como se estivesse numa batalha consigo mesmo. A pistola treme violentamente em sua mão enquanto o braço se curva no cotovelo, apontando lentamente a arma...

Para a própria cabeça.

– Não! – Temmin grita, atravessando o espaço aberto. Ele pula, atacando o pai quando a arma dispara. Ela bate contra a ponte vazia. Brentin se vira para ele com olhos vazios...

Não, não, não, não morra...

Os olhos piscam. O tiro não acertou. Temmin chegou a tempo, e Brentin está vivo.

O pai grita e enfia um punho no estômago de Temmin. Ele empurra o garoto para longe e foge, deixando o filho para trás, ofegando e soluçando na ponte suspensa. *Papai...*

O guarda com um topete loiro e uma pequena cicatriz embaixo do queixo está lá, olhando para baixo. Yupe Tashu, o antigo conselheiro do imperador Palpatine, olha para cima, o queixo melecado com seu próprio cuspe.

– Olá, guarda – Tashu cumprimenta, arrastando as palavras.

O guarda baixa o portão que mantém Tashu preso.

– Veio me matar? – Tashu pergunta, então suas palavras se dissolvem em um riso louco. Seu riso torna-se tosse, o corpo atormentado por espasmos até que ele se enrola em uma bola. Ele arfa e depois diz: – Ouvi disparos de arma de raios.

– Ouviu corretamente. Mas você não é um alvo.

– Então o que eu sou?

– Um homem livre.

Mais risos saem dele e mais espasmos pulmonares depois.

– A escuridão me salvou. Há muito tempo eu tenho suplicado.

– Você pode ir. Há uma nave esperando. Plataforma de atracamento E-22.

– E os outros convidados? Shale, Crassus e Pandion?

– Pandion morreu, seu tolo. E agora os outros se juntaram a ele.

Tashu está tremendo em pernas galináceas.

– Você os assassinou?

– Sim.

– Por quê?

– Porque me ordenaram. Assim como me disseram para te libertar.

– E quem ordenou isso a você, guarda?

– Nosso novo imperador. Você o serve agora.

O lábio de Tashu estremece. Palpatine era tudo para ele. Servir a outra pessoa parece traiçoeiro demais. O vácuo aguarda aqueles que traem Palpatine – isso sempre esteve claro. *O vácuo aguarda os traidores.*

– Eu só sirvo Palpatine.

– O imperador Rax também serve a Palpatine. Agora vá.

Tashu assente.

– Sim. Sim. Faz sentido. É parte do plano, não é? Um plano que não consigo ver? Sidious sempre tinha um plano...

Ele cacareja uma última vez, então rapidamente passa pelo guarda para que o estranho homem não mude de ideia no último momento. *Estou finalmente livre.*

Maldição! Norra está perdida. A velha Casa de Espetáculos é um labirinto. Ela pensou que poderia atravessá-lo e sair no mar em frente às plataformas de pouso, mas este é um edifício antigo – uma parte dele é nova, sim, mas grande parte era onde os primeiros colonos em Chandrila se reuniam para dormir, comer e se divertir. Eles viveram vidas inteiras aqui, e este edifício não foi construído de uma só vez, mas uma parte de cada vez – e agora, Norra está vagando pelos seus canais, com a certeza de que está dando voltas em círculo. Ela já não viu esse painel de luz? Essa fenda na parede? Essa mesma pintura da primeira reunião da pólis?

Ela gira e encontra uma porta – ainda não tentou essa, tentou? Norra bate no painel a seu lado com o punho...

Ela desliza para abrir.

E Norra quase tromba com alguém.

– Você – Norra diz.

– Você – a almirante Sloane repete.

Norra acerta um soco no rosto dela.

Sloane fica abalada, mas se recupera rapidamente, mesmo enquanto uma linha de sangue rasteja do seu nariz como um verme em fuga. A almirante lambe o sangue, depois levanta o fuzil de raios, disparando...

Mas Norra rola para o outro lado da porta enquanto o ar em torno dela se aquece, raios de laser

estourando crateras na parede mais distante.

É isso. Esta é a chance dela. Toda a sua raiva e medo refinam para um foco a laser. Porque *é claro* que Sloane está ali. Esse monstro fez tudo isso. O que Brentin fez no palco não foi sua própria ação, foi Sloane. Ela é o titereiro puxando as cordas. Um súbito vazio de arrependimento se abre no estômago de Norra, porque, se ela tivesse *feito seu trabalho* e matado essa mulher quando teve a chance, nada disso teria acontecido.

Pelo menos ela pode terminar o que começou.

Sloane vem pela porta, fuzil na mão. Norra lança o joelho contra a arma – e o cano chicoteia para trás e acerta Sloane na cara. A mulher pisca, então se esquiva para baixo e se joga contra Norra. *Bam*. É como ser atingida por um grav-trem. O movimento a leva até a parede mais distante, e seu crânio se encaixa na argamassa, explodindo novos fogos de artifício atrás de seus olhos. Novamente ela vê Sloane apontar o fuzil...

Norra pega o cano com as mãos e o aponta para longe. *Pop, pop, pop*, mais raios tiram pedaços da parede. Fios de poeira e pedacinhos de pedra chovem no cabelo e nos olhos dela. Ela não tem foco e se sente tonta, então tudo o que pode fazer é aproveitar sua raiva e usar força bruta...

Um grito alto e gutural é arrancado dela quando Norra puxa o fuzil de Sloane – a arma cede com tanta força que cai de suas próprias mãos e sai girando no chão de pedra. Ela vai atrás...

Mas não consegue alcançá-lo. Sloane agarra o colarinho de Norra e a puxa de volta bem quando seus dedos encontram o aço frio do cano do fuzil. A imperial joga Norra contra a parede, então dirige uma enxurrada de socos duros na lateral de seu corpo. Um após o outro após o outro. Norra tenta se defender, mas não tem prática nisso, não na luta corpo a corpo, e esta mulher ataca com a tenacidade de um ataque orbital.

– Eu me lembro de você – Sloane sibila. – Você deveria estar morta.

– Assim... como... *você* – Norra ofega, então joga a cabeça para o lado, batendo seu crânio contra o queixo da outra mulher. Isso lhe dá espaço para se mover, espaço para respirar, espaço para sentir que não está prestes a morrer.

Ela não descansa por muito tempo.

Norra lança o corpo contra a mulher. A imperial a espera com os punhos erguidos, absorvendo cada golpe que Norra lança; então Norra joga sujo: ela estende um pé e pega a almirante imperial pelo joelho. A perna vai para trás e Sloane berra...

Mesmo assim, ainda não é o fim. *Tum*. A cabeça de Norra balança, e ela sente gosto de sangue quando o lábio se divide sob um punho. Outra pancada fecha seu olho por trás da pele inchada. Ela joga o próprio punho desajeitado, e Sloane esquiva, bombeando um punho em retorno na barriga de Norra.

Ai. Ela engasga e cambaleia. Sloane agarra uma mecha de cabelo cinza e bate a cabeça de Norra na parede – uma, duas, três vezes. *Bam, Bam, Bam*. Cada vez, ela sente seu cérebro chocalhar no crânio, choques agudos de luz piscando enquanto seus dentes batem e sua língua sente o gosto de sangue fresco...

Estou perdendo. Estou morrendo. Falhei.

– Pare aí mesmo! – uma voz ecoa no fim do corredor. Uma voz feminina. Então o som de disparos de uma arma de raios enche seus ouvidos. Norra cai, escorregando contra a parede, enquanto Sloane foge e os Guardas do Senado se apressam atrás dela, disparando suas armas.

Sloane xinga baixinho. Ela perdeu tempo demais brigando com aquela piloto – aquela mulher não vale nada e ainda assim Sloane parou para enfrentá-la. Por quê? A raiva a tentou. A raiva a *distraiu*. Agora ela está fugindo de guardas em um prédio labiríntico. Seu nariz pode estar quebrado. Um dos dentes dela está solto. E, pior de tudo, ela tentou arrebatá-lo ao passar, mas ele caiu de sua mão quando os guardas atiraram.

E, então, da escuridão vem um raio de luz.

Ela atravessa uma porta e segue em frente...

Uma ponte suspensa leva até as plataformas de pouso. As plataformas preenchem o horizonte, cobrindo torres altas ao longo da costa. Debaixo delas há areia, pedra e mar. Deixar este planeta não será fácil, e a essa altura ela está certa de que haverá algum tipo de bloqueio orbital – eles estarão vasculhando cada pedaço de poeira estelar por um sinal dela. E se a capturarem? Eles vão jogá-la em um poço sem luz. Ela nunca mais verá seu Império, e Rax poderá arruiná-lo ainda mais. Mas ela tem que tentar. Se sair agora, pode ser capaz de aproveitar o caos – eles ainda estarão procurando por ela *aqui*, não *lá*.

Ela se apressa para a ponte, arrancando seu casaco cinza imperial enquanto corre e revelando a blusa branca sob ele. O vento leva o casaco quando ela chega ao fim da ponte. Ele flutua para longe.

Uma voz, então, carregada pelo vento.

Alguém a chama.

Adea?

Um momento tolo quando ela se vira para ver quem é...

É aquela mulher de novo. A maldita piloto. Norra qualquer coisa.

Norra está com o fuzil.

Ela dispara.

Sloane se vira para correr quando o primeiro raio passa voando ao lado de sua orelha – ela pode ouvir o seu silvo enquanto passa.

O segundo escava um sulco no chão.

O terceiro tiro não erra.

Suas costas fazem um arco para trás quando o tiro a acerta. Sloane gira como um pião, as nuvens acima dela, depois o mar, e então ela está caindo da ponte – seus braços abertos, seus dedos procurando o céu por um apoio, mas não encontrando nada. A escuridão a atrai para baixo, baixo, baixo...



CAPÍTULO

39

A manhã chega em Kashyyyk.

Jas está sentada no topo do mundo, as pernas penduradas para fora da plataforma, os pés balançando como os de uma criança, enquanto ela pega porções de uma gosma em uma tigela e leva à boca. *Um café da manhã Wookiee*, disse Solo. *Feito de entranhas de kabatha*. Ela perguntou o que era “kabatha”, e a resposta dele foi: *Não queira saber, só coma*. Então, ela come.

Jas está acostumada a comer qualquer coisa em que consiga botar as mãos. O trabalho sendo como é, nem sempre dá para garantir uma refeição apropriada. Cubos proteicos, polystarch, carne vegana: o que puder comer, ela come. (Certa vez, comeu cracas crescendo do lado de fora do silo de spelt de um fazendeiro hachi.)

Atrás dela, Wookiees se movimentam, trabalham e se assentam. Eles não perdem tempo, aqueles tapetões enormes. Escalam as árvores wroshyr como se não fosse proeza alguma – enfiam as garras na madeira e se movem como raios subindo e descendo os troncos. Pulam de galhos, entram e saem de buracos nos troncos, se jogam de uma árvore para outra. É uma visão e tanto.

De vez em quando, ela olha para baixo para se lembrar de quão alto subiu. O chão não está sequer visível daqui. Está escondido na névoa – névoa que, agora, arde com o fogo do sol da manhã.

Ela escuta Solo, que está conversando com Leia e Chewie, e considera levantar para se juntar a eles. Então alguém senta ao lado dela: Sinjir.

Ele se inclina para a beirada e depois volta.

– Mãe das luas, por que está sentada aqui? E por que está comendo... *isso?*

– Por que você ainda está usando bigode?

– Gosto bastante dele.

– Parece que um animal morreu sobre seu lábio.

– Você é mesmo honesta demais para seu próprio bem, sabe?

Ela pisca, então continua comendo.

O ex-imperial se ajeita perto dela, mas não tão perto a ponto de as pernas dele caírem pela beirada.

– Você vai ficar? – ele pergunta.

– Aqui? Não.

Os Wookiees foram libertados de seus chips inibidores e os três destróieres estelares que bombardearam o planeta foram colocados fora de serviço – um deles destruído totalmente –, mas os imperiais aqui ainda vão querer luta. Dezenas de assentamentos salpicam a superfície, e postos menores marcam as margens. Nesse momento, Chewbacca está preparando equipes de Wookiees para examinar os danos, bem como as resistências imperiais.

– Solo e Leia vão ficar um tempo – diz Sinjir.

– Eles estão envolvidos. Eu, não. Fizemos o trabalho. Agora o trabalho acabou.

– Fizemos o bem, sabe?

– Eu sei.

– *Faz bem ter feito o bem.*

– Sei disso também.

Ele se inclina, os olhos apertados em linhas desconfiadas.

– Então por que tenho a impressão de que você está escondendo algo de mim?

– Não estou escondendo nada. – Mas o escrutínio dele consegue abri-la, como uma criança que arranca as pernas de um besouro. – Tudo bem, estou escondendo algo.

– Pode cuspir.

– Mas estou comendo – diz ela com a boca cheia de gosma.

– Não a *comida*, o *segredo*.

– Oh. – Ela engole. A sensação é de empurrar garganta abaixo uma bolota de concreto molhado. Jas estala os lábios algumas vezes antes de dizer: – Vou sair.

– Sair de onde?

– Do time. Da equipe. O que quer que você nos chame.

– Você está desfazendo a banda. – Ele faz tsc, tsc.

– Estou desfazendo a banda.

Ele suspira.

– Eu estava pensando em fazer a mesma coisa, para ser sincero.

– Por quê?

– Oh, você primeiro, Emari.

– Preciso voltar ao trabalho.

– O trabalho está chamando você?

– Minhas contas estão me chamando. – *Nem são as minhas contas*, ela pensa. São de Sugi. E o acordo com Rynscar de repente a assombra. *Vão querer minha cabeça se eu não pagar.* – Fiquei longe disso por tempo demais. Vou ver se a Nova República tem trabalhos. Senão, alguém vai ter. É um zoológico lá fora e alguém precisa capturar os animais.

– Se você ainda vai trabalhar para a Nova República, por que não fica logo com Norra?

Jas dá de ombros.

– Ela tem o marido e o filho. Sinto que, se ela continuar fazendo o que está fazendo, então vai ser mais

isto... – Ela gesticula com o braço para englobar não apenas o planeta Kashyyyk, mas também o que foi feito ali: a libertação sem custo para ninguém além de para si mesmos. – E menos negócios que pagam. Se a Nova República não me quiser, a escória e a vilania do mundo ainda estão lotadas de rivalidades. Vou ser paga de uma forma ou de outra.

– Vou sentir saudade.

– Não seja sentimental. Não combina com você. Sua vez. Por que vai embora?

– Eu... me sinto bem pelo que fizemos.

– Essa é uma resposta estranha.

– Bem, quero continuar me sentindo assim! Não quero *complicar* esse sentimento. Se eu ficar com este novo e elaborado governo, eventualmente eles vão querer que eu faça coisas que estou evitando fazer. Para ser bem honesto, estou cansado de seguir ordens.

– Justo. – Ela arqueia uma sobrancelha. – E então? Vai viajar pelas rotas espaciais, viver aventuras? Fincar raízes com seu brinquedinho e uma dupla de pássaros purra como animais de estimação?

– As duas coisas? Nenhuma? – Outro suspiro. – Não faço ideia.

– Você é *takask wallask ti dan*. Um homem sem uma estrela.

– Oh, por favor. Um ditado antigo. Vá, conte o que significa.

– Minha tia costumava dizer isso. Ela comandava sua própria equipe e, toda vez que tinha que substituir alguém ou utilizar alguém para um propósito ou outro, sempre dizia que procurava por *takask wallask ti dan*, um homem sem uma estrela. Alguém sem um lar, sem propósito.

– Que deprimente.

– Mas é verdade?

Ele pigarreia, em seguida torce o bigode. Ela afasta a mão dele, e Sinjir franze o cenho.

– Você poderia vir comigo – diz ela. – Por acaso, seria bom ter um homem sem uma estrela.

– Eu *daria* um excelente caçador de recompensas.

– Não fique metido.

– É como pedir para a chuva não cair. – Ele coloca as mãos atrás da cabeça e se recosta. – Eu me juntaria a você, mas também não acho que seu chamado seja o meu chamado. Talvez meu chamado seja um adorável ricaço bêbado. Um Chandrilano preguiçoso e absurdamente lindo. Um dono de casa charmoso, inútil, exceto por suas maçãs do rosto esculpidas e uma sagacidade vigorosa.

– Tente. Veja se dá certo.

– Talvez eu faça isso mesmo. – Ele se senta, ereto. – Isso é adeus, então? Você vai partir direto daqui? Ou posso contar com uma carona?

– Vou voltar para Chandrila. Tenho certeza de que todo mundo vai ficar... – ela faz uma careta – *animado e afetuoso* depois do Dia da Libertação. Por isso, se quiser dar uma última volta na *Halo*, estou oferecendo. Podemos contar juntos a Norra.

– Obrigado, magnânima caçadora de recompensas. E quanto ao *seu* brinquedinho? – Sinjir faz um sinal nada sutil com a cabeça em direção ao soldado de elite, Jom Barell, que trabalha a uma plataforma de

distância, ajudando a embalar detonadores térmicos em um arnês de proteção. – Acho que ele voltou de Irudiru só por sua causa. Desrespeitou a hierarquia e tudo.

– Tem que acabar. Nós nos divertimos. Isso é tudo que pode ser. Preciso terminar as coisas de uma vez. Vai sarar mais rápido assim. – *Para ele ou para mim?*, ela se pergunta. Ela zomba: – Não quero uma pessoa perdida me seguindo. Não devo nada a ele. Ele fez suas próprias escolhas, e agora estou fazendo a minha.

– Vou sentir sua falta, de verdade.

– Está bem. Eu vou... vou sentir sua falta também.

Ele apoia a cabeça no ombro dela.

Ele sabe por que ela veio, por isso Jom fala de uma vez. Nem termina de fechar a caixa do detonador e diz, por sobre o ombro:

– Eu sei, você veio me dispensar delicadamente.

– Não faço nada delicadamente – Jas responde. Ele não sabe identificar pelo tom se ela está brincando ou não.

Ele se vira e pega um pano de fibra de folha, secando as mãos nele antes de enfiar uma ponta no bolso.

– Quero dizer primeiro que você tem razão.

– Eu sei.

– Você sabe em relação a que você tem razão?

Ela dá de ombros.

– Tenho razão sobre tudo.

– Continue dizendo isso a si mesma, Emari – ele ri. – Não, você tinha razão sobre eu ter ido a Irudiru atrás de você. Então, quando cheguei, nós lutamos. E eles me capturaram e arrancaram meu olho...

– Não lhe devo isso. Não coloque essa culpa em mim.

Ele balança a cabeça.

– Não estou culpando você. Essa é a questão. Eu fiquei porque era a coisa certa a fazer. Abri mão do meu olho porque era a coisa certa a fazer. – Jom se inclina e ela percebe que ele envelheceu durante a viagem. Há sombras em seu rosto. Parece gasto, como couro chicoteado pelo vento. Mas ele sorri da mesma maneira. – E você ficou porque era a coisa certa também. Você é uma pessoa melhor do que pensa, Jas Emari.

– Não me obrigue a matar você, Jom.

– Tudo isso para dizer que eu entendo. Acabamos. Está tudo bem. Vou ficar aqui com os Wookiees. Quero ver se consigo ajudá-los.

– Boa sorte, Jom.

– Para você também. Nos vemos depois, caçadora de recompensas.

Leia sabe que deveria se preocupar. Afinal, aqui está ela em um mundo que não é seu, um mundo com

uma perna em uma armadilha imperial, e ela está grávida. Suas costas doem. Ela sente fome o tempo todo. E se algo der errado? Ela sabe que deveria se preocupar, mas ainda assim não está preocupada. Na verdade, a única coisa que a preocupa é quão pouco preocupada está.

Ela se sente bem. *Feliz*, até. Ela tem Evaan a postos. Tem Han. Tem seu menininho crescendo dentro dela. Os Wookiees têm seu mundo de volta – quase, pelo menos. E ela está aqui porque ouviu Luke. Ele lhe disse para se soltar. Para deixar que a Força fluísse dentro dela. Ela fez isso. Ela está aqui.

Tudo está bem.

Chewie se aproxima por trás de Han de novo, rosnando brincalhão enquanto dá um abraço forte no marido dela, daqueles que esmagam os pulmões. Solo geme e o afasta, rindo.

– Seu grosseirão, eu sei, eu sei, nós conseguimos.

Ela nunca viu Chewie tão feliz. Ele tem família aqui. Família que eles pretendem ajudá-lo a encontrar. Então ela se pergunta: ele vai ficar? Agora que o Wookiee tem sua casa, ele vai ficar para trás em Kashyyyk? Han parece pensar que sim. Ele disse a ela ontem à noite, enquanto dormiam sob as estrelas: *Ele tem a família dele e nós teremos a nossa*. O Wookiee gorgoleja e segue na direção de Kirratha, onde estão carregando caixas em um punhado de naves LAIT roubadas. Em seguida, vão levá-las de cidade em cidade, assentamento em assentamento, avaliando a presença imperial pelo caminho. Leia sugeriu a Han que talvez pudesse chamar a Nova República, e ele disse, orgulhoso como um pavão: *Não precisamos deles*.

Talvez, pensa ela, ele tenha razão.

Mas então Wedge chega mancando, seguido por Evaan, que diz a ela:

– Princesa, você precisa ver isto.

Wedge a leva a um transceptor e mostra notícias na HoloNet.

É então que ela assiste aos eventos do Dia da Libertação se desdobrando na cidade de Hanna. Os rebeldes libertados virando-se contra seus salvadores. A chanceler assassinada. Outros, também: Madine, Agate, Hostis Ij. Alguns ainda vivos, outros mortos – os dados que chegam contam uma história confusa com relatórios conflitantes. O caos tomou a capital, isso é claro. O coração de Leia se parte enquanto assiste. Além disso, ela não consegue deixar de sentir que, se tivesse ficado... ela poderia ter sido morta também. Ou talvez pudesse ter ajudado a impedir o que aconteceu. Demasiado tarde para fazer essa escolha, com consequências que permanecerão para sempre ocultas.

Mesmo assim: foi o Império. Disso ela sabe.

Uma mão cai em seu ombro. É a mão de seu marido. Ele está atrás dela, chocado.

– Nós acabamos... nós resgatamos essas pessoas. Eu... não... entendo. – Ele engole visivelmente. É raro vê-lo aturdido. Isso conseguiu deixá-lo assim.

– Eu preciso voltar.

Ele leva um momento para reencontrar o foco. Mas logo está olhando para ela com olhos límpidos. Ele assente e diz:

– Eu sei.

– Não quero fazer isso. Quero ficar aqui. Com você. Com Chewie.

– Sei disso também. Mas eu também preciso ir. Preciso ir para casa.

– Você poderia ficar aqui. Não entendo. Ajude Chewie...

– Chewie dá conta. Ele e os outros têm trabalho pesado à frente. Minha parte está feita, Leia. Quero ficar ao seu lado nisso. O que quer que... isso seja. E quem quer que tenha feito isso? Eles vão pagar.

– Vou preparar a *Falcon* – diz ela.

– Não vou demorar. Preciso me despedir antes.

Ela põe a mão na bochecha dele, então o beija. Tristeza brilha nos olhos dela. Não tristeza por si mesma, mas por ele. Porque será difícil para ele. Ela sabe. Ele não vai admitir. Mas dizer adeus pode matá-lo.

Leia deixa a mão no rosto dele por um tempo, então ela se vai, seguindo na direção das naves com Wedge logo atrás.

Chewie está lá com Kirratha, pegando caixas que exigiriam três de Han para levantar. O Wookiee é tão forte quanto as árvores ao redor. Às vezes parece que também é quase tão alto quanto elas.

Não demora muito para seu copiloto vê-lo lá. Chewie e ele sempre estiveram em sincronia. Ok, claro, às vezes Chewie segue em uma direção e Han em outra, mas eles sempre se encontram do outro lado e, no fim das contas, o que precisa ser feito é feito. Eles são parceiros. Haviam sido durante a maior parte da vida que Han pode (ou se importa em) lembrar.

Chewie grunhe e rosna.

– Ah, você vai ficar bem, seu panacão.

Outro rosnado. Desta vez é uma pergunta.

– Eu, ahhh. – Uau, isso é mais difícil do que ele pensava. Han raspa um calcanhar no chão e joga as mãos como se estivesse dando cartas na mesa de sabacc. – Pensei que este dia demoraria mais a vir, Chewie, mas algo aconteceu e...

O Wookiee se inclina e balança a cabeça, dando uma resposta suave. Chewie entende. Mesmo antes que Han o diga, Chewie consegue entender. Em sintonia novamente, para a surpresa de ninguém. Chewie sabe que Han tem que ir. E qual é a primeira coisa que a gigantesca besta cabeluda faz? O Wookiee se oferece para ir junto. Han acena com as duas mãos e balança a cabeça com a maior intensidade possível, apontando o dedo no rosto desgrenhado de seu amigo.

– Não, *não!* Você precisa ficar aqui. Nós lutamos como o diabo por isso e agora... isso é seu. Ok? Todo seu. Este é seu lar. Você tem pessoas aqui e eu quero que as encontre. Você está me escutando? Esta é a minha última ordem. Sem discussão. – Chewie murmura, mas Han reitera com mais firmeza: – Eu disse *sem discussão*. Fique com sua família. Eu tenho que ir começar a minha.

Um momento de silêncio se estende entre os dois e, no fundo do espaço entre o coração e as entranhas de Han, ele quer aproveitar o desejo que vive lá – ele quer dizer a Chewie: *É brincadeira, amigo, vamos embarcar nessa nave e ver que problemas podemos criar*. Então, eles correriam juntos para Malastare

ou a estação Warrin ou de volta à poeirenta cantina de Mos Eisley para dar carona a algum outro garoto desobediente das fazendas do deserto... e, quando ele voltar para casa e seu bebê, seu filho, nascer, Chewie estará bem ali fazendo o que quer que precise ser feito, porque esse é Chewie.

Mas ele não diz nada disso.

Chewie o abraça e ronrona.

– Eu voltarei. Não terminamos, você e eu. Nós nos veremos de novo. Eu serei um pai e de jeito nenhum meu filho não terá você na vida dele.

Mais um latido e um ganido enquanto Chewie faz carinho na cabeça dele.

– É, parceiro. Eu sei. – Ele suspira. – Também amo você.



CAPÍTULO

40

Aqui não é lugar nenhum.

Pelo menos, não é um lugar que Sloane identifique.

Lá fora está o vácuo do espaço. Sem planetas, sem estações espaciais, sem outras naves. Nada e lugar nenhum.

A pequena nave de carga é a única coisa aqui. Sloane desliga os motores. Ela deriva. A nave poderia ser seu túmulo, ela percebe.

Cada respiração que ela puxa através do peito é como inalar vidro quebrado. Pelo menos o sangramento parou. Quando se desloca em seu assento, suas calças desgrudam com um estalo pegajoso quando o sangue seco se quebra.

Sobreviva. Lute. Pegue Rax.

Ela pondera abrir um canal de comunicação. Na cabeça dela, conjura uma mensagem para Rax – uma ameaça amarga de que ela está vindo para pegá-lo, mesmo que, na verdade, ela esteja morrendo ali no vazio. Ele sempre será forçado a olhar por cima do ombro, caso ela possa estar se escondendo atrás dele com uma lâmina afiada. Seria uma maldição maravilhosa para se passar. Um pequeno castigo enviado preventivamente do além-túmulo.

O dedo dela desliza sobre o botão.

A mente de Sloane está enlameada. Ela considera, em vez disso, procurar ajuda médica – certamente, ela merece sobreviver. Mas para onde ela iria? Ela teme que o Império tenha caído totalmente nas mãos do traidor. E ir a qualquer outro lugar poderia lhe garantir um bilhete de volta para Chandrila, porque agora ela suspeita que haja uma recompensa por sua cabeça. Ela imagina o seu rosto em um monte de holocartazes como uma criminosa. Que indignidade grosseira.

Não. Ela tem que esperar. Ela enviou sua mensagem. Fez sua jogada. Ela não consegue chegar à lua de lixo por conta própria, mas outra pessoa pode...

Espere. A constatação de que ela não está sozinha na nave chega lentamente. Isso é loucura, um pensamento impossível. Claramente é o corpo dela morrendo – as toxinas estão correndo dentro dele agora. Ela está alucinando. Mesmo assim, ela sente o olhar de alguém perfurando sua nuca.

Paranoica, ela se vira.

Um homem está lá parado. Pálido. Despenteadado.

Ele tem uma arma de raios. Uma pequena, de grafeno.

– Saia da minha nave – ela murmura, as palavras enroladas.

– Você fez isso comigo – o homem fala.

– Coloquei você numa nave de carga no meio do nada? – Ela solta uma risada sem alegria. –

Difícilmente. Como você chegou aqui?

– Eu vi seu uniforme. Eu a segui. Para obter respostas.

– Então por que se anunciar?

– Porque eu queria ver o que você estava fazendo.

O queixo dela vai pra baixo.

– Você não vai encontrar nenhuma resposta comigo.

– Você me transformou em um monstro!

Sloane pisca. Ele parece familiar.

– *Você é um deles.* – Ela não precisa explicar o que isso significa: um dos prisioneiros transformados em assassinos. Um traidor feito pelo Império. Não o Império dela, contudo.

– Sim. – O homem treme. – E você vai pagar por isso.

– Prefiro não pagar, já que não fui eu quem fez isso com você. A culpa cai sobre os ombros de outra pessoa. – As palavras dela se juntam. – Nem sei o que aconteceu lá. Armaram pra mim, do mesmo jeito que fizeram com você.

– Não é do mesmo jeito que fizeram comigo! – o homem grita, então dispara a arma.

Ela não recua; a mente dela está lenta, seu corpo dói, e o tiro vem e vai antes que ela sequer perceba o que aconteceu. O raio acerta o aço acima de sua cabeça. Ela pisca.

– *Você errou.*

– Se não foi você quem fez isso, *então quem foi?*

– Um homem chamado Gallius Rax. Pelo menos, esse é o nome que ele usa. Se quer saber quem fez isso com você, vá falar com ele. – Suas pálpebras vibram enquanto seu queixo mergulha. – Me deixe em paz.

– Você o conhece. Você pode me ajudar.

– Parece que eu posso ajudar alguém? Eu nem consigo... ajudar a mim mesma.

– Você está ferida.

Ela revira os olhos.

– Não diga. Idiota.

O homem parece pessoalmente chateado com isso. Esse aí é sensível.

– Você nem tocou no kit médico sob seu assento.

– Kit... o quê? Sob o... – A mão dela tateia de forma brusca o espaço sob a cadeira. Com firmeza, ela sente algo. – Oh.

– Quem é idiota mesmo? – ele esbraveja.

– Pfft. Ainda não vai me salvar. Tomei um tiro.

O estranho resmunga, depois enfia a arma na cintura antes de se agachar e puxar o kit. Ele o abre com os polegares e saca algo que parece ser um trabuco de raios de cano largo. Ainda resmungando, ele puxa um chumaço do que parece ser uma massa cinzenta e a enfia sem cerimônia na boca da arma.

– Fique firme – ele diz. – Isso pode doer.

– O que você...

Ele a agarra forte e enfia o dispositivo direito em sua ferida. A arma estremece – então a dor a atinge como um cometa. Quente e terrível, queima-a por dentro e ela não consegue respirar. Tudo o que consegue fazer é dar um grito estridente enquanto se dobra, tentando não chorar.

A inconsciência a morde com os dentes.

Eventualmente, ela a deixa ir novamente, e, quando acorda, Sloane está no chão da nave, de lado. Uma poça de baba se acumula debaixo dela.

– O qu...

– Arma de emplastro de bacta – o homem diz, sentado no assento de copiloto. – Uma teia de epóxi curativo. A Rebelião usava de tempos em tempos. Temos treinamento secreto sobre como permanecer vivos para lutar mais. O material está dentro, remendando o que pode ser remendado. Eventualmente, você terá que ver um médico de verdade. Não é uma solução perfeita.

Ela sente como se alguém tivesse perfurado todas as suas entranhas.

Mas também sente tudo mais claro. E quando ela toma um fôlego...

Não é como se houvesse agulhas presas em seu pulmão.

Bem. Isso é alguma coisa.

– Obrigada. Acho.

Ele aponta a arma de raios para ela.

– Agora me leve até esse... Rax.

– Antes fosse assim tão fácil. Eu não posso simplesmente apertar um desses botões e fazê-lo aparecer.

Ele não é um holograma. – Embora, realmente, ele pudesse muito bem ser. – Chegar nele será uma empreitada longa.

– Vamos começar.

Ela dá de ombros.

– Não é tão fácil. Estou esperando informações.

– Eu sei. Eu ouvi você fazendo a ligação. Quem é Mercurial Swift?

– Um caçador de recompensas com quem eu trabalho de vez em quando. Mas me diga, qual é o seu nome?

– É... – O rebelde hesita. – Brentin.

– Eu sou Sloane.

Eles esperam assim por um tempo. Falando aqui e ali, mas principalmente apenas sentados em silêncio. Vem um momento quando ela começa a desligar, e então, quando acorda sobressaltada, Brentin

está bem ao lado dela. Cara a cara.

Ela está prestes a agarrá-lo, mas ele diz:

– Chegou uma comunicação.

É ele. Mercurial. Ele aparece acima do painel, um fantasma azul que se levanta de lugar nenhum. Uma inclinação arrogante em sua postura.

– Sloane.

– Me conte – ela sibila.

– Você é insistente.

– Estou pagando para ser insistente.

– Você sabe que os créditos do Império não valem quase nada, certo? Poderiam muito bem ser plastochits trocados num jogo de pazaak.

Com os dentes cerrados, ela responde:

– Então o pagarei em favores. Dez favores. Cem. Todo um destróier estelar lotado com favores. – E ali ela quase perde a cabeça, quase começa a tossir, mas engole e segura a língua. Este estranho a bordo de sua nave já a viu ser fraca. Mercurial não terá o mesmo luxo. – Agora, você chegou a Quantxi? Encontrou a nave?

O holograma hesita.

– Encontrei.

– E?

– Amedda estava certo. Havia droides. Fiz um slicer dar uma olhada.

– Você encontrou algo a respeito de Rax? Qualquer coisa?

Mercurial assente.

– Sim.

– Me conte!

– Você disse favores infinitos? – Ele não lhe dá a chance de confirmar. – Seu amigo vem de um mundo nas Extensões Ocidentais. Bem na borda do espaço desconhecido. Jakku. Eu vou subir as coordenadas para você.

O drive do console apita. Um mapa aparece na tela cartografando o caminho pelo hiperespaço até Jakku. É tudo de que precisa; então, ela conclui:

– Bom. Eu devo a você. – Ela encerra a transmissão.

E estabelece um curso para Jakku.

A Dilacerador se lança através do hiperespaço.

Aqueles reunidos em torno da mesa com Gallius Rax na cabeceira sabem para onde o superdestróier estelar está se dirigindo e, até agora, nenhum deles está completamente certo do porquê. Eles lançam olhares furtivos uns aos outros: Obdur olha para Hux, Hux olha para Borrum. Apenas Randd mantém os olhos para a frente; um sinal de civilidade, lealdade e temor.

Rax gosta disso.

– Agora vocês já sabem que nossa preciosa grã-almirante está perdida para nós – Rax afirma. Ele balança a cabeça e estala a língua. – Naturalmente faremos todos os esforços para recuperá-la das garras da Nova República, se descobirmos que ela está viva. Felizmente, ela é bem-treinada para resistir a interrogatórios. Não esperamos que vá entregar a localização da frota. Ela será fiel a nós.

É Hux quem fala. Ele está agitado quando diz:

– Ela sabia o que iria acontecer? Você está dizendo que a grã-almirante Sloane estava envolvida?

– Claro. Eu apenas a aconselhei nesse plano, mas o plano era dela desde o início. Ela tem uma mente incisiva. E a perda daquela mente nos deixa em perigo, não é?

Juntos, os homens assentem.

– Sendo assim, é vital que preservemos sua visão do Império. E precisamos preservar sua liderança e a visão que dirigiu sua liderança. – Rax pausa, deixando suas palavras pairando no ar.

– Você está reivindicando o manto de imperador? – Borrum pergunta.

Rax solta um murmúrio pensativo.

– Acho que não. Não o mereço.

– Grão-almirante, então.

– Não. Sou humilde demais para títulos tão poderosos. Como sou o conselheiro deste grupo e do Império em geral, tomarei para mim mesmo o título de conselheiro do Império, servindo como líder intersticial somente até que a grã-almirante Sloane volte para nós.

– Isto é sem precedente – Borrum vocifera. É claro que o velho seria o único a protestar. A idade traz teimosia. A idade diminui a visão. – Conselheiro não é um título em nosso registro e deixa-nos efetivamente sem líder...

– Nosso registro deve evoluir, assim como o Império deve evoluir – Rax responde, brusco. Brusco demais, ele teme. Ele deve manter a ilusão. Ele deve levar seus homens à conclusão que ele procura, não à conclusão que eles querem ou esperam. – Mais uma vez, espero que esse seja um título temporário.

Borrum de novo:

– Tão temporário quanto era o título do imperador quando ele deixou de ser chanceler de uma República perdida?

Ante isso, Rax dá um sorrisinho.

– Talvez.

– E por que Jakku? – O general está forçando sua sorte. – Jakku é um deserto. Não tem nenhum valor estratégico para nós. Sem recursos, sem população para escravizar, sem...

– Será nosso campo de provas – Rax explica. – Vamos testar a nós mesmos em Jakku. E o faremos longe dos olhos da galáxia, longe dos olhos de Mon Mothma e seus aduladores. E quando chegar o momento certo, quando estivermos afiados como uma lâmina vingativa, atacaremos mais uma vez. O Senado está ferido. A República está ferida. Vamos entrar para matar, mas é cedo demais e estamos fracos demais.

Em seus olhos, o fogo da incerteza e do medo. Está bem. Ele só precisa deles por um tempo. Todos eles, exceto Hux. Hux será necessário.



CAPÍTULO

41

As consequências do Dia da Libertação são como uma lenta onda concussiva, que reverbera pela Nova República nas semanas após os assassinatos.

Passaram-se apenas alguns dias, mas isto é o que sabem:

A grã-almirante Sloane se foi. Ela caiu da ponte, mas aterrissou em outra – tudo o que acharam dela foi um rastro de sangue e, mais tarde, seu casaco na costa, preso na rede de pesca de um droide-pescador.

A teoria sobre Sloane defende que ela escapou em uma pequena nave de carga – uma HHG-42 Bulkstar chandrilana atracada próxima de onde ela caiu. Decolou pouco depois que Norra e a imperial lutaram. A pista final é que a nave nunca chegou a nenhuma das colônias chandrilanas. Ela escapou pelo bloqueio acima do planeta, aproveitando-se do caos e dos códigos liberados das colônias como uma provável oportunidade.

Brentin também se foi. Ninguém sabe para onde. Eles não o encontraram. Nem vivo, nem morto. Ele é um fantasma, mais uma vez banido para o vazio.

Muitos morreram.

Aqueles libertados do Ferrolho de Ashmead tinham armas – pequenas pistolas de grafeno escondidas que evitaram detecção. Essas pistolas tinham apenas um punhado de tiros, mas cada um deles era letal. Parece que a disseminação das armas se resume aos esforços de um único guarda: um homem de cabelo loiro e uma pequena cicatriz, um chandrilano chamado Windom Traducier.

Com essas armas, os prisioneiros soltos dispararam contra a multidão. Cidadãos foram feridos e assassinados.

Eles também mataram membros do governo da Nova República. Madine, segundo boatos, morreu. Assim como Hostis Ij. Assim como senadores, diplomatas e militares de alto escalão. Agate está viva, mas seu rosto requer cirurgia reconstrutiva. A chanceler também está viva – sua lesão é séria, mas ela está acordada e consciente. Os médicos esperam que ela tenha uma recuperação completa, embora cada dia que ela esteja ferida seja outro dia que a Nova República parece fraca e seu futuro, incerto.

Disseram a Norra que ela receberá outra medalha por salvar a vida de Mon Mothma. Disseram que sua ação contra o próprio marido ajudou a desviar o disparo destinado à chanceler. Norra garantiu que o tiro só atingisse a líder da Nova República no ombro, não no peito ou na cabeça.

Norra não quer a medalha.

Não, ela quer outra coisa.

Temmin bate o X-wing. Ele desliza ao longo do Mar de Prata, voando baixo para evitar antenas de sensores – mas vai baixo *demais*, e não está prestando atenção em seus alarmes de proximidade. A ponta de uma das asas em S mergulha no mar, sibilando e espirrando água. Essa onda esfria os motores bem quando ele está voando rápido demais. O nariz do caça estelar mergulha e se contorce, e a próxima coisa que Temmin sabe é que a nave está caindo de ponta-cabeça, peças se soltando, a cabine rachando acima dele enquanto a nave rola na água e afunda.

Tudo fica escuro.

Wedge o arrasta para fora do simulador.

– Outra nave caiu. – A decepção na voz de Wedge é tão clara quanto em seu rosto.

– Não é como se fosse uma nave *de verdade*, já que você só me deixa usar o simulador – Temmin diz, estalando os dedos, nervoso. Ele pisa duro e se senta no banco contra a parede. A outra linha de simuladores fica sem uso.

– Eu te falei, Snap, não podemos colocá-lo num caça no momento.

– Por eu ser quem eu sou.

– Não é só isso. As coisas estão trancadas agora, garoto. O cinto burocrático ficou um pouco mais apertado, é só isso. Se você for bem no simulador... e talvez não afundar seus caças todas as vezes, podemos colocá-lo de volta em uma nave antes do próximo alinhamento lunar.

– *Ótimo*. Meu pai tenta matar a chanceler e de repente ninguém confia em mim. – Temmin faz uma pausa. – Na verdade, quando falo isso em voz alta, meio que faz sentido, né? – Ele suspira. – Que seja.

– As coisas estão bem com sua mãe?

O jeito como Wedge pergunta – o jeito como pergunta *todo dia*, na verdade – faz Temmin pensar que há algo acontecendo que ele não entende. É então, só naquele momento, que ele considera a possibilidade: Wedge Antilles sente alguma coisa pela sua mãe? Que diabos? Isso não pode ser verdade. Ele faz uma careta como se tivesse acabado de lamber uma bateria. Que nojo. *Tão nojento*.

Ainda assim...

Pelo menos Wedge não é um assassino imperial. E isso é alguma coisa.

Pai...

Um rugido familiar cresce dentro de Temmin com um motor dando partida. Não vai parar. Não o deixará em paz. Ele fecha os olhos à noite e lá está: a raiva do pai, um poço sem fundo. Brentin Wexley: suposto herói rebelde que virou, o quê, simpatizante imperial? Pau-mandado e soldado do Império do mal? Estão questionando os ex-prisioneiros – os que foram transformados em assassinos –, e eles estão perdidos, confusos ou se recusando a responder. Quase como se não entendessem o que fizeram. Temmin tenta agarrar-se a isso, à ideia de que talvez Brentin não soubesse o que estava fazendo...

Os nós dos dedos de Temmin já estão feridos onde ele socou um armário há uma semana. Ele quer

fazer isso novamente e quase se vira para trás e bate o punho na parede. Mas, com Wedge ali, tem que se conter. É o que ele faz. Em vez disso, pensa em outra coisa, algo melhor.

– Eu, uh, nunca disse isso, mas bom trabalho com Kashyyyk.

– Não fui eu. Foi Leia.

– Sei, não. Ouvi dizer que você chegando com o Esquadrão Fantasma foi legal pra cacete. Gostaria de ter visto. – *Em vez de estar aqui e ver meu pai naquele palco apontando uma arma de raios para Mon Mothma.*

Wedge reunindo o Esquadrão Fantasma daquele jeito – com um bando de fracassados e esquisitos – foi genial. É por isso que Temmin quer se juntar a eles.

– Eu fiz o que Leia precisava que eu fizesse. Ela liderou o caminho. – E pelo que Temmin ouviu, isso também custou a ele capital político. O que quer que seja *capital político*. Wedge acrescenta: – E, ei, olha a boca, certo? Não quero que sua mãe pense que você está pegando esse tipo de linguagem de mim.

– Certo, *papai*, que seja. – Ele suspira. – Vou acertar o próximo voo. Coloque-me de volta no simulador. Agora mesmo. Vamos fazer isso. – Ele está com vontade de fazer algo. Limpar sua mente de tudo.

– Tem certeza?

Temmin está prestes a responder *claro que sim*, mas perto dele, no banco, a holotela de Wedge se ilumina. Temmin pode ver o que diz:

É uma mensagem de Norra.

A mãe quer que ele vá pra casa. O mais rápido possível. Ele curva uma sobrancelha para Wedge:

– Eu preciso mesmo?

– Sinto muito, Snap. É melhor você ir. Como eu disse, não quero que sua mãe fique brava comigo. Você pode tentar o simulador amanhã. E, ei, milagre dos milagres, talvez você não bata o caça na próxima vez?

– Sim, sim. Te vejo por aí, Wedge.

Melhor voltar para casa e ver o que a mãe quer.

A porta da sala de interrogatório abre.

– Guarda Windom Traducier.

O homem olha para cima quando seu nome é falado. O topete loiro em cima de sua cabeça está esmagado. Ele dá uma bufada na penumbra.

– Você.

Sinjir assente, então se senta.

– Eu.

– O antigo agente de lealdade imperial veio me interrogar – o guarda traidor fala, os lábios ainda curvados em um sorriso frio. O homem tenta inclinar-se para trás, mas os punhos unidos a um anel no centro da mesa impedem que se mova para muito longe. – Boa sorte.

As narinas de Sinjir se dilatam com um longo suspiro.

Uma frieza se instalou em seus ossos, sua pele, sua mente. Quando ele e Jas souberam o que aconteceu na ausência deles, a resposta dela – como foi a resposta de tantos – foi raiva. Fúria queimando quente como uma poça de hipercombustível derramado no chão, em chamas. A raiva de Sinjir não era quente. Era fria. Um pingente enfiado em seu coração. Talvez o que sentia não pudesse nem ser descrito como raiva – na verdade, era decepção. Decepção por a galáxia ter confirmado para ele a sua pior essência. Suas suspeitas mais profundas sobre como todas as coisas são quebradas e impossíveis de consertar foram, de repente, provadas.

Mas também esclareceu as coisas para ele.

Coisas sobre a galáxia. Sobre a Nova República. E sobre a que lugar ele realmente pertence e quem ele realmente é.

– Eu não vim para interrogá-lo – Sinjir afirma.

– Oh, é mesmo? A Nova República não te mandou?

– Eles não me mandaram. Eu não trabalho para eles. Eu paguei ao guarda para me deixar entrar aqui. Interrogar você não faria bem a ninguém neste momento. Você já forneceu as informações que tem. Soube que o departamento de segurança da Nova República encontrou o seu segundo apartamento secreto e *aquilo* conta uma boa história. Eles sabem que você distribuiu as armas dos assassinatos. Eles sabem que você plantou um transponder no topo da ópera de Hanna, e que o transponder retransmitiu um sinal imperial codificado para pequenos chips biológicos inorgânicos, tiras indetectáveis embutidas no tronco encefálico de cada um dos prisioneiros do Ferrolho de Ashmead. Eles sabem que foi *você* quem matou Jylia Shale e Arsin Crassus e também que ajudou Yupe Tashu a escapar. – Sinjir se inclina para a frente e baixa a voz. – Eu perguntaria por quê, mas não me importo. Eu não me importo com nada disso.

– Então por que veio? Por que me trazer até esta sala? Você não quer ouvir os meus motivos? Você não quer ouvir como eu acredito que a Nova República é uma coisa covarde e aleijada, para começar? Como a República vai permitir que o caos se apodere no vácuo do controle, como...

– Silêncio – Sinjir ordena, colocando um dedo entre seus lábios. – Seu homenzinho estúpido. Deixe-me contar os *meus* motivos para estar aqui. Eu não me importo mais com o estado da galáxia. Eu não dou mais a mínima para o Império ou a Nova República ou qualquer outra coisa que apareça quando esses dois desaparecerem. O que me importa são as pessoas que tenho na minha vida. Eu me importo com meus amigos. – Ele encolhe os ombros e se levanta. Ele se move para o canto da sala, onde uma câmera permanece fixa à parede. Enquanto fala, cobre a câmera com um pequeno lenço de seda. – Nunca tive amigos antes. Eu não tinha ideia de como era. É um tanto quanto... arrebatador. Ter *sentimentos* por pessoas assim? Se *importar* com elas? É quase nojento, francamente. É como se eu não pudesse me controlar. Mas eu não quero me controlar. Não mais. Eu entrei de cabeça nisso.

– Isso está me entediando. Você vai chegar ao ponto?

Sinjir senta e se recosta.

– Talvez você seja insípido demais para entender para onde eu estou indo, então, deixe-me explicar

para você, traidor. – Ele enuncia as palavras seguintes comicamente, como se estivesse falando com uma criança tola cujo cérebro está cheio de parasitas: – Você deixou os meus amigos *tristes*. E isso me deixa *louco*.

Das costas, ele puxa uma vibrofaca. Sinjir a liga. Ela vibra.

A lâmina é pequena, mas longa o bastante.

O guarda começa a protestar...

Sinjir interrompe o protesto mergulhando a lâmina vibrante profundamente no esterno do homem.

Quaisquer palavras que o guarda planejava pronunciar se perdem debaixo de um chiado gasoso que obstrui sua garganta.

Quando Sinjir retrai a lâmina, o guarda cai para a frente, morto.

Com aquilo feito, ele sai da sala.

Jas checa o quadro do Departamento de Segurança da Nova República – tudo ali está em desordem, como tem estado por semanas. A investigação sobre o assassinato tem prioridade, e isso significa que todo o edifício é como uma colmeia de vespas vermelhas que foi chutada. Não ajuda que o DSNR seja completamente incipiente – não estava operando nem havia um mês quando a atrocidade do Dia da Libertação atingiu. Eles estavam despreparados. Eles *continuam* despreparados.

O quadro está vazio.

Sem trabalhos.

O oficial por trás do vidro à prova de raios diz a ela:

– O foco mudou. Nós não estamos procurando caçadores de recompensas agora. Desculpe, querida.

Jas entende. Ela sabia que o dia viria. Caçadores de recompensas são encarados como escória. A República tem uma grande bagunça de relações públicas em suas mãos agora – uma série de sistemas que estavam prestes a enviar um senador para reivindicar um assento no Senado se retiraram desde o Dia da Libertação. Há conversas sobre mudar o Senado de Chandrila para outro sistema mais bem protegido. E já se fala de uma Aliança de Sistemas Independentes formando-se nas margens. Não o Império, mas também não a República. A contratação de caçadores de recompensas fará com que a Nova República pareça fraca – mesmo que Jas saiba muito bem que contratar um caçador de recompensas é um jeito ótimo de garantir que *as coisas sejam feitas*.

Eles não precisam dela? Certo. Alguém vai precisar.

Hora de ir para fora do mundo, então. Mas onde? No refúgio dos piratas? Para o castelo de Kanata? Ord Mantell pode ser sua melhor aposta. Ela tem contatos lá – contatos que não vão vendê-la pelas dívidas dela. Naturalmente, ela também ouviu falar de vários estados piratas menores lá fora na Orla Exterior, aproveitando a ausência do Império para estabelecer uma base. Hm.

Ela sai do escritório e considera suas opções quando o comunicador estala. Uma voz familiar alcança seus ouvidos:

É Norra. E ela quer ver Jas.

Bem, mal não vai fazer.

– Norra Wexley está tentando te contatar – Conder fala para Sinjir quando ele entra no apartamento deles.

– Mm.

– Você está bem?

É uma pergunta carregada. Conder sabe que Sinjir certamente não está bem. Qualquer que seja a felicidade que os dois desfrutavam antes do Dia da Libertação se dissolveu como um castelo de areia sitiado pelo mar. O estresse tem estrangulado ambos. Conder vem trabalhando como *freelancer* para a DSNR, fazendo qualquer trabalho investigativo que um slicer possa fazer por lá – e tem aparecido muito trabalho, graças a uma recomendação da própria Leia. Também significa que ele é o slicer tentando hackear os pequenos chips controladores que encontraram nos cérebros dos assassinos do Ferrolho de Ashmead, em um esforço para descobrir quem os fez e como eles funcionam. Assim, Conder quase não fica em casa. E Sinjir *só tem* ficado em casa. Sentado ali sem nada para fazer senão andar. E ponderar. E *planejar*.

Então, quando Conder faz a pergunta, Sinjir se pergunta se é sábio dar a resposta real. Mas está cansado de fingir o contrário.

– Estou ao mesmo tempo melhor e pior do que estava.

O que ele não diz é: *Eu matei um homem porque ele magoou meus amigos*. O que só confirma o que ele há muito suspeita e irresponsavelmente vem negando: Sinjir não é uma boa pessoa. Ele é um homem mau com um talento para coisas ruins.

Conder se aproxima e toma as mãos de Sinjir.

As mãos de Conder são quentes.

As de Sinjir são frias.

– Vai ficar tudo bem – Conder promete. Mas é uma promessa que ele não pode cumprir. Ele é doce e otimista. Traduzido: ingênuo como uma criança errante.

Sinjir decide nesse momento. Ele se inclina para a frente e beija Conder com força, então lhe diz:

– Eu não sou o homem certo pra você, Conder Kyl. Eu sou um cata-vento moral, girando nesse furacão. Você precisa de um tipo de homem melhor do que eu sou. – Ele pensa: *Eu te amo, mas isso não importa*, só que essas palavras nunca chegam à sua boca. Tudo o que ele faz é partir.

Parece quase normal se encontrar daquele jeito dentro da *Mariposa*. Sinjir e Jas, Temmin e Senhor Ossudo. Eles trocam abraços e palavras baixas, e, embora tenham se passado apenas algumas semanas desde que se viram, parece que foi uma eternidade. Tanta coisa aconteceu. Tanta coisa mudou.

Norra vai direto ao ponto:

– Lamento arrastar o resto de vocês pra cá também, e vocês não estão sob a obrigação de dizer sim...

– Sim – Sinjir aceita, de forma um tanto abrupta.

Norra arqueia uma sobrancelha.

– Você nem sabe o que eu vou pedir.

– E não me importo. A resposta ainda é sim.

Temmin dá um tapinha no ombro de Sinjir, sorrindo.

Jas hesita.

– Já te disse, Norra. Não posso mais fazer isso. Tenho dívidas. É hora de lidar com elas antes que elas lidem comigo.

– Eu sei. E você pode dizer não. Mas, por favor, entenda: só estou pedindo uma última missão.

– Qual é a missão? – Jas pergunta. – Quem é nosso alvo? Suponho que seja isso, outra busca e apreensão?

Norra escorrega um pequeno disco preto pela mesa. Ela toca do lado e uma holoprojeção se ergue: a imagem congelada da almirante Rae Sloane das câmeras de segurança no Dia da Libertação. O holograma gira lentamente.

Todos encaram, de olhos arregalados.

– Nós a perdemos duas vezes. Isso nos torna responsáveis pelo que aconteceu. – Norra fecha os olhos e inspira profundamente. – Não. Faz de *mim* responsável. Eu não acho que possa fazer isso sozinha. Mas farei se for preciso...

– Você não estará sozinha, então pare – Sinjir interrompe.

Temmin acrescenta:

– Se alguma pessoa sabe onde meu pai está, é ela. Então, estou dentro.

– EU GOSTO DE EVISCERAR – Ossudo se oferece, sempre prestativo. – EU TAMBÉM QUERO IR NESTA TOLA AVENTURA.

Jas revira os olhos.

– Imagino que não haja dinheiro nisso. Um grupo pequeno de trapaceiros infelizes e transviados indo atrás de uma das figuras mais altas do Império não pode possivelmente ser sancionado pela Nova República, pode?

– Não – Norra diz. – Mas...

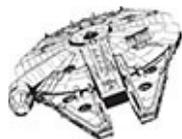
– Você tem o meu apoio – Leia diz, entrando na nave. – Desculpe o atraso, Norra. – Ela dá um passo à frente, mãos inconscientemente segurando sua barriga crescente. – A Nova República não tocaria nessa missão nem com uma pinça. Mas eu, sim. Tenho recursos. Vou usá-los para ajudá-los. No entanto, não posso prometer recompensas. Minhas ações em Kashyyyk me fizeram uma espécie de pária política. A Nova República já não oferece recompensas, e eu não tenho o capital político para fazer isso acontecer. Mas isso é um trabalho necessário e farei o que puder para ajudá-los.

– Aí está – Norra fala. – Nós estamos mirando para a maior estrela em todo o céu. Nós a capturamos se for possível.

– E se não for possível? – Temmin pergunta.

Norra não responde. Não precisa.

– Certo – Jas diz. – Também estou dentro. Tudo bem, tripulação. Uma última missão. Vamos pegar um almirante.



CAPÍTULO

42

Não é de admirar que Sloane não tivesse ideia do que era o planeta Jakku. Ele fica nas margens das Extensões Ocidentais, tão longe que ela não está realmente certa de que eles ainda estão na galáxia. O sistema fica perto do Espaço Desconhecido, a extremidade não mapeada da galáxia, além da qual se escondem terríveis tempestades de nebulosa e poços de gravidade. Aqueles que tentaram explorar o espaço fora da galáxia nunca voltaram, embora comunicações distorcidas e parcialmente perdidas *tenham voltado* – com advertências de anomalias geomagnéticas e ventos cortantes de plasma.

Eles levam a nave de carga para o chão. O mundo que os aguarda é um lugar desolado e morto. Areia, pedra e um céu alvo e pálido. Eles pousaram não muito longe de um entreposto enferrujado perto de uma salina aberta.

Ela e Brentin caminham.

Sloane faz uma careta e sente algo na lateral do corpo: a mão fica umedecida com um vermelho fresco. Apenas alguns pontos. *Vou ficar bem*, ela pensa. Ela torce.

O sol os queima. O ar é seco como pó de osso.

Eles se dirigem para o entreposto, e ela indica com a cabeça... bem, não é uma cantina. É primitivo demais para merecer esse nome. É basicamente um bar tosco, feito a partir de sucata soldada debaixo de um telhado curvado e esburacado. Um homem de barba malfeita com uma mancha de gordura na testa está atrás do balcão, despejando algo grosso em um copo para um alienígena com cabeça de crânio cuja espécie é desconhecida para ela. O homem se volta para ela.

– Eu não te conheço.

– Eu também não te conheço – ela responde.

– *Na-tee wa-sha toh ja-lee ja-wah* – diz o cabeça de crânio.

O homem atrás do balcão balança a cabeça.

– Sim, eu sei, também não sou das redondezas. Um trabalho é um trabalho, Gazwin. – Para Sloane e Brentin, ele diz: – Tenho Néctar Nocaute, se quiserem um pouco. Dez créditos por cada ou um quarto de porção do Orkoon Hub.

– Eu não quero uma bebida.

– Então não temos nada para conversar – o barman diz.

– Qual é seu nome?

– Não vejo como isso possa ser da sua conta. Mas é Ballast. Corwin Ballast. E você é?

Sloane hesita. Ela invoca um nome como um fantasma:

– Adea. Adea Rite.

– Prazer em conhecê-la – ele claramente não é sincero ao dizer isso. – Mais uma vez, vendo bebidas por aqui, então, se não é o que vocês querem...

– Isto é um bar. Bares são muitas vezes excelentes lugares para pegar informação.

– Oh. Você quer informação? Eis algumas: o planeta em que você está se chama Jakku. Não tem nada aqui. Todos neste mundo são fantasmas. Se você está aqui, você pode ser um fantasma também. Se quiser qualquer coisa mais detalhada que isso, vai ter que esperar o turno de Ergel. Eu sou um novato. Desculpe.

– Estamos procurando por alguém.

– Provavelmente não está aqui.

– Gallius Rax. Ou Galli, ou Rax ou...

– Sim, moça, eu não...

Mas, então, as palavras somem quando seu olhar se volta para o espaço acima de sua cabeça. Bem, bem, bem para cima. De repente, uma longa sombra cai sobre eles, como uma nuvem em forma de espada passando em frente ao sol.

– Não – ele sussurra.

Brentin engasga.

Sloane se vira e também engasga.

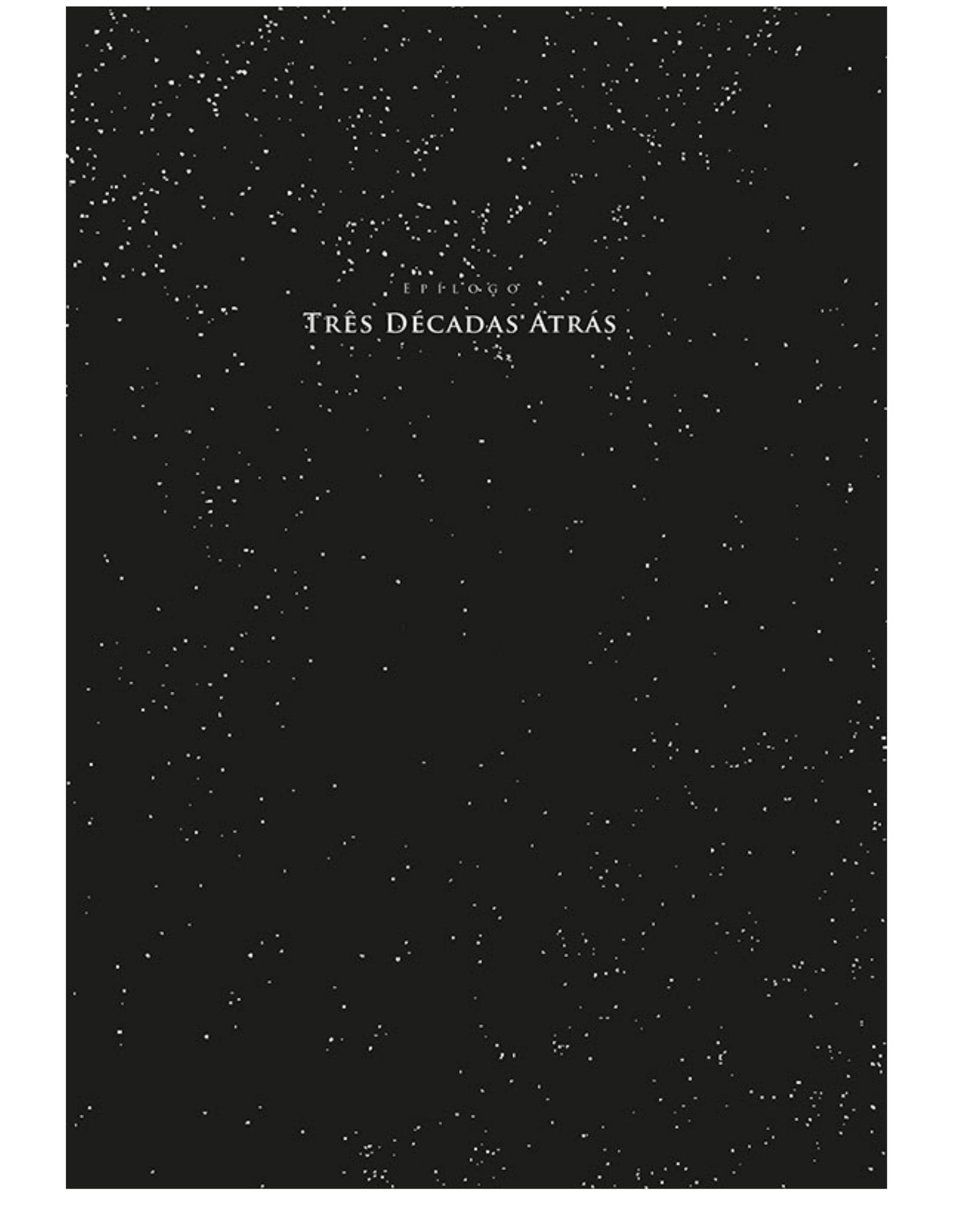
Lá em cima, um superdestróier estelar saiu do hiperespaço, rasgando o céu como uma lâmina. A *Dilacerador*, ela pensa. Em torno dele, outras naves começam a saltar, uma a uma. Destróieres estelares, principalmente, manifestando-se do nada. Dezenas deles. Mais do que ela jamais comandou. O que só pode significar uma coisa: essas são as frotas escondidas. As que estavam nas nebulosas.

Ela veio a Jakku procurando por Gallius Rax.

Parece que Rax voltou para casa. E ele trouxe junto todo o Império – o Império *dela*, e a nave *dela*.

O rosto do barman fica branco quando ele diz em voz solene:

– A guerra chegou a Jakku.



EPÍLOGO
TRÊS DÉCADAS ATRÁS

Galli está com frio e com fome. Ele está escondido nesta nave por muito tempo. Parece estar arrancando o calor dele. E seu estômago ronca tão alto que ele tem certeza de que toda a galáxia pode ouvi-lo. Ele tenta puxar cuspe para a boca, a fim de forçá-lo para baixo e fazer o estômago parar de roncar. Quando isso falha, ele aperta a pele de sua barriga fina e pálida e empurra-a para dentro, dentro, dentro, até que finalmente fica quieta mais uma vez.

O tempo passa. A nave move-se até parar. Para cima e para baixo e, em seguida, para baixo de novo. Galli é durão. Ele não vai chorar. Mesmo que esteja sozinho e assustado. Ele se enfia entre caixas, tornando-se pequeno. Pequeno como um skitterrato.

Logo, um som. Passos. Tecido se arrastando. *É ele*, ele pensa: o homem com o manto roxo e o chapéu.

Uma voz vem de algum lugar perto.

– Garoto, apareça.

Essa não é a voz do homem de chapéu estranho.

Essa voz tem um sotaque nítido, mas é gutural, arrastada, uma vibração sombria que arrepia o sangue do menino.

O rapaz engole em seco, depois se levanta e sai do meio das caixas. A voz acena para ele:

– Venha.

É um chamado. E nessa única palavra há mais do que apenas um pedido, há gravidade. Como se o estivesse puxando intencionalmente para mais perto.

O garoto resiste. Ele planta os pés e pressiona os joelhos contra o chão de aço da nave. Galli aperta a mandíbula.

O homem emite um som: um grunhido do que pode ser divertimento.

– Não vou falar de novo.

A ameaça apresenta-se nessa frase como uma espada segurada acima da sua cabeça. Mas, desta vez, nenhuma compulsão o puxa. É um pedido. Ameaçador, mas um pedido, e assim o menino avança, contornando as caixas para enfrentar um homem de manto, sim, mas não o manto roxo do outro. Essas vestes são escuras como a noite. Mais escuras do que a nave ao redor. O garoto se vira de um lado para o outro, de modo que sempre esteja em frente à figura de manto.

O homem se volta para ele. Sob o capuz, o menino tem um vislumbre de um rosto mais velho, pálido e escarpado como uma lua. Linhas traçam a pele, como argila gravada por uma lâmina curva. Um sorriso se estende lá.

– Seu nome, menino?

– Me chamam de Galli. – O menino lambe os lábios com a língua seca. Faz um som raspante. – Você é um anacoreta?

– Algo do tipo.

– Você é o Eremita que retorna?

Mas a essa pergunta o homem não responde. Em vez disso, ele diz:

– Você veio daquele mundo. Jakku.

– Vim.

– Esta é a minha nave. *A Imperialis*. Você é um passageiro clandestino.

– Eu... sou.

– Garotinho corajoso. Malvado e bagunceiro, também. Os bons meninos não fogem em naves desconhecidas. Mas tenho pouco interesse na bondade. – O homem se inclina para perto. – Galli. Tenho uma proposta para você. É fortuito que me encontre aqui. Gostaria de ouvir a minha oferta, menino?

Galli subitamente não está certo de que quer ouvi-la. *Fique firme, não mostre a ele o seu medo*, ele pensa. Então acena vigorosamente com a cabeça.

– Sim, senhor.

– Sua vida está agora em minhas mãos. – Como para demonstrar, ele estende uma mão de papel. Seus dedos fazem sua mão parecer uma aranha de ponta-cabeça. De perto, uma dispersão de areia de onde Galli estava sentado se levanta do chão, flutuando como uma serpente feita de um material particulado. A areia enrolada flutua no meio da mão do homem e paira ali, até que desmorona, formando uma pequena pilha no centro da sua palma. Galli suspira quando o homem fecha o punho sobre ela. – Sua preferência a esse respeito importa muito. Eu poderia acabar com sua vida... e não iria culpá-lo, sendo um menino morando em uma terra tão brutal como Jakku. Muitos nesse mundo desejam o luxo da morte; senti seu desejo coletivo, assim como posso sentir a covardia que os impede de cumprir esse desejo. Ou... você gostaria de ouvir a segunda opção?

Outra assentida rápida do garoto.

– A segunda opção é: eu lhe dou uma nova vida. Uma melhor. Dou-lhe uma tarefa que, se você conseguir realizar, vai levá-lo para coisas maiores. Não é algo tão mundano como um trabalho, mas um papel. Um *propósito*. Sinto seu potencial. Um destino. A maioria das pessoas não tem destino. – Ele diz essa última frase como se isso o enojasse... como se aqueles sem um papel a desempenhar neste jogo fossem apenas obstáculos no caminho. Pilhas de lixo para serem descartadas. – Eles são inúteis. Eles não são atores no palco, apenas adereços. Apenas decorações que devem ser movidas, pintadas, batidas. Você conhece ópera? Claro que não. Mas podemos consertar isso se você aceitar minha oferta de uma nova vida. Você vai, garoto? Vai tomar o caminho mais fácil, o caminho que leva a uma morte tranquila e imediata? Ou vai mudar o seu destino? Aqui e agora? Aceitará uma nova vida?

A escolha não é uma escolha de verdade. Galli conhece bem a morte; Jakku é a morte. Já na juventude, o menino viu muitos cadáveres na sujeira e na poeira, a pele ficando repuxada e brilhante como couro, os cabelos frágeis como a crina de um thissermount, uma das bestas de montaria de pernas curtas que os anacoretas cavalgam. A morte é um favor para muitos em Jakku.

Mas o garoto nunca a procurou. Nem mesmo em seus momentos mais sombrios.

Pelo menos, não a procurou para si mesmo.

Ele diz:

– Quero uma vida nova. Não quero ser mais quem eu sou.

O homem solta um som pensativo.

– Bom. Então eu tenho sua primeira tarefa, jovem Galli. Você vai voltar para Jakku. O local lá na terra onde meus droides estavam operando é precioso. Não apenas para mim, mas para a galáxia em geral. – Ele varre a mão decrépita como que indicando o universo todo. – É significativo. Foi significativo há mil anos e será significativo novamente. Você vai voltar lá e vai monitorar meus droides escavando o chão. Então eu enviarei mais droides e eles construirão algo lá abaixo da terra. Quero que proteja esse espaço. Você pode fazer aquilo?

– Guardá-lo? Sou só um garoto.

– Sim. Mas um garoto engenhoso, eu aposto.

– Eu sou engenhoso. – Ele não sabe se isso é verdade, mas de que vale dizer o contrário? – Eu vou guardá-lo.

– Bom. Mantenha os outros afastados. Não os deixe contaminar esse lugar. Guie-os para fora. Mate-os se precisar. Você pode fazer isso? Claro que pode. A melhor pergunta é... você *fará*?

– Eu... eu farei.

– Então poderemos ter um futuro juntos. Por ora, você volta. Vá para casa. Nós nos encontraremos novamente um dia.

– Obrigado... ah... eu não sei o seu nome, senhor.

Um pequeno sorriso.

– Podemos nos tratar pelo primeiro nome, você e eu. Galli, meu nome é Sheev. Nós seremos amigos. Um imperador precisa ter amigos, afinal.

STAR WARS / DÍVIDA DE HONRA

TÍTULO ORIGINAL: Star Wars / Life Debt

COPIDESQUE: Isadora Prospero

REVISÃO: Giselle Moura | Isabela Talarico | Tássia Carvalho

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Desenho Editorial

ILUSTRAÇÃO: Scott Biel

DIREÇÃO EXECUTIVA: Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzzi

VERSÃO ELETRÔNICA: [S2 Books](#)

EDITORIAL: Daniel Lameira | Bárbara Prince | Andréa Bergamaschi | Renato Ritto

COPYRIGHT © & TM 2016 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2017

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.



DÍVIDA DE HONRA É UM LIVRO DE FICÇÃO. TODOS OS PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS SÃO FICCIONAIS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Odílio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

W469d Wendig, Chuck

Dívida de honra [recurso eletrônico] / Chuck Wendig ; traduzido por Guilherme Kroll. - São Paulo : Aleph, 2017.

464 p. : 3.5 MB.

Tradução de: Star Wars: Life Debt

ISBN: 9978-85-7657-371-5 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Kroll, Guilherme. II. Título.

2017-274 CDD 813.0876

CDU 821.111(73)-3

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876

Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

Rua Henrique Monteiro, 121

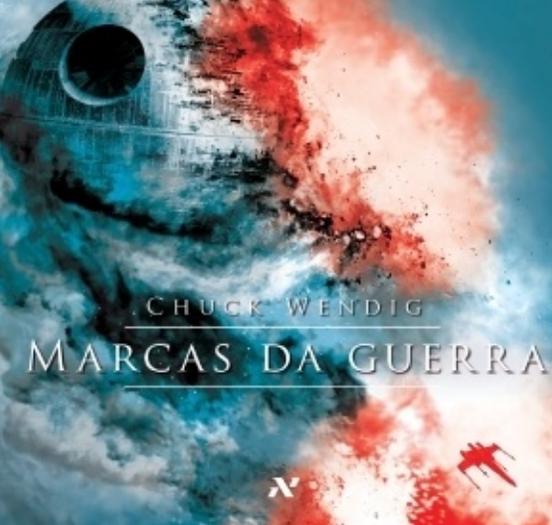
05423-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3940

www.editoraaleph.com.br

JORNADA PARA STAR WARS: O DESPERTAR DA FORÇA

STAR WARS™



CHUCK WENDIG

MARCAS DA GUERRA

X

STAR WARS - Marcas da Guerra

Wendig, Chuck

9788576573555

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que aconteceu depois da destruição da segunda Estrela da Morte?

Qual o destino dos remanescentes do Império Galáctico e dos antigos Rebeldes, agora responsáveis pela fundação da Nova República?

Marcas da guerra é o primeiro livro do cânone oficial a mostrar o que acontece depois do clássico Episódio VI: O retorno de Jedi, dando pistas sobre o que podemos esperar da nova trilogia que se inicia com o O despertar da Força, a ser lançado nos cinemas em dezembro.

Nesse novo panorama galáctico, vamos descobrir que a guerra ainda não chegou ao fim... e que os traumas deixados por ela ainda serão sentidos por muitos e muitos ciclos.

Capitão Wedge Antilles, almirante Ackbar, almirante Sloane, o garoto Temmin e a mãe, Norra Wexley, a caçadora de recompensas Jas Emari, o antigo agente imperial Sinjir: novos personagens e velhos conhecidos dos amantes da saga, que sempre estiveram envolvidos na luta, agora devem escolher o lado a que deverão jurar lealdade. Deverão colocar-se ao lado da Nova República, procurando estabelecer um novo governo democrático na galáxia? Ou juntar-se às fileiras imperiais, na tentativa de voltar ao poder absoluto depois das mortes dos lordes Sith Palpatine e Darth Vader?

[Compre agora e leia](#)

WALTER M. MILLER JR.



UM CÂNTICO PARA LEIBOWITZ

Um Cântico para Leibowitz

Jr., Walter M. Miller

9788576572459

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após ter sido quase aniquilada por um holocausto nuclear, a humanidade mergulha em desolação e obscurantismo, assombrada pela herança atômica e pelo vazio de uma civilização perdida. Os anos de loucura e violência que se seguiram ao Dilúvio de Fogo arrasaram o conhecimento acumulado por milênios. A ciência, causadora de todos os males, só encontrará abrigo na Ordem Albertina de São Leibowitz, cujos monges se dedicam a recolher e preservar os vestígios de uma cultura agora esquecida. Seiscentos anos depois da catástrofe, na aridez do deserto de Utah, o inusitado encontro de um jovem noviço com um velho peregrino guarda uma surpreendente descoberta, um elo frágil com o século 20. Um foco de luz sobre um mundo de trevas. Cobrindo mil e oitocentos anos de história futura, "Um cântico para Leibowitz" narra a perturbadora epopeia de uma ordem religiosa para salvar o saber humano. Marco da literatura distópica e pós-apocalíptica, vencedor do prêmio Hugo de 1961, este clássico atemporal é considerado uma das obras de ficção científica mais importantes de seu tempo.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



AS FONTES DO PARAÍSO

As Fontes do Paraíso

Clarke, Arthur C.

9788576572275

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há dois séculos, Kalidasa desafiou sua família e sua religião para empreender uma verdadeira maravilha arquitetônica: a construção de um suntuoso palácio no topo de uma montanha, que o alçaria aos céus e o igualaria aos deuses. Duzentos anos depois, o ambicioso engenheiro Vannevar Morgan, que já unira dois continentes com a Ponte Gibraltar, se propõe a construir uma nova ponte, desta vez ligando a Terra ao espaço sideral. O que ele não imagina, porém, é que em seu caminho está um monastério budista, localizado sobre a única montanha na qual seu projeto poderia ser construído. Em paralelo, a humanidade detecta um estranho sinal de rádio, de origem não humana. Pela primeira vez na história, o planeta Terra é contatado por uma raça alienígena que, ao que tudo indica, está cada vez mais próxima.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



ENCONTRO COM RAMA

Encontro com Rama

Clarke, Arthur C.

9788576572572

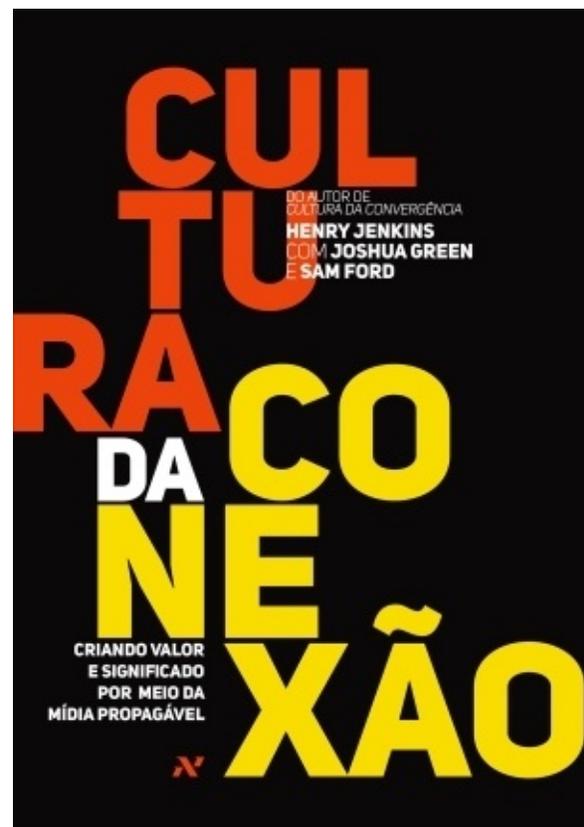
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vencedor de renomados prêmios da ficção científica, entre eles o Hugo e o Nebula, "Encontro com Rama" conta a história de uma terrível colisão de um meteorito contra o continente europeu. Após o acontecimento, líderes mundiais e cientistas reuniram esforços para evitar que catástrofes dessa natureza voltassem a acontecer. Quase cinquenta anos depois, a humanidade atônita acompanha a chegada de um novo astro ao Sistema Solar.

De proporções inimagináveis, Rama espanta e ameaça, pois avança firmemente na direção de nosso Sol. Uma expedição é enviada para explorar os mistérios do que se imagina ser um colossal meteoro. Mas, num misto de surpresa e apreensão, Rama se revela uma sofisticada construção, repleta de enigmas que desafiam a mente e os conceitos humanos. Inestimável fonte de pesquisa para a ciência ou ameaça para a segurança da humanidade, Rama torna-se palco de uma das mais fascinantes jornadas de descobrimento da ficção científica; um espelho da genialidade de um dos autores mais criativos do século 20.

[Compre agora e leia](#)



CUL
TU

O AUTOR DE
CULTURA DA CONVERGÊNCIA
HENRY JENKINS
COM JOSHUA GREEN
E SAM FORD

RA
DA CO
NE
XÃO

CRIANDO VALOR
E SIGNIFICADO
POR MEIO DA
MÍDIA PROPAGÁVEL



Cultura da Conexão

Jenkins, Henry

9788576572541

408 páginas

[Compre agora e leia](#)

Essa máxima simples, mas definitiva, norteia a análise de três renomados pensadores atuais da mídia moderna - entre eles Henry Jenkins, autor do referencial Cultura da Convergência (Aleph) - sobre o futuro da circulação de conteúdo nos meios de comunicação social e digital. Vivemos uma mudança de paradigma na mídia: a passagem de uma mentalidade regulada pela lógica da radiodifusão, que dominou todo o século 20, para outra em que o controle sobre a produção e a distribuição cultural já não é tão rígido; uma nova proposição que permite e valoriza o engajamento das audiências. Hoje, as pessoas não se limitam ao simples papel de consumidor. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas. Entre as muitas possibilidades dessa cultura cada vez mais ligada em rede, há pelo menos uma grande certeza: será mais bem-sucedido quem souber lidar melhor com as aspirações e desejos de um público ávido por participar e opinar.

[Compre agora e leia](#)